John Carter Brown
Library
Brown University

The John Carter Brown Library
Brown University
Purchased from the
Louisa D. Sharpe Metcalf Fund

John Carter Brown
Library
Brown University

[illegible]/4763[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible] 240
[illegible] 37 [illegible] 2026

REFLEXOENS
SOBRE
AVAIDADE
DOS HOMENS
OU
DISCURSOS MORAES
Sobre os effeitos da Vaidade,

POR MATHIAS AIRES RAMOS
DA SILVA DE EÇA.

Terceira Ediçaõ, correcta, emendada, e augmentada com huma Carta sobre a Fortuna, composta pelo meſmo Author.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

MDCCLXXVIII.
Com licença da Real Meza Cenſoria.

DISCURSO
DO EDITOR
Sobre a utilidade deſta obra.

A Mais funeſta paixaõ da noſſa alma, que ataca, e perturba a cabeça do homem, offuſca o ſeo entendimento, inflamma o ſangue, e faz com que o homem ſe eſqueça do vil e deſprezivel nada de que foi formado, ſe naõ conheça, naõ conheça aos ſeus iguaes, arrebata-o, e o precipita em maiores deſatinos, he a deſagradavel, medonha, in-

quieta, e peccaminoſa vaidade. O homem poſſuido de vaidade, nenhuma outra couſa faz do que enſoberbecerſe, e levar-ſe ao cume da mais deſenfreada altivez e prezumpçaõ. Ambiciona tudo quanto vê nos mais. Julga-ſe ſuperior aos outros. A todos deſpreza, móſa de todos. Naõ ha defeitos por leves que ſejaõ, que os naõ pinte, e adereſſe com as mais terriveis, e eſpantoſas cores de maldade. A meſma virtude, a Nobreza, e a ſciencia que vê reſplandecer nos outros, ſaõ para elle ridicularias, nada, de que naõ faz caſo. Só elle

tu-

tudo póde, ſó elle apetece tudo. Triſtes mortaes, que eſtrago naõ faz em vós eſta mortifera e contaminada elevaçaõ! Ainda haverá quem ſe fie de taõ contagioſa paixaõ? Ainda haverá quem ſiga os ſeus enganoſos, e deſaſſocegados encantes? E naõ há quem te conheça, quem abata a voſſa ſoberba, quem apague o voraz, e ateado fogo das perverſas deſordens a que arrojas o vaidoſo?

Todos os dias, a toda a hora, ſempre achaõ os homens fortiſſimos exemplos do deſaſſocego, da inquietaçaõ, e triſtes, e melancolicas con-

ſe-

ſequencias que accompanhaõ ao vaidoſo. Na verdade ſe os homens penſaſſem que os talentos, que as brilhantes qualidades com que a natureza prodigamente ornou o ſeo eſpirito, a todos ou mais, ou menos foraõ concedidos; que eſtes a proporçaõ dos trabalhos, dos frequentes exercicios, das avezadas aplicaçoens, do methodo, do goſto, do conhecimento proprio, e do amor dos Principes ſe pulem, ſe aperfeiçoaõ, ſe augmentaõ: eſtou certo que a ninguem aſſomaria a cabeça a opiniaõ, ou o conceito de que elle era o melhor de todos.

dos. Todos ſe deſpreoccupariaõ da vaidade.

Releva para que o homem evite eſte taõ terrivel defeito, que faça huma ſéria e filoſofica reflexaõ ſobre as couſas deſte mundo; as conheça como ellas ſaõ em ſi, mófe dos ſeos ardiloſos e fantaſticos apetites, tema os ſeos encantes. Porém debalde trabalharia o homem em querer arrancar de ſi hum habito que a má educacaõ tem encanecido. Da educaçaõ naſcem todas as boas ou más manhas. Eſta ſó he capaz de poder criar em nós hum ſólido e permanente goſto, hum verda-

dadeiro conhecimento proprio. Que extravagantes, e monſtruoſas ideas naõ carregaõ a cabeça dàquelle que a nobreza tem diſtincto do commum dos homens. Eſte devendo educar ſeus filhos, moſtrando-lhes que a natureza he a meſma, que os homens ſaõ iguaes, que a eſtimaçaõ he que faz com que elles eſtejaõ em maior, ou menor gráo; que as ſuas boas, ou más acçoens, a ſua virtude, a generoſidade, a humanidade, hum fallar benigno e affavel, ſaõ os unicos caracteres que os podem affaſtar do vulgar, e elevallos ao cume da mais

ſo-

ſolida grandeza; pelo contrario o que lhes introduz, ſaõ quimericas, e imaginaveis memorias de antigos Solares, preſumpçaõ, ſoberba, orgulho; deſenterra carunchoſos papeis, onde lhes moſtra pintados os feitos dos antigos progenitores de que procedem, naõ como acçoens uteis, e proveitoſas á humanidade; porém como grandes e differentes das dos mais homens. Eſtas, ſaõ eſtas reflexoens que o nutrem. Olha com deſpreſo para aquelle que começou depois. Finalmente a maior parte dos homens ſe endeodezaõ com as honras, com as dignidades e

com

com os meſmos talentos ; e eſtes em lugar de os tornarem melhores , os habituaõ peiores. Que triſte e feio eſpectaculo ! Quaõ miſeravel he a condiçaõ dos homens ! Até quando ſe haõ de conhecer!

Naõ ſe póde dizer delles o que Plinio louvou em Trajano , que *a fortuna nada havia mudado nelle.* Quaõ admiravel ſentença nos naõ dá aquelle famoſo Principe da Lacedemonia , quando diſſe : *Que o elevado lugar em que eſtava o naõ honrava , mas elle ao lugar.* Eſtas ſaõ as verdadeiras idéas que devem occupar o entendimento dos homens ;

afaſ-

afaſtarem de ſi eſtas fantaſmas que tanto os oprimem. Nas féras ſó a grandeza, a força, a valentia tem lugar. Nos homens a humanidade e amor dos ſeos iguaes. Naõ ſó a Relegiaõ pede iſto, a politica tambem o pede.

Maxima certa; nenhuma couſa neſte mundo de ſi he ſólida e permanente. Nenhuma couſa principiou no gráo em que hoje a vemos: aquelle acceſſo, aquella eſtimaçaõ que os homens lhes daõ; eiſaqui o que humilha, ou abate. Tudo o mais he quiméra. Saõ eſtas pequenas exhalaçoens que da terra ſe levantaõ,

taõ, que vendo-ſe, amedrentaõ, e aſſuſtaõ, examinadas naõ he nada; ſubtis e humildes vapores ſaõ os ſeos principios.

Mas hum abyſmo chama por outro abyſmo. Se ſe reprova hum vicio, outro ſurge. De boa vontade antes ſe ſoffreria aquelle que firma a ſua vaidade em algum principio, ainda que pouco ſólido, ao menos aparente; porém aquelle que ſó em fantaſia ſuſtenta toda a ſua elevaçaõ, he digno de cenſura, he indigno da ſociedade dos homens. Todos os membros da ſociedade devem concorrer a unirem-ſe, a ani-

ma-

marem-ſe, e a formarem-ſe uteis para que tudo lhes ſeja proveitoſo. E como poderá ſer util á ſociedade, aquelle homem que preſumido de ſábio, nada lhe faz que lhe convenha, mófa dos ſeus iguaes, com huns poucos de titulos de livros engaſtados na cabeça, repitindo algumas paſſagens que á noite eſtudou, fallando muito latim, ferindo com agudo e damnado dente no mais vivo da honra dos outros, tudo ſatyriza, as mais intereſſantes doutrinas maſcara com o ridiculo véo de pouco ſólidas e verdadeiras; e quando ſe vê corrido e envergonha-

nhado de ficar vencido, blaſfema taxando a quem o ataca com a infame nota de hereje. Querendo muitas vezes ficar antes atolado em ridiculas ſuperſtiçoens, do que em aclarar a verdade. Tanto mal faz a vaidade!

Outros cheios de vaidade de que já ſabem tudo, antes querem ficar na cegueira com que principiaraõ, do que ſe lhes diga; *que vieraõ outros depois que emendaraõ os ſeus erros, que conheceraõ os caminhos trilhados por tantos Meſtres inſignes, e que por elles foraõ deſpreſados, e que em lugar de buſcar a eſtrada lim-*

limpa, e ſegura, procuraraõ ſerras talhadas a pique, e dependuradas, onde em lugar de encontrar o que lhes convinha, acharaõ confuſaõ, precipicio, e a meſma morte. Nada eſcapa ao vaidoſo. Nos meſmos lugares ſagrados, onde ſe deve enſinar a moral ſólida e verdadeira; onde ſe naõ deve publicar mais do que a Religiaõ; o vaidoſo oſtenta tudo quanto ſabe, paſſa á fallar deſenfreadamente, muitas vezes ainda ſobre intereſſes particulares, authoridades, juriſdicçoens, governos, eſcólas, ſyſtemas, peſſoas; finalmente fazem da cadeira da verdade

hum

hum campo de peleja, huma praça de negocio, erro que os Monarcas como ſummos Imperantes, cuja authoridade lhes proveio immediatamente de Deos, e nos ſeos Eſtados naõ conhecem outro algum ſuperior, ſenaõ a Deos; como Protectores da Igreja, e Defenſores dos Canones devem atalhar, e emendar. E para que he eſta deſordem? Porque cauſa ſe intrincheiraõ com eſte armamento? Para terem o nome vaõ de Sabios, de Virtuoſos, de Religioſos. Para illudirem ao povo deſapercebido com eſtas fantaſmas. Taõ orgulhoſa he a vaidade!

Eſ-

Eſte terrivel contagio a todos inficiona. Naõ ha ſexo, naõ ha condiçaõ, naõ ha idade, naõ ha dignidade, a quem naõ tóque eſte peſtifero veneno. Mas que felices, e bem aventurados ſaõ aquelles que ſahem sãos, e ſalvos de taõ tormentoſo naufragio. Que ſocego? Que quietaçaõ naõ experimentaõ? Só fallaõ para educarem. Eſcrevem ſó para utilidade. A pura e liza verdade he o unico alvo a que dirigem todos os ſeos cuidados e diſvélos.

Mas eſte taõ encanecido e tamanho mal, que traz a ſua origem da educaçaõ, naõ

he incuravel. No principio todos os males ſe atalhaõ, e a meſma morte ſe deſterra; porém ſe ſe deixaõ inveterar e introduzir nos corpos, nem o meſmo fogo e ferro (que ás vezes he remedio) lhes ſerve, o fim ſó he a morte. Os pequenos caſtigos dados nos principios fazem com que os réos mudem de vida, porém ſe os Magiſtrados naõ olhaõ para elles, e os deixaõ correr ſeo curſo, ao depois ſó a força expia eſtas culpas, privaõſe homens do ſerviço da Republica, que lhe poderiaõ ſer uteis. Aſſim no principio ſe remedeaõ todos os males, e

ſe

ſe pódem de males tornar em bens. E como eſte vicio a todos accompanha, he precizo que haja remedio que todos os dias poſſaõ tomar e conſiderar.

Sabiamente, Mathias Aires Ramos da Silva de Eça, Author deſtas reflexoens, as compuz, onde intentou arrancar vicios arreigados com annos, confirmados com poſſe, effeitos quaſi naturaes como coſtume. Neſta obra tudo concorre a aperfeiçoar, e a pulir os homens; nella acharáõ todos hum ſal que os preſerve da corrupçaõ do mundo; hum antidoto contra o vene-

no da vaidade. A importancia da obra naõ a devo louvar, para que ſe naõ preſume que a elogio para ter gaſto; quem lêr com ſério cuidado, achará que foi bem juſta e neceſſaria a idéa que tive de a reimprimir, tiralla do eſcuro eſquecimento em que jazia, e de quanta utilidade he para os homens. Mal continuado, neceſſita continuado remedio.

Os Pais de Familias devem penſar ſériamente neſtas reflexoens para evitarem os defeitos que ellas cenſuraõ, e para introduzirem eſtas maximas em ſeos filhos, para que juntamente com o leite bebaõ

taõ

taõ ſolidas doutrinas. O nome do Author he aſſaz conhecido na Republica das letras. Eſta naõ he das mais famoſas obras que elle compuz, noticia temos de outras, cuja falta nos faz ſaudade; porém o tempo que tudo eſtraga, oú as conſumio, ou quem as tem, nos quer roubar eſtes taõ importantes monumentos, e juntamente quer tirar a gloria ao Author que ſe adora pelo grande nome que teve e tem. Naõ querendo pois que a eſta ſuccedeſſe o meſmo, a quiz publicar. Creio que a ſua liçaõ ſerá agradavel, e aceita pela fraze, pela modeſtia, pela verdade e ſcien-

cia

cia com que eſtá eſcrita ; ſervirá de utilidade aos homens, os deſabuzará , e emendará os coſtumes ; fará abraçar a verdade , e criará nos ſeos animos hum aborricimento ao mundo , aos ſeos appetites.

Eſtas ſaõ aquellas obras que devem andar nas mãos de todos ; porque neſtas achaõ com que ſe aperfeiçoem ; naõ introduzem idéas extravagantes, nem quimericas ; naõ fomentaõ ſuperſtiçoens , e fantaſmas. Hum Sabio Governo (como o noſſo) deve ter ſummo cuidado em que ainda o meſmo povo lêia por livros em que os homens ſe pulem , naõ por aquel-

aquelles que lhes embotem os ſentidos, que lhes enchaõ a cabeça de immenſas Superſtições, de doutrinas ſubtis, corruptas, e extravagantes; nas quaes a verdade eſtá maſcarada, envolta em ſuperfluidade, e ennovelada com tantas difficuldades e ſyſtemas, que paſſaõ até fazer a noſſa Religiaõ pezada e inſoportavel, quando ella he bem ſuave, e brilhante, como diz ſabiamente Cicero que *convem ao Sabio afaſtar a ſuperſtiçaõ da Religiaõ.*

Todo aquelle livro que trata de Religiaõ, e eſtiver afaſtado da verdade, da moral, e do ſólido, e que naõ ſiga a primitiva Igreja, a Tradiçaõ, os Padres, a

Eſ-

Eſcritura, e os verdadeiros Canones dos Concilios, e ſómente eſtiver recheado de opinioens aerias, ſubtilezas, ſubterfugios, deve ſer condemnado a hum total deſterro, e eſquecimento. Nos outros deve-ſe buſcar a verdade, a origem das couſas, a critica, finalmente de qualquer qualidade que ſejaõ, devem ter por baliza a verdade. O corpo dos Sabios da Republica naõ devem ſoffrer aſſumtos que naõ ſejaõ proveitoſos. Eſte he o deſejo que tenho com as minhas reimpreſſoens, naõ he a vaidade, ou a ambiçaõ que me conduz, he o amor de ſer util aos Portuguezes, de quem eſtou quaſi compatriota.

PRO-

PROLOGO DO AUTHOR.

EU que disse mal das vaidades, vim a cahir na de ser Author: verdade he que a maior parte destas Reflexoens escrevi sem ter o pensamento naquella vaidade; houve quem a suscitou, mas confesso que consenti sem repugnancia, e depois quando quiz retroceder, naõ era tempo, nem pude conseguir o ser Anonimo. Foi preciso pôr o meu nome neste livro, e assim fiquei sem poder negar a minha vaidade. A confis-

fiſſaõ da culpa coſtuma fazer menor a pena.

Naõ he ſó neſta parte em que ſou reprehenſivel: he pequeno eſte volume, mas póde ſervir de campo largo a huma cenſura dilatada. Huns haõ de dizer que o eſtilo oratorio, e cheio de figuras, era improprio na materia; outros haõ de achar que as deſcripçoens, com que ás vezes me afaſto do ſujeito, eraõ naturaes em verſo, e naõ em proſa; outros diraõ que os conceitos naõ ſaõ juſtos, e que alguns já foraõ ditos; finalmente outros haõ de reparar que affectei nas expreſſoens alguns termos deſuſados, e eſtrangeiros. Bem ſei que contra o que

eu

eu diſſe, há muito que dizer; mas he taõ natural nos homens a defeza, que naõ poſſo paſſar ſem advertir, que ſe os conceitos neſte livro naõ ſaõ juſtos, he porque em certo genero de diſcurſos, eſtes naõ ſe devem tomar rigoroſamente pelo que as palavras ſoaõ, nem em toda a extenſaõ, ou ſignificaçaõ dellas. Se os meſmos conceitos ſe achaõ ditos, que haverá que nunca o foſſe? E além diſto os primeiros principios, ou as primeiras verdades, ſaõ de todos, nem pertencem mais a quem as diſſe antes, do que á aquelles que as differaõ depois. Se o eſtilo he improprio, tambem póde ponderar-ſe que no modo de eſ-

eſcrever ; ás vezes ſe encontraõ humas taes imperfeiçoens , que tem naõ ſei que gala , e brio : a obſervancia das regras nem ſempre he prova da bondade do livro ; muitos eſcreveraõ exactamente , e ſegundo os preceitos da arte , mas nem por iſſo o que differaõ foi mais ſeguido , ou approvado : a arte leva comſigo huma eſpecie de rudeza , a formoſura attrahe ſó por ſi , e naõ pela ſua regularidade , deſta ſabe afaſtar-ſe a natureza , e entaõ he que ſe esforça , e produz couſas admiraveis ; do fugir das proporçoens , e das medidas , reſulta muitas vezes huma fantaſia toſca , e impolida , mas brilhante , e forte. Nada diſto preſu-

ſumo ſe ache aqui; o que diſſe, foi para moſtrar, que ainda em hum eſtilo improprio ſe póde achar alguma propriedade feliz, e agradavel.

Eſcrevi das vaidades, mais para inſtrucçaõ minha, que para doutrina dos outros, mais para diſtinguir as minhas paixoens, que para que os outros diſtingaõ as ſuas; por iſſo quiz de alguma ſórte pintar as vaidades com cores liſonjeiras, e que as fizeſſem menos horriveis, e ſombrias, e por conſequencia menos fugitivas da minha lembrança, e do meu conhecimento. Mas ſe ainda aſſim fiz mal em formar das minhas Reflexoens hum livro, já me naõ

poſ-

poſſo emendar por eſta vez, ſe-naõ com prometter, que naõ hei de fazer outro; e eſta promeſſa entro a cumprir já, porque em virtude della ficaõ deſde logo ſupprimidas as traduçoens de Quinto Curcio, e de Lucano. As acçoens de Alexandre, e Ceſar, que eſtavaõ brevemente para ſahir á luz no idioma Portuguez, ficaõ reſervadas para ſerem obras poſthumas, e talvez que entaõ ſejaõ bem aceitas; porque os erros facilmente ſe deſculpaõ em favor de hum morto: ſe bem que pouco vale hum livro; quando para merecer algum ſuffragio, neceſſita que primeiro morra o ſeu Author; e com effeito he cer-

certo que entaõ o applauſo naõ procede de juſtiça, mas vem por compaixaõ, e laſtima.

Naõ me obrigo porém a que (vivendo quaſi retirado) deixe de occupar o tempo em eſcrever em outra lingua; e ainda que a vulgar he hum theſouro, que contém riqueza immenſa para quem ſe ſoubeſſe ſervir della, com tudo naõ ſei que fatalidades me tem feito olhar com ſuſto, e deſagrado para tudo quanto naſceo comigo: além diſto, as letras parece que tem mais fortuna, quando eſtaõ ſeparadas do lugar em que naſceraõ; a mudança da linguagem he como huma arvore que ſe tranſplanta, naõ ſó para fruc-

tificar melhor, mas tambem para ter abrigo.

Vale.

Vanitas vanitatum, & omnia vanitas. Eccl. cap. 1. verſ. 2.

RE-

REFLEXOENS
SOBRE A VAIDADE dos homens.

SENDO o termo da vida limitado, naõ tem limite a noſſa vaidade; porque dura mais, do que nós meſmos, e ſe introduz nos apparatos ultimos da morte. Que maior prova, do que a fabrica de hum elevado mauſoleo? No ſilencio de huma urna depoſitaõ os homens as ſuas memorias, para com a fé dos marmores fazerem ſeus nomes immortaes: querem que a ſumptuoſidade do tumulo ſirva de inſpirar veneraçaõ, como ſe foſſem reliquias as ſuas cinzas, e que corra por conta dos jaſpes a continuaçaõ do reſpeito.

Que frivolo cuidado! Eſſe triſte reſto daquillo, que foi homem, ja parece hum idolo collocado em hum breve, mas ſoberbo domicilio, que a vaidade edificou para habitaçaõ de huma cinza fria, e deſta declara a inſcripçaõ o nome, e a grandeza. A vaidade até ſe extende a enriquecer de adornos o meſmo pobre horror da ſepultura.

Vivemos com vaidade, e com vaidade morremos; arrancando os ultimos ſuſpiros, eſtamos diſpondo a noſſa pompa funebre, como ſe em hora taõ fatal o morrer naõ baſtaſſe para occupaçaõ: neſſa hora, em que eſtamos para deixar o mundo, ou em que o mundo eſtá para nos deixar, entramos a compor, e a ordenar o noſſo acompanhamento, e aſſiſtencia funeral; e com vangloria anticipada nos pomos a antever aquella ceremonia, a que chamaõ as Naçoens ultimas honras, devendo antes chamallas vaidades ultimas. Queremos, que em cada hum de nós ſe entregue á terra com ſolemnidade, e fauſto, outra infeliz porçaõ de ter-

terra: tributo inexoravel! A vaidade no meio da agonia nos faz ſaborear a oſtentaçaõ de hum luxo, que nos he poſterior, e nos faz ſenſiveis as attençoes, que haõ de dirigir-ſe á noſſa inſenſibilidade. Tranſportamos para o tempo da vida aquella vaidade, de que naõ podemos ſer capazes depois da morte: niſto he piedoſa comnoſco a vaidade: porque em inſtantes cheios de dor, e de amargura, naõ nos deſempara; antes nas diſpoſiçoens de huma pompa funebre, dá ao noſſo cuidado huma applicaçaõ, ainda que triſte, e faz com que divertido, e empregado o noſſo penſamento chegue a comtemplar viſtoſa a noſſa meſma morte, e luzida a noſſa meſma ſombra.

De todas as paixoens, a que mais ſe eſconde, he a vaidade; e ſe eſconde de tal ſorte, que a ſi meſma ſe occulta, e ignora: ainda as acçoens mais pias naſcem muitas vezes de huma vaidade miſtica, que quem a tem, naõ a conhece, nem diſtingue: a ſatisfaçaõ propia, que a alma recebe, he como hum eſpelho

em que nos vemos ſuperiores aos mais homens pelo bem que obramos, e niſſo conſiſte a vaidade de obrar bem.

Naõ ha maior injuria, que o deſprezo; e he porque o deſprezo todo ſe dirige, e offende a vaidade: por iſſo a perda da honra afflige mais que a da fortuna; naõ porque eſta deixe de ter hum objecto mais certo, e mais viſivel, mas porque aquella toda ſe compoem de vaidade, que he em nós a parte mais ſenſivel. Poucas vezes ſe expoem a honra por amor da vida, e quaſi ſempre ſe ſacrifica a vida por amor da honra. Com a honra, que adquire, ſe conſolla o que perde a vida; porem o que perde a honra, naõ lhe ſerve de alivio a vida, que conſerva: como ſe os homens mais naſceſſem para terem honra, que para terem vida, ou foſſem formados menos para exiſtirem no ſer, que para durarem na vaidade. Juſto fora, que amaſſem com exceſſo a honra, ſe eſta naõ foſſe quaſi ſempre hum deſvarío, que ſe ſuſtenta da eſtimaçaõ dos

dos homens, e ſó vive da opiniaõ delles.

O naõ fazer caſo do que he vaõ, tambem póde naſcer de huma exceſſiva vaidade, e a eſte gráo de vaidade naõ chega aquella, que he mediocre, e ordinaria; e deſta ſorte o exceſſo no vicio da vaidade vem a produzir a apparencia de huma virtude, que he a de naõ ſer vaidoſo: e com effeito aſſim como o exceſſo na virtude parece vicio, tambem o exceſſo no vicio vem de algum modo a parecer virtude. Na maior parte dos homens ſe achaõ os meſmos generos de vaidade, e quaſi todos ſe deſvanecem dos meſmos accidentes, de que eſtaõ, ou ſe imaginaõ reveſtidos: porém alguns ha, em quem a vaidade he miſterioſa, e exquiſita; porque conſiſte em deſprezar a meſma vaidade, e em naõ fazer caſo dos motivos, em que ſe funda a vaidade dos outros.

Trazem os homens entre ſi huma continua guerra de vaidade; e conhecendo todos a vaidade alheia, nenhum conhece a ſua: a vaidade

he

he como hum inſtrumento, que tira dos noſſos olhos os defeitos proprios, e faz com que apenas os vejamos em huma diſtancia immenſa; ao meſmo tempo que o expoem á noſſa viſta os defeitos dos outros ainda mais perto, e maiores do que ſaõ. A noſſa vaidade he a que nos faz ſer inſopportavel a vaidade dos mais; por iſſo quem naõ tiveſſe vaidade, naõ lhe importaria nunca, que os outros a tiveſſem.

Todas as paixoens tem hum tempo certo em que começaõ, e em que acabaõ: algumas ſaõ incompativeis entre ſi, por iſſo para naſcerem humas he preciſo, que acabem outras. O odio, e o amor naſcem comnoſco, e muitas vezes ſe encontraõ em hum meſmo coraçaõ, e a reſpeito do meſmo objecto. A liberalidade, a ambiçaõ, e a avareza, ſaõ ordinariamente incompativeis; manifeſtaõ-ſe em certa idade, ou ao menos entaõ adquirem maior força. Naõ ſei ſe diga, que as paixoens ſaõ humas eſpecies de viventes, que demoraõ em nós, cuja vida, e exiſtencia,

ſe-

ſemelhante á noſſa, tambem tem hum tempo certo, e limitado; e aſſim vivem, e acabaõ em nós, da meſma ſorte que nós vivemos no mundo, e acabamos nelle. Com todas as paixoens ſe une a vaidade; a muitas ſerve de origem principal; naſce com todas ellas, e he a ultima que acaba: a meſma humildade, com ſer huma virtude oppoſta, tambem cuſtuma naſcer de vaidade; e com effeito ſaõ menos os humildes por virtude, do que os humildes por vaidade; e ainda dos que ſaõ verdadeiramente humildes, he raro o que he inſenſivel ao reſpeito, e ao deſprezo, e niſto ſe vê, que a vaidade exercita o ſeu poder, ainda donde parece, que o naõ tem.

A vaidade por ſer cauſa de alguns males, naõ deixa de ſer principio de alguns bens: das virtudes meramente humanas, poucas ſe haviaõ de achar nos homens, ſe nos homens naõ houveſſe vaidade: naõ ſó ſeriaõ raras as acçoens de valor, de generoſidade, e de conſtancia, mas ainda eſtes termos, ou palavras ſe-

ſeriaõ como barbaras, e ignoradas totalmente. Digamos, que a vaidade as inventou. O ſer inflexivel he ſer conſtante; o deſprezar a vida he ter valor: ſaõ virtudes, que a natureza deſapprova, e que a vaidade canoniza. A aleivoſia, a ingratidaõ, e deſlealdade, ſaõ vicios notados de vileza, por iſſo delles nos defende a vaidade; porque eſta abomina tudo quanto he vil. Aſſim ſe vê, que ha vicios, de que a vaidade nos preſerva, e que ha virtudes, que a meſma vaidade nos inſina.

Mas ſe he certo, que a vaidade he vicio, parece difficil o haver virtude, que proceda delle; porém naõ he difficil, quando ponderarmos, que ha effeitos contrarios ás ſuas cauſas. Quantas dores ha, que ſe formaõ do goſto, e quantos goſtos, que reſultaõ da dor! Eſſa infinita variedade dos objectos tem a meſma cauſa por origem: as differentes producçoens, que vemos, todas ſe compoem dos meſmos principios, e ſe formaõ com os meſmos inſtrumentos. Algumas couſas degeneraõ á proporçaõ,

çaõ ; que ſe affaſtaõ do ſeu primeiro ſer ; outras ſe dignificaõ , e quaſi todas vaõ mudando de fórma á medida , que vaõ ficando diſtantes de ſi meſmas. As aguas de huma fonte a cada paſſo mudaõ , porque apenas deixaõ a brenha , ou rocha donde naſcem , quando em huma parte ficaõ ſendo limo , em outra flor , e em outra diamante. Que outra couſa mais he a natureza , do que huma perpetua , e ſingular metamorfoſis?

A vaidade parece-ſe muito com o amor proprio , ſe he que naõ he o meſmo ; e ſe ſaõ paixoens diverſas , ſempre he certo ; que ou a vaidade procede do amor proprio , ou eſte he effeito da vaidade. Naſceo o homem para viver em huma continua approvaçaõ de ſi meſmo , as outras paixoens nos deſemparaõ em hum certo tempo , e ſó nos acompanhaõ em lugares certos ; a vaidade em todo o tempo , e em todo o lugar nos acompanha , e ſegue , naõ ſó nas Cidades , mas tambem nos deſertos , naõ ſó na primavera dos annos , mas em toda a vida , naõ ſó no eſtado da fortuna ,

mas

mas ainda no tempo da desgraça: paixaõ fiel, constante companhia, e permanente amor.

Nada contribue tanto para a sociedade dos homens, com a mesma vaidade delles: os Imperios, e Republicas, naõ tiveraõ outra origem, ou ao menos naõ tiveraõ outro principio, em que mais seguramente se fundassem: na repartiçaõ da terra, naõ só fez ajuntar os homens os mesmos generos de interesses, mas tambem os mesmos generos de vaidades, e nisto se vê dois effeitos contrarios; porque sendo proprio na vaidade o separar os homens, tambem serve muitas vezes de os unir. Ha vaidades, que saõ universaes, e comprehendem Villas, Cidades, e Naçoens inteiras: as outras saõ particulares, e proprias a cada hum de nós; das primeiras resulta a sociedade, das segundas a divisaõ.

Dizem, que gostos, e desgostos naõ saõ mais que imaginaçaõ; porém melhor fora dizer, que gostos, e desgostos naõ saõ mais do que vaidades. Fazemos consistir o nosso bem

no

no modo, com que os homens olhaõ para nós, e no modo com que fallaõ em nós, aſſim até nos fazemos dependentes das acçoens, e dos penſamentos dos mais homens, quando cremos, que elles nos attendem, e conſideraõ eſta imaginaçaõ, que liſongea a vaidade, preciſamente nos dá goſto: ſe por alguma cauſa imaginamos o contrario, a meſma imaginaçaõ nos perturba, e inquieta. Naõ ha goſto, nem deſgoſto grande naquillo, em que a imaginaçaõ naõ tem a maior parte, e a vaidade empenho.

A vaidade diminue em nós algumas penas; porém augmenta aquellas, que naſcem da meſma vaidade: a eſtas nem o eſquecimento cura, nem o tempo; porque tudo o que offende a vaidade, fica ſendo inſeparavel da noſſa memoria, e da noſſa dor. Entre os males da natureza, alguns ha que tem remedio; porém os que tem a vaidade por origem, ſaõ incuraveis quaſi todos: e verdadeiramente como ha de acabar a pena, quando a lembrança da offenſa baſ-

baſta para fazer, que dure em nós a afflicçaõ? Ou como póde ceſſar a magoa, ſe naõ ceſſa a vaidade, que a produz? Alguns ſentimentos ha, que ſe incorporaõ, e unem de tal ſorte a nós, que vem a ficar ſendo huma parte de nós meſmos.

A imaginaçaõ deſperta, e dá movimento á vaidade; por iſſo eſta naõ he paixaõ do corpo, mas da alma; naõ he vicio da vontade, mas do entendimento, pois depende do diſcurſo. Daqúi vem, que a mais forte, e a mais vã de todas as vaidades, hea que reſulta do ſaber; porque no homem naõ ha penſamentos, que mais o agrade, do que aquelle, que o repreſenta ſuperior aos mais, e ſuperior no entendimento, que he nelle a parte mais ſublime. A ſciencia humana o mais a que ſe extende, he ao conhecimento, de que nada ſe ſabe: he ſaber o ſaber ignorar, e aſſim vem a ſciencia a fazer vaidade da ignorancia.

Bem ſe póde dizer, que o juizo he o meſmo que entendimento, porém he hum entendimento ſolido; por-

por iſſo póde haver entendimeneto ſem juizo, mas naõ juizo ſem entendimento: o ter muito entendimento ás vezes prejudica, o ter muito juizo ſempre he util: o entendimento he a parte que diſcorre, porém póde diſcorrer mal: o juizo he a meſma parte que diſcorre, quando diſcorre bem: o entendimento penſa, o juizo tambem obra; por iſſo nas acçoens de hum homem conhecemos o ſeu juizo, e no diſcurſo lhe vemos o entendimento: o juizo duvída antes que reſolva, o entendimento reſolve primeiro que duvide; por iſſo eſte ſe engana pela facilidade, com que decide, e aquelle acerta pelo vagar, com que pondera. Ordinariamente fallamos no juizo, e naõ no entendimento de Deos, e deve ſer pela impreſſaõ, que temos, de que o juizo he menos ſujeito ao erro, que em Deos he impoſſivel: com toda eſta ventagem, que achamos no juizo, pouco nos deſvanece o ter juizo, e muito nos liſongea o ter entendimento. Conſideramos o juizo como couſa popular, ou ſómente como

mo huma eſpecie de prudencia, ſendo aliás couſa mui rara ; e olhamos para o entendimento como couſa mais altiva, e em que reſide a qualidade da agudeza ; e aſſim mais nos agrada o diſcorrermos ſubtilmente, do que o diſcorrermos com acerto, e ainda fazemos vaidade de voltar de tal ſorte as couſas, que fiquem parecendo, o que claramente ſe ſabe, que naõ ſaõ. O engano veſtido de eloquencia, e arte, attrahe, e a verdade mal polida nunca perſuade. Fazemos vaidade de errar com ſubtileza, e temos pejo de acertar ruſticamente.

Todos fazem vaidade de ter malicia; nem ha quem diga, que a naõ tem, antes he defeito, que reconhecemos com goſto, e confeſſamos ſem repugnancia: a razaõ he, porque a malicia conſiſte em penetraçaõ; por iſſo naõ nos defendemos de hum defeito, que indica o termos entendimento. A vaidade faz, que naõ ha couſa, que naõ ſacrifiquemos ao deſejo de parecer entendidos, ainda que ſeja á cuſta de hum vicio, ou

de

de huma culpa. Quando nos queremos dar por huma bondade ſem exemplo, dizemos, que naõ temos malicia alguma: porém eſte penſamento naõ dura muito em nós; porque a vaidade nos obriga a querermos antes parecer máos com entendimento, do que bons ſem elle: verdadeiramente a falta de malicia he falta de entendimento; porque malicia propriamente he aquella intelligencia, ou acto, que prevê o mal, ou o medita; por iſſo he differente o ter malicia, e o ſer malicioſo: tem malicia quem deſcobre o mal para o evitar: he malicioſo quem o anteve para o exercer: a malicia he huma eſpecie de arte natural, que ſe compoem de combinaçoens, e conſequencias, e neſte ſentido a malicia he huma virtude politica. As mais das couſas tem muitos modos, em que podem ſer conſideradas; por iſſo a meſma couſa póde ſer pequena, e grande; póde ſer má, e tambem boa; póde ſer injuſta, e juſta: a vaidade porém ſempre ſe appropria o modo, ou o ſentido, em que a couſa

ſa em nós fica ſendo ſuperior, e admiravel.

A razaõ naõ nos fortalece contra os males, que reſultaõ da vaidade, antes nos expoem a toda a actividade delles; porque induzida pela meſma vaidade ſó nos moſtra, que devemos ſentir, ſem diſcorrer ſobre a qualidade do ſentimento. No principio dos noſſos deſgoſtos, a razaõ naõ ſerve para diminuillos, para exaſperallos ſim; porque como em nós tudo he vaidade, tambem a noſſa razaõ naõ he outra couſa mais do que a noſſa meſma vaidade. Sente a razaõ o que a vaidade ſente, e quando vimos a ſentir menos, he por cançados, e naõ por advertidos. Daqui vem, que as mais das vezes devemos os noſſos acertos menos á vontade, do que á noſſa fraqueza; devemos a noſſa moderaçaõ menos ao diſcurſo, do que á noſſa propria debilidade. Deixamos o ſentimento por cançados de padecer. A duraçaõ do mal, que nos abate, nos cura.

Ha occaſioens, em que contrahimos a obrigaçaõ comnoſco, de naõ ad-

admittirmos alivio nas noſſas magoas, e nos armamos de rigor, e de aſpereza contra tudo o que póde conſolarnos, como querendo, que a conſtancia na pena nos juſtifique, e ſirva de moſtrar a injuſtiça da fortuna: parece-nos, que o ſer firme a noſſa dor, he prova de ſer juſta: eſta idéa nos inſpira a vaidade, menos cuidadoſa no ſocego do noſſo animo, do que attenta em procurar a eſtimaçaõ dos homens. Huma grande pena admira-ſe, e reſpeita-ſe: he o que baſta para que a vaidade nos faça perſiſtir no ſentimento.

Os retiros, e as ſolidoens nem ſempre ſaõ effeitos do deſengano, as mais das vezes ſaõ delirios de hum ſentimento vaõ, ou furores, em que brota a vaidade: entaõ nos move o fim occulto de querermos, que a demonſtraçaõ da dor nos faça recommendaveis: fazemos vaidade de tudo quanto he grande: a meſma pena quando he exceſſiva, nos liſongea; porque nos promette a admiraçaõ do mundo.

Buſcamos a Deos quando o mun-

do nos naõ buſca; ſe alguma offenſa nos irrita, deixamos a ſociedade, naõ por arrependidos, mas por queixoſos, e menos por amar a Deos, que por aborrecer os homens. A vaidade nos inſpira aquelle modo de vingança, e parece com effeito, que o deixar o mundo he deſprezallo. Aſſim ſerá; mas quem deſeja vingarſe ainda ama, e quem ſe moſtra offendido ainda quer. Amamos o mundo, e as ſuas vaidades; porque o amor das couſas vãs he em nós quaſi inſeparavel. O mundo, e a vida tudo he o meſmo; e quem ha que ſem loucura deixe de amar a vida? Tudo no mundo he vaõ, por iſſo a vaidade he a que move os noſſos paſſos: para donde quer, que vamos, a vaidade nos leva, e himos por vaidade. Mudamos de lugar, mas naõ mudamos de mundo.

A meſma vaidade, que nos ſepara do comercio dos homens, para ſepultarnos na ſolidaõ de hum Clauſtro, vem depois a conſervarnos nelle, e por hum meſmo principio nos conduz, e nos faz permanecer ſem-

ſempre no retiro. Fazem os homens ludibrio da mudança da vontade, por iſſo muitas vezes ſomos firmes ſó por evitar o deſprezo, vindo a parecer perſiſtencia na vocaçaõ, o que ſó he conſtancia na vaidade. Vivemos temeroſos, de que as noſſas acçoens ſe reputem como effeitos da noſſa variedade: queremos mudar, mas tememos o parecer varios; e aſſim a conſtancia na virtude naõ a devemos á vontade, mas ao receio; naõ a conſervamos por goſto, mas por vaidade: e eſte aſſim como nos faz conſtantes na virtude, tambem outras vezes nos faz conſtantes na culpa.

Ha varios termos no progeſſo da noſſa vaidade: eſte no primeiro eſtado da innocencia vive em nós como occulta, e eſcondida: o tempo faz que ella ſe mova, e ſe dilate: ſemelhantes ás aves, que naſcem todas ſem pennas, ainda que todas em ſi trazem a materia dellas. A noſſa alma eſtá diſpoſta para receber, e concentrar em ſi as impreſſoens da vaidade; e eſta, que inſenſivelmen-

e ſe fórma, do que vemos; do que ouvimos, e ainda do que imaginamos, quando creſce em nós; he imperceptivel, da meſma ſorte, que creſce imperceptivelmente a luz, e que apenas ſe diſtingue a elevaçaõ das aguas. Naſcemos ſem vaidade; porque naſcemos ſem uſo de razaõ, nem de diſcurſo: quem diſſera, que aquillo, que nos devia defender do mal, he o meſmo que nos conduz a elle, e nos precipita! Todas as paixoens daõ comnoſco paſſos iguaes no caminho da vida: logo que vimos ao mundo, começamos a ter odio, ou amor, triſteza, ou alegria: ſó a vaidade vem depois, mas dura ſempre, e quando ſe manifeſta, he tambem quando em nós começa a apparecer o entendimento; por iſſo a emenda da vaidade he taõ difficil, porque he erro, em que o entendimento tem parte de algum modo.

O homem de huma mediocre vaidade he incapaz de premeditar emprezas, nem de formar projectos: tudo nelle he ſem calor: a ſua meſma vida he huma eſpecie de lethargo:

tu-

tudo o que procura he com [illegible]os vagarosos, cobardes, e deſcuidados; porque a vaidade he em nós como hum eſpirito dobrado, que nos anima; por iſſo o homem, em que a vaidade naõ domina he timido, e ſempre cercado de duvida, e de receio: a vaidade logo traz comſigo o deſembaraço, a confiança, o arrojo, e a certeza. Preſume muito de ſi quem tem vaidade; por iſſo he confiado: naõ preſume de ſi nada quem naõ tem vaidade, por iſſo he timido. A vaidade nos faz parecer, que merecemos tudo, por iſſo emprendemos, e conſeguimos ás vezes: a falta de vaidade nos faz parecer, que naõ merecemos nada, por iſſo nem buſcamos, nem pedimos. Eſte extremo he raro, o outro he mui commum, daquelle ſe compoem o mundo, deſte o Ceo.

A differença, e deſigualdade dos homens he huma das partes, em que ſe eſtabelece a ſociedade, por iſſo eſta ſe funda em principios de vaidade; porque ſó a vaidade ſabe corporificar idéas, e fazer differente, e de-

deſigual o que he compoſto por hum meſmo modo, e organizado de huma meſma fórma. Os homens mais vaidoſos ſaõ os mais proprios para a ſociedade: aquelles que por temperamento, por razaõ, ou por virtude ſe fazem menos ſenſiveis aos impulſos da vaidade, ſaõ os que pela ſua parte contribuem menos na communicaçaõ dos homens: occupados em huma vida mole, iſenta, e ſem acçaõ, ſó buſcaõ no deſcanço a fortuna ſolida, e deſprezaõ as imagens de que ſe compoem a vaidade da vida civil.

A deſordem dos homens parece que he preciſa para a conſervaçaõ da ſociedade entre elles: he preciſo com effeito, que ſejamos loucos, e que deixemos muitas vezes a realidade das couſas, ſó por ſeguir a apparencia, e vaidade dellas. Que maior loucura, que a que nos expoem a perder a vida na expectaçaõ de podermos ſervir de objecto ao vaidoſo ruido da fama? Que maior delirio, que ſacrificarmos o deſcanço ao deſejo de ſermos admirados? Que deſvario maior, que o fazer idolo da repu-

ta-

taçaõ, fazendo-nos por eſſa cauſa dependentes, naõ ſó das acçoens dos homens, mas tambem das ſuas opinioens; naõ ſó das ſuas obras; mas tambem dos ſeus conceitos?

A vaidade nos enſina, que as acçoens heroicas ſe fazem immortaes por meio das narraçoens da hiſtoria; porém mal póde caber na lembrança dos homens todos os grandes ſucceſſos, de que ſe compoem a variedade do mundo: ainda o meſmo penſamento tem limite, por mais que nos pareça immenſa a ſua eſféra. Naõ ha hiſtoria, que verdadeiramente ſeja univerſal: qnantos Achilles teraõ havido, cujas noticias ſe acabaraõ, ſó porque naõ tiveraõ Homeros, que as fizeſſem durar hum certo tempo, e iſſo por meio do encanto de hum Poema illuſtre? Quantos Eneas ſem Virgilios? Quantos Alexandres ſem Quintos Curcios? Na infancia do mundo começaraõ logo a haver combates, por iſſo as victorias ſempre foraõ de todas as idades; porém eſſes meſmos combates ſe desfaziaõ huns a outros; porque a for-

fortuna do vencer ſempre foi varia, e inconſtante. As noticias das victorias tambem ſe vinhaõ a extinguir humas pelas outras. Se quizermos remontar ao tempo que paſſou, a poucos paſſos havemos de encontrar a fabula, cuberta de hum véo eſcuro, e impenetravel: tudo quanto aquelle tempo encerra nos he deſconhecido totalmente. Os primeiros homens, que á força do fogo, e ſangue ſe fizeraõ arbitros da terra, nos meſmos fundamentos das ſuas conquiſtas deixaraõ ſepultadas as ſuas acçoens: o valor com que poderaõ perpetuar nos ſeus deſcendentes o poder, e a mageſtade, naõ lhes póde perpetuar o nome: das maiores Monarchias ainda ſe ignora quem foraõ ſeus primeiros fundadores.

Que ſaõ os homens mais do que apparencias de theatro? Tudo nelles he repreſentaçaõ, que a vaidade guia: a fatal revoluçaõ do tempo, e o ſeu curſo rapido, que couſa nenhuma pára, nem ſuſpende, tudo arraſta, e tudo leva comſigo ao profundo de huma eternidade. Neſte abyſ-

abyſmo, donde tudo entra, e nada ſahe; ſe vaõ precipitar todos os ſucceſſos, e com elles todos os Imperios. Os noſſos antepaſſados já vieraõ, e já foraõ; e nós daqui a pouco vamos ſer tambem antepaſſados dos que haõ de vir. As idades ſe renovaõ, a figura do mundo ſempre muda, os vivos, e os mortos continuamente ſe ſuccedem, nada fica, tudo ſe uſa, tudo acaba. Só Deos he ſempre o meſmo, os ſeus annos naõ tem fim, a torrente das idades, e dos ſeculos corre diante dos ſeus olhos, e elle vê a vaidade dos mortaes, que ainda quando vaõ paſſando o inſultaõ, e ſe ſervem deſte meſmo inſtante, em que paſſaõ para o offenderem. Miſeraveis homens, genero infeliz, que neſſe momento, que lhes dura a vida, preparaõ a ſua meſma reprovaçaõ; e que tendo vaidade, que lhes faz parecer, que tudo meditaõ, que tudo ſabem, e que tudo prevem, ſó a naõ tem para anteverem as vinganças de hum Deos irado, e que com o ſeu meſmo ſoffrimento, e ſilencio, clama, ameaça, julga, condemna.

Aca-

Acabaõ os Heróes, e tambem acabaõ as memorias das ſuas acçoens; aniquilaõ-ſe os bronzes, em que ſe gravaõ os combates; corrompem-ſe os marmores, em que ſe eſculpem os triunfos; e a pezar dos milagres da eſtampa, tambem ſe deſvanecem as cadencias da proſa, em que ſe deſcrevem as emprezas, e ſe diſſipaõ as harmonias do verſo, em que ſe depoſitaõ as victorias: tudo cede á voracidade cruel do tempo. Acabaõ-ſe as tradiçoens muito antes que acabe o mundo; porque a ordem dos ſucceſſos naõ ſe inclue na fabrica do Univerſo; he couſa exterior, e indifferente. Os monumentos, que fazem da hiſtoria a melhor parte, e a mais viſivel, naõ ſó ſe eſtragaõ, mas deſapparecem, e de tal ſorte, que nem veſtigios deixaõ por onde ao menos lhes recordemos as ruinas. Naõ tem mais duraçaõ as cinzas dos Horóes; porque as meſmas urnas, que as eſcondem, ſe desfazem, e os meſmos epitafios, por mais que ſejaõ profundos os caracteres, inſenſivelmente vaõ fugindo dos noſſos olhos,

até

até que ſe apagaõ totalmente. Ainda as couſas inanimadas, parece que tem hum tempo certo de vida: as pedras de que ſe formaõ os padroens, vaõ perdendo a uniaõ das ſuas partes, em que conſiſte a ſua dureza, até que vem a reduzir-ſe ao principio commum de tudo; terra, e pó.

Por iſſo he loucura ſacrificar a vida por eternizar o nome; porque dos meſmos Heróes tambem morre o nome, e a gloria: a differença he, que a vida dos Varoens illuſtres compoem-ſe de annos, como nos mais homens, e a vida das ſuas acçoens compoem-ſe de ſeculos; porém eſtes acabaõ, e tudo o que ſe encerra nelles, vem a entrar finalmente no cáos do eſquecimento. Tudo no mundo ſaõ ſombras, que paſſaõ; as que ſaõ maiores, e mais agigantadas, duraõ mais horas, mas tambem ſe extinguem, e do meſmo modo, que aquellas, que apenas tiveraõ de exiſtencia alguns inſtantes. O deſejo nos finge mil objectos immortaes, e entre elles a fama he ao que mais nos inclina a vaidade; ſendo que o meſmo

ar,

ar, que lhe dilata os eccos, lhe confunde, e apaga a voz. Nas couſas he tranſito, o que nos parece permanencia: a diverſidade, que vemos na duraçaõ dellas, he porque humas gaſtaõ mais tempo em acabar que outras; de ſorte que propriamente ſó podemos dizer, que as couſas eſtaõ acabando, e naõ que eſtaõ ſendo.

Porém deſtes meſmos delirios reſulta, e depende a ſociedade; porque a vaidade de adquirir fama infunde aquelle valor nos homens, que quaſi chega a transformallos em muralhas para defeza das Cidades, e dos Reinos: a vaidade de ſerem attendidos os reduz á trabalhoſa occupaçaõ de indagarem os ſegredos da Divindade, o giro dos aſtros, e os myſterios da natureza: a vaidade de ſerem leaes os faz obedientes: a vaidade de ſerem amados os faz benignos: e finalmente a vaidade, ou amor da reputaçaõ os faz virtuoſos. Daqui vem, que o homem ſem vaidade entra em hum deſprezo univerſal de tudo, e começa por ſi meſmo: olha para a reputaçaõ como para huma

ma fantaſia, que ſe fórma, e ſe ſuſtenta de hum ſuſurro mudavel, e de huma opiniaõ ſempre inconſtante: olha para o valor como para hum meio cruel, que a tyrannia ideou para introduzir no mundo a eſcravidaõ: olha para o reſpeito como para huma ceremonia, ou dependencia ſervil, que indica poder em huns, e nos outros medo, ſemelhante á eſtatua de Jupiter, diante da qual todos ſe proſtraõ, naõ por amor do idolo, mas por cauſa do raio, que tem na maõ: olha para a benignidade como para hum modo, ou artificio de attrahir a ſi a inclinaçaõ dos outros, e por iſſo virtude mercenaria: olha para a lealdade como para hum acto, que preciſamente reſulta de huma ſubmiſſaõ neceſſaria: e ultimamente olha para a fama como para hum objecto vago, e incerto, e que na realidade val menos do que cuſta a conſeguir.

Com os annos naõ diminue em nós a vaidade, e ſe muda, he ſó de eſpecie. A cada paſſo, que damos no diſcurſo da vida, ſe nos offerece hum thea-

theatro novo, compoſto de repreſentaçoens diverſas, as quaes ſucceſſivamente vaõ ſendo objectos da noſſa attençaõ, e da noſſa vaidade. Aſſim como nos lugares, ha tambem horizontes na idade, e continuamente himos deixando huns, e entrando em outros, e em todos elles a meſma vaidade, que nos cega, nos guia. Nem ſempre ſomos ſuſceptiveis das meſmas impreſsoens; nem ſempre ſomos ſenſiveis ao meſmo ſentimento; ſempre ſomos vaidoſos, mas nem ſempre domina em nós o meſmo genero de vaidade.

Ha vicios, que raramente deixamos, ſe elles primeiro nos naõ deixaõ; e quando com o tempo ſeguimos o exercicio de obrar bem, naõ he porque o conhecimento, ou a experiencia nos determine, mas porque continuamenre os annos nos vaõ fazendo incapazes de obrar mal; e aſſim virtudes ha, que primeiro começaõ pela noſſa incapacidade, do que por nós meſmos; e nos noſſos acertos a razaõ he a que quaſi ſempre tem menos parte. Só a vaidade naõ en-

enfraquece, por mais que o vigor nos falte; como se fora hum affecto da alma independente da disposiçaõ do corpo.

Naõ temos alegria, se está descontente a vaidade; da mesma sorte, que a desgraça naõ affligе tanto, quando se acha a vaidade satisfeita. A mesma morte naõ se mostra com igual semblante nos supplicios; porque a qualidade delles influe maior, ou menos pena: por isso as honras do cadafalso servem de alivio ao delinquente; porque a vaidade, que está vendo a attençaõ do golpe, deste esconde ao mesmo tempo o horror, e entretida nos faustos do luto, desvia da memoria huma grande parte da consideraçaõ da ruina.

Para nada ser permanente em nós, até o odio se extingue: cançamo-nos de aborrecer: a nosso inclinaçaõ tem intervalos, em que fica isenta da sua maldade natural: naõ esquece porém o odio, que teve por principio a vaidade offendida, assim como nunca o favor esquece quando se dirige, e tem por objecto a vaidade de quem rece-

be

be o beneficio. A noſſa vaidade he a que julga tudo: dá eſtimaçaõ ao favor, e regula os quilates á offenſa: faz muito do que he nada: dos accidentes faz ſubſtancia: e ſempre faz maior tudo o que diz reſpeito a ſi. Nos beneficios pagamos-nos menos da utilidade, que do obſequio: nas offenſas conſideramos mais o atrevimento da injuria, que o prejuizo do mal; por iſſo ſe ſente menos a dor das feridas, do que o arrojo do impulſo; e aſſim na vaidade nunca ſe formaõ cicatrizes firmes, e ſeguras; porque a lembrança do agravo a cada inſtante as faz abrir de novo; e verter ſangue.

O corpo naõ he ſenſilvel igualmente em todas as ſuas partes: humas ſoffrem, e reſiſtem mais; qualquer deſconcerto em outras he mortal: aſſim tambem no corpo da vaidade ha partes, em que penetra mais o ſentimento: da qui vem inimiſades, que nem a morte reconcilia, odios que duraõ tanto como a vida. Tudo o que nos tira, ou diminue a eſtimaçaõ, nos ſerve de tormento; por-

porque o reſpeito he o idolo commum da vaidade; aquillo que o offende, naõ ſe perdoa facilmente, e fica ſendo como hum ſacrilegio irremiſſivel, e como hum principio de donde ſe originaõ tantas averſoens hereditarias.

Acabando tudo com a morte, ſó a deshonra naõ acaba; porque o labéo ainda vive mais do que quem o padece: por mais inſenſivel que eſteja hum cadaver na ſepultura (permitta-ſe o hiperbole) lá parece que a lembrança de huma infamia, que exiſte na memoria dos que ficaõ, lhe eſtá animando as cinzas, para o fazer capaz de afflicçaõ, e ſentimento: terrivel qualidade, cujos effeitos, ou cujo mal, naõ ſe acaba, ainda depois que acaba quem o tem; ſendo a unica deſgraça, que ſe imprime na alma, como hum caracter immortal! A morte naõ ſerve de limite á deſhonra; porque eſta vai ſeguindo a poſteridade como huma herança barbara, e infeliz. Eſtes ſaõ os penſamentos, que a vaidade nos inſpira, e como huma paixaõ inconſolavel,

até nos perſuade, que ainda depois de mortos podemos ſentir a infamia: eſta deminue a eſtimaçaõ, e o reſpeito; e por iſſo mortifica tanto; como ſe a infamia do delicto ſó conſiſtiſſe na attençaõ, e opiniaõ dos homens, e naõ no delicto meſmo ou ſe ſó foſſe deshonra aquella que ſe ſabe, e naõ aquella que ſe ignora,

Se a melancolia nos deſterra para a ſolidaõ do ermo, naõ deixa de ir comnoſco a vaidade; e entaõ ſomos como a ave deſgraçada, que por mais que fuja do lugar em que recebeo o golpe, ſempre leva no peito atraveſſada a ſetta: nunca podemos fugir de nós: para donde quer que vamos, himos com os noſſos meſmos deſvarios, ſe bem que as vaidades do ermo ſaõ vaidades innocentes. A natureza naõ tem lá por objecto mais do que a ſi meſma, e a vaidade, que tem na complacencia, com que ſe contempla, conſiſte em reflectir ſobre os enganos do ſeculo, e ſobre as verdades da ſolidaõ; e ſe alguma vez chega a ſer exceſſiva eſſa meſma complacencia, naõ importa;

por-

porque a vaidade de ſer virtuoſo tambem parece que he virtude; e aſſim vimos a ter naquelle caſo hum vicio, que nos emenda, e hum defeito, que nos melhora.

Oh quanto he eſpecioſa a tranquilidade do deſérto! Lá naõ ha odio, nem ſoberba; naõ ha crueldades nem inveja: eſtes monſtros ſaõ féras inviſiveis, que habitaõ entre nós, para ſerem miniſtros fataes das noſſas diſcordias, e das noſſas afflicçoens; naſcem da noſſa ſociedade, e ſe ſuſtentaõ da noſſa meſma communicaçaõ: por iſſo a virtude coſtuma fugir ao tumulto, porque a noſſa maldade naõ he pelo que toca a cada hum de nós, mas pelo que reſpeita aos outros: ſomos perverſos por comparaçaõ; e reciprocamente huns ſervimos de objecto ás iniquidades dos outros; a vaidade ſempre foi origem dos noſſos males; mas primeiro que a vaidade, foi o commercio commum das gentes; porque delles reſulta a vaidade como contagio contrahido no trato, e converſaçaõ dos homens. O noſſo entendimento facil-

mente ſe inficiona, naõ ſó com a opinioens proprias, mas tambem co as alheias; naõ ſó com as propria vaidades, mas tambem com as do outros; naõ ſei ſe ſeria mais util a homem o ſer incommunicavel.

Vemos confuſamente as apparen cias de que o mundo ſe compoem os noſſos diſcurſos raramente encon traõ com a verdade, com a duvid ſempre; de ſorte que a ſciencia hu mana toda conſiſte em duvidas. Ain da dos primeiros principios viſiveis e materiaes, ſó conhecemos a exiſ tencia, a natureza naõ; porque contextura do univerſo he em ſi uni da, e regular em fórma, que na or dem das ſuas partes naõ ſe pódem co nhecer humas, ſem ſe conhecerem to das; por iſſo todas ſe ignoraõ, porque nenhuma ſe conhece: ſó a vaidade coſtuma decidir ſem embaraço, por que naõ chega a imaginar-ſe capaz de erro; os homens mais obſtinados ſaõ os mais vaidoſos, e ſempre a porfia vem á proporçaõ da vaidade.

Algumas duvidas, ha que reſpei tamos; mas nem a eſſas perdoa a vai dade,

dade, pois nunca quer que fiquem indeciſas: mas infelizmente, porque nellas ſempre a ſoluçaõ da duvida vem a conſiſtir em outra duvida maior. Quaſi tudo tranſcende á noſſa comprehenſaõ, mas nada tranſcende á noſſa vaidade. Naturalmente nos he odioſa a irreſoluçaõ, e antes nos inclinamos a errar, do que a ficar irreſolutos: o confeſſar ignorancia he acto a que ſe oppoem a vaidade; ſendo que rara he a couſa, que ſe nos moſtra, ſem hum certo véo que a eſconde; de ſorte que naõ vemos, nem buſcamos os objectos, mas a ſombra delles.

Nas paixoens he natural o entreternos cada huma com a eſperança, que lhe he propria; e com effeito nada he mais agradavel do que huma eſperança liſonjeira. O deſejo ſe deleita em meditar no bem, que eſpera; e a natureza, a quem as paixoens tem ſempre em acçaõ, naõ ceſſa de guiar o penſamento para aquella meſma parte, para donde a noſſa inclinaçaõ propende; por iſſo o amor continuamente nos promette, que ha de aca-

acabar a tyrannia, e que cedo ha de vir a feliz conreſpondencia; o odio nos ſegura, que vem chegando o dia da vingança; e finalmente a vaidade ſó nos offerece idéas de reſpeito, e de grandeza; e deſta ſorte naõ vivemos, eſperamos a vida.

Ha hum genero de vaidade, que toda conſiſte em procurarmos que ſe falle em nós; por iſſo a meſma vaidade inventou a fraze de dizer-ſe, que vive no eſcuro aquelle de quem ſe naõ falla, dando a entender, que as emprezas, por meio das quaes ſe falla nos homens, ſaõ a claridade que os moſtra, e os diſtingue: com effeito por mais que vivamos juntos, e nos vejamos ſempre, he por hum modo como vago, e paſſageiro: as couſas nem por eſtarem muito perto ſe vem melhor, e os Heroes o que os faz mais viſiveis, he a diſtancia, e deſproporçaõ dos outros homens em que os poem as ſuas acçoens: naõ ſó os homens, mas ainda os ſucceſſos, quanto mais longe vaõ ficando, mais creſcem, e nos vaõ parecendo maiores, até que os vimos a perder da viſ-

viſta, e muitas vezes da memoria; porque no tempo tambem ha hum ponto de perſpectiva, donde como em eſpelho vaõ creſcendo todos os objectos, e em chegando a hum certo termo, deſapparecem. As empreſas, que hoje vemos, talvez naõ ſaõ inferiores ás que a tradiçaõ refere do tempo do heroiſmo; porém tem de menos o eſtarem proximas a nós, e as outras tem de mais, o valor que recebem de huma antiguidade veneravel: aquellas admiramos porque naõ temos inveja, nem vaidade, que nos preoccupe contra os que paſſaraõ ha muitos ſeculos; contra os que exiſtem ſim, e deſtes ſe ſabemos as acçoens, tambem ſabemos as circunſtancias dellas; por iſſo as deſprezamos, porque he rara a empreza heroica, em que naõ entre algum fim indigno, e vil; a mais illuſtre acçaõ fica infame pelo motivo.

O que chamamos inveja; naõ he ſenaõ vaidade. Continuamente accuſamos a injuſtiça da fortuna, e a conſideramos ainda mais cega do que o amor, na repartiçaõ das felicidades.

De-

Deſejamos o que os outros poſſuem, porque nos parece, que tudo o que os outros tem, nós o mereciamos melhor; por iſſo olhamos com deſgoſto para as couſas alheias, por nos parecer, que deviaõ ſer noſſas: que he iſto ſenaõ vaidade? Naõ podemos ver luzimento em outrem, porque imaginamos, que ſó em nós he proprio: cuidamos, que a grandeza ſó em nós fica ſendo natural, e naõ mais violenta: o explendor alheio paſſa no noſſo conceito por deſordem do acaſo, e por miſeria do tempo. Quem diria aos homens, que no mundo ha outra couſa mais do que ſortuna, e que nas honras ha predeſtinaçaõ?

Naõ vivemos contentes, ſe a noſſa vaidade naõ vive ſatisfeita: ainda temos o bem, que com pouco ſe alimenta a vaidade. Hum riſo agradavel, que achamos nas peſſoas eminentes, e que por mais, que ſeja equivoco ſempre a vaidade o interpreta a ſeu favor; hum obſequio, que tem por principio a dependencia, e em que o intereſſe ſe eſconde ſub-

ſubtilmente ; huma ſubmiſſaõ , que nos faz crer que os homens tem obrigaçaõ de reſpeitar-nos ; huma liſonja dita com tal arte , que fica ſendo impoſſivel , conhecermos-lhe o veneno ; qualquer couſa deſtas , e ainda menos baſta , para que a noſſa vaidade ſe reveja , e ſe ſatisfaça ; de ſorte que naõ vivemos alegres , ſe naõ vivemos vaidoſos.

Procuramos ſer objectos da memoria , e aſſumptos da fama : o noſſo fim he querermos , que ſe falle em nós , vindo a ſer ambicioſos das palavras dos outros , e idolatras das narraçoens da hiſtoria. Eſte delirio nos entrega a applicaçaõ das letras , e nos inſpira a inclinaçaõ das armas , como dous pólos , que guiaõ para huma fingida , e ſonhada immortalidade. Alguns fogem da ſociedade , ou por canſados do tumulto , ou porque conhecem os enganos do applauſo ; porém ainda eſſes lá ſe formaõ huma crença vaidoſa , de que os homens fallaõ nelles , e diſcorrem ſobre a cauſa dos ſeus retiros. Quantas vezes nos parece , que o boſque ,

que

que nos ſerve de muda companhia, ſe magoa dos noſſos infortunios, e que o valle recebe o ſentimento das noſſas queixas, quando em eccos entregua aos ventos, partidos os noſſos ais! Parece-nos, que a Aurora naſce rindo dos noſſos males; que as fontes murmuraõ dos noſſos deſaſocegos; que as flores creſcem para ſimbolo das noſſas delicias; e que as aves feſtejaõ os noſſos triunfos.

Os homens, a quem a concurrencia de acaſos felices faz chamar grandes, preſumem, que ainda que delles naõ depende a exiſtencia do mundo, com tudo depende delles a ordem, e a economia das couſas: todos fallaõ nas ſuas acçoens, e niſto conſiſte a ſua maior, e mais eſtimada vaidade. Deixamos livremente o commercio dos homens, mas naõ renunciamos o viver na admiraçaõ, e noticia delles; conſentimos em apartarnos de ſorte, que nunca mais ſejamos viſtos, mas naõ conſentimos em naõ ſer lembrados: finalmente queremos, que ſe falle em nós: as meſmas ſepulturas, que ſaõ huns pe-

que-

quenos theatros das mais laſtimoſas tragedias, eſpantaõ menos pelo horror das ſombras, que pelo ſilencio.

Mil preceitos ha que nos enſinaõ, o quaõ pouco ſaõ eſtimaveis em ſi, eſſes meſmos objectos, que buſcamos com fadiga: o conhecermos a vaidade das couſas, naõ baſta para as naõ querermos; porque o conhecimento de hum mal, que ſe appetece, he hum meio muito debil para o deixar. No meſmo retiro temos todo o mundo no coraçaõ, e neſte vivem as paixoens entaõ mais concentradas, e por iſſo mais vigoroſas, e mais fortes: o ſer o lugar mais apertado naõ nos livra do combate, antes o faz mais arriſcado: a vaidade he como o amor, eſte quando o deixamos, ſempre nos fica huma ſaudade lenta, que inſenſivelmente nos devora, porque he hum mal, cuja privaçaõ ſe ſente como outro mal maior: ainda depois de paſſados muitos annos, a lembrança, que ás vezes nos occorre de hum amor, que parece que acabou, ſempre nos vem com ſobreſalto; o coraçaõ nunca fica indiffe-

ren-

rente ; e ſempre recebe com alvoroço a idéa de hum ardor amortecido, e como que o reclama. Verdadeiramente perdida a vaidade , e perdido o amor , que nos fica ?

He proprio da vaidade o dar valor a muitas couſas , que o naõ tem, e quaſi tudo o que a vaidade eſtima, he vaõ. Que couſa póde haver, que tenha em ſi menos ſubſtancia do que humas certas felicidades , que ponderada a melhor parte dellas , conſiſte, ou em palavras , ou em goſtos: a denominaçaõ de grande , de maior, e de excellente , e as ſubmiſſoens , que indicaõ o reſpeito , fazem huma parte eſſencial das glorias deſte mundo ; a primeira naõ conſiſte mais do que em palavras ; a ſegunda toda ſe compoem de goſtos. Que importa á felicidade do homem , que os outros , quando lhe fallaõ , articulem mais hum ſom , que outro , e que nas reverencias que introduzio a liſonja , ſe dobrem mais , ou menos ? A vaidade nos faz crer felices á porporçaõ que ouvimos eſta , ou aquella voz , e que vemos eſte , ou aquelle cul-

culto : a vida civil ſe reduz a hum ceremonial compoſto de genuflexoens, e de palavras.

Só a vaidade ſabe dar exiſtencia ás couſas que naõ tem, e nos faz idolatras de huns nadas, que naõ tem mais corpo, que o que recebem do noſſo modo de entender, e nos induz a buſcarmos eſſes meſmos nadas, como meios de nos diſtinguir; ſendo que nem Deos, nem a natureza nos diſtinguio nunca. Na lei Univerſal, ninguem ficou iſento da dor, nem da triſteza; todos naſcem ſujeitos ao meſmo principio, que he a vida, e ao meſmo fim, que he a morte : a todos comprehende o effeito dos elementos; todos ſentem o ardor do Sol, e o rigor do frio; a fome, e a ſede, o goſto, e a pena, he commum a tudo aquillo que reſpira : o Author do mundo fez ao homem ſobre huma meſma idéa uniforme, e igual, e na ordem com que diſpoz a natureza, naõ conheceo excepçoens, nem privilegios : nunca o homem póde ſer mais, nem menos do que homem ; e por mais, que a

vai-

vaidade lhe eſteja ſuggerindo huns certos attributos, ou certas qualidades, que o fazem parecer maior, e mais conſideravel, que os mais homens, eſſas meſmas qualidades, ainda ſendo verdadeiras, ſempre ſaõ imaginarias; porque tambem ha verdades fantaſticas, e compoſtas ſómente de illuſoens.

A vaidade he cheia de artificio, e ſe accupa em tirar da noſſa viſta, e da noſſa comprehenſaõ o verdadeiro ſer das couſas, para lhe ſubſtituir hum falſo, e apparente. De que ſerve a purpura, mais que de encobrir o homem a ſi meſmo; e huma figura ſimplez, commua, e igual em todos, moſtralla desfigurada, e outra debaixo de hum véo puramente exterior? Tudo o que ſe eſconde fica com caracter de myſterio, e por iſſo com veneraçaõ, e com reſpeito: a vaidade foi o primeiro artifice, que inventou o diſtinguir os homens pela eſpecialidade do ornato, e pela ſingularidade da cor; aſſim ſaõ as diſtincçoens, que a vaidade nos procura; nenhuma he, nem póde ſer em nós,

nós, mas nas couſas que nos cobrem.

Só a vaidade dos Reis he vaidade juſta, porque a Providencia já quando os formou para a dominaçaõ, logo os deſtinou para figuras da divindade, e com huma ſemelhança mais que material, e indifferente; porque a meſma eſſencia, de que ſaõ imagens, parece, lhes communica huma porçaõ da idéa, que repreſentaõ. Por mais que os ſucceſſos ſejaõ regidos pelo acaſo, com tudo aos Reis naõ os faz a fortuna, nem o valor; mas ſim aquella meſma intelligencia, que dá os primeiros, e principaes movimentos ao Univerſo. Ainda nos Orbes Celeſtes vemos alguns corpos, que parece cuſtaraõ mais cuidado ao Author do mundo, pois brilhaõ com luz mais firme, mais intenſa, e mais conſtante. Os Monarcas parecem-ſe com os mais homens na humanidade, mas differem nas qualidades da alma: a Coroa, que os cinge naõ ſó lhes illuſtra a cabeça, mas tambem o penſamento: o Sceptro, que indica á mageſtade, tambem inſpira o esforço; e a grandeza

no

no poder tambem influe extenſaõ no eſpirito ; por iſſo na arte de reinar naõ ha regras , que poſſaõ ſer ſabidas por quem naõ he Rei.

Aſſim como he juſta a vaidade de hum Rei juſto tambem he iniqua a vaidade de hum tyranno : o eſplendor de hum throno adquerido injuſtamente naõ cega a attençaõ de ſorte , que fiquem os olhos ſem poder examinar-lhe os raios ; hum lugar taõ ſagrado , nem ſempre o conſideraõ os homens com immunidade. Os tyrannos ſempre foraõ objectos , naõ ſó dos louvores , mas tambem da critica ; naõ ſó das admiraçoens , mas tambem dos reparos ; naõ ſó do amor , mas tambem do odio : ſe ha quem os admire , tambem ha quem os reprove ; ſe a liſonja os igualla ao Sol , a cenſura ſabe comparallos ao Cometa ; ſe o amor lhes prepara agrados , tambem encontraõ averſoens no odio. As ſubmiſſoens naõ ſaõ todas voluntarias ; e o reſpeito ainda quando degenera em adoraçaõ , nem ſempre tributa hum incenſo puro , e muitas vezes procede de huma violencia inte-

terior, e occulta; entaõ por mais que as expreſſoens ſe elevem, ſempre a verdade ſe diſtingue da exageraçaõ; e por mais que o joelho dobre, ſempre o deſprezo fica inflexivel no conceito.

Nos Principes he virtude, humá vaidade bem intendida; e diſcorre ſantamente hum Rei, quando ſe deſvanece da qualidade de ſer juſto: ha vicios neceſſarios em certos homens, aſſim como ha virtudes improprias em outros. Os ſoberanos ſendo a fonte da juſtiça, ſaõ os que mais injuſtamente ſaõ julgados: os mais homens ſaõ ouvidos, os Principes naõ; todos os julgaõ, e ninguem os ouve; como ſe a preminencia da dignidade os fizeſſe incapazes, ou indignos da defeza: o julgar por eſte modo aos Reis, he ſacrilegio, porque a traiçaõ he maior aquella que ſe derige á fama, que a que conſpira contra a vida; eſta nos Monarcas he lhes menos importante, que a memoria; a exiſtencia deve ſer-lhes menos precioſa do que a fama: com a vida ſe acaba o reſpeito, a gran-

deza, e o poder, mas naõ acaba a reputaçaõ; o tumulo naõ encobre, nem a ignominia do nome, nem o eſclarecido, porque nos Principes nunca acaba a gloria, nem a infamia: o breve eſpaço de huma urna baſta para eſconder as cinzas de muitos Reis; porém por mais que as confunda a morte, a hiſtoria as ſepara, e as divide: a tradiçaõ anima eſſas meſmas cinzas, humas para honra da natureza, outras para horror da poſteridade.

A maior parte das acçoens dos homens conſiſte no modo dellas; o modo com que ſe propoem, com que ſe diz, com que ſe falla, com que ſe ouve, com que ſe olha, com que ſe vê, com que ſe anda, e em fim todos os mais modos, que ſaõ inſeparaveis de qualquer acçaõ, nos daõ a conhecer o que devemos penſar dellas: quaſi ſempre o modo, ou nos obriga, ou nos offende, e ordinariamente o modo das couſas nos occupa mais do que as couſas meſmas. Humas vezes nos engana o modo, porém tambem outras o meſmo modo

do nos deſengana: a imaginaçaõ verdadeira, falſa, ou vaidoſa, he a que produz os differentes modos, que vemos huns nos outros. Os Soberanos tem hum certo modo de olhar, de ver, de ouvir, de andar, de perguntar, e de reſponder, que ſó nelles he natural; a vaidade dos Grandes lhes faz affectar o meſmo modo, que vem nos Soberanos; os mais homens tomaõ o meſmo modo, que vem nos Grandes, e cada hum ſe irrita de ver hum modo improprio, e ſente como hum deſprezo o achar hum modo, que naõ convem a quem uſa delle; o que diverſifica os modos he a alegria, a triſteza, o amor, o odio, o deſejo, ou a indifferença, e mais que tudo a vaidade.

A maior parte da vida paſſamos em buſcar a fortuna, e a que vemos nos outros, he a que nos engana a nós: porém he feliz o engano, que nos anima ſempre. Que maior deſgraça que o viver indifferente, e ſem acçaõ; e que maior ventura que a eſperança com que a buſcamos! O conceito, que fazemos de qualquer

bem, ſempre excede ao meſmo bem, e aſſim perdemos quando o alcançamos; de ſorte que a fortuna parece naõ eſtá tanto em poſſuilla, como em deſejalla. As fortunas humanas, ou conſiſtem na abundancia, ou no poder, ou no reſpeito: eſtas ſaõ as meſmas fontes donde naſce a vaidade, e com effeito ſe ha vaidade ſem fortuna, naõ ha fortuna ſem vaidade.

Por noſſo mal lá chega a idade, em que naõ queremos mais fortunas, que o viver; conhecemos a illuſaõ dellas, e ſe as buſcamos, he como por coſtume, mas ſem ancia, e ſem deſaſocego; o deſejo de as alcançar; he como hum reſto de calor, que a penas ſe faz ſentir. Naõ reflectimos ſobre o pouco tempo, que devemos gozar hum bem, ſenaõ depois de o ter: ſó entaõ conſideramos o muito que cuſtou a alcançar, e o pouco que o havemos poſſuir. Em cada paiz ha hum modo com que as couſas ſe imaginaõ; o que he fortuna em huma parte, he deſgraça em outra, o que aqui ſe buſca com empenho, alli ſe deſ-

deſpreza totalmente. Os objectos que entretem a vaidade, e eſtimaçaõ dos homens, ſaõ como idolos, que ſó ſe veneraõ em lugar determinado, e fóra daquelle tal eſpaço, a adoraçaõ ſe troca em vitúperio: o meſmo marmore de que em Athenas ſe faria huma Minerva, tranſportado a outro lugar, a penas ſervirá de baze a huma columna; aſſim he a vaidade, por mais que ſeja univerſal nos homens, os motivos della naõ ſaõ univerſaes.

He raro o mal, de que naõ venha a naſcer algum bem, nem bem, que naõ produza algum mal: como ſó o preſente he noſſo por iſſo, naõ nos ſerve de alivio o bem futuro, nem nos inquieta o mal que ainda naõ ſentimos; hum infeliz naõ ſe perſuade, que a ſua ſorte poſſa ter mudança; hum venturoſo naõ crê, que poſſa deixar de o ſer: a eſte a vaidade tira o menor receio; á aquelle o abatimento priva de eſperança. Se fizermos reflexaõ, havemos de admirar o pouco que baſta para fazer o noſſo bem, ou o noſſo mal: de hum inſtan-

tante a outro mudamos da alegria para a triſteza, e muitas vezes ſem outro algum motivo, que o de huma vaidade mais, ou menos ſatisfeita. Os homens naõ ſaõ todos igualmente ſenſiveis ao bem, e ao mal; a huns penetra mais vivamente a dor, a outros ſó faz huma impreſſaõ ligeira: o bem naõ acha em todos o meſmo gráo de contentamento. Nas almas deve de haver a meſma differença, que ha nos corpos; humas mais debeis, e outras mais robuſtas; por iſſo em humas obra mais o ſentimento, e acha mais reſiſtencia em outras; em humas domina a vaidade com imperio, e com furor, em outras ſó aſſiſte como couſa natural; naquellas a vaidade he huma paixaõ com impeto, neſtas he hum vicio ſocegado, e ſem deſordem.

O entendimento nos homens, he como a formoſura nas mulheres; naõ ha deſgraça de que hum eſpelho as naõ conſole, nem triſteza de que ſe naõ eſqueçaõ, vendo-ſe em eſtado de inſpirar amor: a hum homem infeliz ſerve de alivio, o conſiderar ſe

ſa-

ſabio; eſte penſamento, ou eſta vaidade lhe faz adormecer o mal que ſente; como ſe a mulher ſó vieſſe ao mundo, para ſer querida, e o homem ſó naſceſſe para ſer diſcreto: entre hum, e outro a differença he grande, a mulher formoſa, com o tempo conhece que já o naõ he, o homem entendido nunca alcança que ſó o foi: a mulher naõ póde deixar de ver o eſtrago, que os annos fazem na belleza, o homem naõ penetra a ruina que o tempo cauſa ao entendimento; mas naõ importa que aſſim ſeja, porque he juſto que o homem ſe deſvaneça ſempre, e que tenha fim na mulher a vaidade: ninguem adora ao homem por entendido, e a mulher todos a idolatraõ por formoſa. Acabe pois a vaidade na mulher, porque foi taõ exceſſiva, e no homem dure, porque foi mais moderada.

Olhamos para o tempo paſſado com ſaude, para o preſente com deſpreſo, e para o futuro com eſperança: do paſſado nunca ſe diz mal; do preſente continuamente nos queixa-

xamos, e ſempre appetecemos que o futuro chegue: o poſſado parece-nos que naõ foi mais do que hum inſtante; o preſente apenas o ſentimos; e julgamos que o futuro eſtá mui diſtante. Para dizermos bem do tempo, he neceſſario que elle tenha paſſado, e para que o deſejamos he preciſo conſiderallo longe. A vaidade faz-nos olhar para o tempo, que paſſou, com indifferença, porque já nelle fica ſem acçaõ: faz-nos ver o preſente com deſprezo; porque nunca vive ſatisfeita; e faz-nos contemplar o futuro com eſperança, porque ſempre ſe funda no que ha de vir, e aſſim ſó eſtimamos o que já naõ temos; fazemos pouco caſo do que poſſuimos; e cuidamos no que naõ ſabemos ſe teremos.

Com os annos himos mudando de humas vaidades para outras; naõ porque queiramos mudar de vaidade, mas porque algumas ha, que em certos annos ſaõ incompativeis, e ſó tem lugar em outros. A gentileza he a primeira vaidade, que a natureza nos inſpira; vaidade ſimples, inno-

cen-

cente ainda quando he mentirosa: a natureza quer que nos amemos, por isso faz que nos vejamos dotados de huma fórma, ou figura encantadora; somos Narcisos logo no berço: a nossa imagem a penas acabada de fórmar, logo nos attrahe; o vidro que a representa nos agrada, e lisonjeia, ainda quando ignoramos o artificio do crystal, e desta sorte himos passando successivamente a vida, entretidos em hum labyrintho de vaidades, até que chegamos á vaidade dos velhos; vaidade discursiva, prudencial, historica, e muitas vezes imbecil. O ser antigo naõ dá juizo a todos, antes o tira, porque o tempo insensivelmente vai destruindo o homem em todas as suas partes, e por mais, que o naõ sintamos, o que primeiro cansa, he o entendimento; porque este hé como a força, que até hum certo tempo cresce, até outro se conserva, e depois sempre vai diminuindo. Perdemos a innocencia assim que entramos a ter uso de razaõ, e perdemos a razaõ assim que tornamos ao estado da innocencia:

hu-

huma, e outra couſa ſaõ virtudes puras, e excellentes, mas inſociaveis. Primeiramente adquerimos a razaõ á cuſta da innocencia, e depois alcançamos a innocencia á cuſta da razaõ; naõ ſei quando he que perdemos, ou ganhamos. Indiſcretamente fazemos vaidade de ſermos entendidos: o entendimento parece que nos foi dado por caſtigo, pois com elle ficamos ſem deſculpa para nada. Que maior mal!

He rara a couſa, em que naõ tenha parte a vaidade. A meſma ingratidaõ, de quem recebe hum beneficio, he effeito da vaidade; porque ſendo o beneficio huma eſpecie de ſoccorro, ſempre indica ſuperioridade em quem o faz, e neceſſidade naquelle que o recebe; por iſſo a lembrança de hum beneficio, humilha, e mortifica a noſſa vaidade, e ſe alguma vez nos lembra, he porque a natureza ſe accuſa de ſentir-ſe ingrata. Muitos por vaidade confeſſaõ beneficios, que nunca receberaõ; he confiſſaõ, que os naõ afflige, porque aſſenta em huma divida ſuppoſta:

ta: outros tambem por vaidade reconhecem beneficios verdadeiros, e isto porque fazem vaidade de huma divida, que ja julgaõ satisfeita pela confissaõ.

Quando pretendemos hum favor, parece-nos que sempre havemos conservar a memoria delle; mas he erro, porque apenas o alcançamos, quando logo se fórma em nós hum desejo imperceptivel de o esquecer: a vaidade tem horror a tudo o que desperta a lembrança da nossa indigencia; por isso ha ingratidaõ sem odio; aborrecemos a quem remio a nossa vexaçaõ, só porque a ficou conhecendo. Naõ se paga hum beneficio, senaõ com outro maior, e quem o naõ póde pagar assim, fica devendo sempre; por isso a vaidade antes nos resolve a ser ingratos, do que a conhecer huma obrigaçaõ de que nunca podemos estar livres.

A ingratidaõ naõ consiste só no esquecimento do favor, mas tambem em huma aversaõ occulta, que temos a quem nos obrigou, por isso quando o vemos, e encontramos, sem-

ſempre he com noſſo pezar, e deſagrado. Inſenſivelmente ſe fórma huma eſpecie de divorcio entre quem recebe hum favor, e quem o faz; eſte por vaidade affecta o naõ lembrar-ſe do beneficio feito, aquelle tem pejo de haver-ſe eſquecido delle, hum, e outro ſe retira: a auſencia, ou a ruina daquelle a quem ſomos obrigados, nunca nos he deſagradavel; porque entaõ parece que reſpira a vaidade, como livre de hum peſo inſupportavel: naturalmente naõ podemos amar a quem devemos; a divida leva comſigo hum deſejo da extinçaõ do ſeu objecto

Naõ ſuccede aſſim nos beneficios, que os Soberanos fazem; quem os recebe, ſempre os reconhece; porque a meſma vaidade, que nos faz ſer ingratos para com os mais homens, he a que nos faz ſer agradecidos para com os Principes; e com razaõ, porque neſtes o favor ſempre he puro, e generoſo, em lugar que nos mais homens ſempre he inficionado de algum genero de intereſſe: nos Principes os beneficios naſcem de li-

be-

beralidade, nos mais homens procedem de premeditaçaõ, e eſta fundada commumente na ſatisfaçaõ do que já devem, ou eſperaõ dever; de ſorte que nos Principes os beneficios he grandeza, nos mais homens he commercio. O maior favor he aquelle que ſe faz ſem condiçaõ: quando os Soberanos favorecem, he ſem a expectativa de retribuiçaõ alguma, porque eſta naõ póde ter lugar de nós para elles; daõ, e naõ eſperaõ, por iſſo as mercês de hum Rei moſtraõ a ſua inclinaçaõ, e naõ a ſua intençaõ: as graças dos Reis, e as de Deos, ſó ſe pagaõ com amor. Como os Principes ſaõ os melhores avaliadores dos homens, por iſſo ſuppomos, que o favor, que fazem, ſempre ſe dirige ao noſſo merecimento. Eſtimamos viver na lembrança dos Reis, ainda que ſeja por meio da deſgraça: o meſmo decreto, que impoem a pena, ſuaviza o effeito della, porque ha hum inſtante, em que a vaidade nos repreſenta o Soberano occupado de nós: o caſtigo, immediatamente vem do Throno, parece

que

que de algum modo nos illuſtra.

Tudo ſaõ producçoens da vaidade, eſta até nos faz achar conſolaçaõ nas meſmas razoens do noſſo damno; até nos faz deſcobrir utilidade na noſſa meſma perda; e até nos ſabe moſtrar hum ſemblante de fortuna na noſſa meſma ruina. Huma circunſtancia leve, e incerta, em que a vaidade ſe entretenha baſta muitas vezes para ſuſpender a actividade do noſſo mal, e para deſviar do noſſo penſamento a maior parte delle. A virtude maltratada encontra alivio na meſma perſecuçaõ, porque a vaidade lhe ſuggere em ſi a imagem de hum martirio: a innocencia opprimida ſente menos a afflicçaõ, porque ſe deſvanece em conſiderar-ſe victima, de que he propriedade o ſer innocente; e com effeito a conſtancia no ſoffrimento he hum juſto motivo de vaidade, porque ainda na fama de hum heróe naõ ha tanta grandeza, como no ſilencio de hum homem affligido; por iſſo a paciencia nunca faz rogos inuteis: hum homem mudo na deſgraça parece que força a pro-

providencia ao conſolar. O merecimento deſprezado entra na vangloria de crer, que todos reparaõ no deſcuido do premio: hum facinoroſo arraſta com arrogancia os ferros; e vai com reſoluçaõ para o ſupplicio, a vaidade que lhe anima os paſſos, conſiſte na meſma atrocidade do delicto: a meſma pobreza coſtuma fazer oſtentaçaõ da miſeria. A vaidade he de todo o mundo, de todo o tempo, de todas as profiſſoens, e de todos os eſtados.

Muitas vezes obramos bem por vaidade, e tambem por vaidade obramos mal: o objecto da vaidade he que huma acçaõ ſe faça attender, e admirar, ſeja pelo motivo, ou razaõ que for. Naõ ſó o que he digno de louvor, he grande; porque tambem ha couſas grandes pela ſua execraçaõ; he o que baſta para a vaidade as ſeguir, e approvar. A maior parte das emprezas memoraveis, naõ tiveraõ a virtude por origem, o vicio fim; e em por iſſo deixaraõ de attrahir o eſpanto, e admiraçaõ dos homens. A fama naõ ſó ſe compoem do que

he

he juſto, e o raio naõ ſó ſe faz attendivel pela luz, mas pelo eſtrago. A vaidade appetece o eſtrondoſo, ſem entrar na diſcuçaõ da qualidade do eſtrondo: faz-nos obrar mal, ſe deſte mal póde reſultar hum nome, hum reparo, huma memoria. Eſta vida he hum theatro, todos queremos nelle o melhor papel, ou ao menos hum papel de circunſtancia, ou em bem, ou em mal. A vaidade tem certas regras, huma dellas he, que a ſingularidade naõ ſó ſe adquire pelo bem, mas tambem pelo mal, naõ ſó pelo caminho da virtude, mas tambem pelo da culpa; naõ ſó pela verdade, mas tambem pelo engano: quantos homens tem havido a quem parece que de algum modo ennobreceo a ſua iniquidade.

A crueldade nem ſempre vem de hum animo barbaro, e feroz; muitas vezes he hum monſtro, que naſce da vaidade, conſidere-ſe o punhal cravado em hum coraçaõ, que ainda palpita, e donde o ſangue que ſahe, e vai regando a terra, alli ſe congella em parte, aqui ainda corre fuman-

mando, e cheio de eſpirito, e calor: finalmente conſidere-ſe hum cadaver agonizante, e convulſivo, e donde as feridas humas ſobre as outras, apenas moſtraõ lugar livre de golpe; tudo fórma hum eſpectaculo horroroſo: o tyranno que he o meſmo executor da crueldade, por mais que no ſemblante inculque hum aſpecto duro, interiormente ſe eſtremece, e ſe naõ moſtra que ſe afflige, he porque a vaidade o anima contra o pavor que a natureza inſpira. Ideou a vaidade ſer a tyrannia hum attributo do poder: que mais he neceſſario para que os homens, queiraõ medir a grandeza do poder pelo exceſſo, e proporçaõ da tyrannia? Até nos deſvanecemos da meſma barbaridade, chamamos á compaixaõ fraqueza, e á inhumanidade valor.

Todos conhecemos os delirios, a que a vaidade nos incita, mas nem por iſſo deixamos de os ſeguir. Parece que cada hum de nós, tem duas vontades ſempre oppoſtas entre ſi; ao meſmo tempo queremos, e naõ

queremos; ao meſmo tempo condenamos, e approvamos; ao meſmo tempo buſcamos, e fugimos; amamos, e aborrecemos. Temos huma vontade prompta para conhecer, e deteſtar o vicio; mas tambem temos outra prompta para o abraçar; huma vontade nos inclina, a outra arraſtanos: a vontade dominante, he a que ſegue o partido da vaidade; por mais que queiramos ſer humildes, e que tenhamos vontade de deſprezar o fauſto, a vontade contraria ſempre vence, e ſe acaſo ſe conforma, a violencia com que o faz, he hum ſacrificio. A vaidade he huma eſpecie de concupiſcencia, naõ ſe lhe reſiſte com as forças do corpo, com as do eſpirito ſim; a carne naõ he fragil ſó por hum principio, mas por muitos, e a vaidade naõ he o menor delles.

O applauſo he o idolo da vaidade, por iſſo as acçoens heroicas naõ ſe fazem em ſegredo, e por meio dellas procuramos que os homens formem de nós o meſmo conceito, que nós temos de nós meſmos. Raras vezes ſomos generoſos, ſó pela ge-

generoſidade, nem valeroſos ſó pelo valor. A vaidade nos propoem, que o mundo todo ſe applica em regiſtar os noſſos paſſos; para eſte mundo he que obramos; por iſſo ha muita differença de hum homem, a elle meſmo: poſto no retiro he hum homem commum, e muitas vezes ainda com menos talento que o commum dos homens: porém poſto em parte donde o vejaõ, todo he acçaõ, movimento, esforço. Nunca moſtramos o que ſomos, ſenaõ quando entendemos que ninguem nos vê, e iſto porque naõ exercitamos as virtudes pela excellencia dellas, mas pela honra do exercicio, nem deixamos de ſer máos por averſaõ ao mal, mas pelo que ſe ſegue de o ſer. O vicio pratica-ſe occultamente, porque cremos que a ignominia ſó conſiſte em ſe ſaber; de ſorte que ſe ſomos bons, he por cauſa dos mais homens, e naõ por noſſa cauſa: haja quem nos aſſegure, que naõ ha de ſaber-ſe hum deſacerto, e logo nos tem certo, e diſpoſto para elle; a difficuldade naõ eſtá em perſuadir a

noſſa vontade, mas o noſſo receio. Os aggravos occultos callaõ-ſe, naõ ſó porque em ſerem occultos perdem muito da qualidade de aggravos; mas tambem porque a queixa naõ publique o atrevimento da offenſa; a vaidade naõ ſente as couſas pelo que ſaõ, mas que ſe ha de dizer dellas: mil vinganças ha que ſe ſupprimem ſó pelo perigo de que ſe naõ perſeba o deſacato, pela vingança. Quem diſſera, que ſendo a vaidade, de ſi meſma huma couſa arrebatada, haja occaſioens, em que nos pacifique, e enſine a ſer prudentes: ha huma eſpecie de arte em ſe disfarçar a injuria, de que naõ ha prova: a meſma vingança leva comſigo huma ſorte de injuria, porque a confeſſa: a ſatisfaçaõ publica ſuppoem publica a offenſa, que muitas vezes naõ o he, ou ao menos naõ he tanto como a ſatisfaçaõ a faz. A paciencia he huma virtude com nota, mas raramente ſe arrepende quem a tem; em lugar que o arrojo coſtuma trazer depois hum ſentimento largo; em hum inſtante nos precipita a vaidade naquil-

quillo que nos vem a ſervir de tormento toda a vida; mas que muito ſe a meſma vaidade ás vezes nos faz perder a vida em hum inſtante. Quem diſſe que o amor he cego, errou; mais certo he ſer cega a vaidade. O emprego do amor he a formoſura, e quem nunca a vio como a ha de amar? No amor ha huma eſcolha, ou eleiçaõ, e quem naõ vê, naõ diſtingue, nem elege, o amor vem por natureza, a vaidade por contagio, o amor buſca huma felicidade fiſica, e por conſequencia material, e viſivel; a vaidade buſca hum bem de idéa, e fantaſia, e por conſequencia cego: a eſtimaçaõ dos homens he o objecto maior da vaidade; objecto vago, e que naõ tem figura propria em que poſſa ver-ſe. Ha porém na vaidade a differença, que tudo o que ſe faz por vaidade, queremos que ſe veja, que ſe diga, e que ſe ſaiba; entaõ he fortuna a publicidade, ſe he que nos naõ parece, que o mundo inteiro naõ baſta para teſtemunha: daqui vem que hum foror heroico até chega a invocar o Ceo, e a ter-

terra, para eſtarem attentos a huma acçaõ: como tudo ſe faz pelo eſtimulo da vaidade, por iſſo ſe julga perdida huma façanha, que naõ tem quem a divulgue; como ſe hum acto generoſo conſiſtiſſe mais em ſe ſaber, do que em ſe obrar. A vaidade, que nos move, naõ he pela ſubſtancia da virtude, mas pela gloria della.

No deſprezo da vida, he donde a vaidade ſe moſtra altiva, e arrogante. Os clarins, que incitaõ ao combate, naõ ſaõ vozes, que a natureza intenda, a vaidade ſim, aquella ſempre vai com paſſo vacilante, e tremulo; eſta conduz o peito ardente, e furioſo: por mais que ſe encontrem precipicios, e que os olhos ſó vejaõ fogo, e ſangue, nem por iſſo deſmaia o coraçaõ que a vaidade anima. Aquelle aquem o eſcudo da fortuna cobre, e que marcha reſoluto, já cuida que eſtá vendo os fauſtos do triunfo: aquelle que proſtrado, já fica agonizando, parece-lhe que expira ou nos braços da victoria, ou nos da fama. Que felicidade de morrer!

rer ! A vaidade tira da morte o ſemblante pallido, e horroroſo, e ſó a deixa ver ornada de palmas, e troféos.

O valor naõ he igual em toda a parte; porque a vaidade naõ he em toda a parte a meſma. Ha emprezas de mais, e de menos vaidade, por iſſo as ha de menos, e mais valor. A vaidade augmenta, e diminue, á proporçaõ do ſeu motivo; e da meſma ſorte o valor diminue, e augmenta á proporçaõ da ſua vaidade. A razaõ do esforço regula-ſe pela razaõ da vaidade; daqui vem, que em hum conflicto grande, os animos ſe elevaõ, e arrebataõ; porque algumas vezes he queſtaõ do deſtino de hum Imperio; em lugar que o ardor he lento, quando ſó ſe diſputa hum poſto ventajoſo. A preſença de hum Monarca naõ influe pouco na fortuna militar; entaõ quer o Soldado diſtinguir-ſe com maior exceſſo, porque fica ſendo memoravel a acçaõ a que aſſiſte hum Rei: aquella he a occaſiaõ, em que cada hum dos combatentes vaticina, que o ſeu nome

ha

ha de eſcrever-ſe nos annaes da hiſtoria; por iſſo corre a aſſinalar-ſe em hum dia, que ha de ſervir de epoca aos ſeculos vindouros: nenhum entra na peleja indifferente, todos fazem a cauſa ſua; huns combatem pela gloria do ſucceſſo, outros pela honra da aſſiſtencia; e a todos parece que o Soberano os vê. O eſtrepito das armas antes que chegue ao coraçaõ, inflamma a vaidade, e eſta, que commummente move, entaõ accende.

Naõ he iſto aſſim na ſolidaõ de hum ermo. O meſmo homem, que fez a admiraçaõ da guerra, poſto em hum boſque he outro. O ſuſſurro de huma fonte, que ſe deſpenha, o ſobreſalta; o movimento de huma folha, que cahe o atemoriſa; o ruido, que o vento faz, o altera; tudo lhe parece huma emboſcada; na meſma ſombra de hum carvalho, ſe lhe figura hum eſquadraõ armado: eſta he a differença, que vai de hum homem com vaidade, ao meſmo homem quando eſtá ſem ella; na campanha domina o eſpirito de vaidade, no

no boſque naõ; por iſſo o valor ſobra na campanha, e no boſque falta; e com effeito naquella parte adquire-ſe a fama, e neſta ſó ſe ſalva a vida; naquella conſegue-ſe o applauſo, neſta ſó ſe buſca a liberdade do caminho; naquella ha muitos que vejaõ, que digaõ, e que eſcrevaõ, neſta naõ ha mais do que troncos mudos; naquella fazem Corte os Soberanos, neſta ſó ſe alvergaõ foragidos; naquella todos ſe moſtraõ, neſta todos ſe eſcondem; aquella he hum theatro de acçoens illuſtres, eſta he hum reducto de acçoens abominaveis: finalmente alli naſce a nobreza, aqui extingue-ſe; álli perde-ſe a vida com honra, aqui conſerva-ſe a meſma vida com ignominia. Que notaveis differenças! Em hum lugar tantos motivos de vaidade, e nenhuns em outro: por iſſo o valor he proprio na campanha, e no ermo he natural a cobardia. O valor falta-lhe a alma, ſe lhe falta a vaidade, o braço logo fica ſem vigor, e ſem alento o peito: no perigo em que naõ ha vaidade, a natureza ſó ſe lembra do horror da ſua ruina.

A fugida traz consigo o vituperio, por isso muitos naõ fogem, porque os vêm; e fugiriaõ, se os naõ vissem; muitos se retiraõ em quanto os naõ conhecem, mas naõ depois de conhecidos; como se a deshonra naõ estivesse na retirada, mas na noticia della: ninguem se quer expor, se a vaidade o naõ expoem; e ainda que a vaidade naõ tira o medo, com tudo esconde-o; e assim vimos a ser destemidos, naõ só porque a vaidade nos obriga, mas tambem porque nos engana: no meio do precipicio, naõ deixa ver toda a extensaõ delle, e por mais que seja certo o nosso estrago, sempre a vaidade para animarmos, o mostra como duvidoso; e sempre nos inspira que aos ousados a fortuna favorece. A vaidade naõ nos deixa, senaõ depois que nos entrega á morte, e só a morte que nos acaba, he o que acaba tambem a nossa vaidade.

O facinoroso he timido, porque o crime que envilece, acobarda. A vaidade, que tambem interiormente accusa, assim como augmenta as for-

ças donde vê alguma occaſiaõ de brio, tambem as debilita, donde encontra huma apparencia de deſdouro: no crime o animo ſe abate, menos pelo medo do caſtigo, que pela qualidade delle; daqui vem que ha mais reſoluçaõ no delicto, que naõ irroga infamia; e de tal ſorte que o delinquente ás vezes declara por vaidade a culpa; a meſma vaidade lhe ſerve de tormento, e o obriga a confeſſar. As leis conheceraõ bem eſte principio, por iſſo imaginaraõ penas vís; pozeraõ diſtinçaõ no modo de as executar; e ſabiamente introduziraõ nobreza, até no modo de morrer.

Ha crimes, cuja atrocidade exige huma pena ainda maior; iſto he huma pena permanente, ſucceſſiva, indelebil: que comprehenda culpados, e innocentes; que induza infecçaõ fatal, naõ ſó no ſangue dos que eſtaõ, mas tambem no ſangue dos que haõ de vir; e que faça deteſtavel, naõ ſó o author do crime; e a ſua deſcendencia, mas ainda a meſma lembrança do ſeu nome. Quantos ha que naõ temem o caſtigo, pelo que eſte

tem

tem de infuppurtavel, mas pelo que tem de infame; e que o naõ receaõ pelo que toca a ſi, ſenaõ pelo que ha de tocar aos ſeus? A corrupçaõ da natureza, chega nelles a deſprezar a ſua propria conſervaçaõ, mas naõ a ſua reputaçaõ; deſattendem ao ſeu opprobrio peſſoal, mas naõ á aquelle que ha de ficar, e continuar nos que haõ de vir depois: eſte reſto de vaidade he unicamente o que os reprime. A malicia lhes enſina, que o perder a vida naõ he grande pena; porque eſta verdadeiramente naõ aſſenta em ſe perder a vida mas em a perder anticipadamente; e com effeito naõ he grande o mal, que ſempre he infallivel por outra parte, e que por ora ſó conſiſte na circunſtancia do tempo; iſto he, em ſer com antecedencia, e ſer já, aquillo que certamente ha de vir a ſer daqui a pouco: por iſſo o prezo, que ſe mata, he como hum prezo que foge; hum, e outro, illudio o caſtigo, porque eſte devia conſiſtir na duraçaõ, e naõ na extincçaõ. Daquella ſorte ficou impunido o crime? Naõ,

por-

porque ſuppoſto ſe auzentaſſe o delinquente, cá deixou o nome e a memoria; e neſta ainda tem lugar a pena; contra ella ſe fulmina a condenaçaõ de hum labéo perpetuo: o que acabou com a fugida, ou com a morte, foi a pena temporal, e por conſequencia pena curta, porque acabava com a vida; mas fica ſubſiſtindo a pena da ignominia, pena quaſi ſem fim, porque a tradiçaõ, e a hiſtoria a fazem renaſcer a cada inſtante. A vaidade faz-nos adorar o reſpeito, e a eſtimaçaõ dos homens; por iſſo o deſprezo afflige, ainda ſó conſiderado em hum cadaver, em huma poſteridade, em hum nome; a pena vil impoſta em huma eſtatua faz pavor; naõ pelo que he, mas pelo que repreſenta; o criminoſo, que de longe a conſidera, ſe eſtremece; por via do penſamento ſe lhe communica de alguma ſorte a dor, e aſſim nem por fugir ao caſtigo, fica livre delle. A vaidade entende que tudo quanto he noſſo, he ſuſceptivel de afflicçaõ, e de prazer, de reſpeito, e de vituperio; e aſſim nos perſuade, que para

as

as razoens da mogoa, e do contentamento, a noſſa ſemelhança tem ſer, a noſſa ſombra vida, e a noſſa eſtatua ſentimento.

A falta de Religiaõ, e de bons coſtumes, faz cahir o homem no eſtado total de perverſidade; a falta de Religiaõ conſiſte em ſe naõ temer a Deos; a falta de coſtumes reſulta de ſe naõ temer os homens: e verdadeiramente quem naõ temer a Lei de Deos; nem as leis dos homens, que principio lhe fica por onde haja de obrar bem? A noſſa natureza propende para o mal, por iſſo foi preciſo preſcrever-lhe hum certo modo de viver; vivemos por regras. No exercicio do mal achamos huma eſpecie de doçura, e de naturalidade, as virtudes praticaõ-ſe por enſino, o vicio ſabe-ſe, a virtude aprende-ſe. Miſeravel condiçaõ do homem! O que devia ſaber, ignora, e o que devia ignorar, ſabe: para o que nos he util neceſſitamos de eſtudo, e para o que nos he pernicioſo naõ; para o bem neceſſitamos de lembrança, e para o mal de eſquecimento. He neceſſa-

rio

rio que nos esqueçamos do mal, que já sabemos, e que nos lembremos do bem, que devemos saber; huma cousa custa-nos a lembrar, a outra custa-nos a esquecer. O vicio sabemos sem arte, sem tempo, sem mestre, e sem trabalho; a virtude naõ vem commummente, senaõ como fruto da experiencia, da meditaçaõ, dos preceitos, e dos annos: para o vicio naõ necessitamos de conhecer, nem saber nada, para a virtude he nos preciso conhecer, e saber tudo. Difficultosa empreza! Exercitamos o vicio, ficando da mesma sorte que somos; em lugar que as virtudes, naõ as praticamos, sem que nos mudemos; toda a vida levamos nesta emenda: feliz o que a consegue! Hum homem ás avessas seria hum homem perfeito. Para obrarmos bem, naõ temos mais do que consultar a natureza, e fazer o contrario; se este documento fosse universal, e naõ tivesse alguma, ou muitas limitaçoens, estava achado o meio de abbreviar huma das sciencias que nos he mais importante, entaõ cada hum de nós

ti-

tinha em ſi o caſo, e a lei; ſó com a differença, de que por obrigaçaõ da meſma lei, ſe havia de ſeguir a diſpoſiçaõ que lhe foſſe mais contraria; a ſua obſervancia devia conſiſtir na inobſervancia, e a obediencia na deſobediencia: e com effeito ha muitas couſas, que as naõ vê quem eſtá no meſmo lugar, mas ſim quem eſtá em lugar oppoſto; outras conhecem-ſe melhor por aquillo que lhe he deſconforme; e outras, para ſerem viſtas como ſaõ, naõ ſe haõ de ver directamente. Ha muitas partes donde ſe naõ póde chegar, ſe logo no principio ſe naõ toma huma derrota falſa; e ainda nas verdades ha algumas, que ſe naõ pódem alcançar, ſenaõ pelo caminho do erro; para acertar tambem he neceſſario ver primeiro o deſacerto; a qualidade da luz diſtingue-ſe melhor pelos effeitos da ſombra: quem olha para os montes do Occidente, vê primeiro naſcer o Sol, do que quem inclina a viſta no Oriente. E aſſim vimos ao mundo para fugirmos de nós, iſto he das noſſas paixoens, e entre ellas das noſſas vai-

vaidades, deſtas porém naõ devemos fugir ſempre, porque a vaidade ás vezes he hum vicio, que ſerve de moderar, ou impedir os outros; e com effeito quem naõ tem vaidade alguma deſpreza a reputaçaõ, e por conſequencia a honra: eſta conſtitue huma Religiaõ humana, que ſe naõ póde deſprezar ſem crime; por iſſo o homem de iniquidade he a quem deſemparou naõ ſó a virtude da razaõ, mas tambem o vicio da vaidade. Daqui vem que he util o ter alguma tintura de vaidade, a ſubſtancia naõ; naõ ha de ſer o corpo, mas a ſuperficie.

Nos contratos tem pouca parte a boa fé; as obrigaçoens naõ baſtaõ, e as clauſulas, por mais que ſejaõ fortes, todas ſe controvertem, e pervertem: as condiçoens, por mais que ſejaõ claras, eſcurecem-ſe; nunca faltaõ pretextos para duvidar, nem meios para ſe fazer queſtaõ daquillo, em que a naõ póde haver. Da falta da boa fé naſce a duvida, da duvida naſce o argumento, do argumento a deſuniaõ, e deſta a diſſoluçaõ do

contrato, ou a acçaõ para o desfazer. No principio das noſſas convençoens ninguem adverte por onde poſſa nellas entrar a controverſia, depois de celebradas em cada ponto ſe achaõ mil motivos de diſputa; huma virgula de menos, ou de mais, he baſtante fundamento para huma larga diſcuſſaõ. Quando ſe naõ póde negar o ajuſte, nega-ſe-lhe o ſentido; e eſte quando ſe naõ póde mudar, interpreta-ſe, e vem a ſer o meſmo: o que naõ tem intereſſe em cumprir o ajuſte he, o que deſcobre nelle as implicancias, e defeitos, que os outros lhe naõ vem: naõ ha couſa mais ſubtil do que a malicia; a ſinceridade he ſimples, groſſeira, e innocente: o engano todo ſe compoem de arte; por iſſo a perſpicacia nos homens he qualidade ſuſpeitoſa, e que tem menos valor, que o que commummente ſe lhe dá; porque ſenaõ he final de hum animo dobrado, e infiel, ao menos he prova de que o pode ſer. Quem ſabe o como o mal ſe faz, eſtá mui perto de o fazer; e quem ſabe o como o engano ſe pra-

pratíca, tambem naõ eſtá longe de enganar. A ſciencia do engano he já hum principio delle; que lhe falta a occaſiaõ, e a vontade? A occaſiaõ póde offerecer-ſe, e a vontade poucas vezes reſiſte a occaſiaõ. Por iſſo nos contratos he mais perigoſa a fé nos que ſabem mais; o arrependimento he certo, quando em hum ajuſte, ou naõ ha conveniencia, ou eſta ja paſſou; queremos affaſtar-nos do contrato; o ponto he ſaber o como; e aſſim para a infidelidade ſó nos falta o modo, a reſoluçaõ naõ. O noſſo cuidado todo eſtá em deſcobrir o expediente, e iſto em ordem a moſtrar, que ſe mudamos, he por vicio do contrato, e naõ por noſſo vicio. A repugnancia voluntaria, queremos fazer paſſar por neceſſaria: o violar a boa fé nunca nos ſerve de embaraço, com tanto que a violaçaõ ſe attribua a outrem; e o ſer a culpa noſſa naõ importa, com tanto que pareça alheia; aquillo em que hontem naõ havia nada de impoſſivel, porque era queſtaõ de receber, hoje he todo impraticavel, porque he

queitaõ de dar ; hontem parece que os montes ſe reduziaõ a planicies, hoje as planicies ſe reduzem a montes. Qualquer couſa he hum obſtaculo intratavel: aſſim devia ſer, porque o prometter he facil, o cumprir difficultoſo ; para prometter baſta a intençaõ. Quem promette, exercita hum acto de liberdade, por iſſo póde haver goſto na promeſſa ; quem cumpre, já he por força da obrigaçaõ, por iſſo em cumprir ha huma eſpecie de violencia: a ninguem ſe obriga a que prometta, a que cumpra ſim ; no prometter fazemos nós, no cumprir fazem-nos fazer ; em huma couſa nós ſomos o que obramos, na outra naõ ; para aquella vamos, para eſta levaõ-nos ; no tempo de prometter o que vemos, ſaõ agrados, no tempo de cumprir o que achamos, ſaõ durezas; huma couſa nos inclina, a outra offende-nos ; quando promettemos, ficamos bem com noſco, porque nunca faltaõ agradecimento, e liſonjas, e por conſequencia vaidades ; quando havemos de cumprir, ficamos mal comnoſco,

por-

porque commummente nos arrependemos. Que couſa he o arrependimento, ſenaõ huma ira contra ſi proprio? Eſtes ſaõ os motivos de que naſce a deslealdade nos contratos; e que poucos ſe haviaõ de obſervar, ſe a vaidade que em tudo nos governa, naõ nos obrigaſſe a guardar a fé nas noſſas convençoens! Eſtas, quando ſe cumprem, naõ he por vontade, mas por vaidade; como o noſſo empenho he conſervar a eſtimaçaõ, e opiniaõ dos homens, por iſſo tememos que alguem diga, que mudamos, que faltamos ao ajuſte, e á palavra, ou que enganamos: todas eſtas expreſſoens infamaõ, porque contém hum caracter de reprovaçaõ univerſal, trazem o deſprezo em conſequencia, e ſe ſe juſtificaõ, fazem perder o nome, e o reſpeito, á maneira de huma proſcripçaõ, ou anathema civel; por iſſo a vaidade ſe eſtremece, e nos obriga a ſer leaes, por força da noſſa meſma vaidade. He juſtiça rigoroſa: de ſorte que a vaidade ſendo huma parte de nós meſmos ſe revolta, e ſe dirige: e

aſſim

aſſim ſaõ poucas as couſas, que fazemos ſó pela obrigaçaõ, que temos de as fazer; he neceſſario que outro maior motivo nos incite; o que naõ fazemos pela verdade, fazemos pela vaidade, e deſta ſorte tudo quanto obramos, he por hum principio vicioſo: o bem muitas vezes deſce de huma origem má; a razaõ no homem he como hum licor precioſo em hum vaſo impuro; o licor ſempre ſe contamina com a infecçaõ do vaſo; eſte em nós he a vaidade.

Saõ raras as acçoens, que ſejaõ illuſtres por ſi meſmas; apenas haverá algumas, que naõ deixem conhecer que vem do homem. As mais das couſas admiraõ-ſe, porque ſe naõ conhecem; e juntamente porque nellas ha hum rico véo, que as cobre: vemos hum exterior brilhante, que muitas vezes ſerve de eſconder hum abyſmo horrendo; a meſma luz armaſe de raios, para que naõ poſſa examinar-ſe de donde lhe vem os reſplandores: a formoſura em tudo nos attrahe; a noſſa admiraçaõ naõ póde paſſar além; donde a encontra, ahi

fica

fica ſuſpenſa, e cega. Iſto ſuccede nas acçoens dos homens; as mais ſublimes, parece que nos cegaõ, e ſuſpendem; e talvez ſeriaõ deteſtaveis, ſe lhes naõ ignoraſſemos as cauſas. Tudo o que tem ar de grande prende a noſſa imaginaçaõ de ſorte, que naõ fica livre para diſcorrer na couſa ſenaõ no eſtado de grandeza em que a vê, e naõ para indagar de donde veio, nem como veio. As aguas que ſaltaõ de hum rochedo, e que correm velozmente para o mar, antes que lá cheguem, vaõ paſſando por lugares differentes; em huns alargaõ-ſe, em outros cabem mal; em huns achaõ fundo, e caminhaõ docemente, em outros ſó vaõ lavando a branca arêa; em huns murmuraõ, em outros precipitaõ-ſe; em huns naõ encontraõ embaraço, correm facilmente, e com ſocego, em outros detem-ſe, porque paſſaõ por penedos deſiguaes, em huns parece que fogem, em outros tambem parece que deſcançaõ; em huns vaõ ſem rodeio, em outros retrocedem, e ſe quebraõ em mil giros; aqui vaõ re-

gan-

gando a flor do campo, alli vaõ banhando o junco humilde; aqui correm tranſparentes, e alli vaõ turvas, e limoſas. Eſtas ſaõ todas as mudanças por onde paſſaõ as aguas de huma fonte, deſde que deixaõ o rochedo donde naſcem, até que entraõ no mar a donde morrem: confundidas hoje as ſuas aguas, já naõ ſaõ aguas de huma fonte; já naõ ſaõ aquellas, que vieraõ de hum rochedo ſombrio, e cavernoſo, mudado o nome, e o theatro, agora eſtaõ formando a immenſidade do Oceano: já naõ ſervem de animar o prado, nem de triſte companhia a hum amante ſolitario; já naõ ſervem de eſpelho ás verdes ramas, nem o ſeu ſuſſurro ſerve já de liquido inſtrumento ao canto ſingular das aves; finalmente já naõ ſaõ criſtaes as ſuas aguas, ſaõ ondas. Deſta meſma ſorte ſaõ os homens: aſſim ſahem, aſſim buſcaõ, e aſſim chegaõ ao eſtado da grandeza; a vaidade, que os leva, e acompanha, logo lhes tira da memoria o lugar de que vieraõ, e os que andaraõ, e ſó lhes moſtra aquelle a donde

de eſtaõ: ha muitas couſas que naõ queremos, ou naõ podemos ver nem na ſua origem, nem no ſeu progreſſo; a excellencia do fim nos occupa inteiramente, e impede, que vejamos a fatalidade, ou indignidade dos ſeus meios; até o noſſo penſamento parece que ſe deixa penetrar de attençaõ, e de reſpeito, fortuna naõ eſcolhe os homens, favorece ao primeiro que encontra, porque todos para a fortuna ſaõ iguaes, valem o meſmo; por iſſo o imperio do deſtino he abſoluto, ſem regras, preceitos; a vaidade nos inſinûa, que todos os meios, e caminhos ſaõ bons, quando ſe alcança: a gloria do ſucceſſo regula-ſe pela qualidade da victoria, e naõ pela qualidade do vencedor; importa menos ſaber, quem he o que venceo, ou como venceo, do que ſaber ſómente quem venceo: os homens ſó na razaõ de homens tem igual direito huns para ſubirem, e outros para deſcerem; o merecimento ſó ſe peza naquelles que cahem, e naõ nos que ſobem. Os caminhos examinaõ-ſe aquelles por onde

de ſe naõ chegou , e os meios ſaõ deſapprovados , quando por elles ſe naõ conſeguio ; a fortuna coſtuma haver os merecimentos por juſtificados ; a deſgraça naõ he aſſim , porque os deixa duvidoſos , e ſujeitos ao exame : as acçoens , que conduziraõ a algum fim grande , ainda que injuſto , ſaõ menos aborrecidas ; e iſto á imitaçaõ da luz , que introduz a claridade na meſma eſcuridaõ das trévas. Na parte em que domina algum uſurpador , para elle he que ſe olha , e naõ para a uſurpaçaõ ; vêſe a altura do trono , e naõ ſe vem os degráos por onde ſe ſubio a elle ; os meios por mais que ſejaõ horroroſos , naõ ſe conſideraõ , porque ſaõ como degráos , que ſe piſaõ ; o ponto he que o fim ſeja feliz. Se a vaidade foſſe huma virtude , ſó nos havia de inſpirar meios virtuoſos ; mas como he vicio , tudo nos enſina : por iſſo o ſer cruel , traidor , tyranno , naõ faz horror a quem neceſſita da traiçaõ , da tyrannia , e da crueldade. O eſtado da grandeza poucas vezes ſe adquire juſtamente , a for-

fortuna parece que ſe irrita de que a naõ buſquem por todos, e quaeſquer modos: naõ ha couſa que nos faça buſcar a fortuna tanto como a vaidade.

A ambiçaõ dos homens por huma parte, e pela outra a vaidade, tem feito da terra hum eſpectaculo de ſangue: a meſma terra, que foi feita para todos, quizeraõ alguns fazella unicamente ſua: digaõ os Alexandres, os Ceſares, e outros mais conquiſtadores; heróes naõ por principio de virtude, ou de juſtiça, mas por hum exceſſo de fortuna, de ambiçaõ, e de vaidade. Eſſes meſmos, que tomados por ſi ſós cabiaõ em hum breve eſpaço, medidos pelas ſuas vaidades, apenas cabiaõ em todo o mundo: que mais podia excogitar a vaidade, do que fazer que alguns ſe lamentaſſem de ſer o mundo eſtreito, e limitado! Já lhes parecia que o tinhaõ todo debaixo do ſeu poder; que tudo eſtava já ſujeito, e que ainda aſſim era curto imperio todo o circuito da terra, e toda a vaſtidaõ do mar. Aquella vai-

doſa infelicidade de que ſe lamentavaõ, conſiſtia em naõ haver mais mundos que pudeſſem invadir, devaſtar, vencer; era deſgraça nelles o naõ poderem fazer mais deſgraçados. Huma conquiſta injuſta ſempre começa pela oppreſſaõ dos homens conquiſtados, e pelo deſtroço de huma terra alheia, por iſſo as façanhas que ſó tem por principio a vaidade do valor, reputaõ-ſe grandes á proporçaõ da impiedade, com que o meſmo valor as executa; fazem-ſe famoſas pela meſma impiedade: daqui vem que nos annaes da Hiſtoria, a parte que ſe admira mais, e que mais ſe imprime na lembrança, he aquella em que a narraçaõ ſe compoem de ſucceſſos mais crueis; e em que os campos, que foraõ de batalha, cubertos ainda hoje de eſqueletos informes, e partidos conſervaõ certo horror; eſſes campos fataes, em que ſe obſervaõ eſpectros, de baixo da viſaõ de humas luzes volateis, e em que ſe ouvem ainda hoje, entre o rouco ſom de caixas, e trombetas, vozes mal articuladas, ala-

alaridos confuſos, e lamentos triſtes; eſſes campos, que depois de muitos ſeculos ainda trazem á memoria repreſentaçoens funeſtas, e em que as plantas, parece naſcem com medo, e que o humor, que recebem da terra, he ſenſitivo; eſſes campos finalmente foraõ os meſmos, em que a vaidade vencedora, arrancou os louvores para coroar as ſuas empreſas. Que monſtro inſpiraria a regra de medir-ſe a gloria dos combates, menos pela conſequencia delles, que pelo eſtrago; menos pela utilidade, que pela ruina; menos pela fortuna de huns, que pela deſgraça de outros? Quantos maiores ſaõ os ais, os gemidos, e os clamores, tanto maior he a acçaõ, e a vaidade de quem os move. Que imaginaçaõ barbara, e feroz, ſeria a que ideou no vencimento o ſer ſuperior aquelle, de que reſulta huma deſolaçaõ univerſal? O ſer couſa de que o mundo tome outra figura, outra ordem, outro movimento; o ver perturbadas as gentes, cheias de afflicçaõ, e eſpanto; o achar todos os caminhos hu-

humedecidos com lagrimas; rubricados com ſangue, e impedidos com os deſpedaçados corpos de mil agoniſantes; o ouvir no ar em eccos entercadentes huma multidaõ de ſoluços, e ſuſpiros; o abater imperios, e fazer delles deſertos ſolitarios; tudo fórma hum objecto agradavel, pompoſo, e illuſtre, em que a vaidade ſe inflamma, ſe eſtende, e enſoberbece. A vaidade de hum enthuziaſmo heroico conſiſte em querer reunir em hum ſó braço toda a força, que a Providencia repartio por muitos; e em querer reduzir a hum ſó homem toda a natureza humana.

Naſcem os homens iguaes; hum meſmo, e igual principio os anima, os conſerva, e tambem os debilita, e acaba. Somos organiſados pela meſma fórma, e por iſſo eſtamos ſujeitos ás meſmas paixoens, e ás meſmas vaidades. Para todos naſce o Sol; a Aurora a todos deſperta para o trabalho; o ſilencio da noite, annuncia a todos o deſcanço. O tempo que inſenſivelmente corre, e ſe diſtribue em annos, mezes, e horas, pa-

para todos ſe compoem do meſmo numero de inſtantes. Eſſa tranſparente regiaõ a todos abraça; todos achaõ nos elementos hum patrimonio commum, livre, e indefectivel; todos reſpiraõ o ar; a todos ſuſtenta a terra; as qualidades da agua, e do fogo, a todos ſe communicaõ. O mundo naõ foi feito mais em beneficio de huns, que de outros, para todos he o meſmo; e para o uſo delle todos tem igual direito; ou ſeja pela ordem da natureza, ou ſeja pela ordem da ſua meſma inſtituiçaõ; todos achamos no mundo as meſmas partes eſſenciaes. Que couſa he a vida para todos mais do que hum enleio de vaidades; e hum giro ſucceſſivo entre o goſto, a dor, a alegria, a triſteza, a averſaõ, e o amor? Ainda ninguem naſceo com a propriedade de inſenſivel; a vida naõ póde ſubſiſtir, ſem eſtar ſubordinada ás impreſſoens do goſto, e do ſentimento. Todos naſcemos para chorar, e para rir; a circunſtancia de chorar mais, ou menos, reſulta de cada hum de nós. A violencia, e a vaida-

de

de das noſſas paixoens nos faz appetecer; e quem appetece, já ſe expoem aos delirios do riſo, e ás amarguras das lagrimas; eſſe meſmo appetecer ainda ſó por ſi, he huma eſpecie de ſentimento, e de prazer; a imaginaçaõ nos anticipa tudo, por iſſo o noſſo contentamento, ou a noſſa pena, chegaõ primeiro do que o ſeu objecto; e eſte quando vem, já nós eſtamos, ou abatidos de triſteza, ou cheios de alegria: ſomos taõ ſenſiveis, que os ſucceſſos para nos moverem, naõ he neceſſario que eſtejaõ em nós; baſta que os vejamos de lonje; a noſſa ſenſibilidade tem maior força na noſſa meſma apprehenſaõ; daqui vem que no mal, que ſe eſpera, ou ſe receia, naõ póde haver alivio, porque o penſamento lhe dá huma extenſaõ maior; em lugar, que o mal que já ſe ſente, póde conſolar-ſe, porque entaõ ſe vê que tem limite. As couſas parece que ſe eſpiritualizaõ para ſe entregarem a nós aſſim que as imaginamos; ou ao menos para que a efficacia dellas ſe incorpore em nós, mui-

muito antes que ellas cheguem; e deſte modo as couſas antes que as tenhamos, já ſaõ noſſas; e quando a cauſa ſe apreſenta, já temos ſentido os effeitos; por iſſo deſconhecemos tudo o que vimos a alcançar, e nos parece que ha falta naquillo que vimos a conſeguir: as couſas, quando chegaõ, já nos achaõ ſaciados; porque o deſejo he huma eſpecie de gozar mais activa, e mais duravel, mais forte, e mais continua; daqui procede o ſer taõ dileitavel a eſperança, porque he huma eſpecie de poſſeſſaõ daquillo que ſe eſpera. Quem imagina o que deſeja, tudo pinta com cores liſonjeiras, e mais vivas; por iſſo a verdade he groſſeira, e mal polida, tudo o que deſcobre, he ſem adorno, antes faz deſvanecer aquella apparencia feliz, com que os objectos primeiro ſe deixaõ ver na idéa, do que ſe moſtrem na realidade. Todas eſtas propenſoens, e inclinaçoens ſe encontraõ em cada hum de nós; e aſſim devia ſer, porque as variaçoens do tempo, da idade, da fortuna, e dos ſucceſſos,

a todos comprehende, e a todos iguala; ſó a vaidade a todos diſtingue, e em todos poem hum final de differença, e hum caracter de deſigualdade, e por mais que a terra foſſe feita para todos, nem por iſſo a vaidade crê, que hum homem ſeja o meſmo que outro homem. He ſubtil a vaidade em diſcorrer; por iſſo nos inſpira, que ha deſigualdade no que he igual; que ha differença no que he o meſmo; e que ha diverſidade donde a naõ póde haver: mas que importa que a vaidade aſſim diſcorra, ſe ſempre he certo, que os homens todos ſaõ huns, e que os naõ ha de differente fabrica; e que tudo quanto a vaidade ajunta ao homem, he empreſtado, fingido, ſuppoſto, e exterior. Tirada a inſignia, o que fica, he hum homem ſimples; deſpida a toga Conſular, tambem fica o meſmo. Se tirarmos do Capitaõ a lança, o caſco de ferro, e o peito de aço, naõ havemos de achar mais do que hum homem inutil, e ſem defeza, e por iſſo timido, e cobarde. Os homens mudaõ-ſe todas as vezes que ſe

ſe veſtem ; como ſe o habito infundiſſe huma nova natureza : verdadeiramente naõ he o homem o que muda , muda-ſe o effeito que faz em nós a indicaçaõ do habito. De baixo de hum apreſto militar , concebemos hum guerreiro valeroſo ; de baixo de huma veſtidura negra , e talar , o que ſe nos ſegura , he hum Juriſconſulto rigido , e inflexivel ; de baixo de hum ſemblante deſcarnado , e macilento , o que deſcobrimos , he hum auſtero Anachoreta. O homem naõ vem ao mundo moſtrar o que he , mas o que parece ; naõ vem feito , vem fazer-ſe ; finalmente naõ vem ſer homem , vem ſer hum homem graduado , illuſtrado , inſpirado de ſorte que os attributos , com que a vaidade veſte ao homem , ſaõ ſubſtituidos no lugar do meſmo homem ; e eſte fica ſendo como hum accidente ſuperficial , e eſtranho : a maſcara , que encobre , fica identificada , e conſubſtancial á couſa encuberta ; o véo que eſconde , fica unido intimamente á couſa eſcondida ; e aſſim naõ olhamos para o homem ; olha-

mos para aquillo que o cobre, e que o cinge; a guarniçaõ he a que faz o homem, e eſte homem de fóra he a quem ſe dirigem os reſpeitos, e attençoens; ao de dentro naõ; eſte deſpreza-ſe como huma couſa commûa, vulgar, e unifórme em todos. A vaidade, e a fortuna ſaõ as que governaõ a força deſta vida; cada hum ſe poem no theatro com a pompa, com que a fortuna, e a vaidade o poem; ninguem eſcolhe o papel; cada hum recebe o que lhe daõ. Aquelle que ſahe ſem fauſto, nem cortejo, e que logo no roſto indica, que he ſujeito á dor, á afflicçaõ, e á miſeria, eſſe he o que repreſenta o papel de homem. A morte que eſtá de ſentinella, em huma maõ tem o relogio do tempo, na outra tem a fouce fatal, e com eſta de hum golpe certo, e inevitavel, dá fim á tragedia, corre a cortina, e deſapparece: a fortuna, e a vaidade, que vem desbaratada a ſcena, cahidas por terra as apparencias, proſtrados os actores, emmudecido o coro, trocados os clarins em flautas

triſ-

triſtes, os himnos em trenos, os canticos em elegias, e em epitafios os emblemas; as roſas encarnadas convertidas em lirios roxos, os giraſoes em deſmaiadas aſſucenas, entrelaçados os louros no cipreſte, os cajados confundidos com os cetros, e com burel a purpura; a vaidade pois, e a fortuna, que em menos de hum inſtante viraõ deſvanecidos os triunfos da vida pelos triunfos da morte, precipitadamente fogem, e deixaõ hum lugar cheio de horror, e ſombras, e donde ſó reina o luto, a verdade, e o deſengano. Aſſim acaba o homem, aſſim acabaõ as ſuas glorias, e ſó aſſim acaba a ſua vaidade.

A fraqueza dos noſſos ſentidos nos impede o goſar das couſas na ſua ſimplicidade natural. Os elementos naõ ſaõ em ſi como nós os vemos: o ar, a agua, e a terra a cada inſtante mudaõ, o fogo toma a qualidade da materia que o produz, e tudo em fim ſe altera, e ſe empeora para ſer proporcionado a nós. A virtude muitas vezes ſe acha com miſtura de algum vicio; no vicio tambem

bem ſe pódem encontrar alguns raios de virtude ; incapazes de hum ſer conſtante , e ſolido , apenas ſe póde dar em nós virtude ſem mancha , ou perfeito vicio : a juſtiça tambem ſe compoem de iniquidade ſemelhante à armonia , que naõ póde ſubſiſtir ſem diſſonancia , antes com correſpondencia certa , a diſſonancia he huma parte da armonia. Vemos as couſas pelo modo com que as podemos ver , iſto he , confuſamente , e por iſſo quaſi ſempre as vemos como ellas naõ ſaõ. As paixoens formaõ dentro de nós hum intrincado labirintho, e neſte ſe perde o verdadeiro ſer das couſas, porque cada huma dellas ſe apropria á natureza das paixoens por onde paſſa. Tomamos por ſubſtancia , e entidade , o que naõ he mais do que hum coſtume de ver , de ouvir , e de entender ; a vaidade, que de todas as paixoens he a mais forte , a todas arraſta , e dá ao noſſo conceito a fórma , que lhe parece : o entendimento he como huma eſtampa , que ſe deixa figurar , e que facilmente recebe a figura , que ſe lhe

lhe imprime. A vaidade propoem, e decide logo, de ſorte que quando as couſas chegaõ ao entendimento, já eſte eſtá vencido; o que faz he approvar a preoccupaçaõ anterior, que a vaidade lhe introduz, e aſſim quando a vaidade buſca o entendimento he ſó por formalidade, e ſó para a defender, e authoriſar, e naõ para aconſelhar. O diſcorrer com liberdade, ſuppoem huma excluſaõ de todas as paixoens; que os homens ſe poſſaõ iſentar de algumas, póde ſer, mas que de todas fique iſento ao meſmo tempo, he mui difficil. Tudo quanto vemos, he como por huma interpoſta nuvem; o que imaginamos, tambem he como por entre o embaraço de mil principios differentes, incertos, e duvidoſos; e quando nos parece que a noſſa viſta rompeo a nuvem, e que o noſſo diſcurſo desfez o embaraço, entaõ he que eſtamos cegos, e entaõ he que erramos mais. A vaidade nos tem em hum continuo movimento, e como he paixaõ dominante em nós, a todas as mais ſujeita, e prevalece a to-

todas : ſemelhante ao impulſo das ondas, a que naõ reſiſte o fragil de huma náo , quando o mar embravecido a faz correr com a tormenta ; o navegante parece que buſca o perigo , porque naõ ſe oppoem á corrente das aguas , antes as ſegue , e ſó aſſim eſcapa o naufragio. Quantas vezes o buſcar o precipicio he o unico meio de o evitar ! A vaidade he a tormenta , ou o mar tempeſtuoſo que nos move : o deixar de a ſeguir , nem ſempre póde ſer , nem he acertado ſempre ; porque a vaidade he hum mal commum , e entre os homens he culpa o naõ participar de hum contagio univerſal ; he crime o conſervar-ſe puro no meio da impureza : eſſas meſmas aguas nos enſinaõ ; todas ſe movem ; o furor , com que ſe quebraõ , as conſerva ; o ſeu repouſo ſeria o meſmo que a ſua corrupçaõ.

Em nada podemos eſtar firmes , pois vivemos no meio de mil revoluçoens diverſas : as idades , e a fortuna continuamente combatem a noſſa conſtancia ; tudo conſiſte em re-

pre-

preſentaçaõ que começa, naõ para exiſtir, mas para acabar; menos para ſer, que para ter ſido. Vimos ao mundo a moſtrar-nos, e a fazer parte da diverſidade delle; as couſas parece que nos vaõ fugindo, até que nós vimos a deſapparecer tambem. Somos formados de inclinaçoens oppoſtas entre ſi, e temos em nós huma propenſaõ occulta, que ſobre a apparencia de buſcar os objectos, ſó procura nelles a mudança. A inconſtancia nos ſerve de alivio, e deſopprime, porque a firmeza he como hum pezo, que naõ podemos ſupportar ſempre, por mais que ſeja leve: e com effeito como pódem as noſſas idéas ſerem fixas, e ſempre as meſmas; ſe nós ſempre vamos ſendo outros? Tudo nos he dado por hum certo tempo; em breves dias, e em breves horas ſe deſvanece a razaõ da novidade, que nos fazia appetecer; fica inviſivel aquelle agrado, que nos tinha induzido para deſejar. quantas vezes eſperamos as ſombras da noite com mais fervor do que as luzes do dia; naõ por vicio do deſe-

ſejo, mas porque naõ temos forças para ſupportar o bem, nem para conſervar o mal? Tudo nos cança; naõ ſó nos he preciſo conſtancia para ſoffrer; tambem neceſſitamos paciencia para gozar; a meſma delicia nos importuna. Perdemos as couſas, primeiro pela noſſa indifferença, que pelo fim dellas; primeiro porque ſe acaba em nós o goſto, do que nellas a duraçaõ; unicamente ſenſiveis quando começamos a ver, ou a alcançar; entaõ gozamos, depois ſó poſſuimos. Os objectos depois de viſtos muitas vezes, ficaõ como differentes da primeira vez que os vimos; perdem todo o noſſo reparo, e attençaõ: os olhos facilmente ſe eſquecem do que ſempre vem; naõ porque o coſtume nos tire a admiraçaõ, mas porque a fraqueza dos noſſos ſentidos a naõ póde conſervar. Oh quaõ diverſos ſaõ em ſi os principios de que ſe compoem o homem; primeiramente terra, e ultimamente racional! Começa a melhorar-ſe deſde a ſua primeira origem até que vem a tornar á aquillo de que proce-

cedeo. Infeliz metamorfoſis! Tudo o que naſce he para naõ ſer firme, nem conſtante: a terra apenas alenta as ſuas producçoens, quando logo as deixa, e deſanima; o meſmo firmamento, com giro rapido, eſconde pela tarde os Aſtros que amanheceraõ com a Aurora. Só a vaidade he conſtante em nós; em tudo o mais a firmeza nos moleſta: com o tempo, e a razaõ vimos a perder huma grande parte da ſenſibilidade no exercicio das paixoens; porém o exercicio da vaidade naõ ſe perde com a razaõ, nem com o tempo. O noſſo goſto debilita-ſe, altera-ſe, muda-ſe, e tambem ſe acaba; a vaidade ſempre perſiſte, e dura: iſto deve ſer, porque os noſſos ſentidos uſaõ-ſe; a vaidade naõ: naquelles o coſtume os enfraquece, neſta o coſtume a augmenta, e aviva. A juriſdicçaõ dos ſentidos he muito limitada, porque os olhos ſó vem, os ouvidos ſó ouvem, e o tacto ſó ſente; e para haver ainda menos firmeza nos ſentidos, eſtes quaſi ſempre eſtaõ enfermos; e naõ póde haver conſtancia,

donde póde haver enfermidade, de ſorte que a inconſtancia naõ he mais do que enfermidade dos ſentidos. As noſſas acçoens dependem mais da conſtituiçaõ do noſſo corpo, que da eſtabilidade da noſſa vontade; o eſtado do noſſo animo depende da noſſa diſpoſiçaõ; por iſſo a inconſtancia he natural, porque logo què naſcemos, entramos em hum eſtado continuo de mudar. O tempo naõ conta a noſſa idade pelos annos, mas ſim pelos inſtantes, e cada inſtante de mais tambem he de mais em nós huma mudança. Caminhamos com preſſa, e com goſto para o fim; ſemelhantes aos rios, que apreſſadamente correm para o mar, donde perdem a doçura, e acabaõ. Naõ ha imagem mais propria da vaidade humana, do que eſſes meſmos rios; nem todos tem o naſcimento em hum profundo lago; nem todos trazem do monte Olimpo a origem; nem todos correm por entre flores, por entre platanos, e cedros; nem todos trazem ouro nas arêas, porque nem todos vem de donde vem o Tejo; huns

aſ-

assim que nascem, logo formaõ hum diluvio de agua, innundaõ a campanha, e com violencia, e pezo, tudo abatem, forçaõ, levaõ; o leito que os sustenta, em partes se abre, se rompe, e se desfaz. Outros rios mais pequenos no principio, depois se fazem caudalosos, no caminho engrossaõ com empreſtadas aguas, que recebem: huns correm por cima de esmeraldas, outros naõ tem no fundo mais do que humildes conchas, pardos seixos, verdes limos; huns nascem entre cristaes claros; outros entre rocha escura; huns passaõ escumando, e com estrondo, outros só murmuraõ; huns achaõ campo largo, em que as aguas se dilataõ, e em que o Sol se vê, outros correm prezos, e opprimidos por entre serras agrestes, e sombrias; huns tem alto o nascimento, porque este he no cume de altos montes, por isso ainda quando descem passaõ com estrepito, e furor; outros tem o mesmo nascimento baixo, porque este he na parte mais remota de hum valle inferior, por isso correm man-

sa-

ſamente, e ſem ruido, ſó ſe deixaõ ver e naõ ſe ouvem; finalmente huns ſaõ frios com exceſſo; outros tem calor; huns ſervem de remedio, outros de mal; de huns ſabe-ſe o principio, de outros naõ; huns tem nome famoſo nos annaes da hiſtoria, outros apenas ſe conhecem. Todas eſtas differenças, encontraõ-ſe nos rios; huns pequenos, outros grandes; huns elevados, outros abatidos. Parece que tambem nas aguas ha fortuna, e vaidade. Mas que importa, a differença dos lugares, naõ faz que as aguas ſejaõ differentes: que humas naſçaõ nos montes, e outras nos valles; que humas venhaõ das nuvens, e outras da terra: que humas corraõ claras, e outras turvas, nada diſſo faz nas aguas diverſidade alguma; todas ſaõ as meſmas na razaõ de aguas; o que ſuccede he paſſarem por lugares differentes; a natureza, o principio, e o fim he o meſmo; todas vem do mar e tornaõ para o mar; o ſerem as aguas muitas, de ſorte que cheguem a formar hum rio, ou ſerem poucas, de ſorte que ſó fórmem

mem huma fonte, naõ introduz nellas differença. Quem ha de dizer, que muitos homens, juntos na razaõ de homens, ſejaõ differentes daquelles que eſtaõ ſós? O mar he o centro de donde as aguas ſahem, e para donde tornaõ; os meatos da terra em humas partes ſaõ eſtreitos e em outras largos, daqui vem que quando as aguas chegaõ á ſuperficie do globo, ſuccede ſahirem com mais, ou menos abundancia, e aſſim naõ differem os rios das fontes, ſenaõ no diametro do canal, e em eſte ſe terminar em algum monte, ou algum valle; e neſta fórma de que ſe deſvanecem eſſes rios? Será de paſſarem por caminhos mais, ou menos largos? De ſe juntarem huns com outros, e fazerem mais volume? De encontrarem diamantes? Ou de acharem hum campo mais, ou menos dilatado? Nada diſſo he ſeu. Que luſtre póde reſultar do encontro de huma couſa alheia, diſtincta, ſeparada, e eſtranha? As aguas paſſaõ como ſaõ, e por paſſarem por rubins, naõ ſe convertem nelles, nem ſe digni-

nificaõ pela qualidade do caminho: o correrem mais juntas, naõ lhes muda a natureza; a ſubſtancia de huma pinga de agua, he a meſma que a de hum rio inteiro; o tamanho he circunſtancia exterior, e independente. Na creaçaõ do mundo naõ houve nas aguas differença, ſó houve diviſaõ; a diverſidade ſó foi no nome, e no lugar, mas naõ na materia original: o Eſpirito vivificante, e eterno, em todas infundio hum movimento proprio, circular, fecundo, e ſujeito ás leis do pezo, e do equilibrio. Ha pois nas aguas o meſmo naſcimento em todas, a meſma propriedade, e o meſmo fim. Aſſim ſaõ os homens; no ſeu genero, tem com as aguas hum parallelo, ou figura igual. Nem todos naſcem na abundancia; nem a todos a fortuna liſonjea; huns parece que naſcem para o deſcanço, outros para o trabalho, huns para a grandeza, outros para a humildade; huns para a opulencia, outros para a miſeria; huns para o reſpeito, outros para o deſprezo; huns para a memoria, outros

tros para o eſquecimento, huns para a bonança, outros para a tormenta; huns para venturas, outros para deſgraças; huns para as attençoens, outros para os deſcuidos; a huns vemos ſubir, a outros deſcer. Mas que importa que no exterior do homem haja tanta differença, ſe no ſeu interior naõ ha nenhuma? Que importa que ſejaõ diverſos os lugares, ſe nos ſujeitos naõ ha diverſidade? Quem ha de haver que diga, que o homem que eſtá poſto no elevado de huma torre, ſeja mais homem, que aquelle que eſtá poſto em campo razo? O homem muda de lugar, mas naõ muda o ſer de homem; em toda a parte he o meſmo, e em nenhuma he mais, nem menos; póde parecer maior, mas ſer, naõ. O Sol no meio dia brilha mais, naõ porque deixe de ſer o meſmo, nem porque entaõ tenha mais luz, mas porque eſta faz mais effeito em hum lugar, que em outro; no Occaſo, e no Oriente he o meſmo Sol, e a meſma luz; mas naõ parece o meſmo. Aſſim ſaõ os homens; em qual-

quer parte que os ponhaõ, todos saõ iguaes, e uniformes; a differença, que ha entre elles, naõ tem outro fundamento, que o que vem da preoccupaçaõ, e do conceito; saõ duas cousas, e ambas vãs, porque nenhuma tem realidade. A fortuna póde armar o homem com jeroglificos, e adornos figurados, mas naõ o póde armar senaõ por fóra; quem levantar as roupas, ha de ver o engano, e a suppoſiçaõ, e naõ ha de achar mais do que hum homem como os outros, cujo ornato he de pura fantasia, arbitraria, artificial, e separavel; a fortuna póde vestir, naõ póde formar; sabe fingir, mas naõ sabe fazer. O mesmo obsequio todo se compoem de hum ceremonial imaginario, mudavel, de instituiçaõ nacional, e variante. O incenso que algumas vezes he symbolo da vaidade, e da lisonja, primeiro que exhale o seu perfume, arde, e no ar se extingue, e se consome. Tudo o que nos recreia, e nos attrahe, he exhalaçaõ, e fumo; por isso o emprego da vaidade todo consis-

ſiſte em dar ſubſtancia ás vozes, entidade ao modo, e corpo ao vento.

A vaidade ſatisfeita, ou offendida, he a que nos faz buſcar a ſolidaõ, e o retiro; como temeroſos de perder a triſteza, em que achamos hum agrado de genero diverſo. Ha muitos males, em que a vaidade parece ſe deleita; e ainda ſem vaidade a alegria muitas vezes nos foçobra; naõ ſó o exceſſo, mas ainda a mediocridade della; porque nunca a gozamos ſem alguma perturbaçaõ: hum receio inſenſivel de a perdermos, baſta para opprimir-nos, e por mais que o contentamento nos extaſie, nunca nos deixa em eſtado de naõ ſentir. A vaidade ſatisfeita naõ nos entrega á alegria, ſem primeiro a temperar, com a meſma equidade com que nunca nos entrega todos á triſteza. A uniaõ do goſto com o pezar naõ he incompativel, por mais infinita que nos pareça a diſtancia de hum a outro extremo. Tambem a vaidade, e a humildade muitas vezes ſe encontraõ, ſe unem, e ſe conſervaõ,

A mais pura alegria he aquella que gozamos no tempo da innocencia; eſtado venturoſo, em que nada diſtinguimos por diſcurſo, mas por inſtincto; em que nada conſidera a razaõ, mas ſim a natureza. Entaõ circula veloz o noſſo ſangue, e os humores que em hum mundo novo, e reſumido, apenas tem tomado os ſeus primeiros movimentos, os humores ſaõ os que produzem as noſſas alegrias; e com effeito naõ ha alegria ſem grande movimento; por iſſo vemos, que a triſteza nos abate, e a alegria nos move: o ſocego ainda que indica contentamenro, com tudo mais he repreſentaçaõ da morte que da vida, e a tranquilidade póde dar deſcanço, porém alegria naõ a dá ſempre. Mas como póde deixar de ſer pura a alegria dos primeiros annos, ſe ainda entaõ a vaidade naõ domina em nós? Entaõ ſó ſentimos o bem, e o mal, que reſulta da dor, ou do prazer; depois tambem ſentimos o mal, e o bem da opiniaõ; iſto he da vaidade: por iſſo muitas couſas nos alegraõ, que to-

ma-

madas em ſi meſmas, naõ tem mais bem, que aquelle com que a vaidade as conſidera; e outras tambem nos entriſtecem, que tomadas ſó por ſi, naõ tem outro mal, que aquelle que a meſma vaidade lhes ſuppoem. A vaidade naturaliza em nós as opinioens do mundo; e de tal ſorte, que o conceito, que formamos das couſas, por mais que nos ſeja indifferente, ou incerto, ſempre faz em nós huma verdadeira impreſſaõ de alegria, ou de triſteza. Tudo o que ſabemos, he como por tradiçaõ: porque ſucceſſivamente himos deixando huns aos outros as intelligencias, em que ſe fundaõ as noſſas vaidades, e as himos paſſando como de maõ em maõ; as que recebemos dos que já vieraõ, eſſas meſmas havemos de deixar aos que haõ de vir; he huma herança, que ſe diſtribue igualmente a todos, e que todos largaõ, e entregaõ na meſma fórma que recebem; por iſſo as idéas novas reputaõ-ſe como partos illegitimos, e ſuppoſtos, porque lhes falta a authoridade do tempo, que as devia au-

authenticar. Tudo envelhece no mundo; e a velhice em tudo imprime hum caracter veneravel; a antiguidade ennobrece as vaidades, e opinioens, e deſtas as modernas ſaõ menos ſingulares, porque tem a deſgraça de começar: daqui vem que naõ temos alegria, ſenaõ em quanto naõ temos vaidade, e naõ temos vaidade, ſenaõ em quanto naõ temos ſciencia della. A entrada da vida he innocente, por iſſo entaõ he pura a alegria; a continuaçaõ da meſma vida he vaidoſa, por iſſo a alegria entaõ he imperfeita. Nos primeiros annos vemos as couſas como ellas ſaõ, depois vemolas, como os homens querem, que ellas ſejaõ; em hum tempo a alegria ſó depende de nós: depois tambem depende dos outros; naquelle a alegria vem de huma natureza ainda ignorante, e ſem vaidade: depois procede de huma natureza já inſtruida, e por conſequencia vaidoſa. Que couſa he a ſciencia humana, ſenaõ huma humana vaidade? Quem nos dera, que aſſim como ha arte para ſaber, a houveſſe tam-

tambem para ignorar ; e que aſſim como ha eſtudo , que nos enſina a lembrar , o houveſſe tambem , que nos enſinaſſe a eſquecer.

Somos compoſtos de huma infinidade de paixoens diverſas , e entre ellas a alegria , e a triſteza ſaõ as que ſe manifeſtaõ mais , e as que ſaõ mais difficeis de occultar : o ſemblante reveſte-ſe do eſtado do noſſo animo , e a alma que em qualquer parte do corpo nos anima , ou ſe moſtra proſtrada , e ſem acçaõ , ou cheia de huma juſta deſordem , e de alento ; ſe ſe vê afflicta , nos deſempara , e ſe retira ao fundo mais interior de nós meſmos ; contente , procura apparecer , e ſe faz viſivel debaixo da fórma do noſſo riſo. Iſto meſmo ſuccede á vaidade ; naõ ſe póde eſconder , por mais que tome a figura de humildade , de ſubmiſſaõ , e reverencia ; a meſma vaidade quando eſtá contente , logo ſe deſcobre , e ſe deixa ver debaixo de hum ar altivo , e arrogante ; ſe eſtá menos ſatisfeita , entaõ he que toma hum ar de devoçaõ , e deſengano : com

tu-

tudo a hiprocrisia da vaidade póde durar muito ; porque como os homens de tudo se intumecem , em tudo acha a vaidade hum exercicio essencial ; por isso naõ só ha vaidade na alegria , mas tambem na tristeza: o homem naõ só se desvanece da fortuna , mas tambem da desgraça; de sorte que a vaidade he o mesmo que huma consolaçaõ universal.

A fortuna nos dispoem para a alegria, mas naõ he só o que a causa ; a desgraça conduz para a tristeza , porém naõ he só, o que a motiva ; antes parece que ha huma certa porçaõ de alegria , e de tristeza , que ha de passar por nós precisamente ; a fortuna , e a desgraça naõ a produz , só a desperta. Tudo nos he dado como por conta ; a vida , a fortuna , a desgraça , a alegria , e a tristeza : em tudo ha hum ponto certo , e fixo ; a vaidade que governa todas as paixoens , em humas augmenta a actividade , em outras diminue ; e todas recebem o valor , que a vaidade lhes dá. Estamos no mundo para ser alvos do tempo ; e deste to-

todas as mudanças naõ ſe derigem a nós, dirigem-ſe á noſſa vaidade: os ſucceſſos fazem effeito em nós, porque primeiro o fazem na noſſa vaidade; de ſorte que hum homem ſem vaidade ſeria o meſmo que hum homem inſenſivel; o prazer, e o deſgoſto, que naõ vem das primeiras leis da natureza, ſaõ vãos em ſi meſmos, de inſtituiçaõ politica, e unicamente creaturas da vaidade.

As virtudes humanas muitas vezes ſe compoem de melancolia, e de hum retiro agreſte. As mais das vezes he humor o que julgamos razaõ; he temperamento o que chamamos deſengano; e he enfermidade o que nos parece virtude. Tudo ſaõ effeitos da triſteza; eſta nos obriga a ſeguir os partidos mais violentos, e mais duros, raras vezes nos faz reflectir ſobre o paſſado; quaſi ſempre nos occupa em conſiderar futuros; por iſſo nos infunde temor, e cobardia, na incerteza de acontecimentos felices, ou infauſtos; e verdadeiramente a alegria nos governa em fórma, que ſeguimos como por força os mo-

movimentos della ; e do meſmo modo os da triſteza. Hum animo alegre disfarça mal o riſo ; hum coraçaõ triſte encobre mal o ſeu deſgoſto : como ha de chorar quem eſtá contente ? E como ha de rir quem eſtá triſte ? Se alguma vez ſe chora donde ſó ſe deve rir, ou ſe ri por aquillo porque ſe deve chorar , a alma entaõ penetrada de dor , ou de prazer , deſmente aquelle exterior fingido , e falſo. Só a vaidade ſabe transformar o goſto em dor ; e eſta em prazer , a alegria em triſteza , e eſta em contentamento ; por iſſo as feridas naõ ſe ſentem, antes liſonjeaõ , quando foraõ alcançadas no ardor de huma peleja , eſclarecida pelas circunſtancias da victoria ; as cicatrizes por mais que cauzem deformidade enorme , naõ entriſtecem , antes alegraõ , porque ſervem de prova , e inſtrumento viſivel , por onde a cada inſtante, e ſem palavras , o valor ſe juſtifica ; ſaõ como huma prova muda , que todos entendem , e que todos vem com admiraçaõ , e com reſpeito ; a triſteza , que devia reſultar da fealdade ,

con-

confunde-ſe, perde-ſe, e ſe muda em alegria, por meio das acclamaçoens do applauſo; a dor do golpe tambem ſe converte em goſto, por meio do remedio, e ſimpathia do louvor; eſte attrahe a ſi toda a noſſa ſenſibilidade, e deixa a natureza como inſenſivel, abſorta, e indolente: aſſim ſe vê, que a vaidade nos livra de huma dor como por encanto; por iſſo nos he util, pois ſerve de acalmar os noſſos males; e ſe os agrava alguma vez, he como a maõ do artiſta, que faz doer para curar: e com effeito a vaidade naõ perſiſte muito em fazer ſenſivel a razaõ que nos moleſta; na meſma injuria do deſprezo ſabe deſcobrir algum motivo, que ou diminue a pena, ou totalmente a tira; lá vai buſcar a Religiaõ para fazer da paciencia o maior merecimento; outras vezes faz que achemos nos exemplos hum alivio conſtante; e que o meſmo vituperio, viſto em ſujeitos grandes, naõ ſó desfarça o noſſo pela imitaçaõ, mas que tambem o authorize, e illuſtre pela razaõ da ſemelhança. A vaida-

de

de naõ conſente, que a noſſa preſumpçaõ fique abatida, antes para a conſervar, lembra mil interpretaçoens, e applicaçoens forçadas; daqui vem o excogitar a vaidade a regra, de que hum dos privilegios da grandeza, he ſer ſuperior ás maximas do vulgo, e que nella o deſcredito naõ deſacredita, a deshonra naõ deshonra, e a infamia naõ infama. A vaidade da grandeza parece que he mais ſubtil, e mais vã do que as outras vaidades, pois introduz o poder, e a authoridade, até no modo de penſar. Mas que importa que a vaidade eſtabeleça regras, ſe eſtas ſempre ficaõ dependentes da approvaçaõ dos homens; e ſe eſtes naõ ſabem ſujeitar os ſeus conceitos, ſenaõ á aquillo que he commum, que toca a todos, e que a todos comprehende? Por iſſo aſſim como em todos póde ter lugar a cauſa da ignominia, tambem em todos póde ter lugar o effeito della. A vaidade póde enganar a cada hum, pelo que reſpeita a ſi, mas naõ póde enganar a todos, pelo que reſpeita

ta a cada hum. Contra a imaginaçaõ naõ ha poder, contra as acçoens, ſim; o penſamento em quanto naõ ſahe da ſua eſféra, tem huma liberdade inteira, impenetravel, e muitas vezes inſenſivel. Creia pois a grandeza o que quizer de ſi, porque tambem nós havemos de crer della o que quizermos. A ſua vaidade poderá prometter-lhe, ou fingir-lhe varias izençoens, porém fundallas, naõ; poderá querer introduzir, mas fazer reconhecer, de nenhuma ſorte. O labéo para todos he o meſmo, e ſe ha nelle differença, he que nas peſſoas eminentes fica ſendo mais reparavel, e maior. Em huma pedra vil naõ ha imperfeiçaõ a que ſe attenda muito; em huma pedra precioſa qualquer defeito lhe faz perder a eſtimaçaõ: as manchas de hum Planeta ſaõ imperceptiveis; no Sol qualquer vapor o offuſca; o menor eclipſe he de todos conhecido; todos o calculaõ, todos o vem, e o medem! Nas ſombras naõ ha que diſtinguir, na luz qualquer alteraçaõ he reparavel.

A noſſa triſteza nos faz parecer tudo o que vemos triſte; a noſſa alegria tudo nos moſtra alegre; e o noſſo contentamento tudo nos moſtra com agrado: os objectos influem menos em nós, do que nós influimos em nós meſmos. Vemos como de fóra as apparencias de que o mundo ſe compoem, por iſſo naõ conhecemos o ſeu verdadeiro ſer, nem gozamos dellas no eſtado, em que as achamos, mas ſim naquelle em que ellas nos achaõ. A delicia dos olhos, e do goſto, depende mais da noſſa diſpoſiçaõ, que da ſua efficacia; o meſmo, que hontem nos attrahio, hoje nos aborrece; hontem porque eſtava ſem perturbaçaõ o noſſo animo, hoje porque eſtá com defatocego; e tudo porque naõ ſomos hoje, o que honte fomos: o meſmo que hoje nos agrada, a menhã nos deſgoſta, e os objectos, por ſerem os meſmos, naõ cauſaõ ſempre em nós as meſmas impreſſoens; por motivos differentes recebemos alteraçoens iguaes. O pouco que baſta para affligir-nos, ou para contentar-

nos,

nos, bem moſtra o pouco conſtantes, que ſaõ em nós a afflicçaõ, e o contentamento; por iſſo huma, e outra couſa nos deixa com a meſma facilidade com que nos penetra. Como a maior parte das couſas, que ſentimos, he ſem razaõ, tambem nos naõ he neceſſario razaõ para deixarmos de as ſentir; eſpaços de tempo, em que nos eſquecemos de ſorte, que ficamos indifferentes para tudo; e que tudo nos fica indifferente. A meſma natureza a cada paſſo equivoca, com ais denota o contentamento, e explica com gemidos o alvoroço; as ancias, e ſuſpiros, que acompanhaõ o tormento, tambem ſaõ do goſto a imagem, e a expreſſaõ mais viva. A vaidade, que commummente produz as noſſas alegrias, e triſtezas, humas vezes tudo nos repreſenta alegre, outras tudo nos offerece triſte. Tambem na vaidade ha horas; em humas occupa-ſe em objectos de grandeza, em outras toda ſe entretem em idéas de opulencia; humas vezes realiza a noſſa fantaſia em fórma, que tudo nos pro-

poem

poem já conſeguido; entaõ he que a vaidade nos enche de alegria; e he tambem quando a alegria he vã, porque o ſeu motivo naõ tem corpo, e ſó ſe compoem de huma viſaõ, ou ſonho: outras vezes a vaidade nos enfeita com adornos taõ ricos, e ſublimes, que naõ podendo ſopportar, nem o eſplendor, nem o pezo da figura, ella meſma ſe deſvanece; entaõ he que a triſteza nos combate, porque entaõ nos vemos como ſomos. O homem em ſi, he obra de huma intelligencia inexplicavel. Os ſeus adornos he que ſaõ materiaes; a meſma grandeza, e fauſto, ſó conſta de hum apparato ſuperficial, riſivel, e que naõ tem mais valor, que o que a vaidade e o coſtume lhe tem dado: o coſtume he tudo; as couſas naõ ſaõ nada; o de que fazemos tanto caſo, naõ he mais, do que o modo com que os homens ſignificaõ, ou explicaõ o reſpeito; o meſmo coſtume faz, que buſcamos humas couſas, e fugimos de outras, e que humas nos entriſtecem, e outras nos alegraõ; e como hum meſ-

mo

mo objecto póde ſer conſiderado por modos mui diverſos, por iſſo alguns ha que ao meſmo tempo nos alegraõ, e entriſtecem; ao meſmo tempo nos fazem chorar, e rir; amar, e aborrecer; por iſſo os noſſos affectos mudaõ-ſe, encontraõ-ſe e variaõ. Somos os inſtrumentos da vaidade; ella nos tempera, e poem no tom, que lhe parece; humas vezes nos levanta, outras nos abaixa; huma vez he hum tom ſubtil, delicado, e agradavel; outras he hum tom aſpero, duro, e pouco armoniozo. A ſociedade dos homens fórma hum concerto de infinitas vozes, e de infinita diverſidade. Todos choraõ, e todos cantaõ; a vaidade a todos dá porque cantem, e porque chorem; todos entraõ como partes principaes; ninguem fica deſtinado, ſómente para ouvir, e ver; em quanto dura a acçaõ, (iſto he a vida) todos fallaõ, depois todos emmudecem; a eſtatua, que a vaidade enchia de ardor, e movimento; depois fica immovel, e inſenſivel o meſmo homem, que attrahia tudo a ſi, depois tudo

faz fugir de ſi; que notavel differença! O meſmo que ſe via com goſto, e com reſpeito, depois ſe ſe vê, he com horror; e iſto porque finalmente veio a desfazer-ſe o edificio mais nobre, mais regular, e mais ſoberbo, a melhor architectura jaz por terra; os marmores ficaraõ ſem luſtro, as colunas ſem força, os porticos ſem ordem, os ornatos ſem graça: já ſe naõ vem ſenaõ torres abatidas, muros arrancados, frizos rotos, bazes deſpedaçadas: naõ ha parte, por mais minima que ſeja, em que a ruina naõ ſeja univerſal; he ruina, em que naõ póde haver reparo; he templo, cuja deſtrucçaõ naõ ſe póde reedificar por arte: os materiaes confuſos, inuteis já, perdida a proporçaõ, a medida, a correſpondencia, o polimento, e ainda a meſma ſubſtancia da materia, tendem deſordenadamente a huma transformaçaõ fatal, impura, fetida, verminoſa, e horrenda; a terra piedoſamente ſe abre, como para recolher, ou eſconder em ſeu ſeio, o meſmo que tinha ſahido delle; com a differença laſtimoſa de receber em

em hum cadaver, ſimbolo do eſpanto, e da triſteza, aquillo meſmo que havia entregue em hum homem, ſimbolo da alegria, e da vaidade.

Os tempos, e as occaſioens, tiraõ, ou daõ valor á vaidade dos homens; e ainda que nelles ſe vejaõ as meſmas vaidades, com tudo ha vaidades predominantes, que ſe moſtraõ mais em certos tempos, e que em certas occaſioens ſe encontraõ mais. Aſſim como nas outras couſas, tambem na vaidade algumas ha, que ſaõ como filhas de hum lugar, e que em hum paiz tem mais reputaçaõ que em outro. Os vicios lá parece que dependem da fortuna; porque as illuſoens que os homens idolatraõ, naõ tem igual eſtimaçaõ em toda a parte. Aſſim como mudamos de deſtino, tambem mudamos de vaidades, naõ porque deixamos totalmente humas, para ſeguirmos outras; mas porque ha vaidade, que em certos tempos tem mais culto. Ainda que a terra ſeja o primeiro movel da vegetaçaõ, com tudo, nem toda a terra he propria para todo o

vegetal ; aquella em que naſce a roſa , muitas vezes ſe nega ao lirio ; alli donde o jaſmim ſe cria , da-ſe mal a aſſucena ; lá donde o urmo reverdece , naõ póde tomar alento a hera : a meſma terra , baze de todo o ſenſitivo , ſó na Africa he patria do Leaõ , na America do Leopardo , na Aſia do Elefante ; o Ciſne ſó canta nas ribeiras do Meandro ; a Feniz ſó na Arabia ſe diz que ſabe renaſcer das ſuas cinzas ; a Aguia naõ remonta ao Sol em qualquer parte. Iſto meſmo ſe vê na vaidade , humas naſcem com o homem ; eſſas ſaõ vaidades univerſaes , outras reſultaõ das opinioens , que ſaõ proprias , e particulares a cada huma das naçoens ; eſſas ſaõ vaidades locaes , e territoriaes : e neſta fórma governa a vaidade o mundo , dividida em muitas claſſes , ou em muitos generos de vaidades. Em huma regiaõ a vaidade dominante conſiſte no valor , em outra no luxo , em outra na origem ; muitos homens ha que fazem vaidade de alguns vicios , a que os inclina a qualidade do clima , e neceſſida-

de

de do terreno; de ſorte que aquillo meſmo, que em hum lugar ſe faz por vaidade, em outro por vaidade naõ ſe faz; aquillo, que em huma parte ſe eſtima por vaidade, em outra por vaidade ſe deſpreza: como a vaidade depende da opiniaõ das gentes, por iſſo he taõ mudavel como a meſma opiniaõ; e com effeito a vaidade he couſa eſſencial no homem; a eſpecie della naõ. Vivemos continuamente em eſperanças, e quando alguma nos deixa, e nos engana, logo nos deixamos enganar por ou- ; naõ podemos viver ſem aquelle ano. A vaidade que nos anima primeiro; anima todas as paixoens, ſó com a differença de que eſta noſſa terra, ou eſta terra do homem, naturalmente produz eſperança, e vaidade, e tudo o mais vem por força da cultura, e do artificio. O meſmo amor eſtá ſujeito ás leis da vaidade. Quem diſſera, que o amor, que he como a alma de toda a natureza, tenha na vaidade o ſeu principio, e algumas vezes o ſeu fim. Naſcer o amor da vaidade, e morrer

por

por ella, iſto he amar por vaidade; e tambem por vaidade naõ amar, ou deixar de amar, parece difficil de entender; com tudo a propoſiçaõ he certa; mas como havemos de moſtralla, ſem entrar ao meſmo tempo em huma ſucceſſiva progreſſaõ a reſpeito do amor, a reſpeito da formoſura, e por conſequencia a reſpeito das mulheres? Sim faremos alguma digreſſaõ: mas que importa, em tudo havemos de encontrar a vaidade. Deixemos por hum pouco a vaidade ſó; naõ ſejaõ tudo reflexoens ſobre o fim do homem, ſejaõ algumas ſobre o ſeu principio; naõ o buſquemos naquelle eſtado, em que elle acaba, mas ſim naquelle, em que começa; larguemos hum inſtante aquelle aſſumpto triſte, e buſquemos no amor hum mais alegre; façamos da meſma digreſſaõ, divertimento, depois ſempre acharemos vaidade na formoſura, no amor, e nas mulheres.

O amor naõ ſe póde definir; e talvez que eſta ſeja a ſua melhor definiçaõ. Sendo em nós limitado o mo-

modo de explicar, he infinito o modo de ſentir; por iſſo nem tudo o que ſe ſabe ſentir, ſe ſabe dizer: o goſto, e a dor, naõ ſe pódem reduzir a palavras. O amor naõ ſó tem occupado, e ha de occupar o coraçaõ dos homens, mas tambem os ſeus diſcurſos; porém por mais que a imaginaçaõ ſe esforce, tudo o que produzir a reſpeito do amor, ſaõ atomos. Os que amaõ naõ tem livre o eſpirito para dizerem o que ſentem; e ſempre achaõ que o que ſentem he muito mais do que o que dizem; o meſmo amor entorpece a idéa, e lhes ſerve de embaraço: os que naõ amaõ, mal podem diſcorrer ſobre huma impreſſaõ, que ignoraõ; os que amaraõ, ſaõ como a cinza fria, donde ſó ſe reconhece o effeito da chama, e naõ a ſua natureza; ou tambem como o cometa, que depois de girar a eſféra, ſem deixar veſtigio algum, deſapparece.

Conhecemos as couſas, naõ pelo que ellas ſaõ em ſi, mas pela differença, que entre ellas ha, e eſta dif-

differença conſiſte em naõ ſerem humas o meſmo que outras ſaõ; a eſſencia das couſas nos he totalmente occulta; e aſſim conhecemos os objectos, pela diverſidade das figuras, e naõ pela ſubſtancia delles; a noſſa noticia; toda ſe compoem de comparaçoens; por iſſo aquillo que naõ tem couſa, que lhe ſeja em alguma parte ſemelhante, fica ſendo inexplicavel: iſto ſuccede ao amor; ninguem o póde explicar verdadeiramente, porque naõ ha couſa, a que ſeja verdadeiramente comparavel; o mais a que o conceito chega, he a ſervir-ſe de expreſſoens oppoſtas entre ſi, como quando ſe diz, que o amor he fogo, que he neve, que he alivio, que he pena, que he luz, que he ſombra.

O amor diſtingue-ſe das mais paixoens, em ter por objecto hum fim corporal, ſujeito á faciedade; por iſſo dura por intervallos. A Providencia para conſervaçaõ do mundo, ſuſcitou o amor, naõ ſó nos homens, mas em toda a natureza: ainda os inſenſiveis, parece que amaõ, e que ſen-

ſentem ; a differença deve de eſtar no modo de amar , e de ſentir. As creaturas ſaõ mais perfeitas , á proporçaõ que ſaõ capazes de mais amor ; e aſſim o amor naõ ſó he o principio da vida , mas tambem he hum final de perfeiçaõ.

Dizer que o amor procede de huma certa conformidade de humores, e de genio , mais he ſubtileza , que verdade ; a filoſofia neſta parte naõ foi mais feliz que em outras, donde a ſciencia conſiſte em ſaber mais termos , e palavras , e naõ em ſaber mais couſas. Digamos antes , que o amor procede da formoſura ; que origem lhe havemos de dar mais nobre? A razaõ mais facil coſtuma ſer ás vezes a mais certa ; duvide-ſe embora da origem da formoſura , porém naõ ſe duvide da do amor.

Cada couſa tem hum limite certo , entre cuja extremidade ſe deve conter , e regular ; porém eſſe tal limite naõ he facil de ſe achar , e no amor he quaſi impraticavel , porque he huma paixaõ que naõ tem limite, e que ſó no exceſſo ſe moſtra , e ſe acre-

acredita. Naõ ha delirio, que os homens naõ deſculpem, quando vem de hum grande amor; ha delictos em que o perdaõ ſe alcança em favor do meſmo crime; entaõ aborrece-ſe o effeito, mas a cauſa admira-ſe; ninguém quizera o ſucceſſo em ſi, mas todos invejaõ o motivo.

Hum amor mediocre, e vulgar ſó ſe occupa no deleite dos ſentidos, e delle faz a maior felicidade; hum amor ſublime alimenta-ſe em contemplar o objecto que ama; eſte he o amor humano, de quem ſe diz tem ſemelhança com o amor divino. Ha vicios, que de alguma ſorte, parece que daõ documentos para a virtude. O amor ordinario he impulſo da natureza; o amor ſubido he como huma emanaçaõ da alma; aquelle he ſujeito á ſaciedade, e por conſequencia á dor; porque a ſaciedade he huma eſpecie de dor, e de tormento, porém eſte naõ he ſuſceptivel de algum deſaſocego; aquelle buſca fóra de ſi o alivio; eſte acha em ſi meſmo o contentamento; hum he como dependente da vontade de ou-

outrem ; o outro he izento do arbitrio alheio. O noſſo bem ſó deve depender de nós; por iſſo nos fazemos infelices , á proporçaõ que buſcamos a noſſa felicidade em outra parte. Mas como póde deixar de ſer aſſim? O noſſo deſejo naõ ſe póde conter dentro de nós , porque os ſeus objectos todos ſaõ exteriores , a cada inſtante envelhecemos , porém os noſſos deſejos a cada inſtante ſe renovaõ , e renaſcem : vivemos no mundo rodeados de huma immenſidade de couſas differentes , e eſtas ſucceſſivamente vaõ ſendo o emprego do noſſo cuidado , e das noſſas attençoens ; todas achaõ em nós huma certa diſpoſiçaõ , que faz , que a humas queremos , e a outras naõ ; as noſſas paixoens ſaõ as que eſcolhem, ou reprovaõ ; as couſas já vem configuradas em tal fórma , que aſſim que nos encontraõ , logo achaõ , ou hum lugar proporcionado , ou incompativel , tudo aquillo em que ha grandeza , e pompa , a vaidade o recebe, e guarda ; tudo o em que ſe moſtra formoſura , o amor o abraça , e ſe

ſuſ-

ſuſpende. Tudo entra em nós, ou por força de amor, ou por força de vaidade: a quem a vaidade naõ vence, vence o amor.

Naõ temos liberdade para deixar de amar a formoſura do mundo, e das ſuas partes; naõ temos livre o alvedrio para reſiſtir ao encanto, que a natureza eſconde nas ſuas producçoens. A variedade das cores, o movimento dos brutos, o canto das aves, o elevado dos montes, o ameno dos valles, a verdura dos campos, a ſuavidade das flores, e o criſtallino das aguas, tudo attrahe a noſſa admiraçaõ, e tudo nos infunde amor. A fabrica do univerſo he como hum retrato da Omnipotencia; a grandeza do effeito indica a mageſtade da cauſa; por iſſo o amor, ou o louvor da obra, cede em honra do artifice.

Eſta inſigne machina ſerve de delicia aos noſſos olhos, e de paſmo ao noſſo entendimento, toda ſe compoem de partes agradaveis, como ſe inteiramente foſſe tirada de hum fundo, ou principio immenſo de formo-

ſu-

ſura. A meſma deſordem, e confuſaõ das couſas nos recrea ; o furor dos elementos fórma hum eſpectaculo perfeito: o ar com os ſeus bramidos, a terra com os ſeus tremores , a agua com os ſeus combates, e o fogo com os ſeus incendios. No vento admiramos hum ar , ou eſpirito enviſivel, cuja força ſe emprega na ruina de muitas couſas ſolidas ; os terremotos já reduziraõ em montes as planicies , e fizeraõ planicies dos montes , como ſe o mundo naõ tivera o ſeu aſſento firme ; as aguas entre ſi ſe quebraõ, e deſpedaçaõ, e quanto mais horriveis , e agitadas , tanto mais nos moſtraõ em liquido theatro mil viſtoſas apparencias ; o fogo ainda quando parece raio nos diverte, e ainda quando abraza allumêa; a formoſura até ſe ſabe introduzir na fealdade , no horror , no eſpanto.

Vemos a perfeiçaõ dos objectos ; mas ignoramos a qualidade delles, por iſſo os amamos , porque o amor quaſi ſempre foge, aſſim que conhece a natureza do que ama. Os antigos

gos pintaraõ ao amor cego, talvez para moſtrar, que o amor para ſer conſtante, he preciſo que ſeja incapaz de ver, e que a falta de luz lhe ſirva de prizaõ. Muitas couſas eſtimamos ſómente porque as naõ conhecemos, e outras porque as naõ conhecemos, as naõ eſtimamos, tanto he certo que naõ ha nada certo no mundo; nos meſmos principios ſe fundaõ muitas couſas contrarias, e oppoſtas entre ſi.

A primeira couſa, que a natureza nos enſina, he amar; e aſſim o primeiro affecto, que ſabemos, he aquelle meſmo por onde a noſſa exiſtencia começa a ter principio. Novos no mundo porém naõ no amor, eſſe ſe manifeſta em nós logo no berço; alli moſtramos para alguns objectos deſagrado, e inclinaçaõ para outros; a huns buſcamos com rizo, e de outros fugimos com medo; huns nos ſervem de eſpanto, outros de divertimento, choramos por alcançar huns e tambem choramos por evitar outros; como ſe o odio, e o amor naquella idade naõ tiveſſem outro mo-

do

do de explicar-ſe, nem ſoubeſſem mais idioma que o das lagrimas: tambem naõ he novo o chorar-ſe de goſto, do meſmo modo com que ſe chora de pena.

Nos primeiros annos da vida toda a variedade nos attrahe; entramos neſte grande theatro cheios de goſto, e contentamento, ſem experiencia das impreſſoens da dor, e ignorando os effeitos da vaidade; por iſſo naõ temos entaõ, nem penſamentos que afflijaõ, nem cuidados que mortifiquem; naõ nos combatem as lembranças da morte, e ſe vemos os ſeus triunfos, ou já nos epitafios, ou já nas pompas funebres, parece-nos que eſtá taõ longe de nós aquelle eſtrago, que na meſma diſtancia, em que a noſſa idéa o conſidera, ſe confunde, e deſvanece o horror. Que feliz ignorancia, e que venturoſo deſcuido? Em continua traveſſura paſſamos aquelles annos, em que os noſſos eſpiritos, ou por mais vivos, ou por mais alegres, apenas cabem em nós. Os campos, as flores, as aves, os rios, tudo nos ſerve de jogo in-

no-

nocente, e de feſtiva occupaçaõ: eſtes ſaõ os enſaios, e preludios, com que o tempo diſpoem a noſſa docil innocencia; e com que hum amor univerſal a tudo quanto vemos, depois ſó ſe reduz á aquelle amor, que tem por objecto a duraçaõ do mundo, ou a noſſa meſma reproducçaõ; por iſſo a poucos paſſos começamos a ſentir hum novo impulſo; aquelle agrado commum, com que viamos as couſas, já ſe diſtingue, olhando com eſpecialidade para algumas, e com indifferença para as mais; como ſe eſtas foſſem deſtinadas para entreter as noſſas primeiras attençoens, ſendo ſó humas o para que nos dirigia o fim da natureza.

Eſſes primeiros annos todos ſe compoem de amor, e de eſperança: eſtes dous affectos tomaõ a melhor parte de nós, ou eſcolhem para ſi aquelle tempo em que vivemos com mais vida; no ſeu principio; e no ſeu progreſſo he o amor huma paixaõ cheia de enthuſiaſmo, e de furor, depois perde totalmente a violencia; por iſſo amamos mais, quando ſabemos

mos amar menos, iſto he quando amamos quaſi por inſtincto; e com effeito o amor naõ ſe introduz por diſcurſo, e ſe alguma vez diſcorre, he ſinal que eſtá perto de acabar; porque o amor ſó he prudente quando acaba, naõ porque entaõ o ſeja em ſi, mas porque entaõ amamos como nós queremos, e naõ como o amor quer.

Culpa-ſe ao amor de vario, e de inconſtante, ſendo que as mais das vezes ſeria maior a ſua culpa, ſe foſſe conſtante, e firme: o amor ſó quando deixa de amar ſe emenda, ſó quando he vario ſe juſtifica, e ſó quando he inconſtante ſe deſculpa: quando começa, parece que naõ he erro o amor; porque mal ſe póde evitar aquelle primeiro inſtante que nos attrahe; aquella primeira luz que nos aſſombra; aquelle primeiro agrado que nos engana: o noſſo arbitrio, ou a noſſa reflexaõ, vem depois, como remedio que ſempre ſuppoem ſuccedido o mal: naõ ſe póde fugir do raio deſpedido de huma nuvem; o amor, ainda nos alcança com mais

preſſa, e mais vigor, porque he raio, que ſe fórma dentro de nós meſmos; o valor conſiſte em arrancar a ſetta, por mais que fique deſpedaçado o peito.

Naõ ſomos firmes no amor, porque em nada podemos ſer conſtantes: continuamente nos vai mudando o tempo; huma hora de mais he mais em nós huma mudança. A cada paſſo que damos no diſcurſo da vida, himos naſcendo de novo, porque a cada paſſo himos deixando o que fomos, e cameçamos a ſer outros: cada dia naſcemos, porque cada dia mudamos, e quanto mais naſcemos deſta ſorte, tanto mais nos fica perto o fim, que nos eſpera. A inconſtancia, que he hum acto da alma, ou da vontade, naõ ſe faz ſem movimento; a natureza naõ ſe conſerva, e dura, ſenaõ porque ſe muda, e move. O mundo teve o ſeu principio no primeiro impulſo, que lhe deo o ſupremo Artifice; a meſma luz, que he huma bella imagem da Omnipotencia, toda ſe compoem de huma materia tremula, inconſtante,

e va-

e varia. Tudo vive em fim do movimento ; a falta de mudança he o meſmo que falta de vida, e de exiſtencia, e aſſim a firmeza he como hum attributo eſſencial da morte.

Se em nada pois ha permanencia, e ſe o eſtado da firmeza he contrario ás leis da vida ; como póde ſer que haja amor conſtante? Iſſo he hum impoſſivel deſejado. Naõ ha nada izento das revoluçoens, e alteraçoens do mundo ; tudo nelle ſe muda, porque tudo ſe move ; por iſſo a firmeza he violenta, ao meſmo tempo que a inconſtancia he natural. Para ſermos firmes, he nos neceſſario força, porque temos que vencer a economia, e ordem que naõ permitte repouſo em couſa alguma ; para mudarmos, a meſma natureza nos inclina, e guia ; ſemelhante a qualquer pezo, que ſobe com violencia, e deſce por ſi meſmo. O movimento, e a mudança, de que depende o ſer das couſas, tambem he principio do fim dellas ; ſem mudança, e movimento, nem ſe póde exiſtir, nem acabar ; a meſma origem da vida

tambem he da morte a cauſa; por iſſo he taõ certa a morte, e taõ curta a vida; porque hum, e outro extremo, naſcem do meſmo modo, e ſe criaõ no meſmo berço.

O amor he hum iufluxo da belleza, por iſſo eſta raras vezes anda ſolitaria, e quaſi ſempre a acompanha o amor: agradavel mas louca companhia; appetecida, mas traidora felicidade! Compoem ſe a formoſura de huma certa modulaçaõ das partes; obra mais do acaſo, que de hum cuidado eſpecial da natureza: mas porém deve admirar-ſe hum inſtrumento, cujas cordas ſó produzem armonia: aſſim he a formoſura; e he pouco de eſtimar aquelle, de donde ſó reſulta diſſonancia; aſſim he a fealdade. A formoſura reſide em huma fórma exterior; o amor parece que he hum effeito da vontade, ou do deſejo; aquella moſtra-ſe, porém eſte eſconde-ſe; eſte he inviſivel, porém aquella vê-ſe: a formoſura póde dizer-ſe o como he, porém o amor naõ; porque quem o tem, ſente ſem ſaber o que, e quem o naõ tem, ainda o conhece menos.

O amor naſce da formoſura, e com ella morre; e aſſim como póde haver amor conſtante, ſe he taõ pouco conſtante a formoſura? E ſe eſta muda tanto, como póde ſer que o amor naõ mude? Ha tres progreſſos em tudo quanto a natureza abraça; o primeiro he de creſcer, o ſegundo de eſtar, e o terceiro de diminuir: neſta lei tambem entra a formoſura; creſce, eſtá, e diminue. O amor fielmente ſegue a formoſura; naõ muda quando a formoſura creſce; naõ foge quando ella eſtá, mas com ella diminue, e acaba. O tempo com hum paſſo ſubtil, e disfarçado lentamente imprime na belleza o ſeu caracter; já começa a ſer tibia a luz dos olhos; já ſe moſtra ſem ſabor o agrado, e já fica ſem alma a meſma graça; acabou-ſe pois a formoſura, e apenas póde deſcobrir-ſe a ſua ruina entre os meſmos ſinaes do ſeu eſtrago: tudo ſaõ riſcos donde ſe vê como em padroens fataes eſcrita a impreſſaõ dos dias; tudo ſaõ concavidades, donde ſe moſtra como em funeſto exemplo gravado o rigor do tem-

tempo: essa imagem desvélo que foi da idolatria, cuidado de attençoens, e finalmente emprego que foi de tantos votos, já se vê sem altar, e sem veneraçaõ; e trocado o culto em vituperio, só ficou para objecto do desprezo; como se a idade fosse algum delicto, ou fosse culpa o numero dos annos; assim acaba a formosura, assim acaba o seu imperio, e tambem assim acaba o amor. O Sol nascendo no Oriente, vem cheio de belleza, e resplandor; por isso tudo saõ attributos, tudo admiraçoens, e tudo amores: as fontes o festejaõ murmurando; as aves o annunciaõ com requebros, e as flores com o rizo o lizonjeaõ; mas depois de ter corrido (qual gigante) hum caminho immenso; e depois que os resplandores se mudaõ no occaso em pallido semblante, logo acabaõ os amores, as admiraçoens, e todos os tributos; na mesma tumba, em que se apaga a luz, tambem se extingue o applauso; na mesma sombra, em que se encobre o dia, tambem se esconde o obsequio; e o respeito acaba

ba nas meſmas ondas, em que faz naufragio o Sol.

Succede muitas vezes mudar o amor, primeiro que a formoſura mude, iſto dizem que faz o amor ingrato; porém a mudança quaſi ſempre he culpa da belleza, e naõ do amor. Naturalmente a formoſura he ſoberba, vaidoſa, impia, e arrogante; naõ ſó recuza, mas deſpreza, naõ ſó deſdenha, mas injuria. Hum objecto amavel baſta para produzir amor, mas naõ baſta para o conſervar; o amor naſce facilmente, mas dura com difficuldade; porque o imperio da belleza ſempre foi tyranno, e ſem brandura, naõ ha dominio permanente. O amor he acto de hum movimento repentino; a conſervaçaõ delle vem por diſcurſo, por iſſo a primeira couſa he facil, e difficultoſa a outra. Naõ ha encanto perpetuo; o do amor tambem tem fim, e em quanto dura, he por intervallos; e ainda que o amor ſeja prompto, e arrebatado em conquiſtar, por iſſo meſmo nada tem ſeguro; porque o que ſe toma precipitadamente, preci-

cipitadamente ſe larga; daqui vem que hum moderado amor coſtuma ſer duravel; o que he exceſſivo, a ſua meſma violencia o acaba; a tormenta forte nunca dura. Mas naõ ſei ſe póde haver muderaçaõ no amor. Ha muitas couſas, em que a moderaçaõ he contraria á natureza dellas; e em que a abſtinencia cuſta menos do que o uſo limitado. O amar huma couſa ſó parece que he mais penoſo, que o naõ amar nada; porque com effeito o abſter he menos difficultoſo, que o conter; por iſſo a prizaõ de algum modo moleſta menos, que huma liberdade reſtricta: o uſar das couſas com regra, tras comſigo huma eſpecie de afflicçaõ; o naõ uſar de nenhuma ſorte, o que traz he eſquecimento. Podemos fazer habito de naõ ter, ou de naõ amar, porém naõ o podemos fazer de amar, ou ter debaixo de algum preceito: tudo o que recebemos, ou ſe nos dá com condiçaõ, parece-nos violento: olhamos menos para a parte, em que a couſa he livre, que para aquella, em que o

naõ

naõ he; a prohibiçaõ ſempre nos deixa ſuſpenſos, e como magoados; porque o noſſo deſejo naõ tem actividade naquillo que he já noſſo, mas ſim naquillo que o naõ he, e que naõ póde, ou naõ deve ſer; o que ſe permitte naõ parece taõ bem como o que ſe nega; o muito que ſe concede, naõ conſola do pouco que ſe prohibe; por iſſo o alheio nos agrada, porque nelle achamos huma negaçaõ, ou limite do qne he noſſo. Vemos com ſaudade o tempo, que paſſou; eſperamos o que ha de vir com ancia, e para o preſente olhamos com deſgoſto: aſſim devia ſer, porque o tempo, que paſſou, já naõ he noſſo; o que ha de vir naõ ſabemos ſe ſerá; e ſó o preſente, porque he noſſo, nos aborrece. O amor eſtá ſeguro, em quanto dura a pertençaõ; o que o perde, he a propriedade; ſuſtenta-ſe mais na duvida, que na certeza; qualquer couſa, que procure, o anima, e deſfalece, ſe lhe naõ falta nada. Iſto naõ he ſó no amor; em tudo ſuccede o meſmo: todas as paixoens ſe acabaõ, aſſim

que

que ſe ſatisfazem ; conſeguido o fim de cada huma, logo ficaõ ſem vigor, e amortecidas : ninguem eſpera o que poſſue, ninguem deſeja o que já tem, e ninguem ſe deſvanece muito daquillo que logra ha muito tempo ; e deſta ſorte o amor, o deſejo, a eſperança, e a vaidade acabaõ-ſe, quando alcançaõ ; e deſte modo perdemos as couſas todas as vezes que as chegamos a ter ; ou ao menos perdemos o goſto, que nos vinha do deſejo, do amor, da vaidade, e da eſperança. Daqui vem, que para reprimir as paixoens, nem ſempre he bom meio o reprimillas ; na reſiſtencia parece que ſe formaõ, e fortificaõ mais ; algumas naſcem ſó da reſiſtencia, e naõ pódem exiſtir ſem ella. Da difficuldade das couſas inferimos a excellencia dellas ; o fazellas faceis, e ſem oppoſiçaõ, he o meſmo que tirar-lhes a graça, que as fazia appeteciveis. Em todas as paixoens ſe encontra a vaidade de querer vencer ; naõ ha victoria ſem combate, e ſe a ha, he ſem gloria, e ſem merecimento. Contra hum cam-

po

po aberto naõ ha deſejo, nem ardor; a vaidade tem repugnancia a entrar pacificamente, armada ſim; a muralha incita, porque impede.

A vaidade, ou a ſoberba de huma mulher formoſa, he quaſi inſoportavel; ainda o amor mais fino ſe revolta, porque o amor ainda que jure eſcravidoens, nem por iſſo conſente nellas; e quando he bem entendido, naõ coſtuma ſer vil, reverente ſim; a ſubmiſſaõ por degenerar em baixeza naõ faz ao amor menos inconſtante; a firmeza naõ ſe fez para obſtinaçaõ. Naõ he ſuave o jugo da belleza; apenas ſe lhe póde ſuſtentar o pezo; a arrogancia, que a acompanha ſempre, exige condiçoens taõ fortes, que o meſmo affecto, que por força as aceita no principio, depois as deſvanece; porque o amor ſe buſca a formoſura, tambem foge da aſpereza; hum genio ſevero, e duro, naõ póde inſpirar conſtancia, retiro ſim: por mais que eſtejaõ preocupados os ſentidos, nem por iſſo eſtaõ ſempre diſpoſtos para ſoffrer; e com effeito o amor

fez-

fez-se para delicia, e naõ para caſtigo; fez-se para alivio, e naõ para tormento, para goſto, e naõ para martirio. Naõ ha, encanto que naõ poſſa desfazer-se; por mais fortes que ſejaõ os laços com que o amor nos prende, muitas vezes hum diſcurſo os rompe; hum penſamento os desfaz; huma reflexaõ os deſata; e pela maior parte eſſe diſcurſo de que naſce a inconſtancia, procede da aſpereza, da vaidade, e da condiçaõ da formoſura.

A natureza que na producçaõ da formoſura ſe empenha em formar hum encanto, deſte naõ quer que ſeja invencivel o poder; por iſſo na meſma formoſura inclue logo a tyrannia, o engano, e a vaidade, para que eſtes feios atributos, expoſtos á noſſa viſta, ou ſirvaõ de quebrar a força a eſſe meſmo encanto, ou ao menos poſſaõ limitar-lhe o effeito; e aſſim temos o remedio na propria origem da ruina, e no meſmo mal achamos o defenſivo delle: ſe a belleza nos attrahe, a imperfeiçaõ do genio nos deſvia; ſe nos enleva hu-

ma

ma imagem viva, donde em juſtas proporçoens, a natureza moſtrou os ſeus primores, tambem huma condiçaõ aſpera, e deſabrida nos afaſta, e finalmente ſe a noſſa propria inclinaçaõ nos tira a liberdade, o noſſo entendimeuto nos reſgata. E aſſim naõ ſe queixe a formoſura, nem do amor, nem da inconſtancia: veja primeiro ſe acha a culpa em ſi; quanto mais que o amor, ainda que cego, nem por iſſo ſe obriga a eſtar ſempre em hum lugar; a inconſtancia ainda que odioſa, nem por iſſo lhe faltaõ os motivos, que a fazem juſtamente ſer preciſa. Quantas vezes a virtude depende unicamente da mudança! Nem ſempre he traiçaõ a falta de firmeza; nem ſempre o ſer vario he ſer infiel; e nem ſempre o ſer inconſtante he ſer ingrato. As ſemrazoens da formoſura authorizaõ o noſſo eſquecimento, o ſer ſenſivel he o que faz ſer amante; e quem tem ſenſibilidade para amar, tambem a tem para ſentir; porque ſe a formoſura nos recreia, tambem a injuria nos irrita; ſe o agrado nos convida,

o deſ-

o deſpreſo nos magoa; e ſe o amor em fim nos chama, tambem a offenſa nos retira.

Sim he ſoberba a formoſura, mas naõ he para admirar, pois he grande o ſeu imperio; he vaidoſa, mas como póde naõ o ſer? He preſumida, mas que muito ſe em ſe vendo, a ſua meſma viſta a liſonjea? He tyranna, que importa, ſe he virtude eſſe defeito, e ſe nella a bondade he culpa? Na formoſura acha-ſe a circunſtancia mais eſſencial da luz; eſta illuſtra, e faz claros os objectos, que eſtaõ perto dos ſeus raios; aſſim a belleza, pois parece faz formoſos aquelles vicios que a acompanhaõ; eſſa fereza, eſſa arrogancia, e eſſa meſma condiçaõ altiva, ſim ſaõ imperfeiçoens grandes na belleza, mas ſaõ como as ſombras, que hum delicado pincel debuxa, e repreſenta, naõ para desluzir o primor da arte, mas para realçar a fineza da pintura. Huma eſtrella brilha mais no eſpantoſo ſilencio de huma noite eſcura; a mais perfeita luz he a do Sol, com tudo a ſua actividade nos mo-

moleſta, e eſcandaliza: as couſas nem por mais perfeitas nos agradaõ mais; antes alguma emperfeiçaõ as modifica em fórma que ficaõ proporcionadas ao noſſo goſto; aquillo que he perfeito em hum certo gráo, excede a noſſa eſféra, e por iſſo nem o podemos gozar, nem entender, porque o deſejo naõ ſe eſtende adonde a comprehenſaõ naõ chega. O entendimento, ou a alma he o que primeiro move, e aſſim tudo o que excede a noſſa intelligencia, fica ſendo impenetravel ao noſſo affecto. Mil couſas ha perfeitas no ſeu genero, por onde continuamente paſſamos ſem reparo; a meſma perfeiçaõ nos cega, e nos faz incapazes de admirar; tudo o que diſtinguimos, ou ſabemos, he por comparaçaõ; de ſorte que naõ podendo compatar, tambem naõ podemos conhecer: a differença das couſas entre ſi he a que deſperta a noſſa attençaõ, e dá lugar ao noſſo conhecimento, por iſſo tudo o que he formado como de hum ſó raſgo, de huma ſó linha, ou como de hum ſó alento, logo nos fica

ca ſendo incomprehenſive' ; o diſcurſo naõ póde entrar naquillo em que tudo he hum , igual , ou uniforme ; porque a unidade naõ admitte combinaçaõ , e o penſamento naõ póde introduzir-ſe facilmente donde tudo he o meſmo , e donde naõ ha nem diverſidade de ſubſtancia , nem deſigualdade de materia. Podemos dizer, que a noſſa capacidade ſó tem por objecto aquillo que he compoſto : porém tudo o que he ſimples abſolutamente , fica ſendo myſterio para nós , e por iſſo ſempre occulto ; e eſcondido ; e aſſim a diviſaõ , e variedade de partes , ao meſmo tempo que indica hum ſer imperfeito , tambem ſerve de meio , que nos facilita a intelligencia das couſas , e nos conduz ao conhecimento dellas; e deſta ſorte alguma imperfeiçaõ na formoſura , faz-nos ver melhor o que ella tem de raro , e de admiravel ; algum defeito , moſtra-nos o que por outra parte ella tem de ſingular ; e finalmente algum vicio , faz-nos reparar o que ſe encontra nella de virtude ; e aſſim ſerve-nos de guia eſ-

ſa

ſa imperfeiçaõ, eſſe vicio, e eſſe defeito.

Mas que poucas vezes ſe encontra na belleza aquelle certo gráo de imperfeiçaõ, que á maneira de huma ſombra leve ſó ſirva de realçar-lhe a luz! A repartiçaõ do vicio ſempre he larga, e abundante, e o defeito naõ ſe communica eſcaſſamente, com profuzaõ ſim: o que vemos de imperfeito na belleza raras vezes he como hum final, ou mancha breve, de que o alinho ſe adorna por arte, e por eſtudo; antes eſſa imperfeiçaõ ſe eſtende, e creſce tanto, que abraça o objecto inteiro e o eſcurece: qualquer miſtura em pouca quantidade contamina a pureza de hum licor; huma grande porçaõ o abſorbe, e comprehende todo. Eſſe caudaloſo Tejo naõ o turva hum ſó regato immundo, porém muitas torrentes de agua impura fazem-lhe perder o nome, e ſemelhança de criſtal: huma ſó nuvem naõ faz ſombria a claridade do horizonte, mas muitas nuvens juntas fazem de hum bello dia, huma noite eſcura: aſſim a belleza;

o vicio nella naõ coſtuma ſer como hum regato, mas como torrente; o que tem de imperfeito, naõ he como hum final (effeito em fim da meditaçaõ) mas como huma mancha verdadeira; o ſeu defeito raramente he leve; antes quaſi ſempre peza mais do que a meſma formoſura. Infeliz concordia, cruel ſociedade! Quem diſſera que hum meſmo objecto ſeja capaz de inſpirar amor, e aborrecimento! Taõ pouca diſtancia ha entre o mal, e o bem? Entre a averſaõ, e o affecto, entre o perfeito, e o defectuoſo, que em hum meſmo ſujeito ſe poſſaõ encontrar, e unir.

A vaidade da formoſura he a mais natural de todas as vaidades, he vaidade innocente; a natureza em nada ſe receia tanto, como em contemplar-ſe a ſi na ſua obra, e em reverſe na ſua meſma perfeiçaõ: por iſſo a formoſura he hum encanto, a que naõ reſiſte, nem ainda quem o tem; ella a ſi meſma ſe namora, a ſi ſe buſca, ama-ſe a ſi, e de ſi ſe rende; he como hum effeito, que vem a re-

tor-

torquir-ſe contra a ſua cauſa, ou contra o ſeu principio; e como hum movimenro, que retrocede, e ſe dirige contra o ſeu meſmo impulſo; a formoſura, pelo que ſente ſabe o que faz ſentir; e pelo que ama, conhece que ſe faz amar; daqui vem que a vaidade, e a altives, ſaõ partes de que a formoſura ſe compoem; a meſma tyrannia, e rigor attrahe: e que haverá na formoſura, que naõ ſirva de laço, de prizaõ, de amor?

He propriedade do amor o ſer violento; e he propriedade da violencia o naõ durar. O amor acabaſe em nós, naõ por noſſa vontade, mas porque tem por natureza o acabar; e ainda que tudo ha de acabar comnoſco, nem tudo eſpera por nós. Quando amamos, he por força, porque a formoſura que nos inclina, nos vence; e tambem he por força quando naõ amamos; porque huma vez rotos os laços, ficamos de tal ſorte livres, que ainda que queiramos; naõ podemos tornar a elles; e aſſim naõ eſtá na noſſa maõ o naõ

amar, nem tambem o amar: o coraçaõ por ſi meſmo ſe acende, e entibiece; nós, naõ o podemos inflammar, nem extinguir-lhe o ardor: alleguem os amantes eſſes meſmos ardores indiſcretos; façaõ delles merecimento para o favor; imaginem embora, que os ſoluços, e gemidos, fazem ſer devida a reconpenſa, exagerem penas, e martyrios, e finalmente tenhaõ a ventura de que huma belleza timida, innocente, e incauta, creia que verdadeiramente eſtá obrigada, e que deve attender, e conreſponder: ambos ſe enganaõ, o amante em ſuppor que por amar, merece; e a belleza em crer, que o amor he merecimento: naõ he tal; porque o amor vem da formoſura, e naõ do amante; eſte naõ faz mais que receber huma impreſſaõ a que naõ póde reſiſtir: nada merece hum bronze, por receber em ſi a figura de huma Venus; a maravilha naõ eſtá no bronze, que recebe, mas no braço que imprime, a arte naõ ſe moſtra no metal, mas na maõ que conduz o buril, e abre; o bronze naõ

pó-

póde deixar de consentir á estampa, porque naõ tem mais do que hum modo passivo e material; só o braço obra activamente: daqui vem que quando amamos, he porque a formosura nos obriga a amar; e assim que merecimento póde haver em pagar hum tributo natural, forçado, e inevitavel? Por isso o amar, ou naõ amar por razaõ, por discurso, ou ainda por interesse, naõ póde ser; porque os sentidos, naõ se deixaõ cativar por argumento: daqui vem que muitas vezes se ama, o que se naõ deve amar; isto será porque o coraçaõ naõ póde resistir á formosura; o mais que póde fazer, he calar, dissimular, esconder: podemos naõ confessar, mas deixar de cahir, he mui difficultoso; podemos soffrer, mas deixar de sentir, tambem naõ; pudemos naõ seguir, mas deixar de appetecer he impossivel; antes o soffrimento aviva o amor, a resistencia o fortalece; porque tudo o que se reprime, se esforça; hum arco comprimido adquire mais vigór para quebrar a corda. O mesmo he naõ querer,

rer, ou naõ dever amar, que amar? Naõ temos dominio no noſſo goſto; as couſas agradaõ-nos, porque nos parecem agradaveis; como havemos de impedir que as couſas nos pareçaõ o que ſaõ, e ainda o que naõ ſaõ? Se os ſentidos nos enganaõ, quem nos ha de deſenganar, ou como havemos de emendar eſſes meſmos ſentidos enganados? A razaõ, e o diſcurſo naõ valem, ou naõ ſabem tanto como ſe diz; porque o que julgaõ, he por meio de algum ſentido enganador: ſe os olhos, e os ouvidos ſe diſtrahem, e allucinaõ, que outros ſentidos temos nós, que os haja de conter, ou os faça retractar? Julgamos pelo que vemos, e pelo que ouvimos: eſtes ſentidos ſaõ em nós, como dous relatores injuſtos, falſos, infieis: daqui reſulta, que quando o querer he culpa, eſſa culpa naõ he noſſa, mas ſim da formoſura que nos move, e nos prende. Que culpa póde ter a cera, por receber em ſi o caracter de huma imagem? O marmore que culpa tem, por conſervar a fórma que o artifice,

lhe

lhe deu? Que culpa tem o pano por ſervir de campo, ou de theatro as obſcenidades do pincel? E finalmente que culpa tem o ferro, por ſer inſtrumento dos golpes, e da morte? As couſas em ſi, ſaõ innocentes; o erro he exterior, e vem de fóra: o mal parece que naõ naſce, nem ſe cria em nós, communica-ſe a nós. Infelizmente o noſſo coraçaõ, naõ he firme como o ferro, nem duro como a pedra; antes he mais tratavel do que o pano, e mais brando do que a cera; he como huma lamina original impolida, informe, e ainda ſem configuraçaõ; e donde naõ ha nem amor, nem odio, nem culpa nem merecimento, nem virtude, nem vicio; mas he o donde tudo aquillo ſe poem, ſe faz, ſe introduz, ſe eſconde.

Em todo o tempo prevaleceo nos homens o poder; elles arrogaraõ a ſi toda a juriſdicçaõ legislativa: a ſujeiçaõ em que ficaraõ as mulheres, foi a pena da ſua primeira culpa. Aquella ſujeiçaõ, que naõ devia exceder as regras da equidade, veio a de-

degenerar em tyrannia, e a introduzir nellas huma ſpecie de eſcravidaõ. O ciume dos homens fabricou os ferros, e a formoſura das mulheres foi o crime original, que nunca puderaõ expiar, nem remir: a meſma formoſura com que as dotou a natureza, lhes tirou a liberdade; alcançaraõ na beleza o maior favor, mas comprado por hum cuſto immenſo, iſto he á cuſta da liberdade; ficaraõ ſujeitas aos homens por força, e os homens a ellas por vontade. Infeliz, e eſtudada conſolaçaõ! O cativeiro coſtuma ſer á medida da formoſura; quanto mais bellas, mais prezas: para terem alguma liberdade he preciſo que naõ tenhaõ nenhuma formoſura. Cruel ſituaçaõ! Quem ha de trocar huma couſa pela outra, ou quem ſabe qual das duas he melhor? Ter liberdade, e formoſura juntamente, he muito; ter huma couſa, e perder a outra, he pouco. Quem ha de reſolver-ſe a perder a liberdade, e tambem que mulher ſe naõ ha de affligir na falta de formoſura? As differenças ſaõ, que a liberdade em quem

quem a tem, dura sempre, a formosura naõ; naquella naõ tem dominio o tempo; neste até se conhecem os instantes; semelhante á gala de huma flor, que naõ tem mais duraçaõ que hum dia; e assim se vê que nas mulheres, a injustiça dos homens lhes tira a liberdade assim que nascem, e pouco depois lhes tira a formosura o tempo, de tal sorte, que nem restos lhe ficaõ do que foraõ, para se consolarem do que saõ: nem póde deixar de ser; porque o tempo naõ só desconcerta, mas destroe, e arruina; cada hora deixa o seu final; e os instantes que diminuem a vida a proporçaõ que passaõ, tambem diminuem a formosura, até que a gastaõ, e desfazem; semelhante a huma exhalaçaõ, que em breve espaço se dissipa. Os annos sim deixaõ a regularidade das feiçoens: mas de que serve huma regularidade usada? O que nella se vê he como hum debuxo, que naõ foi feito para imagem, mas para semelhança. Huma representaçaõ do que foi sempre he triste; por mais, que a consideraçaõ se forme

me huma idéa agradavel de hum monumento deſtroçado, e antigo, ſempre o que ſe admira he com a lima: a imaginaçaõ fervoroſa, e forte, póde de algum modo fazer preſente o que naõ he, mas naõ póde fingir tanto, que ſe naõ percebaõ as ruinas; os veſtigios trazem á memoria a grandeza do edificio, mas ſempre o moſtraõ desfeito. Iſto ſuccede na belleza, acaba-ſe em ſe lhe acabando a graça: eſta continuamente foge; paſſa inſenſivelmente, e o que fica, he huma eſtatua, huma ſombra, huma figura.

Ama-ſe por vaidade, e tambem por vaidade naõ ſe ama. Diga-o aquella formoſura a quem hum voto poderoſo fez perder a liberdade. Naõ foi inſpiraçaõ celeſte a que a fez buſcar a ſolidaõ de hum Clauſtro; tal vez foi hum infeliz amor, a quem ſe oppoz a vaidade. Cruel deſtino! Havemos de amar á vontade da vaidade, e naõ á vontade do amor? Mas que pouco dura o amor, quando naõ naſce do amor! Naõ ha maior combate, que o que ſe dá en-

entre a vaidade, e o amor; ſe eſte fica vencido, a meſma vaidade chora, e ſe arrepende: he victoria, que ſe fórma do eſtrago do vencedor. Hum amor deſconſolado, em nada póde achar compenſaçaõ; porque eſta ſó cabe, quando ha outra couſa, que valha o meſmo; ao amor naõ ha couſa, que o iguale, nem valha tanto. Aquella meſma formoſura, a quem a vaidade dominante fez deixar o mundo, para a livrar de algum amor humilde, ſim vive retirada no limitado eſpaço de huma prizaõ ſanta: mas que importa que eſſa prizaõ lhe tira a liberdade das acçoens, ſe lhe naõ ha de tirar a liberdade do deſejo? aſſim como naõ ha ferros para o entendimento, tambem os naõ ha para o coraçaõ, eſte ainda no meio da violencia, e da tyrannia, ſempre ſe conſerva iſento, e livre. Hum véo preto ſempre eſconde, mas naõ muda, nem desfaz nada do que eſconde; antes tudo augmenta mais, e tudo moſtra ainda maior, e mais claro do que he. Huma Communidade Religioſa coberta

de

de véos, o que faz imaginar he que cada véo encobre huma belleza, e muitas vezes o que encobre, he huma fealdade enorme; o penſamento neſta parte he ſempre favoravel, porque debaixo daquellas ſombras nunca ſuppoem outras ſombras, luzes ſim: ha couſas, que de ſe occultarem, reſulta o verem-ſe melhor; em vingança de hum manto eſcuro, tudo o que eſtá debaixo delle, ſe nos repreſenta perfeito, e ſingular; aquella ſpecie de rebuço o de que ſerve he de avivar a imaginaçaõ, de a deſanimar naõ: tudo o que ſe eſconde, parece-nos admiravel, ſó porque ſe eſconde; de ſorte, que o occultar, he o meio de acreditar as couſas, e de dar-lhes mais valor. O meſmo he por-ſe aos olhos hum obſtaculo, que fazellos penetrantes, e pollos em huma actividade, que elles naõ tem naturalmente: a viſta, que ſe embaraça, adquire maior força, á maneira de huma corda, cujo vigor augmenta á proporçaõ, que a fazem fugir do arco; a meſma diſtancia em que algumas couſas ſe poem, as fa-

fazem eſtar mais perto, e por eſte principio, tudo o que ſe eſconde, ſe moſtra. Quem diſſera, que o recato, e a modeſtia, mais chamaõ do que deſviaõ, mais ſervem de convidar que de afaſtar! Quem foge, parece que quer que o ſigaõ; quem deixa, parece que quer que o buſquem: o meſmo he cobrir o roſto, que incitar mil vontades de o deſcobrir; a deſconfiança faz naſcer a inſtancia, e o cuidado; o engano muitas vezes ſe evita ſó com naõ o preſumir; e com effeito o retirar-ſe, e por-ſe em defeza, he o meſmo que dar hum final de guerra; o que ſe guarda, e ſe eſconde, he a primeira couſa, que ſe aſſalta; a liberdade do porto he o que o conſerva livre de invaſaõ.

O eſtimarem-ſe as couſas, que naõ tem valor, he o meſmo que fazellas eſtimaveis: o que ſe buſca com ancia, naõ he o que ſe dá, mas o que ſe nega; o que ſe permitte deſgoſta, o que ſe recuza, attrahe: o amor naõ tem ſetta mais aguda, que aquella que ſe armou de prohibiçaõ;

no

no tomar, parece que ha mais gentileza, que no aceitar, a difficuldade incita: muitas couſas naõ tem outro algum merecimento, que o ſerem difficultoſas; a reſiſtencia he o que move a vontade; tudo o que ſe concede, he ſem ſabor: a impugnaçaõ faz a couſa conſideravel, porque lhe dá hum ar de empreza e de vencimento: os mais altos montes ſaõ os que ſe admiraõ, ſó porque cuſtaõ a ſubir; a facilidade he aborrecida em tudo; o luſtre do argumento vem da contradiçaõ. Iſto ſuccede á formoſura, a quem a vaidade prendeo ſó por livralla do amor: mas que pouco conſeguio a vaidade. Contra o amor naõ ha poder, apenas ſe póde impedir algum dos ſeus effeitos: a cauſa, iſto he, o amor, ſempre permanece conſtante; a difficuldade, o retiro, e a prizaõ fazem, que a formoſura ſeja mais bella, e mais amante; a natureza por achar deſvio, naõ ſe deſperſuade; a noſſa induſtria naõ a póde vencer; antes o meſmo he impedilla, que enchella de eſtimulo, e de alento; quanto mais a abatemos;

mos ; mais a fortificamos ; he enga-
no parecer-nos , que podemos tirar-
lhe os meios; por hum que lhe tirar-
mos , ella ſe ha de formar mil ; pri-
meiro ſe ha de acabar em nós o
modo de embaraçar , que nella o
modo de conſeguir ; quanto mais a
queremos ter adormecida , mais a
deſpertamos ; o buſcar artificios para
a ſocegar , he o meſmo que chamal-
la para o conflito ; o meſmo he re-
primilla , que irritalla. As aguas de
huma fonte correm manſamente , e
ſem ruido , apenas humedecem as flo-
res , que lhe bordaõ o caminho ; mas
ſe neſte encontraõ embaraço , ou ſe
algum penedo , que o tempo arrojou
do monte ſe foi a traveſſar , e im-
pedio o paſſo ; entaõ ſe vê que
aquellas aguas , vaõ creſcendo ſobre
ſi , e juntas ſe accumulaõ tanto ,
que ou rompem , e arraſtaõ tudo o
que as comprime , ou ſubindo ſe
levaõ de tal ſorte , que chegaõ ao
lugar , de donde por mil partes ſe
inçaõ , e precipitaõ. Iſto vemos nas
aguas de huma fonte , donde naõ
concorrem mais motivos , que aquel-

les

les que em hum corpo fluido procedem do pezo, e do equilibrio. Só nas mulheres naõ queremos achar naturalidades; prendem-se porque saõ mulheres, como se quando vem ao mundo, trouxessem na razaõ do sexo escrita a condenaçaõ; e que a formosura só lhes fosse dada para regular-lhes os gráos de desventura. Quem diria aos homens, que as mulheres sendo compostas de huma materia fragil, e propensa, pode espiritualizar-se em fórma, que todas se convertaõ em discurso racional? Trabalhe embora o ciume, juntamente a vaidade; o ciume em procurar que a mulher se naõ incline, e a vaidade em prescrever documentos á belleza, para que naõ ame sem certas proporçoens, e identidades; nem o ciume, nem a vaidade haõ de alcançar aquelle intento; o amor naõ admitte força nem imperio; ninguem ama, nem desama por preceito. Quem ha de tirar o gosto, que a alma sente, quando os olhos, ou o pensamento lhe mostraõ hum objecto lisonjeiro, e agradavel? Como se ha de fazer, que

que a boca ſeja inſenſivel ao ſabor de hum manjar delicioſo; e os ouvidos como podem deixar de ſuſpender-ſe ao ſom de huma voz ſonora, e cheia de armonia? As primeiras qualidades naõ ſe podem mudar. Naõ podemos dar leis ás couſas, ao exterior dellas, fim; as palavras, e as acçoens admittem compoſiçaõ, e fingimento, a ſubſtancia dellas, naõ; por iſſo naõ he facil deſaprovar, o que os ſentidos approvaõ. Quem ha de reduzir a formoſura a crêr, que deve fugir de quem a buſca, e que deve querer mal a quem lhe quizer bem?

Oh quantas vezes hum pretexto divino ſerve para authoriſar humanos intereſſes! As couſas mais ſantas ſabem os homens applicar a fins os mais injuſtos: qualquer ſemrazaõ para ſer permittida, baſta que ſeja neceſſaria; o ponto he, que haja quem ſaiba introduzir a neceſſidade della: os principios mais inalteraveis ſe alteraõ; o ponto he que o intereſſe, ou a vaidade ſejaõ partes. As regras naõ governaõ aos homens, eſtes he que

governaõ as regras. As leis naõ comprehendem ao legislador, nem aos que eſtaõ junto delle; as prerogativas do poder parece, que ſaõ communicaveis até huma certa diſtancia; dahi para baixo ficaõ ſendo como huma luz, de que ſe acabou a eſféra. Só nos effeitos viſiveis da Omnipotencia naõ vemos, que nenhum ſe mude, nem altere; o movimento dos aſtros, o progreſſo do tempo, a regularidade das aguas, tudo guarda huma ordem certa, e infallivel: o Artifice ſupremo naõ communica o ſeu poder, mais do que a ſi meſmo, iſto he, á ſua providencia, por iſſo as leis, que elle ideou no principio, e antes dos ſeculos, ſaõ as meſmas que ſubſiſtem hoje. Quem vio ainda, que houveſſe dia em que as aguas naõ creſceſſem, e baixaſſem? Que o Sol ſe apartaſſe do Zodiaco, que a Lua deixaſſe as ſuas phaſes, que as Eſtrellas fixas variaſſem, e que o firmamento naõ circumvolveſſe em vinte e quatro horas o univerſo? Quem ha que naõ admire as ſucceſſoens do tempo nas eſtaçoens

do

do anno, a vegetaçaõ da terra, a produçaõ dos animaes, a dureza das pedras, a virtude das plantas, a variedade das cores, o cheiro dos aromas, o encanto das vozes, os impulſos da attracçaõ, do repouſo, e do movimento? Finalmente todas as couſas ainda obſervaõ o meſmo ſer original, a meſma conreſpondencia, e a meſma economia, com que o Author do mundo as fez: tudo o que foi de inſtituiçaõ divina, e que naõ depende da execuçaõ dos homens, permanece ſem alteraçaõ; aquillo porém, que tem com os homens alguma relaçaõ, ou dependencia, ficou, e eſtá ſujeito a huma continua mudança, e contrariedade. As leis primitivas, que ainda antes de ſerem gravadas em marmore, e em taboas, foraõ, e eſtaõ eſcritas nos coraçoens, eſſas ſaõ as primeiras, que ſegundo as contingencias, para ſe naõ guardarem, ſe interpretaõ. Daqui vem que naſcendo todos livres, a liberdade he contra quem os homens tem conſpirado mais. As Clauſuras, que foraõ ſantamente inſ-

tituidas e praticadas prudentemente, depois naõ sei se vieraõ a degenerar em hum modo de tirar-se a liberdade aos homens, e ás mulheres, e nestas veio a cahir o rigor do excesso: naõ fallo das que por desengano, e conhecimento proprio, buscaõ aquelle estado de virtude, mas sim daquellas a quem se fez tomar aquelle estado, ou por castigo do que fizeraõ, ou por castigo do que poderiaõ fazer, e com effeito o poderem algum tempo delinquir, já lhes serve de delicto; nellas o mal futuro, e incerto, já se suppoem presente; o poder algum dia succeder, val o mesmo que o succesſo; a disposiçaõ para ser, he o mesmo que ter sido; a possibilidade he o mesmo que realidade; e desta sorte, aquelle castigo, chega primeiro que o peccado, e aquella pena vem primeiro do que a culpa; o supplicio antecede o crime. Cruel cautella, vingança premeditada! A vaidade, e ciumes dos homens, parece que accusaõ as mulheres, ainda antes de nascerem; as mesmas partes saõ juizes; por isso

lo-

logo vaõ prevenindo os carceres, para donde deſtinaõ aquellas infelices, e para donde as conduzem, antes que ellas ſe conheçaõ, e poucos annos depois que naſcem: aſſim devia ſer, porque ſempre foi propriedade da victima o ſer innocente; alli ſe vaõ coſtumando aos ferros, á maneira de huma fera preza, que já naõ ſente o pezo da cadea, antes com ella joga, e ſe diverte, á proporçaõ que a arraſta, e move. Prendem-ſe as feras, e tambem ſe prendem as mulheres; aquellas por cauſa da braveza, eſtas por cauſa da manſidaõ; aquellas porque ſe enfurecem, eſtas porque ſe enternecem; aquellas porque aſſuſtaõ, eſtas porque agradaõ; humas porque he neceſſario fugir dellas, outras porque he neceſſario que ellas fujaõ; e finalmente humas porque mataõ, e outras porque daõ vida. A prizaõ, com pouca differença he a meſma, os motivos ſaõ contrarios. Do fundo de hum deſerto inculto ſe vaõ deſentranhar as feras; prendem-ſe para que naõ façaõ mal; eſte he o pretexto, pórem

a ver-

a verdade he que ſe prendem as feras, para que ſirvaõ de recreio, e tambem de liſonja á vaidade em ver ſujeito por induſtria, e arte, aquillo que ſe naõ ſujeita por força nem vontade. As mulheres que foraõ encaminhadas para os Clauſtros, he para que ſigaõ nelles o exercicio das virtudes; eſte he o pretexto, porém a verdade commummente he para que as mulheres naõ ſe inclinem, nem amem deſigualmente. O intereſſe he da vaidade; por iſſo as mulheres, que ſe offerecem a Deos por aquelle modo, naõ ſe offerecem mais do que á vaidade. Saõ, como oblaçoens de engano, que ſendo a apparencia huma, o objecto he outro; e ſaõ como o incenſo, que ſe faz arder em huma parte, para que o ar divirta o fumo para outra. Imaginaõ os homens, que haõ de enganar a Deos, e para iſſo, entraõ primeiro a enganar-ſe a ſi; começaõ a querer perſuadir-ſe que obraõ bem, e ſe a conſciencia os contradiz, e inquieta para a ſuffocar naõ faltaõ opinions, doutrinas, e conſelhos;

tu-

tudo em ordem a que proposto o caso revestido de certas circunstancias, fique parecendo licita a impiedade, e a transgressaõ, e a violencia. A regra de que hum mal he permittido para evitar-se outro maior, tem os homens estendido, e subtilisado tanto, que de illaçaõ em illaçaõ vem a chegar ao ponto, que naõ ha mal por maior que seja, que naõ seja toleravel; e da mesma sorte, de consequencia em consequencia vem a concluir, que naõ ha iniquidade que naõ seja ás vezes necessaria, nem injustiça, que naõ seja justa. Prendaõse pois as mulheres para que se evite o mal de que ellas amem; sejaõ conduzidas por força para os Claustros, para que naõ succeda que as amemos nós; saiaõ do berço para aquellas sepulturas, porque póde haver perigo na demora, e assim conheçaõ a morte, antes de conhecerem a vida; e saibaõ como he a prizaõ, antes de saberem como he a liberdade.

O nosso engenho todo se esforça em pôr as cousas em huma perspectiva

tiva tal, que viſtas de hum certo modo, fiquem parecendo o que nós queremos, que ellas ſejaõ, e naõ o que ellas ſaõ. O diſcurſo he como hum inſtrumento lizonjeiro, por meio do qual vemos as couſas, grandes, ou pequenas, falſas, ou verdadeiras. O noſſo penſamento naõ ſe accommoda ás couſas, accommoda-ſe ao noſſo goſto. O amor, a vaidade, e o intereſſe ſaõ os moldes em que as couſas ſe formaõ, e configuraõ para ſe appreſentarem a nós; e com effeito nenhuma couſa ſe nos moſtra como he, contra noſſa vontade. Nunca eſtamos taõ indifferentes, como nos parece; as paixoens naõ conſentem neutralidade; aquillo que entendemos, que naõ importa, coſtuma levar comſigo hum intereſſe occulto, por iſſo nos importa mais. O amor e a vaidade às vezes ſe concentraõ, e disfarçaõ tanto, que nós meſmos dentro de nós, os naõ podemos deſcobrir, apenas ſe fazem viſiveis pelas obras, ſemelhantes ao fogo eſcondido na pederneira, que ſe naõ deixa ver, ſe naõ he incitado pelo

im-

impulſo do fuzil: daqui vem que tudo o que fazemos, he ſem perceber o principio porque fazemos; poiſſo o que ſe faz por amor, ou vaidade, parece-nos que he feito por zelo, ou por virtude. Qual he o hipocrita, que conhece a ſua hipocriſia? Qual he o vanglorioſo, que conhece a ſua vaidade? Qual he o amante, que conhece o ſeu delirio? Que facil couſa he o diſtinguir tudo nos outros, e que difficultoſo o diſtinguir alguma couſa em ſi! Qual he o pai, a quem o filho parece enorme? Naõ ſó ha geraçaõ de filhos; tambem ha geraçaõ de acçoens: as noſſas maldades naõ nos parecem mal, porque ſaõ noſſas, nós fomos os que as produzimos: a natureza naõ ſó he mai do que faz perfeito, mas tambem do que faz defeituoſo; he piedoſa ainda com hum monſtro, naõ por ſer monſtro, mas porque ella o fez: a terra naõ ſó cria a roſa, mas tambem os ſeus eſpinhos; naõ ſe empenha em produzir o bom, mas em produzir: a perfeiçaõ de alguma ſorte naõ ſe compre-

hen-

hende na ordem da maternidade, mas he couſa como adventicia, eſtrangeira, e accidental. Nas acçoens dos homens tambem deve de haver alguma eſpecie de fecundidade; eſta fica ſatisfeita ſó com as acçoens, contenta-ſe com ſer progenitora; a qualidade do que produz fica ſendo como materia ſeparada; por iſſo a noſſa inclinaçaõ toda ſe dirige a obrar; a qualidade da obra, he eleiçaõ do amor, do intereſſe, e da vaidade. Origem depravada, peſſimos conſultores! Que póde obrar o amor, ſenaõ deſvarios? Que ſe póde eſperar do intereſſe, ſenaõ injuſtiças; e a vaidade que póde fazer ſenaõ tyrannias? Eſtas ſaõ as que guiaõ para os Clauſtros tantas formoſuras deſgraçadas: naõ ſaõ deſgraçadas por hirem para os Clauſtros, mas pelo modo com que vaõ. Que maior deſgraça do que deixar o mundo por força, e ficar nelle por goſto? Como ha de chegar á terra de promiſſaõ, quem leva o Egypto na memoria? Quantas eſtatuas de ſal ſe haviaõ de ver, ſe as mulheres ſe con-

ver-

verteſſem nellas por olharem para o ſeculo que deixaõ! As galas com que vaõ ornadas, he o encanto que lhes vai ſuſpendendo, e enganando a dor; ſemelhantes ao cordeiro manſo, que primeiro o cobrem de flores, para o hirem entregar ás chammas: ornatos alegres, e luzidos, mas funeraes! Quaes ſaõ as mulheres que naõ choraõ ao proferir das palavras fataes, porque ſe obrigaõ até a morte? Eſta ſentença irrevogavel ellas meſmas ſaõ as que cantando em altas vozes a publicaõ: mas que pouco póde encobrir o fingimento do canto, a verdade da lamentaçaõ! Que doçura póde haver em huma voz agonizante? A conſonancia ſempre ſe vem a terminar em pranto; aquillo naõ ſaõ vozes, ſaõ eccos do coraçaõ; o ecco he o fim da voz que acaba; por iſſo todo o ecco he triſte, porque he fim; e com effeito o que ſe vê naquella hora, he o fim de huma mulher que acaba: o meſmo véo que a cobre, he luto; tudo nella ſaõ finaes de afflicçaõ, e de ormento, por iſſo leva os olhos

aba-

abatidos, errantes, e confuſos; os paſſos mal ſeguros, o aſpecto vacilante, e timido, e aſſim mais parece, que caminha para o tumulo, que para o talamo: as lagrimas fieis interpretes da alma, ſaõ as primeiras que reclamaõ tudo quanto alli ſe diz, e ſe promette; ellas negaõ o que as palavras affirmaõ: a quem havemos de crer mais? Pelas lagrimas ſe explica a alma, pelas palavras muitas vezes ſe explica o engano: quem chora certamente ſente; quem falla ſó ſe exprime: por força podemos dizer o que naõ queremos, nem ſentimos, mas naõ ſe póde ſentir, nem querer por força, aquillo que na verdade nem ſe ſente, nem ſe quer: a lingua ſabe mentir, os olhos naõ; por iſſo os votos, que ſe fazem com violencia, ſempre ſe fazem com lagrimas, e tambem por iſſo raras vezes ſe cumprem; porque o coraçaõ, e a vontade naõ prometteraõ nada: aquillo que ſó exteriormente ſe promette, ſó exteriormente ſe guarda; as palavras ſem tençaõ naõ formaõ Sacramento, o que ſe

faz

faz por temor, naõ obriga : hum ſacrifi-
cio involuntario, he ſacrificio de ſangue,
e Deos naõ ſe agrada já dos holocauſtos.

Mas que grande differença vai
de huma mulher, que profeſſou por
força, a huma que profeſſa por von-
tade ! Eſta deixou verdadeiramente o
mundo ; a outra apenas mudou nel-
le de lugar : ambas entraraõ no
Templo, porém huma ſó entrou pa-
ra o profanar ; huma foi chamada
por Deos, a outra foi mandada pe-
los homens ; huma foi para achar
hum Eſpoſo divino, a outra foi por-
que naõ achou hum eſpoſo humano :
ambas foraõ para a Riligiaõ, po-
rém ſó huma ficou ſendo Religioſa ;
ambas profeſſaraõ, porém couſas con-
trarias, porque o que huma profeſ-
ſou, naõ quiz profeſſar a outra ; am-
bas differaõ o meſmo, porém huma
só diſſe de boca, o que a outra tam-
bem diſſe do coraçaõ ; huma fez o
ſacrificio, a outra ſó fez a ceremo-
nia ; huma fez o que a outra repre-
entou ; huma fez o que moſtrava
que fazia, a outra ſó fez a forma,
ou a figura : ambas ſe obrigaraõ aos

tres

tres votos, porém huma foi com tençaõ de os obſervar, e a outra foi ſem tençaõ nenhuma de os cumprir; e iſto he porque huma deixou os ſeus penſamentos fóra, e a outra nem os deixou, nem os levou: ambas hiaõ para jurar guerra ao amor, e á vaidade, porém huma ainda queria paz com a vaidade, e com o amor; eſta ainda tinha os idolos inteiros, e a outra, ou os naõ tinha, ou os tinha já quebrados: finalmente ambas eſtaõ no caminho da virtude, mas nem por iſſo eraõ ambas virtuoſas; por hum meſmo caminho hiaõ a partes differentes: o meſmo vento ſerve para muitos rumos; a meſma eſtrella ſerve de guia, para os que negavaõ encontrados; ás vezes a origem do bem produz o mal; no meſmo lugar em que naſce a vida, ſe cria a morte; as couſas que ſaõ contrarias no fim, ás vezes ſaõ as meſmas no principio; de hum meſmo tronco naſce ramos oppoſtos; por huma eſcada ſobem huns, e deſcem outros; a Religiaõ he a eſcada por onde ſe ſobe ao Ceo, mas a nin-

ninguem ſe ha de fazer ſubir por força; porque entaõ ha o riſco de cahir. Muitas mulheres entraõ nas clauſuras, porém humas vaõ ſer pedras de eſcandalo, e outras vaõ ſer imagens de huma alma ſanta; humas vaõ perverter, e outras edificar; eſtas ſaõ as que eſtando ainda na terra, já eſtaõ vendo os Ceos abertos: almas ditoſas, pois que do inſtante em que foraõ buſcar a Deos, logo começaraõ a ſer bemaventuradas! E que bem vieraõ a ſaber, que para achar a Deos, baſta o buſcallo: unidas em eſpirito a hum Eſpoſo eterno, cujo amor he divino, cujo poder he ſupremo, e cuja miſericordia he infinita, já parece que vivem transformadas nelle. Feliz ſemelhança de huma tranſubſtanciaçaõ prodigioſa! E quem duvida que he celeſtial huma alma em quem Deos vive, e que vive em Deos? por iſſo nella póde pouco a humanidade, porque a meſma graça que anima, tambem a exalta e fortifica: a mortificaçaõ naõ lhe ſerve de tormento, de alivio ſim, o ſeu martyrio he a ſua gloria. Que meio admiravel de converter em goſto as penalidades da vida;

vida; e que remedio infallivel para que a dor ſirva de delicia!

Que ſe enfureça o mar, que o univerſo trema, e que as nuvens chovaõ rayos, nada atemorita a huma conſciencia juſta: a virtude leva conſigo a tranquillidade; eſta he ſemelhante a hum dia ſereno, e claro em que todo o horiſonte ſe cobre inſenſivelmente de huma luz brilhante e igual; e em que toda a natureza ſe alegra e enche de vigor e alento: entaõ ſe vê que os campos variamente matiſados moſtraõ a verdura mais viçoſa, e que de mil producçoens diverſas formaõ hum labyrinto facil, vivo e agradavel; entaõ o ar puro e immovel, faz que as fontes corraõ e naõ murmurem; que as aves cantem com mais ſuavidade, e mais ternura; e que as flores creſçaõ livremente: aſſim devia ſer, porque em hum bello dia, naõ ha vento que encreſpe as aguas, que perturbe as aves, e que deſfolhe as flores: ſó entaõ he que os montes ſaõ amphitheatros que ſervem de decoraçaõ aos valles; e eſtes pelo ſeu ſilencio, ſaõ os que deſpertaõ na memoria, huma

ma contemplaçaõ activa, cheia de fervor, e ſaudade: finalmente em huma alma virtuoſa tudo he deſcanço, e paz. Neſte eſtado vive aquella que foi ſer Religioſa verdadeira; a outra que ſó o foi no modo da ceremonia, vive afflicta, arrependida, e embaraçada; tudo parece que lhe foge; nada alcança, ſempre traz opprimida a vontade, o deſejo anciozo, a eſperança cançada, os paſſos irreſolutos, e o penſamento occupado em ambiçoens, amores, e vaidades. Naõ póde haver maior deſaſocego porque a ambiçaõ, por mais que conſiga, nunca ſe contenta, e a inveja que a acompanha, ſó lhe faz notar com averſaõ os bens, dos outros, a vaidade em preſumpçoens e altivez, ſe conſome; a arrogancia que lhe aſſiſte, para confuſaõ, faz acordar nas gentes a noticia de huma origem miſeravel, e por conſequencia de hum injuſto e mal fundado orgulho: o amor tudo ſe compoem de ancias e ſuſpiros; hum amante, ſó em quanto chora, he firme; ama em quanto tem de que

ſe queixe ; o que faz acabar o amor he a ventura : rigoroſa felicidade , pois que para exiſtir , he neceſſario que naõ chegue , e para durar , he neceſſario que a naõ haja ! Sempre o amor dependeo de contradiçoens , e de implicancias : e aſſim ſe vê que a vaidade , o amor , e ambiçaõ , ſaõ os verdugos de huma alma peccadora ; por iſſo vive em ſobreſaltos , e vive cuidadoſa ſem ſaber de que , e inquieta ſem ſaber porque . O encanto da culpa , por mais que lhe tire a lembrança dos motivos , naõ lhe póde tirar a anguſtia delles ; a cada paſſo lhe parece que a terra ſe ſubverte , ou que ſe abre o abyſmo ; o ruido de huma folha que cahe , a ſuſpende ; em cada voz cuida que ouve a fatal ſentença , que ſendo dada condicionalmente no principio do mundo , ſó ſe publica no fim delle. O ſabio que comparou o ciume ao Inferno , talvez que melhor fizera , ſe ao Inferno comparaſſe a fealdade do peccado , e com effeito ſe ha couſa que ſe pareça ao Inferno , certamente he o peccado , e a

eſte

eſte ſó o Inferno póde ſer de algum modo comparavel: aſſim devia ſer, porque huma coiſa foi feita para a outra. Entre tudo o que cauſa eſpanto, ſó o horror de huma noite eſcura he ſemelhante á culpa; e na verdade que maior horror do que ver a terra coberta de ſombras, e combatida de huma tormenta furioſa? As pedras parece que ſe quebraõ, as torres que ſe precipitaõ, os edificios que ſe abatem, e as arvores que ſe arrancaõ: a força da tempeſtade, tudo o que encontra desfaz, e deſpedaça tudo o que reſiſte; o que he ſolido, e ſeguro, eſtá mais expoſto, e arriſcado; na fortaleza conſiſte o maior perigo: já naõ he hum, mas muitos ventos que entre ſi pelejaõ; as gentes humas aſſombradas, buſcaõ nas planicies hum emparo menos duvidoſo; as meſmas féras deixaõ as cavernas; a todos parece que he menor o mal, entregando-ſe a elle ſem abrigo, e ſem defenſa; outras com ſupplicas, com votos, e proteſtos, recorrem ao favor da omnipotentia, e procuraõ achar nos templos hum aſilo ſagra-

do; a luz dos relampagos repentina, e palida, a cada inſtante ſe moſtra, e os olhos timidos, e aſſuſtados, tambem a cada inſtante ſe fechaõ; alguma vez havia de fazer pavor a luz: ſegue-ſe depois hum diluvio de agua; abrem-ſe as cataractas do Ceo; os elementos ſe unem, como para deſtruir a habitaçaõ, e habitadores da terra; mil inundaçoens conduzem para o mar os finaes laſtimoſos das ruinas; alguma vez havia de ſer o mar quem recebeſſe em ſi os reſtos do naufragio. Eſta pintura que a imaginaçaõ dibuxa, e que a experiencia moſtra, he o retrato de huma alma em culpa; eſta debaixo de hum ſemblante alegre, encobre ſuſtos, temores, e agonias; o peccado tem horas em que dentro de nós meſmos nos accuſa, e eſſas ſaõ as horas por onde começa a pena do peccado; o conhecer o crime he por onde começa o caſtigo delle: e quem ha que naõ conheça a ſua culpa? Eſta o que a faz criminoſa, he o conhecella; a innocencia naõ he mais do que huma falta de ſaber; a ignorancia faz os bru-

brutos impeccaveis. Todas as mulheres ſabem que o buſcar a Clauſura por vontade, he o meio de evitar o vicio; mas que importa? Nem por iſſo vaõ por aquelle caminho, ſe as naõ levaõ; naõ baſta que as guiem, ſe tambem as naõ arraſtaõ. Cruel condiçaõ da natureza humana! Que occulta ſympathia terá comnoſco o mal, que antes o queremos ſeguir por entre eſpinhos, do que ao bem por entre roſas? O caminho, que conduz para as felicidades do Ceo, por mais que ſeja largo, e alegre, parece-nos eſtreito, e triſte; e aquelle que conduz para as felicidades da terra, por mais que ſeja triſte, e eſtreito, parece-nos alegre, e largo; mas que ha de ſer, ſe ſomos terra. Compramos o vicio á cuſta de trabalhos, e afflicçoens; a virtude naõ a queremos de graça; ao vicio eſtimamos, porque depende de objectos exteriores, e eſtes muitas vezes cuſtoſos, incertos, e arriſcados; deſprezamos a virtude, porque ſó depende de nós; bons podemos ſer ſempre, porque baſta que o queiramos ſer; para ſermos máos, ne-

neceſſitamos de occaſiaõ. Quantos damnos traz comſigo a facilidade! Os tres votos, que ſe julgaõ taõ pezados quando ſe profeſſaõ, ſaõ os meſmos com que todos vem ao mundo; todos naſcem pobres, caſtos, e obedientes: a pobreza, e a obediencia quem as conſerva he por força; a caſtidade ſó por vontade ſe póde conſervar; e com effeito quem ha de ſegurar hum voto, que ſe quebra ſó com o deſejo? A caſtidade do corpo difficultoſamente ſe guarda, a da alma, ainda com mais difficuldade, naõ ſei em qual das duas conſiſte a caſtidade verdadeira; ſe conſiſte na do corpo, eſſa he material, e eſtá ſujeita a mil enfermidades, e accidentes, e talvez póde perder-ſe ſem conſentimento de quem a perde; e ſeria injuſto, que huma qualidade taõ bella, e em que ſe funda a virtude mais ſuperior, ficaſſe dependente da força, do tempo, da opiniaõ, e tambem de algum ſucceſſo involuntario: he pois na alma o donde conſiſte a caſtidade mais perfeita, e verdadeira; mas ſendo aſſim, donde ſe ha de achar

a caſ-

caſtidade ; pois para corromper-ſe, baſta hum inſtante de vontade, de inclinaçaõ, de penſamento, de amor?

Na republica das letras naõ ha menos vaidade que na republica das armas ; ſim he huma vaidade metaphyſica, eſpiritual, e que na ſua origem tem huma exiſtencia vaga, e inconſtante ; mas por iſſo meſmo he mais vã do que outra nenhuma vaidade. O ſeu objecto, saõ os diſcurcurſos, e a diſputa, objectos ſem corpo, vãos por natureza, e por inſtituto. O campo deſta vaidade he a imaginaçaõ : campo vaſto ainda quando he infecundo ; e que brota lirios, e violas, quando naõ produz roſas, e aſſucenas. Aſſim que entramos no mundo, entramos tambem a defender a noſſa opiniaõ ; neſte combate ſe paſſa inteiramente a vida : a guerra do entendimento naõ tem fim ſenaõ comnoſco ; guerra feliz em que ninguem fica vencido, ou ao menos em que ninguem crê que o foi ; e em que cada hum pela ſua parte canta a victoria! A razaõ nos arma contra a razaõ meſma ; cada hum cuida que a tem

tem por ſi, que a vê, que a toca; e que a conhece; ſendo que quaſi ſempre, o que temos por razaõ, naõ he mais do que huma ſombra della, e ainda eſſa meſma ſombra he taõ eſcura, e eſcondida, que quando a encontramos, he mais por ſorte que por experiencia, e mais por accaſo que por eſtudo. O ter, ou naõ ter razaõ, he verdadeiramente a guerra em que ſe paſſaõ os noſſos dias, e os noſſos annos. O naõ ter razaõ argue vicio na vontade, ou erro no entendimento: que defeitos eſtes para que a vaidade os reconheça?

Contra o noſſo parecer, nunca achamos duvida baſtante, contra o dos outros ſim. A vaidade he engenhoſa em glorificar tudo o que vem de nós, e em reprovar tudo o que vem dos outros: nas producçoens do engenho ha huma eſpecie de creaçaõ; daqui procede que ninguem ſe deſdiz ſem repugnancia, porque a natureza he inflexivel no intento de conſervar aquillo que produz, e a vaidade nunca renuncia ao luſtre da invençaõ; queremos produzir muito, e meditar

tar pouco, por iſſo erramos; mas depois que o erro ſe naturaliſa em nós, já o naõ vemos, ſenaõ com a figura de razaõ.

He mais facil ſuſtentar huma opiniaõ má, do que eſcolher huma boa; porque o erro he como hum edificio, cuja fabrica exterior he compoſta de huma infinidade de angulos; com algum deſte encontra o diſcurſo facilmente, porque ſaõ muitos, em lugar que o acerto he como hum ponto fixo no meio de huma eſphera; o diſcurſo que anda vagando à roda, naõ vê o ponto, porque eſte he ſó hum; do meſmo corpo naſce a ſombra que o encobre: ſaõ innumeraveis as linhas, que ſe podem lançar de huma circumferencia para hum centro commum; alguma linha ha de ver-ſe, porque ſaõ muitas, e o centro naõ, porque he unico: a ſuperficie do globo impede o poder verſe a ſua concavidade; ou ſe ha de ver huma coiſa, ou outra; ambas ao meſmo tempo naõ póde ſer.

Sobre o meſmo caſo, ha muitas opinioens más, e ſó huma boa; por iſſo

iſſo eſta acha-ſe com trabalho, e a outra com facilidade. Ha mil caminhos que vaõ ter a huma má opiniaõ, e ſó hum conduz para a que he boa. A rectidaõ de huma linha ſó ſe faz por huma fórma, por iſſo he difficultoſa; a obliquidade faz-ſe por muitos modos; por iſſo he facil. Cada couſa que vemos, he por entre huma infinidade de outras coiſas; a opiniaõ tambem ſe moſtra por entre huma infinidade de outras opinioens; e da meſma ſorte a raſaõ, que ſe offerece, he por entre huma infinidade de outras raſoens; neſte labirintho nos perdemos. Cada coiſa tem tantas partes por onde ſe conſidere, que de qualquer modo que a imaginemos, ſempre achamos argumentos, que ou nos perſuadem o erro, ou nos confirmaõ o acerto: daqui vem que ha opinioens para tudo, aſſim como para tudo ha exemplos. Aquillo, que nos parece que he ſem duvida, he donde ás vezes a ha maior. As aguas do Oceano, por mais que ſejaõ cryſtalinas, nem por iſſo deixaõ ver o fundo que as ſuſtenta, que importa

que

que ſejaõ claras, ſe ſaõ profundas? Recebemos as idéas, que o entendimento nos propoem, ou certas, ou duvidoſas; e aſſim as conſervamos: o emendallas he difficil, porque a emenda depende do meſmo entendimento, que erra. A vaidade faz a obſtinaçaõ, porque he como hum juiz inexoravel, que nunca muda, nem reſórma; ſe he que o amor da producçaõ naõ concorre ainda mais.

A vaidade de adquirir nome, he inſeparavel de tódos os que ſeguem a occupaçaõ das letras; e quanto maior he a vaidade de cada hum, tanto he maior a ſua applicaçaõ: naõ eſtudaõ para ſaberem, mas para que ſe ſaiba que elles ſabem; buſcaõ a ſciencia para a moſtrarem; o ſeu objecto principal he a oſtentaçaõ, e aſſim naõ he a ſciencia que buſcaõ, mas a reputaçaõ; eſta he como as outras, em que o adquirir he mais facil que o conſervar; e verdadeiramente o conſeguirſe hum nome, póde ſer obra de hum dia, ou de huma hora; o conſervallo he empreza de toda a vida. Do accaſo de hum

ſuc-

ſucceſſo póde reſultar hum nome grande, mas de hum accaſo, naõ póde reſultar a conſervaçaõ delle. Bem ſe póde ſer feliz por accaſo; mas naõ ſe póde por accaſo ſer ſempre feliz. A fortuna naõ ſó governa as armas, mas tambem as letras; porque a memoria, ſe huma vez ſe permitte com abundancia, nega-ſe mil. Em qualquer eſtado, ſe tem a reputaçaõ por felicidade; porèm eſta he difficil conſervar-ſe á proporçaõ que he grande. Algumas vezes póde depender de nós o buſcar huma occaſiaõ favoravel, de que venha a proceder hum grande nome; porém naõ eſtá na noſſa maõ o fazello durar. Hum merecimento, ou hum ſaber pequeno, póde fazer adquirir huma grande fama, e o maior merecimento junto ao maior ſaber, naõ baſta para a conſervar. Por mais bem fundada que ſeja huma grande reputaçaõ, nem por iſſo he poſſivel o ter ſegura a opiniaõ das gentes. Os homens cançaõ-ſe de admirar, paſſados os primeiros movimentos em que as couſas raras, attrahem, como por força, o noſſo louvor, e approvaçaõ;

de-

depois, a vaidade de quem admira, he a primeira que ſe deſgoſta; irrita-ſe contra tudo o que he ſuperior. Huma qualidade eminente que vemos nos outros, fica-nos ſendo como huma qualidade adverſaria, e oppoſta. A vaidade, ou a inveja, que ella produz naõ ſó ſe dirige contra a opulencia alheia, mas tambem contra a alheia ſabedoria; a ſciencia naõ tem maior inimigo, que a ignorancia: tudo o que eſtá em lugar alto moleſta-nos a viſta, e a attençaõ; ſó o que eſtá no lugar em que nós eſtamos, naõ nos offende. A igualdade, e uniformidade he natural em tudo; por iſſo os que ſe afaſtaõ deſta lei univerſal, ficaõ ſendo odioſos aos que ſe conſervaõ nella. Ha muitos meios para ſubir; a vaidade he a que guia a todos; e com effeito ſem vaidade ninguem ſobe, nem procura ſubir; eſtes fim ficaõ confundidos em huma vulgaridade eſcura, mas ninguem lhes examina ſe os paſſos com que ſobem, ſaõ juſtos, ou injuſtos; as azas da vaidade tambem ſe derretem. Quem naõ tem vaidade naõ deſperta a dos outros contra ſi.

Os

Os que crem que ſabem mais que os outros, ou ſe enganaõ, ou ſe perſuadem bem: ſe ſe enganaõ, o meſmo engano lhes ſerve de ludibrio; ſe ſe perſuadem bem, a vaidade da ſciencia os faz taõ ferozes, e ſeveros, que ficaõ ſendo inſoportaveis. A ſciencia humana commummente ſe reveſte de hum ar intratavel; imagem toſca, deſagradavel, e impolida. A eſpeculaçaõ traz comſigo hum ſemblante diſtrahido, e deſprezador; quanto melhor he huma ignorancia civil. Toda a ſciencia ſe corrompe no homem; porque eſte he como hum vaſo de iniquidade, que tudo o que paſſa por elle, fica inficionado: as coiſas trabalhaõ por ſe accommodarem ao lugar donde eſtaõ, e por tomarem delle as propriedades, ſó com a differença, de que as couſas boas fazem-ſe más, porém eſtas naõ ſe fazem boas. Nas ſociedades, o mal he mais communicavel; a perdiçaõ he mais natural; o que he bom mais depreſſa tende a perder-ſe, que a melhorar-ſe; os frutos da terra quando chegaõ ao eſtado de madureza, nem per-

perſiſtem nelles, nem retrocedem para o eſtado da verdura ; antes caminhaõ até que totalmente ſe arruinem; por iſſo o ultimo gráo de perfeiçaõ, coſtuma ſer o primeiro na ordem da corrupçaõ. Naquillo em que a Providencia naõ predefinio hum ſer permanente , e inalteravel , a natureza naõ ceſſa de moverſe em quanto naõ desfaz, em quanto naõ corrompe, e em quanto naõ acaba. A ſciencia acha no homem propenſaõ para a vingança, para a ira, para a ambiçaõ, e para a vaidade ; nenhuma deſtas inclinaçoens lhe tira , antes as conforta ; porque a ſciencia naõ vem fazer hum homem novo ; aſſim como o acha, aſſim meſmo o deixa. As noticias, que alguns foraõ alcançando pela ſucceſſaõ dos tempos , e que para as fazerem reſpeitaveis, e as conſervarem em huma mageſtade primitiva, as foraõ caracterizando com nomes pompoſos , e pouco intelligiveis , huns Latinos, outros Gregos, outros Arabicos ; como Filoſofia, Geometria, Algebra, eſſas taes noticias a que chaõ ſciencias, naõ ſe adquirem bre-

ve-

vemente, nem he trabalho de hum dia, mas de muitos annos, e de toda a vida; e deſta ſorte antes que qualquer ſciencia ſe introduza em nós, tem tempo para ſe adjectivar, e familiarizar comnoſco, e para ſe conſubſtanciar com todos os noſſos vicios, e com todas as noſſas inclinaçoens; e neſta fórma quando as ſciencias chegaõ, naõ he para nos emendar, porque já vem tarde; e ſe entaõ nos emendamos, eſſa emenda naõ he effeito da ſciencia, mas da noſſa debilidade. Os homens mais facilmente ſe mudaõ, do que ſe emendaõ; quem muda he o tempo, a ſciencia naõ. Commummente o que nos faz deixar os vicios, he a impoſſibilidade de os conſervar; e ainda entaõ o que perdemos, he o uſo delles, e naõ a vontade, largamos o exercicio, e naõ o affecto; deſiſtimos da occupaçaõ, e naõ da inclinaçaõ; e finalmente nós naõ ſomos os que deixamos os vicios, elles ſaõ os que nos deixaõ; nós os ſeguimos de longe, e por mais que os ſigamos cançados, nunca os perdemos de viſta; quando

naõ

naõ podemos ir, os objectos nos arrebataõ: a memoria dos noſſos vicios paſſados, nos eſtá ſervindo de vicio preſente; e quem ſabe quaes ſaõ os que obraõ com mais vigor, e mais activamente? A imaginaçaõ naõ he coiſa taõ ſem corpo como nos parece; talvez que naõ tenha de menos que o ſer mais ſubtil, e deſta qualidade o que póde reſultar, he o ſer mais duravel. Naõ ſei ſe houve já quem reparaſſe, que o goſto dos ſucceſſos ſaõ menos attractivos na realidade, do que ſaõ depois lembrados; a complacencia naõ he taõ forte, quando a primeira vez ſe moſtra na verdade, como quando ſe repete na lembrança, e ſe repreſenta ſempre; o ſuſto do perigo naõ he taõ grande no inſtante que ſuccede, como he depois que ſe recorda, e iſto he porque o corpo he ſuſceptivel de hum paſmo tal, que fica como abſorto, immovel, e inſenſivel; ſó a imaginaçaõ naõ ſe entorpece facilmente, por iſſo recebe as impreſſoens do goſto, e do pezar, em toda a ſua força, e em toda ſua extenſaõ; o penſamento

he o lugar em que a natureza ſe concentra, e fortifica; daqui vem que tudo quanto ſe ſente, ou ſe vê com o penſamento, fica ſendo mais viſivel, e mais ſenſivel. Naõ he pois a ſciencia a que nos enſina, o tempo ſim; a ſciencia he como hum criſtal claro, que poſto ſobre huma má pintura, ſim lhe dá luſtro, mas naõ a faz melhor, nem de mais valor; a luz que he ſimbolo da perfeiçaõ, naõ faz mais perfeito nada do que alumea: cada coiſa guarda o ſeu defeito original; e aſſim devia ſer, porque a natureza de cada coiſa tambem ſe compoem do ſeu defeito, e eſte quem lho tira, deſmancha a meſma coiſa, porque a deſune, e a ſepara: em qualquer compoſto naõ ſó he parte principal o que ha nelle de excellente, mas tambem aquillo que tem de inferior; o dividillo ou emendallo ſeria o meſmo que perdello: em hum medicamento tambem entra o ſimples amargoſo, e eſte ſe ſe tira, fica o remedio ſem virtude. Tudo he ſingular na ſua ſpecie: o verdadeiro ſer das coiſas naõ depende da approva-

çaõ

çaõ do noſſo goſto; de parecer mal, naõ ſe ſegue que o ſeja; as coiſas menos eſtimaveis, e ainda as mais aborrecidas, tiveraõ famoſos Apologiſtas; nós regulamos tudo pela noſſa ſenſibilidade, e neſta he que coſtuma haver o engano; iſto vem a ſer o meſmo que pezar por hum pezo falſo; medir por huma medida errada; e calcular por hum compaſſo incerto: a infidelidade eſtá no inſtrumento que peza, e que mede; tudo o que julgamos, he ſegundo a noſſa raſaõ, e ſegundo a noſſa ſciencia; miſeravel inſtrumento, mil vezes falſo, e enganoſo! A ignorancia tem produzido menos erros que a ſciencia; eſta o que tem de mais, he que ſabe introduzir, eſpalhar, e authoriſar; e ſegundo a noſſa vaidade o errar importa pouco; o ponto he ſuſtentar o erro; e neſta fórma o que a ſciencia nos traz, he ſabermos errar com methodo.

E com effeito em que ſe acordaõ os ſabios? Qual he a doutrina em que todos concordaõ, qual he o ſiſtema em que todos convem, ou qual

he o principio em que todos ſe fundaõ ? Só a vaidade he certa em todos. Naõ ha furor a que hum homem ſe naõ entregue, ſó pela vaidade de ſer cabeça de hum dogma, ou de huma opiniaõ. Vejamos qual tem ſido o deſtino da Filoſofia, que ſe diz ſer a primeira das ſciencias. Os diſcipulos de Ariſtoteles dividiraõ-ſe em duas ſeitas, ou em duas parcialidades; huma foi a que chamaraõ Nominaes, e outra a dos Realiſtas; os Nominaes diziaõ, que as naturezas univerſaes naõ eraõ outra coiſa mais do que nomes; os Realiſtas, ſeguindo opiniaõ contraria, affirmavaõ, que aquellas naturezas eraõ verdadeiramente cauſas que exiſtiaõ na realidade. Occaõ, Frade Inglez, e diſcipulo de Scoto, foi o cabeça dos Nominaes, e Joaõ Duns o era dos Realiſtas: eſtes ſeguiraõ a Ariſtoteles mais literalmente; os outros naõ admittiaõ nenhuma entidade ſuperflua, tendo ſempre por infallivel o axioma do Filoſofo, quando diz, que a natureza nada faz em vaõ. Eſtas duas ſeitas fizeraõ em Alemanha hum tal progreſſo,

greſſo, que huma materia inutil, indifferente, e puramente de opiniaõ, veio a parar em fazer-ſe della hum ponto de honra; a vaidade de diſcorrer melhor animava com tal exceſſo a todos, que os argumentos ſó ſe decidiaõ pelas armas, os combates particulares vieraõ finalmente a reduzir-ſe a huma guerra viva. Introduzio-ſe aquelle meſmo fanatiſmo em França, e chegou a tanto extremo, que Luiz XII. para o evitar, determinou, que em todas as livrarias ſe fechaſſem com cadeas os livros dos Nominaes, para que ninguem os pudeſſe abrir, nem ler. Daquella ſorte veio a ficar a doutrina de Ariſtoteles taõ desfigurada, pelas ſubtilezas com que cado hum queria ſuſtentar a vaidade da ſua opiniaõ, que eſſa foi a cauſa principal de deſprezar-ſe a Filoſofia, e ficar parecendo odioſa a todos. Os livros de Ariſtoteles foraõ levados a França no ſeculo treze pelos Francezes, que tinhaõ ido a Conſtantinopla; Amauri, que entrou a ſuſtentar os ſeus erros pelos principios daquelle Filoſofo, foi condemnado como

mo Herege por hum concilio de Pariz celebrado em o anno de 1209. Eſte Concilio prohibio totalmente a leitura de Ariſtoteles, e condemnou os ſeus livros ao fogo: a meſma prohibiçaõ ſe tornou a renovar por hum Legado, ſómente a reſpeito da Fyſica, e Methafyſica. Gregorio IX. diminuio a prohibiçaõ do Concilio de Pariz por huma bulla expedida em 1231, prohibindo a leitura das obras de Ariſtoteles; ſómente em quanto ſe naõ extirpavaõ os erros, que reſultavaõ, ou podiaõ reſultar da ſua doutrina. Em 1366 os Cardeaes Joaõ de S. Marcos, e Gil de S. Martinho delegados por Urbano V. para reformarem a Univerſidade de Pariz, concederaõ, que ſe pudeſſem ler varias obras de Ariſtoteles, exceptuando a ſua Phyſica. O Cardeal de Eſtoureville em 1452, fazendo varios regimentos para a meſma Univerſidade por mandado de Carlos VII., ordenou que os Eſtudantes, e Bachareis foſſem examinados pela Metafyſica, e Moral de Ariſtoteles. Em 1601, concedeo á Univerſidade de

de Pariz o uſo, e liçaõ das obras daquelle Filoſofo, e juntamente da ſua Fyſica; e á imitaçaõ da Univerſidade começaraõ todos os eſtudos publicos a ſeguirem a Filoſofia Peripatetica; eſta foi combatida em 1624 por concluſoens; porém a faculdade de Theologia de Pariz, e o Parlamento, tomou a ſua defeza: a Sorbona fez hum Decreto, pelo qual cenſurou aquellas Concluſoens, e o Parlamento por hum Acordaõ ordenou tres coiſas, a primeira que aquellas Concluſoens foſſem laceradas; a ſegunda, que todos os que as tiveſſem defendido, foſſem riſcados dos livros das matriculas; a terceira, que todos os que enſinaſſem algumas maximas, que foſſem contrarias aos Authores antigos, e approvados, incorreſſem em pena de morte. Em 1629 declarou o Parlamento, que ſe naõ podiaõ impugnar os principios da Filoſofia de Ariſtoteles, ſem ſe impugnarem tambem os da Theologia Scholaſtica recebida na Igreja: porém naõ obſtante todas eſtas prohibiçoens, e declaraçoens, entrou

Gaſ-

ſendo a eſcrever contra aquelles principios ; e Carteſio fez-ſe cabeça de hum novo ſiſtema , ou nova ſeita. Depois deſtes começou a Filoſofia de Ariſtoteles a perder muito do ſeu primeiro luſtre: hoje as Filoſofias todas ſe compoem de Mathematicas ; de ſorte que já naõ ha ſyllogiſmo , que conclua , ſe naõ he fundado em alguma demonſtraçaõ Geometrica ; na Fyſica naõ ſe eſtá pelo que ſe diz, ſenaõ pelo que ſe vê ; pouco importa que ſe affirme que eſte , ou aquelle Meteoro procede deſta , ou daquella cauſa; e ſe iſſo ſe naõ moſtra por meio de alguma experiencia , ou inſtrumento. A formaçaõ das nuvens, do vento , da chuva , dos raios , e terremotos , e de outros muitos effeitos naturaes ; a Chimica naõ ſó enſina como ſe produzem , mas tambem os imita ; e iſto ſem ſer neceſſario ſaber ſe o Syllogiſmo eſtá em *Barbara* , ou em *Celarent*. Hum lambique , hum Eolipilo , huma machina Pneumatica , e a miſtura de varios corpos , explicaõ mais em huma hora , do que hum profeſſor de Filoſofia

fia em muito tempo; o entendimento percebe melhor ſendo ajudado pelos olhos, do que ſó por ſi. Nas mais ſciencias tambem tem havido fortunas, e deſgraças; todas encontraraõ hum tempo feliz, e outro infauſto: a vaidade dos primeiros meſtres, continuada em ſeus ſucceſſos como herança, foi a fonte, em que naſceraõ as ſciencias; deſtas a Monarquia principal, he a Europa; na maior parte do mundo, o deſprezo das ſciencias paſſou á Religiaõ; aſſim devia ſer porque a vaidade, que reſulta das ſciencias, he vaidade de homens livres, e eſtes ſó os ha na Europa: o Diſpotiſmo reduzio as outras partes a eſcravidaõ. Que vaidade póde haver em hum eſcravo? Eſte ou ſeja valeroſo, ou ſabio, nada diſſo he ſeu: o valor, e ſabedoria tambem entraõ na eſcravidaõ; a vaidade que o eſcravo póde ter, tambem pertence ao Senhor: o edificio, a carroça triunfal, o alfange, a pendula, ſaõ inſtrumentos incapazes de vaidade em ſi; da bondade delles ſó o Senhor ſe deſvanece: aſſim ſaõ

os

os eſcravos ; ſe ha Automates no mundo, ſaõ elles.

A vaidade das letras he maior do que a vaidade das armas ; eſtas ſim tem occaſioens de maior pompa, de maior grandeza, e de maior admiraçaõ ; mas tudo nas armas he ſemelhante ao raio, cuja luz, e eſtrepito ſe extingue em hum inſtante. Os Heroes nunca chegaõ a durar hum ſeculo; as ſuas acçoens naõ duraõ mais, ſe a fortuna lhes naõ dá na republica das letras alguma penna illuſtre, que conſerve a vida daquellas meſmas acçoens, já ſuccedidas, já paſſadas, e já mortas. A vaidade das ſciencias por ſer huma vaidade pacifica na apparencia, naõ deixa de ſer altiva, e arrogante. As aguas, que vaõ fazendo eſcumas, e que correm com ruido, naõ ſaõ as que aſſuſtaõ mais; aquellas que parecem negras, que paſſaõ em ſilencio, e que apenas ſe movem, eſſas ſaõ donde o perigo he certo: nas praias he donde o mar ſe levanta mais, e faz eſtrondo; donde he pego verdadeiro, em que as ondas como em campo largo em ſi meſ-

mas

mas ſe abrem, ſe ſuſpendem, e revolvem, naõ tem o mar bramidos, nem furor, mas he lá donde o riſco he grande. O damno naõ coſtuma eſtar tanto donde ſe moſtra, como donde ſe eſconde: aſſim ſaõ as letras, e aſſim ſaõ as armas; eſtas fazem o rumor, aquellas o eſtrago: as armas fazem o mal, mas acabaõ com elle, as letras o mal que fazem, dura; as armas cançaõ, as letras naõ; a eſpada nem ſempre póde uſar de força, e de traiçaõ; a penna ſempre póde ſer traidora, e aleivoſa; he arma que naõ póde acautelar-ſe; quanto mais leve, e mais ſubtil, mais perigoſa: daqui vem o ſerem as letras de algum modo inexpugnaveis, e por conſequencia vaidoſas, porque o ſer invencivel preciſamente influe vaidade; o combate das ſciencias entre ſi, ſaõ combates inviſiveis, em que ninguem ſe rende; e o render-ſe valeria o meſmo, que huma confiſſaõ expreſſa de ignorancia; e com effeito, de quem cede, nunca ſe prezume haver cedido, porque conheceo a raſaõ alheia, mas por falta de ſaber

ber ſuſtentar a ſua; a fraqueza naõ ſe attribue á propoſiçaõ, mas a quem a defende; de ſorte, que a ſciencia naõ conſiſte em ſaber conhecer, mas em ſaber reſponder, e arguir; por iſſo quem mais diſſe, he quem mais ſoube: as letras naõ ſe coſtumaõ tomar pelo pezo, mas pelo volume; fazem-ſe recommendaveis pela extenſaõ; o ponto he que creſçaõ na quantidade, a qualidade he materia indifferente; ellas naõ avultaõ pelo que ſaõ, mas pelo que ſoaõ; e regulaõ-ſe pelo apparato, e naõ pela ſubſtancia; eſtimaõ-ſe pelo que parecem, e naõ pelo que valem; o que importa nellas, he ter no exterior hum brilhante falſo, cujo reſplandor furtado eſcandalize os olhos de quem o quizer ver de perto; baſta que a attençaõ fique aſſombrada com o aſpecto de huma imagem nova, ainda que na verdade naõ ſeja mais que huma fantaſma; a ſuperficie deve eſtar cuberta de huma claridade intenſa, e forte; o fundo ſeja embora confuſaõ, cegueira, cahos. Só o que he preciſo, he todo o meſmo em ſi, e o meſmo em to-

das

das as ſuas dimenſoens: o diamante naõ tem parte em que naõ ſeja diamante; a roda que o pule, por mais que lhe multiplique as faces, em todas o acha igualmente duro; naõ he mais ſolido em hum lugar, que em outro; a porçaõ, que o engaſte cobre, naõ he inferior á aquella que ſe moſtra; a luz por toda a parte encontra nelle a meſma reſiſtencia, por iſſo retrocede reflectida, como em vibraçoens de varias cores. Naõ ſaõ aſſim commummente as letras; o que ha nellas de agradavel, he o que fica expoſto á viſta, e por iſſo ornado de emblemas, de proporçoens, de conreſpondencias, e figuras; o mais he hum labirintho informe, rude, e indigeſto; o metal burnido applicado fóra, naõ deixa ver por dentro o páo ſem luſtro, nem valor.

Saõ raros os que nas letras buſcaõ a ſciencia; o que buſcaõ, he utilidade, e applauſo; eſte he objecto da vaidade, aquelle da ambiçaõ: outros ha, que quando buſcaõ as ſciencias, nellas buſcaõ tudo; naõ ſó intereſſe, louvor, e approvaçaõ

dos

dos homens mas tambem hum quaſi dominio delles ; as letras ſaõ armas com que querem adquirir ſobre os mais homens hum direito de conquiſta : eſta idéa , ou eſperança , parece que naſce com elles , e com elles creſce ; ainda eſtaõ nos primeiros elementos das primeiras artes , quando logo ſe propoem aquelle intento , para eſte ſe encaminhaõ todos os ſeus paſſos ; das virtudes , e dos vicios ſeguem aquelles , que conduzem para aquelle fim ; e aſſim naõ ſaõ virtuoſos , nem vicioſos por natureza , mas por occaſiaõ : a natureza naõ os fez máos , nem bons ; elles he que ſe fazem a ſi , por ſeguirem o que a occaſiaõ pede. Sempre eſtaõ promptos para deixarem a virtude , e abraçarem o vicio , e tambem para deixarem eſte , e abraçarem a virtude , com tanto que diſſo dependa a ſua elevaçaõ. Deslealdade , fé , religiaõ , hypocriſia , tudo para elles val o meſmo ; olhaõ para os vicios , e virtudes , como para varios inſtrumentos de que hum artifice perito ſe ſabe ſervir a tempo , naõ ſegundo o que a raſaõ pe-

pede, mas ſegundo o que pede a obra: para que ninguem os ſiga, nem conheça, vaõ desfazendo, ou eſcondendo os degráos por onde ſobem, e ſó no ultimo ſe moſtraõ, mas entaõ já tem na maõ o raio, já naõ ſaõ imagens de pequena conſequencia; ſaõ conſtellaçoens formidaveis, e funeſtas; a aquella altura nenhum incenſo chega; o reſpeito mais profundo, he vulgar; o que exigem, he ſilencio, e adoraçaõ; e ainda eſta ha de ſer de longe, porque o chegar a elles de algum modo, he ſacrilegio. Os ſabios venturoſos, de tudo fazem azas, até das couſas mais improprias para voar; por iſſo qualquer crime nelles fica ſendo huma acçaõ juſta; nos outros huma culpa leve he delicto atroz: para tudo tem huma multidaõ de applicaçoens, e intelligencias; eſtas ſaõ as que daõ ſer a todas as ſuas coiſas; e todas nas ſuas mãos mudaõ totalmente de figura; nada lhes parece como parece aos outros; querem reformar o mundo, pouco reformados em ſi; ſoberba, ambiçaõ, grandeza, ſaõ os tres po-

polos, em que ſe eſtabelecem, e ſe fundaõ; aquelles ſaõ os Idolos, a quem unicamente ſacrificaõ, e de quem elles ſaõ ao meſmo tempo, retratos, e originaes, idolos, e idolatras; Narciſos das ſuas acçoens, e ſobro tudo das ſuas letras, elles ſaõ os primeiros que ſe admiraõ, e ſe applaudem; e tudo com tal arte, que aquella admiraçaõ ſem fé, por ter nelles meſmos hum principio errado, e ſuſpeitoſo, elles de tal ſorte a eſpalhaõ, que depois de introduzida, vem a ſervir-lhes de titulo legitimo; e ſe ha por accaſo quem duvide, já he tarde, porque na fama tambem cabe preſcripçaõ; he como huma poſſe, que fica ſendo prova do dominio. O vulgo tudo o que recebe, he ſem exame, e depois, antes quer permanecer no erro, do que entrar a examinar; e com effeito he mais facil ir com os que vaõ, do que parar para os ſuſpender: por iſſo os que adquirem opiniaõ de ſabios, ficaõ graduados por acclamaçaõ, mas eſſa opiniaõ devem á fortuna, e naõ a ſi, porque as mais das vezes apenas

ſaudaraõ de longe as letras ; e aſſim ſe verifica, que a quem tem fortuna, baſta o ſaber pouco ; ſe he que para fortuna o ſaber naõ baſta. Tanto he certo que as couſas ſe implicaõ , e confundem tanto , que nas meſmas razoens , em que ſe funda a razaõ que affirma , tambem ſe póde fundar a razaõ que nega: daqui vem, que he motivo de huma grande vaidade , o ſaber retorquir a força do argumento contra quem o faz , á maneira de hum guerreiro , que deſarma outro , para o deixar ſem defeza , e para o render com as ſuas proprias armas ; tambem com o diſcurſo fabricamos armas contra nós, e eſſas ſaõ as mais fortes, porque he como hum mal que ſe fórma dentro em nós, e que he maior á proporçaõ que he noſſo : o damno exterior admite mais reparo.

Naõ ſaõ as ſciencias as que coſtumaõ pacificar o mundo ; deſordenallo ſim. O exercicio , ou a vaidade das letras, todas ſe compoem de diſcuſſoens , objecçoens , e duvidas ; a diſputa em ſi he couſa mais princi-

pal do que a materia da queſtaõ: alteraõ-ſe os animos, mas naõ ſe perſuadem, porque naõ diſputaõ pela razaõ, mas pela diſputa; e eſta ſe ſe acaba, he porque acaba o tempo dado para diſputar; o relogio aparta os combates; eſtes ſeparaõ-ſe, porém nenhum vai ſabendo mais, porque como no argumento naõ buſcavaõ a verdade, por iſſo eſta ſempre fica ignorada, occulta, e deſconhecida; o ponto he, que fique ſatisfeita em hum a gloria de arguir, e em outro a vaidade de reſponder; e aſſim naõ ſe trataõ as couſas, trataõ-ſe as palavras dellas: daqui vem, que o ficar vencido na fórma, he o meſmo que ficar vencido em tudo; porque a ſubſtancia he como couſa eſtrangeira, e indifferente. De dous textos contrarios a fadiga que reſulta, he ver, ſe ha meio de os poder unir, e conciliar; que a razaõ eſteja em hum, e naõ em outro; iſſo importa menos; a arte eſtá em ſubtiliſar de ſorte, que ambos os textos fiquem conſervados, e que a nenhum ſe tire a ſua authoridade magiſtral;

ti-

tire-se embora a fé á verdade, e á juſtiça; porém naõ ao texto; eſte ſempre deve ſervir de regra, por mais que ſeja regra errada, e naõ direita; o empenho da vaidade naõ eſtá em deſcobrir a verdade, mas em oſtentar v. g. huma erudiçaõ Rabinica, e moſtrar que na lingua Hebraica, a palavra *alma* nunca ſignificou outra couſa ſenaõ *virgem*. Como a vaidade das ſciencias traz comſigo hum deſejo immenſo de adquirir nome, eſte parece que ſe adquire á força de vozes, e eſtas devendo ſer de fóra, coſtumaõ ſahir do meſmo ſabio pretendido; elle he o que entoa o cantico, e ſempre acha na turba quem o ſiga: na confiança de começar, encontra-ſe huma eſpecie de valor de que a fortuna ſe namora; a reſoluçaõ de prégar nos louros, e nas palmas, faz parecer que ſaõ ſuas: ha muito, que as ſciencias tem o privilegio de poderem ellas meſmas coroar-ſe a ſi, e com effeito o ſaber na realidade mais, ou menos, he ſegredo, que fica eſcondido; eſtamos pelo que indicaõ as inſignias; e nas

letras, huma parte do que vemos; saõ edificios vãos, compostos fómenmente de hum soberbo frontispicio, e este por mais que inculque hum fundo grande, quem lho busca, naõ o acha; por isso tem fechadas as portas; e se algum entra, he daquelles, que sabem o defeito, e tem interesse nelle; os mais todos saõ profanos. A sabedoria humana he como a cortina do theatro; nella se vem pintados primorosamente jeroglificos, medalhas, inscripçoens, e attributos; e nesta variedade de acçoens, e de sujeitos, se suspende a vista; e o coraçaõ que admira, todo se deixa penetrar de hum respeito, ou medo veneravel; mas se algum impaciente, e indiscreto fórça a cortina, e entra, o que vê, he hum lugar escuro, embaraçado, sem ordem, nem aceio; vê Actores ainda cobertos de roupas miseraveis; alguns, vestida a gala, e empunhado o cetro, (adornos alheios, e supposstos) vê chegados a huma luz desanimada, recordando de hum papel immundo as palavras de que a memoria se encarrega com trabalho;

ou-

outros defronte de hum eſpelho ſombrio, exercitando a cadencia dos paſſos, das acçoens, do geſto, e reveſtindo os ſemblantes de hum aſpecto alegre, ou triſte, e de hum ar de ſoberania, de valor, e de juſtiça: vê as Actrices, que naõ menos cuidadoſas, alli meſmo ſe ajuſtaõ, e preparaõ, e que algumas a pezar do tempo, e a milagres do artificio, cuidaõ que reparaõ em breviſſimos inſtantes, a ruina que fizeraõ muitos annos, ſemelhantes ás ſerpentes quando ſe renovaõ, mas naõ taõ felices; todas em hum eſpelho portatil eſtudaõ amor, deſdem, ſeveridade, contentamentos, lagrimas; tudo aprendem no criſtal, meſtre mudo, e fiel, e que mudamente enſina a propriedade, o ar, a graça; mas que importa, o ar he vaõ, a graça he enganoſa, e a propriedade he falſa; o repreſentar he mentir; deſde que a ſcena começa, até que acaba naõ ſe vê mais do que hum fingimento de acçoens, e de figuras; quem mais ſe diſtingue, he quem melhor exprime o que naõ ſente, e quem parece melhor

lhor o que naõ he: a arte naõ eſtá em imitar, mas em contrafazer: as ſombras ſubſtituem o lugar das couſas; e a relaçaõ da hiſtoria, fica ſendo a hiſtoria meſma: o mentir por aquelle modo, he hum meio facil para imprimir facilmente na memoria os ſucceſſos paſſados; he huma tradiçaõ, que ſe communica agradavelmente, naõ ſó pelo que ſe ouve, mas tambem pelo que ſe vê: alguma vez havia de ſer util o engano; e com effeito daquella ſorte vemos os combates ſem perigo; as virtudes vemos com goſto: e ſe vemos tambem os vicios, he ſem entrar nelles, para os aborrecer, pela fealdade com que ſe moſtraõ, e naõ para os ſeguir. Em theatro maior, e em maior ſcena ſe paſſaõ, e repreſentaõ as vaidades do mundo, e entre ellas a vaidade das ſciencias; o homem naõ ſe entende a ſi, e cuida que entende a fabrica dos Ceos; ignora a ordem da ſua propria compoſiçaõ, e crê que naõ ignora o de que ſe compoem a terra; naõ ſabe a economia dos ſeus meſmos movimentos, e julga

que

que ſabe o como ſe move o Univerſo; finalmente naõ ſe conhecendo a ſi, preſume que tudo o mais conhece. A vaidade do ſaber parece que arrebata o homem, e que em eſpirito o faz circular os orbes celeſtes; lá contra o numero dos criſtallinos, vê a eſféra do fogo, e mede a diſtancia, o giro, e grandeza dos Planetas; porém aſſim que torna a ſi, nada de que tem em ſi ſabe, nem conhece: vê hum corpo ſabiamente organiſado, e nelle acha vontade, intelligencia; ira, averſaõ, vaidade, deſejo, eſperança, amor; acha hum ſangue que ſe move, e hum calor que o anima; tudo diſtingue com nomes differentes; paixoens, ſyſtole, diaſtole, eſpiritos vitaes, humido radical; eſtes ſaõ os nomes; a que erradamente chamaõ das couſas, naõ ſendo ſenaõ nomes dos effeitos; o que ſe conhece, ou ſabe, he o effeito das couſas pela diſtinçaõ dos nomes; mas o conhecer o nome, naõ he conhecer a couſa. Todos ſentimos a impreſſaõ do ardor, mas ninguem ſabe, o como eſſa impreſſaõ

ſe

ſe faz; e deſta ſorte o que conhecemos, he o effeito do frio, e naõ o frio; vemos a determinaçaõ da vontade, mas naõ ſabemos o como a vontade ſe determina. Quem he que ſabe de donde vem o agrado da armonia, nem o deſagrado da diſſonancia? Huma voz ſuave nos encanta, hum ſom aſpero, e agudo nos moleſta; mas quem ha de dizer o donde procede no ſom a ſuavidade ou a aſpereza? Os effeitos mais ſenſiveis, e mais certos, ſaõ os da dor, e tambem do goſto; mas quem he o que conhece, de que ſe origina o goſto, nem de que ſe fórma a dor? Ainda os effeitos das couſas conhecemos mal, ſó os ſentimos; parece que ſó temos ſenſibilidade, e naõ conhecimento; aquillo que conhecemos, he porque o ſentimos; do noſſo ſentir reſulta o noſſo modo de conhecer. Os primeiros principios, e os primeiros movimentos reſervou-os para ſi a providencia; o homem ſó ficou expoſto a elles, para os admirar, e naõ para os ſaber. A vaidade das ſciencias toda ſe cauça em conjecturas,

ras, que faz paſſar por demonſtraçoens; quando ſuppoem, que encontra a parte, em que póde deſatar o nó, entaõ o aperta mais: os diſcurſos perdem-ſe na immenſidade vaga de huma materia impenetravel; a natureza ſabe eludir todos os noſſos eſtudos, e conceitos; naõ he mais facil no que moſtra, do que no que eſconde; naõ he menos reſervada no que produz á ſuperficie da terra, do que naquillo que fórma no ſeu centro; ſó ella conhece as ſuas leis, e os ſeus ſegredos: vemos naſcer a flor, creſce á noſſa viſta; mas nem por iſſo ſabemos o como a flor naſce, nem o como creſce: a difficuldade ſempre fica ſendo a meſma; o noſſo engenho todo ſe evapora em bellas fantaſias, e em razoens notaveis; mas eſtas ſó ſervem de enganar, ou de entreter a mocidade que começa, e que ainda naõ ſabe por experiencia, que a maior parte das couſas de que o mundo ſe compoem; nem ſe pódem enſinar, nem apprender. A vaidade da ſabedoria humana naõ ſe funda na certeza da ſciencia, mas

na

na certeza da cadeira; eſta á maneira de huma torre inexpugnavel infunde terror; e o diſcipulo docil, e innocente, recebe como de hum oraculo as deciſoens do meſtre; os que eſtaõ debaixo da diſciplina, vem o barrete doutoral, como ſe foſſe hum reſplandor, de cuja luz ſe naõ duvida, por iſſo a vaidade do Meſtre exige reſpeito, e credulidade: eſta he a primeira liçaõ; a verdade ſempre nos parece que eſtá no lugar mais alto, e que brilha mais; e ſe a buſcamos em autra parte, he ſem ancia, nem cuidado: o apparato exterior naõ ſó nos diſpoem, mas tambem nos perſuade; os olhos aſſombrados, naõ deixaõ o animo livre para reſiſtir; a ſingularidade da pompa, naõ ſó authoriſa, mas authentica; naõ ſó leva a ſi a noſſa attençaõ, mas tambem a noſſa ſubmiſſaõ; naõ ſó nos faz obedecer; mas crer.

Os ſabios da terra naõ ſaõ os mais proprios para o governo della. As Republicas, que ſe fundaõ, ou ſe quizeraõ governar por ſabios, perderaõ-ſe, acabaraõ-ſe; temos noticia del-

dellas pelo que foraõ, e naõ pelo que saõ. Roma, essa illustre capital do mundo, ou ao menos da maior Republica, que o mundo vio; essa universal conquistadora, para cuja gloria concorreo a fortuna mais constante, e cujo poder se manifesta ainda, ou já referido nos seus Fastos, ou já representado nos vestigios preciosos das ruinas, como em obeliscos, arcos triunfantes, columnas, circos, aqueductos, urnas sepulchraes; essa Cidade altiva em que o mundo se quiz resumir, e abreviar; ella mesma conta a decadencia do seu esplendor nativo, do tempo em que as sciencias chegaraõ ao maior auge. Julio Cesar, famoso Heroe, e sabio Capitaõ, foi o que nos campos de Pharsalia cortou de hum golpe inevitavel a liberdade á patria, e se fez ao mesmo tempo senhor della. Quem differa a Roma, que no seu proprio seio se haviaõ de forjar os seus primeiros ferros; e que as fachas para a abrasar, se haviaõ de acender dentro dos seus muros! Roma, sempre vencedora, e invencivel, cessou de

o ser,

o ſer, aſſim que achou em hum filho ingrato, hum ſabio armado. As maiores crueldades, ou foraõ feitas, ou aconſelhadas pelos Sabios; eſtes quando perſuadem o mal, he com tanta vehemencia, e taõ efficazmente, que as gentes na boa fé, buſcaõ, e praticaõ eſſe mal, como por enthuſiaſmo, e ſem advertirem nelle. A impiedade, he huma das couſas que a ſciencia enſina; naõ porque eſſe ſeja o ſeu objecto, ou inſtituto, mas porque quando a impiedade he util, á força de a ornar, ſe lhe tira o horror. A vaidade das ſciencias naõ conſente, que haja couſa de que ella naõ poſſa, nem ſe ſaiba aproveitar. Os erros commummente ſaõ partos da ſabedoria humana; o errar propriamente he dos ſabios, porque o erro ſuppoem conſelho, e premeditaçaõ; os ignorantes quaſi que obraõ por inſtituto; a ſciencia ſabe ligitimar o erro, a ignorancia naõ: por iſſo neſta naõ ha perigo de que ninguem o approve; em lugar que naquella ha o perigo de que a multidaõ o ſiga. O erro na maõ de hum ſa-

ſabio he como huma lança penetrante, e forte; na maõ de hum ignorante, he como huma arma quebrada, ſem uſo, nem conſequencia. As couſas parece que recebem mais da fórma, que ſe lhes dá, que da natureza que tem; naõ ſe attende á ſubſtancia do marmore, ao pulido fim; a dureza importa menos que a figura. As ſciencias ſaõ as que daõ o luſtre ás couſas, e ſempre daõ o luſtre que lhes parece; ou duvidoſo, ou falſo, ou verdadeiro; a vaidade he o artifice.

Os Heróes ſaõ os que combatem, os que vencem, e conquiſtaõ; porém os ſabios ſaõ os que de algum modo reinaõ, e governaõ. O trabalhos, e o perigo, he dos Heróes; dos ſabios he o fruto: aquelles contentaõ-ſe com a gloria do vencimento, eſtes o que querem, he a utilidade da vitoria; huns reſervaõ para ſi a vaidade do nome, outros naõ querem mais do que ſervir-ſe da authoridade delle; o guerreiro ſemea ſangue, para o ſabio colher flores. He certo, que cada Potentado naõ he mais do

que

que hum ſó homem ; na campanha ſim póde commandar a muitos mil: huma voz , hum ſinal , hum clarim baſta para fazer mover hum corpo formidavel ; porém na paz naõ he aſſim , porque nella o governo he como huma guerra civil , que faz entre os meſmos Cidadãos, e entre os meſmos naturaes ; entaõ mandaõ os ſabios ; por ſer guerra ſem eſtrondo , naõ he menos arriſcada ; nella ſe vem traiçoens , ataques , ſubtilezas ; aquillo que em guerra viva decide a eſpada, na paz decide a pena ; eſta tambem corta , ainda que naõ taõ depreſſa , e niſto meſmo conſiſte hum dos ſeus modos de cortar ; a lentidaõ afflige á maneira de hum martyrio , que para ſer mayor , ſe faz por arte vagaroſo ; e com effeito a morte parece que naõ he morte quando chega , mas ſim quando eſtá para chegar ; o ultimo inſtante he inſenſivel, porque he como hum tempo , que ſe naõ compoem de tempo ; a dor para ſe fazer ſentir , neceſſita de eſpaço ; por iſſo a agonia naõ he quando alguem acaba , mas quando eſtá para aca-

acabar. Aſſim ſaõ as dilaçoens, de que no ocio da paz ſe formaõ os conflictos; eſtamos vendo acabar-ſe a noſſa vida, ſem que ſe acabe a noſſa dependencia; eſta vai ficando como herança; e para ſer herança infeliz, ſem eſtimaçaõ, nem preço, ſempre paſſa com a qualidade de incerta, e duvidoſa, porque sempre fica dependente da inclinaçaó, do arbitrio, e do juiſo humano: iſto he o meſmo que naõ ficar ſujeita a couſa nenhuma certa, mas a huma pura ſorte. A fortuna, o tempo, a occaſiaõ, o humor, a hora tem mais parte nas deciſoens, do que a ley, a verdade e a juſtiça; eſta, ou a ſua imagem ſymbolica, em huma mão tem a balança, e na outra a eſpada; mas que peza na balança? ponderaçoens, diſcurſos, e argumentos ſaõ as partes por onde o direito ſe governa; mas ſaõ partes, que ſe naõ podem pezar, porque naõ tem corpo, nem entidade; e aſſim já temos a juſtiça impropria, até na meſma idéa da ſua repreſentaçaõ, e ſe a quizermos defender pela ſua antiguidade, convenhamos

mos em que as razoens ſe pezem; mas em que mãos ha de a balança eſtar para ſer fiel? Nas dos homens, certamente naõ; nas de huma Deoſa ſim. A eſpada tem mais exercicio na juſtiça; por iſſo ſempre eſtá em acçaõ, iſto he, levantada; e com effeito o ferir he mais facil, porque he mais facil tambem o deſcarregar o golpe, que o ſuſpendello: a força que ſuſpende, he violenta, a que deſcarrega, he natural: mas como póde a juſtiça ter na eſpada hum exercicio juſto, ſe a balança na maõ dos homens naõ tem uſo, e ſe o tem he ſómente imaginario, e na realidade impraticavel? A eſpada depende da juſteza da balança, e aſſim vem a depender de hum inſtrumento inutil, ſim depende de huma balança certa, para ſaber o como, quando, e em que caſo ha de ferir; mas para noſſo mal, a balança na maõ da Juſtiça pintada, he que ſe vê; naõ porque deixem de haver homens juſtos, mas porque a juſtiça verdadeiramente naõ ſe póde pezar; he hum acto de diſcurſo, e eſte em cada homem, he ſempre incerto, vago, e va-

vacilante . Para dar a cada hum o que lhe toca , naõ baſta ter huma vontade perpetua , e conſtante ; neſſa meſma vontade he donde o erro ſe introduz . Finjamos que o diſcurſo he como hum campo largo em que a verde Primavera faz naſcer aquella multidaõ de bellas flores , mas entre eſtas , quem impede que naõ naſça alguma flor com vicio , ou alguma planta agreſte , inferior , e errante ? As flores naſcem no campo , os diſcurſos em nós ; felices ſaõ as flores, pois foraõ produzidas na terra humilde , e por iſſo meſmo incapaz de vaidade , e ainda cheia de ſimplicidade virginal : infelices os diſcurſos, pois naſcendo em nós , naſcem de hum limo peccador , e por iſſo terra ingrata , impura , e adulterada .

Só Deos governa ſó. Os Potentados naõ podem governar , ſem terem varias jerarchias , ou ordens de Magiſtrados ; neſtes delegaõ o poder ; os Magiſtrados ſubdelegaõ aquelle meſmo poder em outros , e eſtes o tornaõ a ſubdelegar : aſſim ſe fórma hum corpo vaſto , compoſto de mui-

tos membros, e todos animados por hum meſmo, e unico poder: eſte viſto, e tomado na ſua primeira origem he juſto, pio, verdadeiro, generoſo, legitimo, protector, paterno; he hum poder, em que parece eſtá depoſitado, ou delegado o poder de Deos: depois que ſahe daquelle centro para dividir-ſe, ou repartir-ſe, logo ſe altera: em quanto eſtá no throno, he puro; ſe ſe affaſta delle, degenera, he como huma arvore, que ſe tranſplanta para hum terreno improprio: as aguas ſaõ limpas quando naſcem; depois fazem-ſe immundas, ſegundo os lugares por onde correm: o eſpirito naõ anima as partes, que eſtaõ fóra do ſeu corpo, e a alma que parece, que habita em os membros todos, foge, e ſe retira, dos que foraõ ſeparados: a claridade da luz naõ ſe communica bem, ſe a diſtancia em que eſtá he exceſſiva; o fogo naõ tem calor, ſenaõ dentro da eſféra da ſua meſma actividade; as couſas poſtas fóra da ſua regiaõ, tomaõ huma natureza contraria, e ficaõ outras. Que couſa póde

de haver, que pareça eſtar mais fóra da ſua regiaõ, da ſua eſféra, e do ſeu centro, do que o exercicio do poder, e da juſtiça na maõ dos ſabios? Eſtes ſaõ prodigos daquelles attributos, uſaõ delles como couſa empreſtada, e alheia; a ſciencia que os fez ſubir, he o que deſprezaõ mais; naõ porque totalmente deſprezem a ſciencia, mas porque eſta preſcreve certos modos, e limites, que ſe naõ podem paſſar, nem deixar de chegar a elles; eſta neceſſidade ſerve de anguſtia; he aperto o haver de ſeguir preciſamente hum caminho preſcrito, e determinado; a vaidade da ſciencia naõ ſe accommoda em ſeguir, o que quer he que a ſigaõ; naõ quer obſervar a regra, quer fazella. Os ſabios ſoffrem mal o ſerem executores, e naõ legisladores; e com effeito a execuçaõ, ſoa huma eſpecie de ſervidaõ publica; por iſſo cada hum ſe fórma huma ſciencia particular; e eſta he a que propriamente he ſua, daqui vem os diverſos pareceres; nem póde deixar de ſer, porque nenhum ſabio ſe go-

verna pelos principios communs a todos, mas por aquelles que ſó a elles ſaõ communs ; e quando recorrem aos principios dos outros, he para confirmaçaõ dos ſeus : mas como póde naõ ſer aſſim, ſe he regra, que em certos caſos naõ deve a regra ſervir de regra, nem o principio de principio, nem a lei de lei ? Entaõ vem a conſiſtir a obſervancia da lei, na tranſgreſſaõ della, a conformidade com o principio, conſiſte em ſe affaſtar delle, e a ſujeiçaõ à regra, conſiſte em a violar, deſta ſorte vem a ſciencia a ſer huma faculdade arbitraria, e fundada mais no conhecimento dos caſos, do que no conhecimento das leis : eſtas ſaõ as que ſe applicaõ, e na occaſiaõ de ſerem applicadas, he que tem o perigo de ſe quebrarem, ou torcerem; ellas ſe quebraõ, e ſe torcem, ainda ſem ſer por fraqueza de quem as applica, mas por culpa da meſma couſa. Vemos aquelles ſabios, quaſi ſempre deſunidos ; todos eſtudaõ as meſmas leis, mas no modo de as praticar, nenhum concorda ; naõ ſó diſputaõ

quan-

quando aprendem, mas tambem quando ſabem; em diſputar paſſaõ todo o tempo de apprender, de enſinar, e de uſar; o que argumenta, e duvida mais, he o que dá melhor final de ſi; o ſaber embaraçar mais, he o meſmo que ſaber mais; o applauſo naõ ſegue a quem tirou a difficuldade mas a quem a poz; nem tambem a quem a desfez, mas a quem a fez; a oſtentaçaõ naõ eſtá em fazer aſſentar no que a couſa he, mas em arguir, e deſtruir tudo aquillo em que ſe aſſentar: celebre ſciencia, em que os ignorantes, parece que eſtaõ de melhor partido que os ſabios! Eſtes vem tanto, que a multidaõ das couſas que vem, os confunde, e cega; aquelles vem menos, e por iſſo vem mais: a abundancia de ſciencia faz aos ſabios pobres de ſaber; neſte caſo a ſabedoria eſtá em poder tornar para o eſtado de ignorancia; a maneira de alguem que retrocede para buſcar o que perdeo: alguma vez ſuccede a quem caminha, o paſſar além do lugar para donde vai; entaõ quando mais caminha, mais ſe per-

perde; porque buſca adiante aquillo, que já lhe fica atraz: tanto erra quem anda menos, como quem anda mais; e tanto ſe deſvia quem naõ chega ao lugar, como quem o paſſa. Hum vento muito forte ainda que ſeja favoravel, he tormenta; a luz nem por ſer muito intenſa, he mais clara; as aguas, que correm precipitadas, para pouco ſervem; a grande velocidade as faz inuteis, e incapazes; o pezo naõ ſó fica ſendo errado, por ter de menos, como por ter de mais; as couſas naõ ſó ſe arruinaõ por fraqueza, mas tambem por fortaleza; a ſaude demaſiada paſſa a enfermidade; o preceito naõ ſó ſe quebra pela diminuiçaõ da obſervancia, mas tambem pelo exceſſo: algumas virtudes ha, que ſaõ vicios moderados; a temperança he como huma raia, que eſtá entre o vicio, e a virtude, e que diſtingue o bem do mal; nas ſciencias tambem ſe pecca, por ſe ſaber nellas mais do que ſe deve ſaber: a noſſa comprehenſaõ naõ he infinita; depois que recebe huma certa porçaõ de intelligencia, fica

ſem

ſem poder receber mais, e ſe ſe lhe quer introduzir com violencia, cança, e fica como imbecil, e enervada. Depois que hum vaſo eſtá cheio de licor, o que ſe lhe deita mais, perde-ſe, e muitas vezes do ſeu meſmo fundo ſe faz levantar huma poeira ſubtil, que o turva: daqui vem, que os ſabios ſaõ confuſos commummente, embaraçados, e irreſolutos, á maneira de quem leva ſobre ſi hum grande pezo, que ſempre vai com medo, e de vagar: a immenſidade de regras, de opinioens, e de doutrinas, de tal ſorte os occupa, que ficaõ como prezos, e immoveis: a variedade de razoens, e de razoens contrarias, que hum ſabio acha em qualquer couſa, o ſuſpende em fórma, que fica ſem ſaber, qual razaõ ha de ſeguir; em todas conſidera fundamentos admiraveis para ſerem approvadas, e para o naõ ſerem, tambem em todas conſidera fundamentos grandes: daqui vem as dilaçoens, irreſoluçoens, e perplexidades; eſſe he o caſo em que aquillo, que naõ decide a in-

a inclinaçaõ, decide a hora; a fortuna he a que move a pena, que abſolve, ou que condemna. O ſabio que fluctua no meio de razoens, e oppoſiçoens iguaes, finalmente lá ſe deixa levar por alguma razaõ exterior, e indifferente; as couſas remotas, que naõ tem relaçaõ alguma, nem connexaõ com a materia, entraõ em concurſo, com as que formaõ o corpo, e ſubſtancia della: o litigante a quem o Juiz vio, ou fallou ultimamente; aquelle, que ſabe ſer mais cortezaõ, cuja voz he mais ſonora, e cujo nome he facil de pronunciar, ou de eſcrever, eſſe he o que vence, e a quem ſe julga a palma; eſta naõ foi tirada do campo da peleja, mas de outro lugar eſtranho, e independente. Aſſim governaõ os ſabios, por iſſo ha tanta incerteza, e mudança nas ſuas deciſoens; o que hum diſſe, outro reprova; o que hum fez, outro emenda; e muitas vezes na emenda he que eſtá o erro; ſemelhante ao mal, que procedeo unicamente do remedio; cada hum defende a ſua opiniaõ, e perſiſte

ſiſte nella; e cada hum ſe perſuade, que o erro naõ eſteve na deciſaõ, mas na reformaçaõ; em todos fica conſtante a vaidade da ſciencia; e algum que ſe retrata, tambem o move a vaidade de naõ ſer, nem parecer-ſe com os outros: huns fazem vaidade de ſerem infalliveis, outros tambem ſe deſvanecem de moſtrarem, que o naõ ſaõ: deſte genero ſaõ poucos; porque a vaidade de deſprezar a vaidade he muito rara, e em ſi meſmo he eſtimavel. A virtude, ainda que venha de hum principio vicioſo, ſempre he virtude de algum modo, ou mais ou menos qualificada; o obrar bem por qualquer motivo que ſeja, he bom; as noſſas acçoens, naõ ſe determinaõ pela cauſa que moſtraõ, mas por outra que ſe naõ vê; e entre todas as cauſas, aquella que conſiſte em huma vaidade innocente, he menos má. Que importa, que a vaidade ſeja a que incite o exercicio do valor, da conſtancia, da ſciencia, e da juſtiça? O impulſo, que move, fica ſeparado da couſa movida: dous licores contrarios por mais, que ſe miſ-

misturem, sempre parece que hum foge do outro, e se separa; o artifice, o instrumento, a obra, tudo saõ partes distinctas; a vaidade póde incitar a virtude, mas naõ incorporar-se a ella; póde juntar-se; mas naõ unir-se.

A sciencia de fazer justiça he verdadeiramente sciencia de Deos, e dos seus substitutos na terra, que saõ os Soberanos: he impossivel dar-se injustiça em Deos; nos Soberanos, naõ he impossivel, mas he improprio: nos mais homens a injustiça he quasi natural. Quaes saõ aquelles de quem se possa dizer exactamente, que naõ tem interesse, inclinaçaõ, ou dependencia? Qualquer destas circunstancias serve de impedir o exercicio, e sciencia da justiça. Só os Reis relevaõ immediatamente de Deos, e só de Deos dependem; os mais homens todos dependem huns dos outros, porque ha mil modos de depender: aquelles mesmos, a quem a altura do lugar faz parecer totalmente independentes, saõ os que muitas vezes depen-

dem

dem mais: aquelles a quem o merecimento, ou a fortuna, poz em hum certo gráo de authoridade, neceſſitaõ de adquirir nome, e reputaçaõ; neceſſitaõ da opiniaõ, e approvaçaõ dos outros homens. Que maior neceſſidade de dependencia! A opiniaõ, e approvaçaõ commua, naõ ſe fórma do parecer de hum ſó, nem ainda do parecer de muitos, mas do parecer de todos; e deſta ſórte os meſmos de quem todos dependem, ſaõ tambem os que dependem de todos. A opiniaõ das gentes naõ he couſa taõ pouca, que della naõ dependa a conſervaçaõ do lugar, e da authoridade: o receio de que o poder ſe perca, ou o reſpeito diminua, he o que occupa cruelmente aos que eſtaõ em lugares eminentes; neſtes ninguem eſtá ſeguro, nem ainda os mais felices, porque ſe huma maõ poderoſa os ſuſtem como elevados no ar, póde largallos, e quando crem que eſtaõ em aſſento firme, naõ eſtaõ ſenaõ ſuſpenſos: as azas de huma boa fama ſaõ as que os ſuſtentaõ, ſe ellas faltaõ, o meſmo braço, que

os

os ſuſpende, os precipita: o favor ſupremo, raramente he indiſcreto, e ſe accaſo ſe inclina ſem razaõ, iſto he, ſe alguem por engenho, e arte, ſe fez injuſtamente amar de hum Soberano, eſte no dia do ſeu furor caſtiga aquella uſurpaçaõ, e ſobrepçaõ de amor; caſtiga o crime de quem ſe fez amar por artificio. A inclinaçaõ dos Reis coſtuma fundar-ſe em merecimentos, e virtudes; deſtas ſe compoem o encanto magico, que attrahe a ſi hum favor prudente; mas ſe foraõ fingidas as virtudes, e ſe os merecimentos naõ foraõ verdadeiros, irrita-ſe aquelle meſmo favor, á proporçaõ que tem pejo da ſua preoccupaçaõ, e credulidade: nenhum engano he mais ſenſivel, que aquelle que ſe dirige a roubar o affecto; a alma, que amou, naõ ſó ſente o ter amado injuſtamente, mas ſente tambem o naõ dever amar mais, porque a impreſſaõ, que o amor fez, naõ ſe póde tirar ſem eſtrago, e dor da parte adonde eſtá: o que foi gravado profundamente, naõ ſe deſfaz ſem ruina, e perda: para aniquilar-ſe a fór-

fórma de huma eſtampa, he neceſſario perder-ſe a eſtampa toda; naõ ſó a figura, que ella repreſenta, mas tambem o corpo, em que a repreſentaçaõ eſtá. Aquelles pois, que devem ás letras a ſua exaltaçaõ, e que entendem, que feitos arbitros do mundo naõ dependem delle, ſaõ os que na verdade eſtaõ mais dependentes, porque a fama da ſciencia, que os conſerva, tambem he mudavel, e inconſtante, e o meſmo favor que os fez ſubir como ſabios, póde fazellos deſcer como ignorantes. A ſciencia naõ he qualidade taõ certa, e permanente que naõ poſſa ſoffrer alteraçaõ. Tudo em nós tem decadencia, e ſó a ſciencia a naõ ha de ter? Nem he preciſo, que concorra alguma cauſa natural; as paixoens baſtaõ para perverterem as ſciencias; naõ tomadas univerſalmente como ellas ſaõ em ſi, mas tomadas como ſaõ em cada hum de nós. Huma pequena nuvem baſta para eſcurecer a luz do Sol; as paixoens ſaõ como muitas nuvens juntas. Aquelle, em quem a ira naõ póde encobrir a luz do en-

ten-

tendimento, e da sciencia, a ambiçaõ ha de encobrilla, e se o naõ fez, poderá fazello a grandeza do respeito, e na falta deste, lá vem o amor, naõ só armado de setas, mas de lagrimas; naõ só fiado no seu imperio, mas tambem na sua submissaõ; naõ só com animo de render, mas de render-se; fatal combate; em que a maior força consiste na falta de fortaleza, e em que o ficar vencido, he o meio por onde a victoria se segura; mas se nem o amor, nem a ambiçaõ nem a grandeza puderaõ conquistar hum peito heroico, lá vem finalmente a vaidade, e esta sempre vem feita invisivel, e acompanhada de todas as paixoens; mas disfarçadas: o desejo, a dissimulaçaõ, a preguiça, e a inveja, vem cobertas de hum sayal modesto, e trazem no semblante hum ar composto, e humilde, a vingança, a soberba, a rapina, e a altivez, vem cobertas de fumos de varios cores, e de differentes fórmas. Assim se introduz enganosamente a vaidade, e assim vive em nós sempre escondida, como inimigo occulto,

occulto, e traidor; ella transfigura os vicios para os fazer appeteciveis, e quando os deixa ver, he por algum interpoſto meio, por onde elles moſtrem o contrario do que ſaõ. Havendo tantas ſciencias, apenas ha alguma que faça, que nos conheçamos a nós, nem aos noſſos vicios, nem a noſſa vaidade. As ſciencias humanas, que aprendemos, commummente ſaõ aquellas, que importava pouco que ſoubeſſemos; deviamos aprendernos a nós, iſto he, a conhecernos; de que ſerve o ſaber, ou pretender ſaber, como o mundo ſe governa, ao meſmo tempo que ignoramos, o como nos devemos governar? Para tudo ſomos ſabios, ſó para nós ſomos ignorantes. Falta-nos o conhecimento proprio; naõ porque nos faltem regras, e preceitos para que poſſamos conhecernos, mas porque a vaidade ſe oppoem a huma ſciencia, que faz humilde a quem a ſabe: he arte mui difficultoſa de aprender aquella que nos tira a preſumpçaõ. Que inutil couſa he hum eſpelho para quem ſabe que ſe ha de ver a elle horrendo,

dis-

disforme, e macilento! Por iſſo fica ſendo como huma alfaia ſem uſo, e deſprezada: o ſer fiel, e verdadeiro, he crime; quando a verdade moleſta, e abate; o eſpelho que naõ liſonjea he prejudicial.

A ſciencia de fazer juſtiça he donde a vaidade he mais perniciosa. Quem diffèra, que tambem ha vaidade em ſe dar o que he ſeu a cada hum! Naõ ſó ha vaidade niſſo, mas eſſa meſma vaidade he a que faz muitas vezes, que a cada hum ſe naõ dá, o que he certamente ſeu. A corrupçaõ das gentes eſtá taõ eſpalhada, que faz parecer virtude, huma obrigaçaõ que ſe cumpre, huma divida que ſe paga, ou huma verdade que ſe diz. As couſas naõ ſe regulaõ pelo que deviaõ ſer, mas pelo que poderiaõ ſer; iſto he, o depoſito que ſe entregou, podendo-ſe negar; a divida que ſe podia naõ pagar, e ſe pagou; a verdade que ſe diſſe, podendo-ſe eſconder; e aſſim a privaçaõ do vicio ſerve de virtude actual, e de alguma ſorte, para ſer hum homem virtuoſo, naõ he neceſſario que fa-

faça algum acto de virtude, baſta que naõ faça algum de vicio; e de algum modo tambem, o ſer leal naõ depende do exercicio da lealdade, baſta que ſe naõ exercite alguma aleivoſia. O mundo eſtá taõ pervertido, que a bondade dos homens naõ ſe tira da razaõ de ſerem bons, mas da razaõ de naõ ſerem máos: o nome da virtude, naõ vem da virtude preſente, mas do vicio auſente; o merecimento das couſas, naõ ſe toma pelo que ſaõ, nem pela fórma que tem, mas pelo que naõ ſaõ; e pela fórma contraria que naõ tem. Daqui vem que huma acçaõ he louvavel, ſó porque naõ he reprehenſivel. Aquelle meio de naõ ſer, nem huma couſa, nem outra, parece que o naõ ha já; ficaraõ os extremos, e extinguio-ſe o meio. Tudo propende para o que naõ deve ſer, por iſſo naõ ſei ſe podemos admirarnos, de que as fontes ainda corraõ para o mar; de que o fogo ainda abraze; de que o ar ainda ſe mova; e de que a terra ainda fertilize. Os elementos naõ ſe mudaõ, mas he, porque eſtaõ ſub-

ordinados ás primeiras leis, que lhes deo o author do mundo ; temos o uſo delles , o dominio naõ ; devem ſervirnos, e naõ obedecernos: a noſſa prevaricaçaõ eſtende-ſe a tudo quanto foi , ou he obra noſſa ; por iſſo a vaidade ſe communica , e tem juriſdiçaõ em tudo aquillo em que nós a temos. Daqui procede , o ſer a ſciencia da juſtiça humana , huma ſciencia mudavel, inconſtante , e varia ; porque as leis da vaidade ſabem confundirſe com as leis verdadeiras da juſtiça. A vaidade tambem tem regras , e Doutores. Quantas injuſtiças naõ terá feito a vaidade de fazer juſtiça! A meſma vaidade que inſpira a rectidaõ, a embaraça. Reviſta-ſe embora o ſoberbo Magiſtrado de hum ſemblante rugoſo, implacavel, adverſo, e truculento; faça-ſe irriſivel totalmente, aſpero , ſevero , e deſabrido ; moſtre hum aſpecto ſombrio, terrivel , taciturno , e intratavel ; falle de hum ar , e tom de ſoberania ; tenha ſempre o penſamento diſtrahido , como que o tem todo occupado em Ulpiano , e Bartolo , ou que eſtá

combinando na memoria algum ponto de grande conſequencia, de que talvez depende a economia do Univerſo; nada diſſo pertence á natureza do Magiſtrado, á natureza da vaidade ſim. Hum juriſperito incivil quer que até na gravidade do ſeu vulto ſe conheça a inflexibilidade do ſeu animo; e que ſe veja até na ſua fórma exterior, huma fórma judicial. Aquelle frontiſpicio, cujo ornato conſiſte na deſordem, he a primeira couſa que a vaidade expoem, como em eſpectaculo, quando quer alcançar huma acclamaçaõ de juſto. Mas quantas injuſtiças naõ produz o deſejo, ou a vaidade de adquirir aquella acclamaçaõ! Naõ póde haver juſtiça, quando eſta ſe exercita por algum fim, que naõ ſeja por ella ſó; nem póde ſer juſto nunca, quem tem por objecto principal, a gloria de o parecer. Tudo o que ſe buſca por oſtentaçaõ, buſca-ſe por qualquer meio que for, iſto he, ou juſto, ou injuſto; quem procura a voz da fama, que lhe importa a figura do inſtrumento que ha de fazer aquelle ſom;

o que o fizer mais eſpantoſo, e o eſpalhar mais longe, eſſe he o que convem; nem importa que a voz ſeja ſonora, e certa, o ponto he que ſeja fórte. Quem he muito ſenſivel á vaidade do nome, e á vaidade da opiniaõ, commummente he inſenſivel á realidade da couſa; eſta fica deſprezada, ſe ſe póde deſprezar com ſegurança, e ſem receio; quando ſó ſe quer o effeito, naõ ſe procura, nem attende a cauſa; por iſſo a quem deſeja o applauſo da virtude, eſta fica ſendo indifferente; e a quem deſeja o applauſo da juſtiça, tambem eſta fica ſendo menos importante. Daqui vem, que a juſtiça coſtuma fazer-ſe para ſoar: aquella que ſoa mais, (ou pela grandeza da materia, ou do ſujeito) eſſa he a mais agradavel a quem a faz; porque della ſe fórma a voz da fama, e juntamente naſce della o nome, e reputaçaõ de juſto. A vaidade naõ ſe contenta, com o que as couſas ſaõ, mas com o que parecem, com tanto que pareçaõ grandes; nem faz caſo do que ſe diz que he: eſtima o merecimento

to

to naõ ſegundo a qualidade delle, mas ſegundo o effeito, que faz na eſtimaçaõ das gentes: naõ faz diſtincçaõ entre o louvor extorquido, e o louvor merecido juſtamente, baſta-lhe que ſeja louvor; e iſto he porque a vaidade naõ ſe formaliza da verdade do principio; o que quer he, que os homens ſe admirem; que tomem huma exhalaçaõ por huma eſtrella, importa pouco: daqui vem, que huma acçaõ illuſtre, mas feita em ſegredo, a vaidade a tem por infeliz; a virtude eſcondida, e que naõ ſe ſabe, a vaidade a julga por huma virtude perdida, e morta.

O juiz, que decidio contra hum litigante poderoſo, e a favor de hum litigante humilde, logo attrahio a ſi todo o ſuffragio popular; a multidaõ o canoniſa ſem exame, e o faz paſſar por juſto, inteiro, e ſabio. Aſſim ſe engana, ou ſe deixa enganar aquella multidaõ cega, e ſem experiencia; preſume no juiz hum eſpirito de juſtiça, firme, e incontraſtavel, ſó porque o vio julgar contra a grandeza do poder; mas naõ vê

que

que niſſo meſmo quiz o juiz aſtuto; fundar a ſua grandeza propria; oprimio injuſtamente ao grande, (porque nem ſempre a razaõ, e a juſtiça eſtaõ da parte dos humildes) aquelle foi o meio que buſcou para fazerſe admiravel entre todos, e adquirir reputaçaõ em poucas horas: huma ſó injuſtiça lhe deu a opiniaõ de juſto; huma ſó iniquidade o fez illuſtre; talvez que huma vida longa, e cheia do exercicio da juſtiça verdadeira, naõ fizeſſe tanto; iſſo meſmo previo o maligno julgador; por iſſo quiz anticipar-ſe aquella gloria, ou vaidade, por meio de hum crime, que o vulgo commummente naõ ſuppoem: daquella ſorte conſeguio hum alto nome; mas que importa, elle meſmo o deſconhece: todos o tem por juſto, e ſó elle naõ ſe tem a ſi; o engano produzio o effeito para os mais, para elle naõ; todos o eſtimaõ porque o crem juſto, e ſó elle ſe reprehende, porque interiormente ſabe que o naõ he; a todos póde enganar, ſó a ſi naõ; a conſciencia, que naõ teve para julgar a outrem, tem-na (a

ſeu

ſeu pezar) para julgar-ſe a ſi; em ſi meſmo tem hum Tribunal, que o accuſa, e que conhece claramente o ſeu delicto; aquelle conhecimento he o por onde começa deſde logo a ſua pena; a ſentença contra hum julgador impio, elle meſmo a pronuncia; e por mais que a vaidade (depois que o fez errar) o ponha em hum perpetuo eſquecimento do ſeu erro, com tudo lá vem algum tempo em que parece, deſcança a vaidade, e deſperta a conſciencia; eſta nem ſempre vive em hum letargo, ás vezes ſe levanta como eſtremecida, e affombrada; entaõ a ouvimos ſuſpirar dentro de nós, á maneira de hum gemido queixoſo, ou eco triſte, que ſahe do fundo interior de hum ermo ſolitario; o coraçaõ ſe ſobreſalta, e enternece; hum horror gelado, e frio, parece que o cobre, e lhe ſuſpende o movimento; ſó entaõ podemos ver naquella luz ſerena, e pura, luz da juſtiça, e da razaõ; entaõ ſe vê, que a vaidade he de todas as ſciencias, e que ainda aquella, que tem a juſtiça, e a razaõ por

inſ-

inſtituto, neſſa meſma ſe introduz a vaidade. Quem differa, que a eſcuridade das trevas póde ter lugar na meſma parte em que a luz preſide! Que á viſta da formoſura, póde ter veneraçaõ a fealdade! Que huma voz irracional, e rouca, póde entrar ſem deſordem no concerto da armonia! Que entre as pedras precioſas, póde ter valor a pedra toſcal! Que o metal groſſeiro tem hum preço igual ao metal brilhante! E finalmente quem differa, que no templo da divindade póde ter algum culto, o idolo! Entre extremos taes, a diſtancia que ha, he infinita; e com effeito entre o vicio, e a virtude; entre o engano, e a verdade; e entre a injuſtiça, e a juſtiça, naõ ha caminho certo, nem proporçaõ, que ſe conheça; o meſmo meio parece que he injuſto, e vicioſo. Mas que importa: a vaidade faz, que naõ ſeja exceſſiva a diſtancia dos extremos, porque quando os naõ póde chegar, e unir, faz com que ao menos ſe poſſaõ ver de lonje; he o que baſta para de algum modo os concordar, e tu-

tudo ſem mais força, nem trabalho, que o de dar á verdade alguma ſombra, algum pretexto ao vicio, e alguma cor á injuſtiça: e aſſim em quanto houverem cores, ſombras, e pretextos, haõ de padecer a verdade, a juſtiça, e a virtude.

Na ſciencia de julgar, alguma vez he deſculpavel o erro do entendimento, o da vontade nunca; como ſe o entender mal naõ foſſe crime, erro ſim; ou como ſe houveſſe huma grande differença entre o erro, e o crime: o entendimento póde errar, porém ſó a vontade póde delinquir. Aſſim ſe deſculpaõ commummente os julgadores, mas he porque naõ vem, que o que dizem, procedeo do entendimento; ſe bem ſe ponderar, procedeo unicamente da vontade. He hum parto ſuppoſto, cuja origem, naõ he aquella que ſe dá. Querem os ſabios ennobrecer o erro, com o fazer vir do entendimento, e com lhe encobrir o vicio que trouxe da vontade: mas quem he que deixa de naõ ver, que o noſſo entendimento quaſi ſempre ſe ſujeita

jeita ao que nós queremos; e que o seu maior empenho, he servir á nossa inclinaçaõ; por isso raras vezes se oppoem, e o mais em que se occupa, he em conformar-se de tal sorte ao nosso gosto, que ainda a nós mesmos fique parecendo, que foi resoluçaõ do entendimento aquillo que naõ foi senaõ acto da vontade. O entendimento he a parte que temos em nós mais lisonjeira; daqui vem que nem sempre segue a razaõ, e a justiça, a inclinaçaõ sim; inclinamo-nos por vontade, e naõ por conselho; por amor, e naõ por intelligencia; por eleiçaõ do gosto, e naõ por arbitrio do juizo: as paixoens que nos movem, nos inclinaõ; a todas conhecemos, isto he, sabemos que amamos por amor, que aborrecemos por odio, que buscamos por interesse, e que desejamos por ambiçaõ: mas naõ sabemos sempre, que tambem a vaidade nos faz amar, aborrecer, desejar, buscar; daqui vem que o julgador se engana, quando se presume justo, só porque naõ acha em si, nem amor, nem odio, nem ambiçaõ,

çaõ, nem intereſſe; mas naõ vê, que he vaidoſo, e que a vaidade baſta para o fazer injuſto, cruel, tyranno. Naõ vê, que ſe naõ tem amor a outrem, tem-no a ſi; que ſe naõ tem odio ao litigante humilde, tem-no ao poderoſo, ſó porque na oppreſſaõ deſte quer fundar a ſua fama; naõ vê, que ſe naõ tem intereſſe de alguns bens, tem intereſſe de algum nome; e ſe naõ tem ambiçaõ das honras, tem ambiçaõ da gloria de as deſprezar; e finalmente naõ vê, que ſe lhe falta o deſejo da fortuna, ſobra-lhe o deſejo da reputaçaõ. Que mais he neceſſario para perverter hum julgador? E com effeito que importa, que a corrupçaõ proceda de hum principio conhecido, ou de hum principio occulto, iſto he, de huma vaidade, que o meſmo julgador naõ conhece, nem percebe? O effeito da corrupçaõ ſempre he o meſmo. Que importa que o julgador ſe faça injuſto, ſó por paſſar por juſticeiro? A conſequencia da injuſtiça tanbem vem a ſer a meſma; o mal que ſe faz por vaidade, naõ he menor, que aquelle

que

que ſe faz por intereſſe;o damno que reſulta da injuſtiça,he igual;o juiz amante, ou vaidoſo, ſempre he hum juiz injuſto.

Naõ he aſſim o magiſtrado , ou o julgador prudente : eſte he ſevero ſem injuria , nem dureza ; inflexivel ſem arrogancia , recto ſem aſpereza , nem malevolencia ; modeſto ſem deſprezo , conſtante ſem obſtinaçaõ ; incontraſtavel ſem furor , e douto ſem ſer interpretador , ſubtiliſador , ou legislador , o ſeu caracter he hum animo candido , ſincero , e puro; he amigo de todos , inimigo de ninguem ; he alegre , e affavel por natureza , mas reſervado por obrigaçaõ do officio ; he ſenſivel ao divertimento honeſto , mas ſem uſo delle por cauſa do lugar : em tudo he moderado , civil , circunſpecto , diligente , laborioſo , e attento ; a ninguem he pezada a ſua authoridade , e quando foi promovido a ella , todos conheceraõ que foi juſta , e acertada a eleiçaõ; todos viraõ que tinhaõ nelle hum protector ſeguro da verdade , e hum medianeiro diſcreto , e favoravel para tudo o que foſſe favor ,

cle-

clemencia , generoſidade ; chegou á aquelle emprego por meio das virtudes , e naõ por meio da fortuna ; hum alto merecimento o fez chamar : e as gentes ſe admiraraõ , naõ de que foſſe chamado , mas de que o naõ foſſe mais cedo : a elle naõ aſſombra nem a grandeza dos ſujeitos , nem dos lugares , nem das materias ; naõ attende mais do que á juſtiça ; a eſta tem por objecto ſingular , para eſta he que olha ; a razaõ he a ſua regra , elle a ſegue , e a acclama em qualquer lugar que a ache : no ſeu conceito naõ valem mais , nem o pobre por humilde , nem o grande por poderoſo ; diſtingue as pertençoens dos homens , pelo que ellas ſaõ , e naõ por de quem ſaõ ; naõ attende á qualidade dos rogos , mas á qualidade das couſas : huma vida ſem reparo , nem deſordem , foi hum dos requiſitos por onde ſe habilitou ; outros ha a quem naõ he ventajoſo , que ſe vejaõ os paſſos , que já deraõ , mas ſómente aquelles , que vaõ dando ; e a quem naõ ſerá util , ſe ponderem as acçoens antecedentes ; e ainda as

pre-

preſentes naõ paſſaõ ſem murmuraçaõ, e queixa. O julgador benigno naõ receia, que ſe ſaiba a ſua vida, que ſe diga, e que ſe eſcreva; o ſeu panegyrico ſó depende da verdade, do encarecimento, ou da liſonja, naõ; elle meſmo he o ſeu elogio. Finalmente o julgador ſincero tem das ſciencias o que baſta para ſaber julgar, e naõ o que baſta para ſaber embaraçar; alguns ha, que fazem do conhecimento da razaõ huma ſciencia immenſa, como ſe foſſe neceſſario arte para ſe conhecer o Sol. O caminho da juſtiça (para quem tem vontade de andar por elle) he hum caminho direito, eſpaçoſo, claro, facil, e apraſivel; as flores, que o bordaõ de huma, e outra parte, todas ſaõ perpetuas, porque nunca murchaõ; huma Primavera conſtante as reverdece, e alenta: o caminho porém das injuſtiças he hum caminho difficil, eſpantoſo, e eſcuro; humas vezes he por cima de rochedos eſcarpados, por onde a cada paſſo ſe encontra hum precipicio; outras vezes he por valles eſtreitos, ſinuoſos, e pro-

e profundos, e donde as arvores ſaõ todas infecundas, tem palidas as folhas, e naſcendo deſordenadas, e confuſas, fazem o lugar ſeguro, e proprio para traiçoens, aleivoſias, furtos, aſſaſſinos; as meſmas ſombras infundem pavor, e fingem vultos enormes; hum ar caliginoſo, e denſo, apenas póde alvergar aves nocturnas de preſagio infauſto; os rios, que alli ſe vem, ſaõ negros, e tem no abyſmo o fundo, apenas póde criar monſtros amphibios; o ſilencio, com que paſſaõ, os faz ainda mais funebres, e triſtes, como ſe naſceſſem do Styge, do Averno, ou do Cocyto. Eſta figura repreſenta o caminho da injuſtiça, caminho, que naõ ſe ſabe ſem eſtudo, porque tudo ſe compoem de circuitos, rodeios, e deſvios. Mas que infeliz eſtudo he eſte, em que ſe aprende muitas vezes o caminho por onde ſe vai ao Inferno! Por iſſo aquelle digno Magiſtrado, de huma fiel juriſprudencia, ſó quiz ſaber, o como ſe deve julgar; e naõ o como ſe póde julgar; e da meſma ſorte ſó quiz ſaber, o como

mo ſe devem fazer as couſas, e naõ o como ſe podem fazer; daqui lhe procedeo o ſerem juſtas as ſuas deciſoens, e ſer o ſeu voto acertado ſempre; nunca teve por objecto, ſenaõ a juſtiça, e a razaõ, e eſtas ſó conſideradas em ſi meſmas, ſem alteraçaõ, e no ſeu primeiro eſtado de innocencia, e de pureza; nas leis nunca vio mais nem menos do que aquillo, que ellas tem, nem as ſoube accommodar a algum ſentido exquiſito, e raro, por onde vieſſe a ter lugar a inveja, a ambiçaõ, e a vingança. Finalmente aquelle julgador he verdadeiro ſó por amor da verdade; he juſto ſó por amor da juſtiça; elle conhece os ſeus proprios movimentos, e entre eſtes ſegue unicamente aquelles, que tem por principio a juſtiça, e a verdade. Naõ ſe deſvanece das virtudes, que conhece em ſi; o applauſo ſó quer, que ſeja da virtude, e naõ ſeu; o louvor quer, que ſe dê á razaõ, e naõ a elle; parece-lhe, quem em obrar como deve, naõ merece nada; naõ ſe admira da juſtiça, que exercita por força da obrigaçaõ

das

das acçoens memoraveis, em que tem parte, elle ſe ſuppoem hum inſtrumento neceſſario; ſendo aſſim, naõ o póde vencer a vaidade. Eſta, que em todos os homens he como hum affecto, ou paixaõ inevitavel, ſó naquelle julgador fica ſendo como affecto ſem vigor; deſconhecido, e eſtranho; mas por iſſo meſmo, e ſem cuidado, conſeguio, e tem hum nome veneravel, e com circunſtancia taõ feliz, que eſſe meſmo nome, que conſerva, contém em ſi huma illuſtre, e ſaudoſa recordaçaõ.

A vaidade da origem, he huma ſeita, que ſe fundou na Europa da decadencia de outras da meſma eſpecie, ou ſemelhantes: aquella parte por onde o mundo ſe começou a polir, foi o donde os homens deſcobriraõ a invençaõ maravilhoſa da nobreza. A ſucceſſaõ dos ſeculos tinha feito perder a intelligencia, e uſo de muitos artificios uteis, e admiraveis; mas em recompenſa fez achar no ſangue muitas differenças, que ainda ſe naõ tinhaõ advertido. Os homens barbaros naõ puderaõ ver no

ſangue outras couſas mais, do que aquellas de que conſta hum corpo fyſico; e naquelle humor o mais que viraõ, foi a razaõ de mais, ou menos liquido, e a razaõ de mais, ou menos cor; deſtes dous principios fizeraõ reſultar todas as mudanças de que o ſangue he ſuſceptivel, e por cauſa delle, o homem. Averroes, Avicena, Hippocrates, e Galeno; huns, famoſos Medicos, e Filoſofos Arabios; os outros, tambem famoſos Filoſofos, e Medicos Gregos, naõ conheceraõ (ſegundo ſe diz) a circulaçaõ do ſangue. Os que lhes ſuccederaõ depois, naõ ſó fizeraõ aquella grande deſcuberta, mas tambem entraraõ a ſeguir a idéa de applicar, ou conſiderar no ſangue muitas razoens, e ſubſtancias importantes, de que a natureza, que o faz, e cria, naõ tinha, nem ainda tem, noticia alguma, de ſorte, que neſta parte póde dizer-ſe, que a natureza naõ ſabe o que faz; e com effeito o que ſabe he, que o ſangue he huma entidade material, ſujeita a todas as leis da hydroſtatica, e do equilibrio,

e que

e que fórma hum liquido eſpirituoſo, vital, univerſal, e igual em tudo quanto reſpira, e he ſenſitivo; o meſmo modo, a meſma arte, os meſmos ingredientes, de que a natureza ſe ſerve para fazer o ſangue de hum Leaõ, de hum Elefante, ou de huma Aguia, ſaõ os meſmos de que ſe ſerve tambem para formar o ſangue de huma Pomba ruſtica, ou de hum Cordeiro manſo; as producçoens ſaõ diverſas, a fabrica he a meſma; naõ ha differença nos principios, nas figuras fim. Se o Leaõ ſe deſvanece, he porque tem a força, e naõ porque tem o ſangue de Leaõ; e ainda ſe ſe deſvanece pela força, he quando ſe compara ao Cordeiro debil, e naõ ſe he comparado a outro Leaõ. Se o Elefante foſſe preſumido, ſeria por ter a corpulencia, e naõ por ter o ſangue de Elefante: e ainda no que toca á corpulencia, a preſumpçaõ ſeria a reſpeito de outros animaes de menos eſtatura, e naõ a reſpeito de outros Elefantes. Se huma Aguia ſe jactaſſe, havia de ſer de ſubir mais alto, e naõ de ter o ſangue de

Aguia; e ainda a jactancia do ſubir, ſó ſeria a reſpeito do Ciſne humido, e pezado, e naõ a reſpeito de outras Aguias. Naõ he aſſim o homem; porque o ſeu deſvanecimento, a ſua preſumpçaõ, e a ſua vaidade he dirigida ſempre a reſpeito dos mais homens. O ſangue he o lugar em que fazem conſiſtir a ſingularidade, ou ſuperioridade de huns a outros; naquelle licor he o donde conſideraõ como occultas, e inviſiveis todas as razoens de differenças; alli puzeraõ o aſſento da Nobreza, e dalli a fazem ſahir, como de huma fonte original, e compoſta de infinitas diſtinçoens, qualidades, gráos, quilates. Os homens das outras regioens naõ diſtinguem os ſangues, ſenaõ pelas ſuas proporçoens elementares; iſto he pela proporçaõ dos elementos; ou partes, de que os meſmos ſangues ſe compoem; a diverſidade que notavaõ, conſiſtia em ſer hum ſangue mais, ou menos calido; mais ou menos denſo; mais ou menos ſubtil: naõ viraõ aquellas naçoens remotas, o que com mais engenho, e eſtudo

che-

chegaraõ a ver as naçoens da Europa; iſto he, que ha hum ſangue humilde, vil objecto, e baixo; e que ha outro, nobre, illuſtre, preclaro, eſclarecido: mas ſe ſe perguntar a hum ſangue, quem o fez humilde, e a outro; quem o fez nobre; o primeiro ha de dizer, que huma nobreza cruel, e dilatada, o invileceo; e o ſegundo dirá, que huma pompoſa, e dilatada riqueza o illuſtrou. Quem diſſera, que a fortuna faz o ſangue! Naõ baſtava, que eſſa meſma fortuna tiveſſe poder nas couſas, que nos rodeaõ, ſem o ter tambem naquillo, que eſtá dentro de nós? Parecia-nos, que ſó a natureza dava o ſangue, e que eſte ſó da natureza dependia; mas agora vemos, que a fortuna o muda.

Muda a fortuna o ſangue, ou ao menos parece, que o muda; e com tal variedade, e força, que aquelle ſangue, que algum dia foi humilde, hoje he generoſo; aquelle que foi eſclarecido, he humilde; o que agora he abatido, tempo ha de vir em que o naõ ſeja; e o que eſtá ſendo illuſtre

luſtre já, tambem algum dia deixará de o ſer. Deſte modo vem a depender o ſangue, naõ ſó da fortuna preſente, mas da paſſada, e da futura: naõ ſó lhe prejudica a miſeria actual, mas tambem aquella que paſſou; faz-lhe mal o mal que ſente, e tambem aquelle que naõ póde ſentir; coſtuma vir-lhe de longe o abatimento, ou a grandeza; por iſſo depende menos do eſtado preſente em que ſe acha, que do eſtado paſſado em que outros ſe acharaõ; e com effeito a fortuna dos paſſados faz a Nobreza dos preſentes, e a fortuna deſtes faz a Nobreza dos futuros; aſſim ſe faz a Nobreza, e ſe desfaz ſucceſſivamente. A meſma fortuna prepara a Nobreza em huns; iſto he, começa-a; em outros a aperfeiçoa; até que finalmente vem a acaballa em outros; o acaballa, he desfazella; todas as couſas tendem naturalmente para o ſeu principio. A indigencia he mais natural, ou mais certa que a abundancia; eſta que illuſtra o ſangue, he menos permanente do que a pobreza, que o abate; a decadencia

he

he mais commua, e menos inconſtante; a proſperidade he a que faz a Nobreza, em quanto dura; e tambem he a que a desfez, quando ſe aparta. A Nobreza ſegue os paſſos da fortuna, ſe eſta he dilatada, e grande, entaõ ſe fórma huma Nobreza eſclarecida; porque os ſeculos lhe eſcondem a ſua primeira, e limitada origem. A luz, quando naſce, he debil; porém inſenſivelmente ſe fortifica; nenhum rio ſe moſtra logo como mar; e dos que ſaõ mais celebrados, ainda ſe ignora o donde vem; talvez que ſeja de alguma fonte humilde, e deſprezada; mas como vem de longe, a diſtancia os ennobrece, ſó porque occulta a toſca rocha, ou a brenha ſem nome donde naſcem. As couſas vãs neceſſitaõ de huma certa eſcuridade, que as eſconda, porque como ſe eſtimaõ, ſó porque ſe imaginaõ eſtimaveis, ſe ſe deixaõ conhecer, perdem-ſe; a ignorancia do que ellas ſaõ, he o que as conſerva, e atrahe a ſi hum reſpeito religioſo. Saõ poucas as vozes, que naõ ſejaõ imprudentes; e pe-

pelo contrario, todo o silencio he discreto, e sabio; as cousas que naõ se estimaõ por naõ serem conhecidas saõ raras: o merecimento transpira por toda a parte, e por mais que se queira esconder, naõ póde; he como a claridade, que sempre busca, e acha caminhos invisiveis por onde passa: huma chamma activa naõ se póde conter: ella se descobre, o mesmo fumo lhe serve de indicio. Naõ he isto assim na vaidade da Nobreza, porque a esta o que convem he ter hum principio impenetravel, e que esteja involvido em sombras taes, que o exame as naõ possa romper; e que esse mesmo exame, já confuso, e embaraçado, naõ chegue senaõ até áquella parte, donde a Nobreza está mais brilhante, e clara; e se lhe fosse facil andar mais, de succesaõ em succesaõ, lá havia de encontrar os sinaes, ou vestigios da miseria, e junto a esta inseparavel a vileza; assim, bem podemos assentar, que a vaidade da Nobreza he huma introducçaõ superstitiosa, a qual nasce da vaidade do luxo, da vaidade da arro-

gan-

gancia, e da vaidade da fortuna.

Era preciso com effeito, que muitas vaidades concorreſſem, para poderem formar a vaidade da Nobreza; era preciso, que muitas vaidades ſe ajuntaſſem, (todas ſubtis, e eſpeculativas) para fazer que os homens creſſem, que os accidentes do tempo, da fortuna, e da deſgraça, ſe podiaõ de tal ſorte infundir no ſangue, que a hum conſtituiſſem ſangue nobre, e a outro fizeſſem ſangue vil. A Nobreza, e a vileza, ſaõ ſubſtancias incorporaes, porque ſaõ vãs; e ſe he verdade, que podem eſtar no ſangue, ſerá talvez por algum modo intellectivo, immaterial, e ethereo; mas parece que nem aſſim podia ſer, porque aquillo que he vaõ, de nenhuma ſórte exiſte. A inexiſtencia da Nobreza ainda he menos, que a inexiſtencia de huma ſombra, porque eſta ao menos he hum nada que ſe vê; a imaginaçaõ póde fingir huma chiméra, porém dar-lhe corpo, naõ; póde imaginar a chiméra da Nobreza, porém introduzilla nas veas nunca póde ſer. Os homens enganaõ-ſe

com

com o que imaginaõ ; parece-lhes que o meſmo he imaginar, que formar, e que he o meſmo idear, que ſer. O engano, ou a vaidade da Nobreza poderia ter lugar, ſe os homens aſſim como a quizeraõ pôr interiormente em ſi, ſe contentaſſem com a pôr de fóra; iſto he; ſe a fizeſſem conſiſtir nas acçoens exteriores; perderaõ-ſe em buſcar o ſangue para aſſento da Nobreza; aquelle engano ficou viſivel, e facil de perceber. Todos ſabem, que a imaginaçaõ naõ póde dar, nem tomar corpo: a illuſaõ do penſamento nunca póde ſer mais do que illuſaõ. O ſangue naõ eſtá ſujeito á opiniaõ, ſó depende das leis do movimento, e da materia; as diſtinçoens, que o penſamento conſidera, naõ paſſaõ do penſamento, nelle ficaõ, ſó nelle podem exiſtir, no ſangue naõ. A Nobreza, e a vileza, ſaõ nomes differentes; mas naõ fazem differentes ſangues; eſtes ſaõ iguaes em todos; e por mais que a vaidade finja, invente, e diſſimule, tudo ſaõ imagens ſuppoſtas, e fingidas, tudo ſaõ opinioens,

nioens, que todos ſabem que ſaõ falſas; tudo ſaõ ſonhos de homens acordados. A verdade ſe ri de ver a gravidade, o geſto, e circunſpecçaõ com que as gentes trataõ a materia da Nobreza; e de ver que ſaibaõ como o ſangue ſe ennobrece, ao meſmo tempo que naõ ſabem o como elle ſe faz; de ſorte que ainda naõ conhecem, nem haõ de conhecer nunca a fabrica daquelle liquido admiravel, e preſumem conhecer-lhe as qualidades; ignoraõ as qualidades certas, e viſiveis, e cuidaõ que naõ ignoraõ as que ſaõ de huma fantaſia irregular; e que naõ conſtaõ mais que de huma ficçaõ civil. Daqui veio o reduzir-ſe a arte áquelle meſmo conhecimento, arte rara, e vaſta, e que tem por objecto, naõ ſó o eſtado da ſucceſſaõ dos homens, mas tambem o eſtado, ou ſituaçaõ da Nozreza delle. Em hum breve mappa ſe vê facilmente, e ſem trabalho, o que produziraõ muitos ſeculos; alli ſe achaõ collocados (como ſe eſtiveſſem vivos) os illuſtres aſcendentes da Nobreza humana; e tudo com tal ordem, e re-

parti-

partiçaõ taõ clara, que em hum inſtante ſe comprehende a arte; e ſó com ſe ver, ſe ſabe: no meſmo mappa, ou globo racional, ſe encontraõ deſcriptas muitas linhas, e diſtinctos lados; e neſtes introduzidos ſubtilmente outros lados errantes, deſconhecidos, vagos, e duvidoſos: as regioens, que alli ſe conſideraõ, tem aquelles frutos, que o tempo conſumio: as arvores, os troncos, e os ramos, ſaõ de donde eſtaõ pendentes Varoens illuſtres, armas, eſcudos, titulos, troféos, mas tudo ſem acçaõ, nem movimento, tudo alli ſe poz, menos para exemplo das virtudes, que para delicia da vaidade; menos para incitar o deſejo de merecer, que para ſervir de lizonja a occioſidade da memoria; menos para eſtimulo da imitaçaõ, que para deſpertar o deſvanecimento. Nunca a vaidade achou em eſpaço taõ pequeno, maior contentamento. Aquelle he o lugar mais proprio, em que a Nobreza ſe moſtra veſtida de pompa, e de aparelho: alli he finalmente donde a vaidade como em

hum

hum labyrintho famoſo, e agradavel intenta medir o ar, pezar o vento, apalpar as ſombras.

Mas porque razaõ poriaõ os homens no ſangue à qualidade da Nobreza? Seria por ſer aquella a parte de que a vida eſtá mais dependente? Naõ; porque a vida naõ depende mais do ſangue, que de outros muitos liquidos do corpo. O ſangue tem na cor mais elegancia, move-ſe, e exiſte em porçaõ maior; mas diſſo naõ ſe ſegue, que a vida depende mais do ſangue, ou tenha delle maior neceſſidade. A cor he effeito da tranſpoſiçaõ da luz; a porçaõ muitas vezes faz o noſſo mal; e na fórmação dos mixtos he menos importante aquillo, que entra nelles em mais larga quantidade. Move-ſe finalmente o ſangue; mas que parte haverá no corpo, que naõ tenha hum movimento proprio? O que o ſangue parece tem de mais, he que naõ neceſſita da noſſa intenſaõ para mover-ſe; mas iſſo meſmo tem o corpo em outras partes; e a depravaçaõ do movimento de que reſulta a convulſaõ, procede

cede de hum movimento involuntario. Naõ achamos pois o fundamento por onde os homens quizeraõ, que foſſe o ſangue a fonte donde a Nobreza ſe imprime, e de donde ſahe. Só nos falta ver, ſe ſerá talvez por entenderem, que as ſucceſſoens ſe continuaõ pelo ſangue, e que eſte derivado de huns a outros, ſucceſſivamente continua em huma meſma deſcendencia, conſervando nella hum caracter particular, diſtincto, e determinado; e com effeito em cada arvore ha hum tronco commum, de donde naſcem muitos ramos, muitas folhas, muitas flores, muitos frutos; eſtes, ainda quando ſaõ muitos no numero, ſempre conſervaõ a meſma ordem, e a meſma identidade na figura; a qualidade he a meſma, e igual em todos; e todos reconhecem huma meſma, e univerſal origem: alli ſe vê, que as producçoens ſaõ ſeparadas, e diverſas; mas o tronco progenitor he hum. Muitas roſas brotaõ de huma ſó roſeira; porém todas ſaõ roſas; a eſpecie he a meſma em todas; e por mais que cada huma

ma eſteja em diverſo ramo, a arvore que as ſuſtenta, he huma ſó. Aſſim he, e já parece, que aquella paridade tomada no reino vegetal, tem juſta applicaçaõ para o caſo da Nobreza infundia no ſangue, e na ſucceſſaõ; mas naõ ſei ſe a meſma paridade póde ſervir de aniquillar inteiramente, ou ao menos dé embaraçar o ſyſtema da Nobreza de geraçaõ. (A maior parte dos ſyſtemas commummente eſtá ſujeita á variedade do diſcurſo; ainda aquelles a que a preſcripçaõ do tempo tem feito adquirir hum direito de certeza.) O caſo he, que o ſangue dos animaes he como o humor nas plantas; eſtas por meio das raizes attrahem a ſi a humidade fecunda, que as faz reverdecer, e he a meſma de que ſe fórma o tronco, os ramos; as folhas, e os frutos; de ſorte que o humor da terra he o que anima a planta, he o ſeu ſangue: eſte ſangue pois, ou eſte humor, ſerá por ventura ſempre o meſmo em huma planta? Naõ; porque a terra a cada inſtante recebe dos outros elementos huma nova vida, iſto he, huma

ma humidade nova: as aguas, que a regaõ, nunca ſaõ as meſmas; daqui vem, que o ſangue de huma planta ſempre he outro, comparado ao que foi primeiro; e por iſſo ſempre muda de ſangue, porque ſempre muda de humor; aquelle com que naſceo, naõ he o meſmo que hoje tem: o primeiro parece ſe extinguio por huma tranſpiraçaõ lenta, e inſenſivel; e aſſim o ſangue, com que eſtá, naõ he o que já teve, porque já naõ tem o humor que tinha: a conſervaçaõ das plantas, e animaes, depende de huma continua mudança de alimento, e por conſequencia de ſangue; eſte ſoffre huma diſſipaçaõ preciſa; he preciſo, que hum ſangue acabe, para dar lugar a outro: neſta renovaçaõ, ou reformaçaõ de ſangue, conſiſte a vida: a morte vem de ſer o ſangue o meſmo; a falta de mudança, he o que o perverte; a conſtancia, e eſtabilidade, ſerve-lhe de ruina.

E com effeito ſe ſe naõ perdeſſe o ſangue, que ſe faz nos animaes, e o humor, que as arvores attrahem, donde

de era poſſivel que coubeſſe tanto humor, e tanto ſangue? Que outra couſa he a enfermidade, ſenaõ hum ſangue, ou hum humor, que ſe naõ diſſipa, e eſtá como ſuſpenſo? O calor vital, que expulſa hum, fabrica outro; algumas couſas ha, que para acabarem, baſta que ſubſiſtaõ no que ſaõ; daqui reſulta huma eſpecie de paſmo: a corrupçaõ do ſangue vem de naõ acabar hum para que outro comece; a força do remedio conſiſte na virtude de expellir, e diſſipar; a ſuperfluidade procede de ſe haver o ſangue conſervado; a conſervaçaõ o perde, naõ ſó pela razaõ de ſer peccante, mas pela razaõ de ſer o meſmo. Os poros ſaõ como infinitas portas, e quaſi imperceptiveis, por onde o ſangue, e todos os humores paſſaõ continuamente, e ſem interrupçaõ: a ſaude conſta de exhalaçaõ, e de perdiçaõ; perſiſte huma ſubſtancia, porque outra ſe deſvanece: ſe acaſo aquelles poros ſe conſtipaõ, iſto he, ſe aquellas portas ſe apertaõ, ou ſe fechaõ, e que o ſangue fique como prezo, e ſem ſahir,

entaõ ſe vê, que o ſujeito ſe afflige, e desfalece; e ſe dura, ou permanece a recluſaõ, a morte chega em poucas horas: a arte, que conhece a cauſa da deſordem, ſó cuida em relaxar, e abrir os poros comprimidos, e cerrados, para que o ſangue poſto em liberdade ſe poſſa livremente perder, diſſipar, fugir. A natureza ambicioſa em conſervar fica inhabil para adquirir; a vida naõ depende tanto do ſangue, que eſtá feito, como daquelle que ſe vai fazendo: rotas as veas, por ellas ſahe em horrivel, e eſpantoſa quantidade; debilita-ſe a natureza, mas ſe lhe acodem, naõ acaba; porém ſe fica ſem acçaõ para fazer de novo, entra em agonia, e ſe extingue totalmente; naquella elaboraçaõ eſtá a vida, neſte deſcanço a morte.

Ainda as partes ſolidas do corpo de alguma ſorte mudaõ de ſubſtancia, e ſe regeneraõ. O oſſo duro, parece que todo em ſi he compacto, e immutavel; mas com tudo, a ſua contextura he compoſta de folhas adherentes, ſeparadas, e ſobrepoſtas;

poſtas ; por entre varios interſticios circula nelle hum liquido unctuoſo, eſte ſerve-lhe de alimento, e ſangue; e he tambem o que ſendo molle, faz que o oſſo ſeja forte, e firme; dalli vem a nutriçaõ, e por conſequencia a mudança de materia; porque tudo o que alimenta, trabalha em ſe tranſformar, ou converter na couſa alimentada; aquella converſaõ procede lentamente, e apenas ſe imagina em hum corpo duro: nos liquidos he viſivel, e ſe percebe facilmente. Mas haverá quem diga, que ainda que o ſangue mude, e ſe renove, baſta que fique delle hum atomo fermentativo, ou idéa primogenia, para aſſim ſe conſervar perennemente a qualidade da Nobreza. Iſto ha de dizer o defenſor do ſangue antigo, naõ por defender o ſangue, mas por defender a Nobreza incorporada. Sempre he máo que o argumento chegue a tal extremo, que ſeja forçoſo recorrer aos atomos, aos fermentos, e ás idéas: em couſa fyſica naõ ſei ſe he permittido o recurſo para couſas imperceptiveis, e inviſiveis. Em o nafci-

mento de huma fonte quem lançar qualquer porçaõ de agua diverſa, eſta ha de ſahir em breviſſimos inſtantes; porque aquellas aguas continuamente eſtaõ mudando de ſi meſmas: ellas ſaõ o ſangue da terra, aſſim como o ſangue ſaõ as aguas do corpo: todas ſe mudaõ, e ſucceſſivamente ſe renovaõ; as que vem depois ſaõ outras, ſem impreſſaõ alguma das primeiras; nem ſe póde imaginar, que cada porçaõ de ſangue vá deixando, (como em memoria, e penhor de ſi) alguma porçaõ, ainda que pequena infinitamente; as partes naõ ſaõ extenſiveis, ou indiviſiveis em infinito; aſſim que chegaõ a huma tal tenuidade, acaba-ſe a diviſaõ. A ſubſiſtencia tem fim no ſangue, porque eſte tranſpira por huma immenſidade de caminhos; nem he comprehenſivel, que na maſſa de hum fluido ſubtil, haja alguma parte, que tenha o privilegio de ſer intranſpiravel, e que izento das leis univerſaes, vá ficando ſó para ſervir de germen qualificador. Quanto mais hum licor ſe move, mais ſe diminue: naquelles

que

que tem hum movimento perpetuo, regular, e proprio, a materia ſe diſſipa, á proporçaõ que ſe ſubtiliza; nem ainda em hum tubo de cryſtal ſe póde algum licor conſervar inteiro; e apenas ſe faz crivel a quantidade de humor, que o corpo exhala em poucas horas. Concluamos pois, que o ſangue naõ he donde a Nobreza aſſiſte; he hum liquido incerto, e vago para ſer o aſſento de huma vaidade taõ conſtante. Haja embora no mundo huma Nobreza, com tanto que naõ imaginemos, que ella tem dentro dos homens huma parte diſtincta donde habita: ſeja hum idolo, mas idolo ſem templo: baſta ſuppor, que o Simulacro he certo, ſem entrar no empenho ſobre o lugar da dedicaçaõ: ſeja a Nobreza como a ſombra; eſta, bem ſe vê, mas naõ ſe pega; ſempre eſtá fóra do corpo, dentro nunca: tenha a vaidade hum culto exterior, com tanto que ella ſeja exterior tambem. Deixemos finalmente o ſangue em paz; elle naõ deſcança, e todo o ſeu trabalho he para ſer ſangue, e naõ pa-

para ſer eſte, ou aquelle ſangue: de que ſerve a arte de introduzir naquelle liquido admiravel, qualidades arbitrarias, e civis, ſe a verdade he, que elle ſó tem as qualidades naturaes? Para que he fazer ao ſangue; author daquillo, de que ſó he author a vaidade.

A Hiſtoria he huma das provas, com que a vaidade allega, e de que mais ſe ſerve na authenticidade da Nobreza: prova incerta, duvidoſa, fingida, e tambem algumas vezes falſa: nella ſe vem muitos ſucceſſos famoſos, acçoens, combates, victorias, muitos nomes a quem eſſas meſmas acçoens ennobreceraõ, illuſtráraõ. Mas de quantas acçoens fará mençaõ a hiſtoria, que já mais ſe viraõ? De quantos ſucceſſos, que nunca foraõ? De quantos combates, que nunca ſe deraõ? De quantas victorias, que nunca ſe alcançaraõ? E de quantos nomes, que nunca houveraõ? Naõ he facil, que pelas narraçoens da hiſtoria ſe poſſa deſcobrir a verdade dos ſucceſſos; ella commummente ſe eſcreve, depois de ſerem paſſados alguns,

guns, ou muitos seculos de que se segue, que a mesma antiguidade he huma nuvem escura, e impenetravel, donde a verdade se perde, e esconde. Se a historia se escreveo ainda em vida dos Heroes, o temor, a inveja, e a lisonja bastaõ para corromper, diminuir, ou accrescentar os factos succedidos: por isso já se disse, que para ser bom historiador, he necessario naõ ser de nenhuma Religiaõ, de nenhum paiz, de nenhum partido, de nenhuma profissaõ; e mais que tudo, se se pudesse naõ ser homem. E com effeito se alguem se persuade, que ha de saber a verdade dos successos pela liçaõ da historia, engana-se, quando muito o que ha de saber, he a historia do que os Authores escreveraõ, e naõ a verdade daquillo que escreveraõ.

Os historiadores no que mais se esforçaõ, he em pintar cada hum a si, e introduzirem no que escrevem as suas profiçoens, e inclinaçoens. O Orador todo se occupa em Declamaçoens, e Panegyricos, ainda que os ob-

objectos do louvor ſejaõ totalmente indignos delle. O Militar naõ faz mais que buſcar occaſiaõ para deſcrever emprezas, muralhas, angulos, ataques, ſitios: huma batalha, que nunca houve, elle a faz taõ certa, que até relata a hora em que começou, o como ſe proſeguio, o tempo que durou, os incidentes que teve, os nomes dos Generaes, a fórma do combate, os erros, ou acertos de huma, e outra parte; e finalmente dá a razaõ por onde ſe veio a conſeguir o vencimento; ainda em hum combate verdadeiro, ſó o hiſtoriador teve noticia de infinitas circunſtancias, que tendo ſido momentaneas, nenhum dos meſmos combatentes as puderaõ diſtinguir, ſaber, nem ver; ſe o author da hiſtoria he Juriſconſulto, logo faz mençaõ de leis, legisladores, direito das gentes, e da guerra: a cada paſſo acha materia propria para huma larga diſcuſſaõ, e deixando o que pertence á hiſtoria, elle meſmo ſe incorpora nella, e entra a moſtrar o ſeu caracter: daqui vem, que Saluſtio,

tio, ſendo hiſtoriador, todo ſe canſa em moralidades, Tacito em politicas, Tito Livio em ſuperſtiçoens.

O deſejo de contar couſas admiraveis, e a vaidade, que o hiſtoriador tem de manifeſtar que as ſabe, he o que fez ſempre inventar, e eſcrever ſucceſſos fabuloſos. O inventor de couſas raras, extraordinarias, e maravilhoſas, attribue a merecimento ſeu, a admiraçaõ que faz naſcer no animo do leitor credulo, e innocente. A variedade de opinions na materia da hiſtoria, faz que eſta parte da literatura, ſeja a mais incerta, duvidoſa, e compoſta muitas vezes de enganos, e impoſturas. A Herodoto (que paſſa pelo melhor hiſtoriador) chama Cicero author de fabulas; Diodoro trata de fabuliſtas aos Eſcritores, que lhe precederaõ; e a elle meſmo trata da meſma ſorte Vives. Os Commentarios de Ceſar naõ ſaõ mais acreditados: Pollio-Aſinio os tem por pouco verdadeiros, e Voſſio faz lembrado hum Eſcritor, que pretende moſtrar com provas invenciveis, que Ceſar nunca paſ-

paſſou os Alpes ; e que tudo quanto diz da guerra dos Francos , he falſo.

Os Hiſtoriadores , naõ ſómente ſaõ oppoſtos entre ſi , mas cada hum a ſi meſmo muitas vezes he contrario. Procopo na ſua hiſtoria , dá louvores immenſos ao Imperador Juſtiniano , e á Imperatriz Theodora , ſua mulher , a Belliſario , e a Antonina ; e nos ſeus Anecdotos os critica exceſſivamente. Os marmores , e bronzes , naõ ſervem na hiſtoria de provas infalliveis : os monumentos mais antigos tem dado occaſiaõ aos mais celebrados erros : as primeiras conjecturas , (bem , ou mal fundadas) adquirindo com o tempo a authoridade da hiſtoria , foraõ paſſando á poſteridade como couſas certas : temos exemplo na memoravel inſcripçaõ poſta no arco do triunfo de Tito ; a qual dizia , que antes daquelle Imperador ninguem tinha tomado , nem ainda emprendido o ſitiar Jeruſalem , ſendo que (ſem recorrer á hiſtoria ſagrada , que ainda entaõ poderia ſer menos bem ſabida dos Romanos) aquella Cidade foi

hu-

huma das conquiſtas de Pompeo, de donde procedeo o chamar-lhe Cicero, o ſeu Jeroſolimario. Accreſce a iſto, que os mais notaveis acontecimentos ſaõ os em que as hiſtorias mais variaõ, e em que os Authores concordaõ menos. Quantos pareceres tem havido ſobre a guerra de Troia? Huns querem que ella foſſe verdadeira, outros dizem que naõ foi mais do que huma bem compoſta fabula.

Dion Chryſoſtomo, na fé das tradiçoens Egypcias, diz que Helena ſendo pedida pelos maiores Principes da Aſia, e Grecia, caſara por ordem de ſeu pai Tyndaro com Alexandre, filho de Priamo; e que aquelles Principes irritados da preferencia, fizeraõ guerra a Troia; e que enfraquecidos depois pela peſte, e fome; e juntamente pelas ſuas meſmas diſſençoens concluiraõ a paz com os Troianos, em cuja memoria tinhaõ feito fabricar hum cavallo de madeira, donde ſe eſcrevera em groſſas letras, a fórma do Tratado; e que finalmente naõ podendo o cavallo entrar pelas portas da Cidade,

ſe

ſe havia aberto hum pedaço de muralha por onde elle paſſaſſe. Porém Pauſanias diz o contrario ; e ſegura que o cavallo de Troia naõ fora mais do que huma machina de bronze , que elle vira em a Cidadella de Athenas ; e que tinha ſervido naquella guerra , como de inſtrumento bellico , para arrombar , e deſtruir os muros.

Muitos eſcreveraõ ; que Helena nunca fora a Troia : que Pariz , e Helena foraõ levados por huma tempeſtade a huma das bocas do rio Nilo , chamada *Canope* , e de lá conduzido a Memphis , donde Protheo reinava , eſte abominara a aleivoſia daquelle Principe ; e que lançando-o fóra do ſeu Reino , retivera a Helena com todas as riquezas , que ella tinha : que entaõ Paris ſe retirara a Troia , e que ſendo ſeguido pelos Gregos , dalli ſe originara huma grande , e cruel guerra ; e que indo depois Menelao ao Egypto , lá lhe entregara Protheo a Helena , e juntamente as riquezas todas.

A diverſidade de opinioens naõ he

he menor em tudo o que reſpeita á hiſtoria de Eneas. Alguns Eſcritores dizem, que aquelle Principe fora o que entregara a ſua patria, abrindo huma das portas de Troia aos Gregos: outros eſcrevem; que a viagem do meſmo Principe á Italia era duvidada por Denys de Halicarnaſſo, e entre os Modernos por Juſto Lipſio, por Filippe Cluvier, por Samuel Bochart, e por outros muitos. Metrodoro de Lampſaque naõ faz difficuldade em crer; que os Heroes de Homero, Agamemnon, Achilles, Heitor, Paris, e Eneas nunca exiſtiraõ no mundo.

A hiſtoria naõ he menos incerta, a reſpeito da fundaçaõ de Roma: huns dizem, que os Pelaſgos, depois de ſubjugarem naçoens varias, fundaraõ na Italia huma Cidade grande, a que chamaraõ Roma, em final, ou ſignificaçaõ da ſua força; porque Roma em Grego, quer dizer, *força.* Outros contaõ, que no meſmo dia, em que ſe tomou Troia, alguns dos naturaes entraraõ nas embarcaçoens, que acharaõ naquelle porto; e que

ſen-

ſendo lançados pelos ventos ſobre a Coſta de Toſcana, deſembarcaraõ junto ao Tibre; e que entre as mulheres, que naõ podiaõ ſupportar os incommodos do mar, havia huma chamada Roma; e que eſta aconſelhara as outras pozeſſem fogo ás embarcaçoens, e que ſendo executado aquelle arbitrio, e conhecendo os maridos a bondade do paiz, ſe reſolveraõ a ficar nelle; e fundando huma Cidade, lhe puzeraõ o nome da mulher, que os obrigara a eſtabelecer-ſe alli.

Tambem ha quem diga, que Telepho, filho de Hercules, tivera huma filha chamada Roma, a qual caſara com Eneas, ou com ſeu filho Aſcanio, de donde procedera o nome da Cidade: outros querem que Roma foſſe edificada por hum filho de Ulyſſes, e de Circe, chamado Romano: outros dizem que Romo, Rei dos Latinos, fora o primeiro que a habitara, depois de vencidos os Tyrrenos. Antiocho de Syracuza, que vivia cem annos antes de Ariſtoteles, eſcreve que muito antes da guerra de Troia,

Troia, já havia na Italia huma Cidade chamada Roma. Sempre he digno de reparo, que entre todos os Authores, que attribuem a Romulo a fundaçaõ de Roma, nenhum concorde com o naſcimento, e educaçaõ daquelle fundador.

A meſma diverſidade de opinioens ſe encontra a reſpeito das Sabinas, de Licurgo, e das Amazonas. Deſtas falla Herodoto, Diodoro, Trogo-Pompeo, Juſtino, Pauſanias, Plutarco, Quinto Curcio, e outros. Strabaõ nega, que as Amazonas foſſem huma naçaõ, que exiſtiſſe nunca. Palephato he do meſmo parecer. Arriano tem por muito duvidoſo, tudo quanto ſe eſcreveo das Amazonas. Outros tomaõ por Amazonas huns exercitos de homens comandados por mulheres; e diſto ha muitos exemplos na hiſtoria antiga. Os Medas, e os Sabianos, obedeciaõ a Ranhas. Semiramis dominava os Aſſyrios, Tomyris aos Scytas, Cleopatra aos Egypcios, Baudicea aos Inglezes, Zenobia aos Palmyrenios.

Appiaõ crê, que as Amazonas naõ

naõ era huma naçaõ particular, mas que aſſim ſe chamavaõ todas as mulheres de qualquer naçaõ que foſſem, e tiveſſem por coſtume o hir á guerra. Outros pertenderaõ que as Amazonas naõ eraõ outra couſa mais do que huns povos barbaros, veſtidos de roupas longas, e que tinhaõ na cabeça ornatos de mulher. Diodoro de Sicilia diz, que Hercules, filho de Alcmene, a quem Euriſteo pedira lhe trouxeſſe o talim de Hypolita, Rainha das Amazonas, elle com effeito as combatera junto ás margens do Thermodon, e deſtruira aquella naçaõ guerreira; porém os ſucceſſos mais famoſos da hiſtoria das Amazonas ſaõ menos antigos que o Hercules Grego, filho de Alcmene. Tudo iſto relata o Tratado ſingular ſobre a opiniaõ, e juizo humano.

Naõ ha pois certeza alguma em nada. A hiſtoria profana (porque eſta he ſómente a de que fallamos) parece que naõ foi feita para inſtruir, ſenaõ para enganar. Os Authores naõ ſe contentaraõ com enredar o mun-

mundo em quanto vivos ; quizeraõ ter o maligno divertimento de deixar na hiſtoria huma occupaçaõ de eſtudar enganos : nem todos o fizeraõ por malicia , mas por ſimplicidade. Eſſa meſma hiſtoria he donde a vaidade da Nobreza toma o ſeu principio , e donde tira as provas de que mais ſe deſvanece ; quanto mais antiga a hiſtoria he , tanto he mais eſclarecida a Nobreza , que ſe funda nella. Eſta ſórte de vaidade he univerſal. As idéas chimericas ſobre antiguidades, naõ ſó he propria a cada hum dos homens , mas a todas as gentes, e naçoens ; e com tal fatuidade , que algumas vaõ buſcar a ſua origem , antes que o mundo habitavel tiveſſe a ſua , e daquelle modo elles começaraõ primeiro do que o mundo. Neſte delirio de antiguidade , e por conſequencia de Nobreza entraraõ os Scythas , os Phrygios , os Perſas , e os Egypcios ; eſtes naõ pretendiaõ menos do que ſeſſenta mil annos de antiguidade ; e neſta fórma, que naçaõ poderia competir com ella naquella parte ? Nem os Chinas , ex-

ceſſivos em tudo, deitaõ as ſuas pertençoens taõ longe. Aſſim faõ os delirios que os homens excogitaõ: huns para ſe ennobrecerem a ſi, outros para ennobrecerem os ſeus. Naõ ha meio algum de que aquella vaidade ſe naõ ſirva; ou ſeja imaginario, ou falſo, tudo ſerve a quem ſe quer fazer illuſtre; porque crê que o ſer illuſtre he ſer muito mais que homem, ou ao menos alguma couſa mais. O ſegredo conſiſte em ſaber introduzir o engano, e ſobre tudo em defender o erro, e prevençaõ, de que os homens podem ſer diverſos, e ainda na meſma razaõ de homens.

Os grandes da antiguidade, ou a Nobreza dos antigos, ainda era mais forte, e ſingular, que a que ſe ideou depois; huma, e outra tem de commum o ſerem effeitos da vaidade, e conſiſtirem na imaginaçaõ de quem naõ cabe em ſi; a Nobreza porém do tempo heroico era em tudo mais ſubida: nem he para admirar; porque hoje nada he comparavel á grandeza Sparciata, e ao eſplendor Latino. Os ſeculos foraõ desfazendo

do todos os portentos ; a variedade de ſucceſſos , e fortunas tambem foi reduzindo o mundo a hum eſtado de mediocridade ; a meſma vaidade da Nobreza teve decadencia ; acabouſe a ficçaõ, e deſvarío em que aquella ſorte de Nobreza ſe fundava ; ella foi hum dos Idolos que cahiraõ. Quando a luz da verdade deſterrou as trevas do Paganiſmo , ceſſaraõ os Oraculos , naõ reſponderaõ mais , emmudeceraõ. A Grecia , patria commua dos Heroes , e donde eſtes naſciaõ como em terra fecunda , e propria , foy donde a vaidade da Nobreza quiz elevar-ſe ainda acima das Eſtrellas. E com effeito Eneas dizia ſer filho de Venus, Achilles de Thetys , Phaetonte de Apollo , Alexandre , e Hercules de Jupiter. Eſtes , e outros muitos pretendiaõ naõ menos nobre origem , que a celeſte , como deſcendentes dos Deoſes immortaes ; eſta fabula naõ durou hum dia ſó ; e he para admirar , que ella tiveſſe authoridade no conceito de homens polidos , ſabios , e prudentes , e com tanta força que chegaſſem a fazer das

fabulas, religiaõ. Aquella foi a Nobreza dos antigos; Nobreza, que tinha por principio, hum engano introduzido, e reſpeitado. Via-ſe nas mãos de Jupiter o raio, nas de Marte a eſpada, e nas de Apollo as ſetas: Thetys dominava as ondas, Venus a formoſura: quem havia reſiſtir por huma parte á força do poder, e por outra ao encanto da belleza? Ainda quem conheceſſe a fabula, ſe havia de namorar do apparato della. Todos ſabem que os homens ſaõ iguaes, em quanto homens; mas nem por iſſo deixaõ de entender, que ha huma nobreza que os diſtingue, e que os faz ſer homens melhores.

Ainda a Nobreza dos antigos (depois de acreditado o erro) tinha mais corpo; porque os illuſtres hiaõ buſcar os ſeus aſcendentes nos ſeus Deoſes; e deſta ſorte ficavaõ os homens meios humanos, e naõ inteiramente. Só aſſim podiaõ ſer diſtinctos, e deſiguaes na realidade. As diſtinçoens permaneceraõ, em quanto duraraõ as ſuppoſiçoens da origem. Conheceo o mundo a impoſtura, e lo-

logo os Deoſes ſe acabaraõ, deixando os ſeus deſcendentes, feitos homens como os outros; e com a circunſtancia, que por haverem tido progenitores altos, ficaraõ ſem nenhuns. Depois daquelle cataſtrofe fatal, parece que devia extinguir-ſe a vaidade da Nobreza; mas naõ foi aſſim; porque aquella vaidade ſó mudou de eſpecie, e o engano, de figura; a Mythologia converteo-ſe em Genealogia, humanizou-ſe. A igualdade ſempre foi para os homens huma couſa inſupportavel; por iſſo entraraõ a forjar novos artificios com que ſe diſtinguiſſem, e ficaſſem deſiguaes; e naõ tendo já Deoſes de donde tiraſſem o principio da Nobreza, entraraõ a tiralla de outras muitas vaidades juntas; compuzeraõ huma Nobreza, toda humana; entaõ naſceo aquella tal Nobreza, como parto do poder, da pompa, e da riqueza; accidentes na verdade exteriores, mas que ſervem de incruſtaçaõ no homem, e eſta ainda que compoſta de fragmentos, ſempre fórma hum ornato matizado, e agradavel;

davel ; bem ſe vê que a viveza dos eſmaltes , e das conchas , naõ penetra a ſubſtancia interior , e que o muro toſco naõ fica mudado , cuberto fim ; mas que importa , ſe a gala fragil que o reveſte , o ennobrece.

Na propagaçaõ dos animaes obſerva a natureza a meſma ordem ; deſta ſempre vem a reſultar a meſma fórma , e as meſmas circunſtancias : os individuos porém de cada eſpecie naõ ſaõ taõ uniformes , que naõ tenhaõ entre ſi hum caracter particular com que ſe diſtinguem huns dos outros. Nas familias ſe notaõ feiçoens determinadas , pelas quaes ſaõ conhecidos os que vem da meſma parte ; o meſmo ar no geſto , ou na figura perſiſte em muitas linhas deſcendentes ; e de tal fórte que algumas ſaõ reconhecidas por huma formoſura ſucceſſiva ; e outras tambem o ſaõ , por huma fealdade hereditaria. As meſmas naçoens ſe moſtraõ differentes por hum aſpecto , ou ſemblante proprio , que a natureza affecta em cada huma dellas. A cor he hum final demonſtrativo , regular , e indelebil ,

lebil, que a meſma natureza imprime nas gentes de cada clima, ou regiaõ; e deſſa cor procedem outras cores mixtas, ou modificadas, que indicaõ o gráo, e concurrencia de naçoens diverſas, mas unidas; de gentes ſeparadas, mas juntas; de familias eſtranhas, mas naturalizadas. Aquella he a marca, que a Providencia poz nos homens; marca perpetua, em quanto elles ſe perpetuaõ dentro da ſua meſma eſfera, mas temporal, e extinguivel por meio de huma nova compoſiçaõ. Até nas plantas ſe encontra a meſma economia; ellas tem ſinaes por onde ſe diſtinguem; huns perſeverantes, outros mudaveis. A arte, que concilia entre ſi plantas diverſas, ou as conſerva, e faz permanecer no eſtado primitivo, ou as altera, e muda para outro; ella força o tronco a ſuſtentar ramos alheios; a veſtir-ſe de folhas deſconhecidas, e a produzir frutos adulterinos. Ainda nas couſas inſenſiveis, tem ás vezes lugar a violencia. Aſſim ſe conſtrange a natureza a que ſiga hum caminho errado, he que em certos

tos caſos naõ ſiga as ſuas leis, mas as leis da induſtria, e do artificio; daqui vem, que he util que a noſſa intelligencia ſeja limitada; ſe o naõ foſſe, apenas teria a terra liberdade para fazer nafcer, como quizeſſe, a menor flor do campo. Quantas vezes naõ ſe faz o mal, porque ſe naõ ſabe fazer? Aquella ignorancia nos preſerva; mas nem por iſſo valemos mais, porque o merecimento he da ignorancia, e naõ de nós.

Já vimos que os homens, quando vem ao mundo, já trazem hum final de diſtinçaõ, e differença, e que eſta os faz diſtinguir, e conhecer. Daqui parece que reſulta huma inducçaõ forte a favor da Nobreza originaria: mas que argumento debil he aquelle que ſe tira de huma diſtinçaõ viſivel, conſtante, e material, para outra que he ſómente imaginaria; de huma que ſe faz naturalmente para outra que civilmente ſe fabrica; de huma que he da inſtituiçaõ do mundo, para outra que he da inſtituiçaõ dos homens; de huma que he totalmente

mente independente, para outra que he arbitraria; de huma que tem por principio a meſma Providencia, para outra que procede da fortuna; e finalmente de huma que he fundada em regras infalliveis, para outra que ſómente he fundada em vaidade? Neſta parte a razaõ tirada da ſemelhança naõ convence. Com hum ſó caracter ſe podem formar letras infinitas, todas iguaes, e ſemelhantes; mas nem por iſſo as letras tem nada do caracter impreſſor. Eſte imprime, mas naõ ſe communica, dá a ſemelhança, a ſua ſubſtancia naõ; o metal de que he compoſto, naõ dá de ſi mais do que a figura. Muitas eſtampas vem de hum meſmo molde; todas ſaõ iguaes, e parecidas, mas nenhuma tem do molde mais do que o contorno. A ſombra vem de hum corpo que tem oppoſta a luz, deſorte que naõ ha ſombra donde naõ ha luz, e corpo; mas nem por iſſo a ſombra recebe em ſi propriedade alguma, nem do corpo, nem da luz. O produzir huma couſa, naõ he o meſmo que reproduzir-ſe.

A vi-

A vida, ou eſpirito vital, que paſſando de huns a outros vai fazendo a deſcendencia dos mortaes, parece que indica de algum modo a exiſtencia da Nobreza originaria; e com effeito ſe a vida ſe transfere ſendo mais, porque naõ ha de transferir-ſe a Nobreza ſendo menos? A vida he transmiſſivel, e aſſim deve ſer tambem a Nobreza que a acompanha. Porém naõ tiremos erradas conſequencias. A vida naõ ſe póde dizer que he transferivel, e ainda que o foſſe, nem por iſſo ficava ſendo transferivel a Nobreza: ſó o que exiſte fyſicamente ſe transfere, mas naõ aquillo que ſó tem huma exiſtencia mental. Tudo o que conſta de imaginaçaõ unicamente, nem ſe paſſa, nem ſe dá, nem ſe tranſmite. A vida com que vive hum, naõ he a meſma com que outro vive; a imaginaçaõ de hum naõ he a meſma que outro tem. A vaidade deſperta a imaginaçaõ, ou idéa de Nobreza, eſta naõ vem como imaginaçaõ herdada, mas adquirida; e ninguem ſabe que a tem, ou que a naõ tem, ſenaõ depois que o

ima-

imagina ; naquella imaginaçaõ o que ſe ganha , ou perde , he hum penſamento; e eſte quando he falſo , naõ tem menos entidade , que quando he verdadeiro ; porque nas couſas vãs , a verdade naõ val mais do que a mentira.

A vida conſiſte no movimento , quem primeiro o cauſa , he o que ſe diz ſer principio delle ; mas naõ ſe ſegue daqui , que a cauſa que depois ſe move , fique com alguma porçaõ do principio , que a moveo O braço quando move hum corpo naõ ſe communica a elle ; e eſſe corpo naõ recebe em ſi , mais do que hum impulſo; o braço naõ poem mais do que a força , que ſerve de principio ao movimento , mas nem por iſſo fica o corpo , que ſe moveo , com alguma parte do braço , que o fez mover. Em huma meſma luz ſe podem accender muitas mil luzes , mas nenhuma deſtas participa , ou tem em ſi nada da primeira ; cada huma arde em ſubſtancia propria , diſtincta , e ſeparada ; o que as diſtingue , he a materia , que lhes vai ſervindo de alimento , e naõ a pri-

a primeira luz de donde começaraõ. O incendio naõ he menos activo, ou menos nobre aquelle, que naſceo de huma faiſca errante, do que aquelle que viria de hum fogo guardado no templo das Veſtaes. Quem ha de intitular illuſtre a chamma, porque veio de outra que diziaõ conſagrada? E humilde aquella que procedeo de outra, que naõ tinha circunſtancia? Huma pedra precioſa regula-ſe-lhe o valor pela perfeiçaõ que ella moſtra em ſi; a que naſceo no monte Olympo naõ he por iſſo mais eſclarecida, do que aquella que ſe achou em hum valle ruſtico, e profundo. Só para o homem eſtava guardado o ſerem diſtinctos huns dos outros, e o diſtinguirem-ſe, naõ pelo valor de cada hum, mas pelo valor das couſas que os diſtingue. A Nobreza foi a maior maquina, que a vaidade dos homens inventou; maquina admiravel, porque ſendo grande, toda ſe compoem de nada. As outras vaidades, parece que ſaõ menos vãs; porque ſempre tem algum objecto viſivel, e manifeſto; mas por iſſo meſmo a vaidade

dade da Nobreza he huma vaidade ſem remedio; mal incuravel, porque ſe naõ vê.

Aſſim he, mas quem ha de haver que negue, que a Nobreza, ou eſſa couſa vã, he util, neceſſaria, e bem imaginada? Que importa que huma couſa ſeja na realidade nada, ſe os effeitos que produz ſaõ alguma couſa? Os effeitos da Nobreza ſaõ muitos; ella dá merecimento, valor, ſaber, a quem naõ tem nem ſciencia, nem valor, nem merecimento; ella ſerve, para fazer venerador, a quem o naõ deve ſer; ella faz que o crime fique muitas vezes impunido; que a deſordem ſe encubra, e ſe disfarce; e que a ſoberba, a arrôgancia, e a altivez, fiquem parecendo naturaes, e juſtas: finalmente a vaidade da Nobreza, até ſe deſvanece com a vileza das acçoens, eſtas ainda quando ſaõ vís, infames, torpes, e odioſas, nem por iſſo envilecem, ou infamaõ a quem as faz; antes da meſma enormidade das acçoens ſe tira hum novo luſtre, ou nova prova da Nobreza: o ponto he contar huma longa ſerie

de

de illuſtres aſcendentes para que hum nobre fique diſpenſado das leis da ſociedade, e de formalidades civís; e tambem habilitado para que poſſa livremente, e ſem reparo, perder o pejo, a honra, a verdade, e a conſciencia. Deſta ſorte vem a Nobreza a ſer hum meio por onde o vicio ſe authoriſa, o crime ſe juſtifica, e a vaidade ſe fortalece. Cuidaõ os Nobres, que a Nobreza lhes permitte tudo, mas cuidaõ mal; porque o certo he, que a Nobreza bem entendida, naõ ſe fez para canonizar o erro; ella foi ſabiamente achada para ſervir de eſtimulo, e companhia das virtudes; para ennobrecer as acçoens illuſtres, e naõ para illuſtrar as viciosas; para ſer attendida pelo que obraſſe digno de attençaõ, e naõ pelo que fizeſſe indignamente; para ſervir a razaõ, e naõ para a dominar; para ſer exemplo, e naõ regra; para fazer os homens bons, e naõ para os perverter; para os diſtinguir pela Nobreza do eſpirito, e naõ pela Nobreza da carne; para os fazer melhores de huma melhoria de animo, e

naõ

naõ de corpo : finalmente para fazer mais clara a luz, e naõ para fazer clara a ſombra.

Por iſſo o ſabio Rei, (que ainda ha pouco perdemos, e de quem a feliz memoria a cada paſſo renova em nós a mais entranhavel dor) nunca olhou para a Nobreza em quanto a via ſó, mas ſim quando a via acompanhada de acçoens nobres ; nunca attendeo á Nobreza das origens, mas ſim á Nobreza dos ſujeitos ; conſiderava os homens primeiro pela qualidade das virtudes, e pelas outras qualidades, depois ; o conceito, que fazia, foi, que a Nobreza naõ era no homem parte principal, mas ſim parte ajuntada, que ſó ſervia de o ornar, e naõ de o fazer. Aquelle meſmo Rei foi o terror da Nobreza arrogante, e deſtemida ; eſta ſempre tinha os olhos aſſombrados de ver a cada inſtante fuſillar o raio ; e de ver armado ſempre o braço poderoſo ; mas armado ao meſmo tempo de juſtiça, e de piedade, de furor, e de compaixaõ. Deſte modo governou em paz, e nos deixou a paz ; por iſ-

ſo a mágoa de o perder, foi, e ha de ſer infinita em nós; e as noſſas lagrimas apenas poderáõ mitigar-ſe alguma vez, ſuſpender-ſe, nunca. Acabou aquelle Monarca Auguſto, e parece que naõ tanto pela fatal neceſſidade de acabar, como para que trocado em altar o throno, o reſpeito em culto, e o obſequio em adoraçaõ, o pudeſſemos invocar. Subio ao eſtado de immortal para ſer numen tutelar do Imperio Portuguez; e em hum principe (o mais prudente, e moderado que o mundo vio) nos deixou hum Rei benigno, pio, generoſo, juſto, protector; aſſim ficou diſpoſta a noſſa conſolaçaõ, e ſeria menos forte a noſſa pena, ſe pudeſſe ſer o haver remedio para a ſaudade.

Hum dos abuſos, que o tempo, e a vaidade introduzio, foi a Nobreza; eſta porém ſendo tomada nos termos da ſua primeira infancia, ou na idéa com que foi creada, he verdadeira, e util; e neſtes meſmos termos ninguem lhe póde diſputar, nem a utilidade, nem a verdade da exiſtencia,

cia. Por nobre, entendiaõ os antigos hum Heroe, iſto he, hum homem diſtincto dos mais homens, e diſtincto por ſi, e naõ por outros; pelas ſuas proprias acçoens, e naõ pelas acçoens alheias. O Heroiſmo, e a Nobreza eraõ qualidades peſſoaes, e naõ hereditarias; huma, e outra dependiaõ de acçoens heroicas, e em ambas era neceſſario o requiſito do poder; ſe eſte ceſſava, extenguia-ſe a Nobreza. Deſte modo he, que antigamente haviaõ Nobres, porque em todo o tempo houveraõ poderoſos; eſtes ficavaõ diſtinctos por grandeza, e naõ por natureza; paſſava a Nobreza de huns a outros, quando o poder tambem paſſava; de huma, e outra couſa ſe formava huma herança indiviſivel. Acabada a Nobreza por falta do luzimento, ſe eſte depois tornava, naõ fazia reſuſcitar a Nobreza já perdida; compunha-ſe outra nova, e eſta naõ era de menos entidade, ou menos nobre que a primeira. O tempo naõ he o que ennobrece. Os ſeculos que envelhecem tudo, ſó a Nobreza naõ haviaõ de fa-

zer caduca? Os annos tudo diminuem, e ſó a Nobreza haviaõ de fazer maior? Huma flor moderna naõ tem menos graça do que huma flor antiga. A verdura com que a Primavera ſe reveſte, já no Outono fica proſtrada, e macilenta. As Eſtrellas começaraõ com o mundo, e nem por iſſo brilhaõ mais; aquillo que depende de mais, ou menos tempo he fragil. A vaidade até ſe quer aproveitar das horas, e dos dias, que paſſaraõ. Por aquelle modo de entender, creſce a vaidade, a Nobreza naõ. Que pouco cuidaõ os homens em que ha huma eternidade, e que a duraçaõ do mundo, naõ he mais do que hum inſtante!

Se ha nos homens differença, eſta ſó ſe acha nos Sceptros, e Coroas; os que dominaõ a terra, tem a ſemelhança dos humanos, mas naõ ſei que tem de mais: tem o meſmo ſer para ſerem homens, mas naõ para ſerem como os mais homens: quem os fez maiores, foi a Providencia; ſó eſta podia influir diverſidade no que he o meſmo; podia fazer

zer que huma identidade foſſe differente de outra da meſma eſpecie; e podia, debaixo da meſma fórma, e dos meſmos accidentes, fazer huma natureza deſigual. Deos he a origem do poder dos Reis, eſtes ſaõ independentes da fortuna; porque o poder ſupremo, ſó Deos que o dá, o tira. As revoluçoens particulares parece que reſultaõ de huma economia certa; as dos Monarcas naõ ſuccedem ſem decreto eſpecial. Aquelles a quem a Providencia fez arbitros do mundo, a meſma Providencia os diſtinguio: os outros homens fazem-ſe diſtinctos á proporçaõ do favor ſupremo que os diſtingue. Aſſiſte pois a diſtinçaõ dos homens ſó na vontade, ou coraçaõ dos Reis; eſta he a origem verdadeira da Nobreza. Os Reis ſaõ os que glorificaõ os homens, iſto he os que os ennobrecem; e deſta ſórte recebem a Nobreza por graça, e naõ por ſucceſſaõ; por favor, e naõ por herança; permanecem Nobres, em quanto permanece a graça que os illuſtra; perſiſte aquella prerogativa em quanto o

favor exiſte ; ſe eſte ſe retira, logo a Nobreza acaba. A luz toda ſe emprega nos objectos, eſtes ficaõ claros, mas he por força de huma luz, que naõ he ſua. Se o Sol ſe eſconde, ficaõ os objectos eſcuros, e eſcondidos. As couſas naõ naſcem com as qualidades que ſe vem ; os homens naõ vem ao mundo ſabios ; juſtos, prudentes, virtuoſos, bons, e do meſmo modo naõ vem Nobres; cá achaõ a Nobreza como huma parte poſterior, e auxiliar, que ſe póde unir, e aggregar depois ; achaõ muitas vaidades, e entre ellas huma occupada em crer, que a Nobreza he qualidade fixa, propria, interior, e inſeparavel ; e por mais que os ſentidos, e a razaõ moſtrem o contrario, nem por iſſo aquella vaidade ſe deixa convencer. Tiremos por hum pouco aos homens a faculdade que elles tem de ſe explicar ; ſupponhamos que naõ fallaõ, talvez que entaõ ſe vejaõ iguaes todos; a incapacidade, e o ſilencio, ſabem mais: tiremos tambem por hum inſtante aos homens a alma racional, e en-

taõ

taõ veremos a Nobreza com que ficaõ. Eſta tal Nobreza, ou a ſua vaidade negando as ſuppoſiçoens, fica livre do argumento.

CAR-

CARTA
DO MESMO AUTHOR
SOBRE A FORTUNA.

MEU amigo e ſenhor, agradeço a v. m. o deſejo, que me moſtra, de que eu tenha maior fortuna; naõ ſe preoccupe tanto a meu favor, porque a fortuna, que tenho he a meſma, que devo ter; o merecimento he que faz a fortuna, e quem o naõ tem, que fortuna ha de eſperar, fallo ſinceramente, e ſem hypocriſia, no tempo, que já paſſou por mim tive eſperanças, agora nem eſſas tenho, e iſto porque conheço melhor, ſei o que fallo, e o que mereço, por iſſo ſei, que naõ devo eſperar nada: eſperem os outros e vivaõ no tormento de eſperar.

rar. Eu hoje ſó tenho por fortuna o naõ eſperar a fortuna, contento-me com a privaçaõ da deſgraça ſem aſpirar a preſença da ventura, e acho, que o naõ ſer deſgraçado he o meſmo, que ſer venturoſo; e ſe entre huma, e outra couſa ha hum eſtado neutro, contento-me cõm o meu eſtado ainda que propenda pãra a deſgraça, com tanto, que naõ ſeja deſgraça inteiramente, a ſombra da ventura me baſta, a realidade, naõ ſei ſe me baſtaria, porque o noſſo coraçaõ he inſaciavel, e daquillo, a que huma vez tomou o goſto nunca ſe farta, daqui vem, que o conſervallo na ignorancia da ventura he diſcreta providencia, porque ninguem chora por hum bem, que naõ conhece, a ſaudade ſuppoem hum objecto conhecido; aquelle, que he ignorado a penas ſe appetece; quem conhece a fortuna pela vêr em outrem, tem pouca razaõ para a adorar, e he o meſmo, que conhecer o mundo no mappa, em que eſtá pintado, ou tambem he como quem olha para o Sol ſem admiraçaõ, e a pen-

penas com o reparo inadvertido, e vago: o mar por mais, que encreſpe as ſuas ondas naõ ſerve a quem o vê de eſpetaculo admiravel: entaõ admiramos o tumido elemento mais pela raridade, que pela elevaçaõ. O ſubir mais alto naõ he muito natural, o eſtar no meſmo ſer he ſeguir a ordem do univerſo. Os que ſobem, he porque tem no merecimento as azas, os que naõ ſobem, he porque a falta de merecimento igual, lhes ſerve de pezo, que os abate. Porém devemos conſolar-nos, advertindo, o que naõ ter merecimento naõ he peccado noſſo, e que culpa temos nós, de que a natureza foſſe avara, parece, que ha hum limo perfeito, e outro toſco; deſte naſcemos nós, daquelle os venturoſos: as aves naõ ſaõ Aguias todas, humas altamente ſe remontaõ, outras ſó ſabem paſſar de hum raminho para outro; humas deſapparecem na immenſa regiaõ do ar, outras ſempre ſe deixaõ ver no eſpaço limitado de hum prado humilde. As que tem maior alento ſobem a mais alta eſféra; as que tem

me-

menos vigor voaõ peſadas, e raſteiras.

Eu já perdi de viſta os lugares eminentes. Os meus olhos ſó inclinaõ para baixo, e para cima naõ ſe pódem dirigir ſem violencia: tudo quanto vejo he com olhos deſenganados. Tal vez, que por iſſo veja as couſas como ſaõ; e naõ como ſe moſtraõ: porque o deſengano tem virtude, e força para arrancar da formoſura o véo caducco, e mentiroſo, de que o theatro da vida ſe compoem. A fortuna naõ he taõ bella como parece, e creio, que o caliz da fortuna naõ he muitas vezes menos amargoſo, que o da diſgraça, tambem a fortuna tem ſeu caliz, e ſuas amarguras; e eſtas talvez, que ſejaõ mais penoſas de tragar, porque na deſgraça o coſtume de ſentir tira a parte mais cruel do ſentimento: ao menos a diſgraça naõ engana, e tem de bem o ſer hum mal, que ſe naõ finge, he verdadeiro, e apparece como he, a fortuna ſempre ſe disfarça ſimilhante á belleza enganadora, que para ſer mais appete-

cida reveſte-ſe de ornatos liſongeiros, e apparentes; quem duvida que a belleza que ſe enfeita, ou ſe cobre de artificio, he para encubrir alguma fealdade natural.

Conheço a fortuna, ſem que a fortuna me conheça, e quando a vejo he de taõ longe, que impoſſivel he, que ella chegue a mim, nem eu a ella, ſomos inacceſſiveis ambos, verdade he, que eu naõ a buſco; nem a buſquei nunca anciosamente, porque ſempre entendi ſer hum ſogeito, menos proprio para ſer favorecido, e além diſto a fortuna quer, que a buſquem com fé, e audaciosamente: ella ſe enamora da rezoluçaõ conſtante com que a buſcaõ, timidamente ninguem a encontra, entrega-ſe ao valor, e foge á cobardia, quer que a rendaõ por força, naõ por ſupplicaçaõ ſimilhante a huma mulher livre, que ainda quando ſe entrega por vontade, quer que pareça ſe entregou forçadamente.

E com effeito ſem rogar, nada ſe alcança, e eu naõ ſei pedir, o que ſei que naõ mereço, ſou religio-

gioſo neſta parte, e com engano naõ quero nada, nem ainda a fortuna: eſta naõ me póde tirar o conhecimento proprio, de que a naõ mereço, e aquelle conhecimento ſervirme-hia de flagelo, de ventura naõ, porque a eſcolher, antes quereria a deſgraça, conhecendo merecer fortuna, do que a fortuna, conhecendo merecer deſgraça. Quero as couſas mais juſtamente, que feliſmente; porque toda a conciencia parece, que ſe afflige, com ventura deſmerecida, e mais ſe ſatisfaz de merecer, que de alcançar. A verdadeira felicidade deve ſer interior, e o contentamento naõ he puro, quando vem de huma falſa cauſa. A coroa da victoria ſó deſvanece ao que triunfou, naõ ao que ſuccede pôla na cabeça, porque a fortuna errada mais injuria do-que ennobrece, o premio naõ illuſtra, o merecello ſim; e o conſeguir por graça da fortuna, naõ coſtuma atrahir hum peito honrado; eſte ſó ſe paga do que conſegue por graça da virtude, e aſſim, ſe aceito o que naõ me devem, niſſo vou já

cal-

caſtigado; porque o coraçaõ me inſinua ſempre, que a acçaõ de receber foi indigna, e torpe.

Todos accuzaõ a fortuna de injuſtiça, porém a injuſtiça eſtá ſó em quem a accuza, nem o meſmo merecimento tem direito para a accuzar; porque a fortuna de ſua natureza ſó a liberalidade, e a falta de liberalidade nunca ſe poz em accuzaçaõ: tudo quanto a fortuna diſtribue, he por favor, e no que vem de hum principio de favor, naõ ſe dá poſitiva obrigaçaõ, ſalvo ſe a noſſa preſumpçaõ he tal, que entendamos ſeriamente, que a fortuna nos deve algum tributo, e quem o entender aſſim, niſſo meſmo moſtra ſer indigno da fortuna, e que eſta lhe naõ deve nada; porque o querer merecimento proprio, he confiſſaõ ou prova de deſmerecimento; a incredulidade neſta parte he perdoavel; a credulidade he vicioſa; a fallencia he hum vicio quaſi univerſal, e a fortuna communmente deſpreſa todos os Narciſos; quer que a buſquem animoſamente, mas naõ preſumpçoſamen-

mente, com deligencia, naõ negligentemente, ou com deſdem; por iſſo ha poucos venturoſos; porque poucos ha que ſaibaõ o modo com que a fortuna ſe procura, e em ſaber aquelle modo, conſiſte o meio, ou o ſegredo de a achar: huns ſeguem o caminho da liſonja, outros o da importunidade, alguns o das armas, e outros das letras, alguns ſem modo certo, nem meio determinado ſeguem o caminho de procurarem a fortuna por aquelle meio, e modo, que a meſma fortuna lhe deſcobre, *ſol tibi ſigna dabit.*

Eu que naõ ſou liſonjeiro, nem importuno, e que naõ ſou erudito nem guerreiro, que caminho poſſo ter para a ventura, ſem guia, ſem norte, e ſem luz, que me conduza, mal poderei achar aquella Deoſa eſcondida, e inconſtante; ao primeiro paſſo me retiro, e deſconfio antes de emprender, porque julgo imprudente acçaõ o querer eu huma fortuna, que me naõ quer: quem navega ſem eſtrella, tem por certo o naufragar, e quem ſó dá

paſ-

paſſos errantes, que fortuna póde ter; a fortuna naõ he céga como dizem, ella vê a quem eſcolhe, e moſtra que vê bem, porque eſcolhe bem, os que naõ ſaõ dos eſcolhidos, crêm ſer cegueira da fortuna, o que hé ſó cegueira ſua; julgaõ ſer uſurpaçaõ a fortuna, que a outros ſe comunica. Que injuſto penſamento; a fortuna naõ ſe vende, ella meſma he que ſe dá, e para dar-ſe a ſi tem livre o ſeu arbitrio, e aſſim naõ devemos murmurar da ventura alheia; mas ſim da noſſa deſventura, devemos conformar-nos, magoar-nos naõ; porque a magoa he queixa, e virtude a conformidade. Quem ſe magoa reprova o que a fortuna fez; quem ſe conforma approva o que ella faz, entre hum, e outro extremo, o melhor partido he, aquelle, que a fortuna quer, naõ aquelle, que nós queremos; porque nós, enganemonos a nós meſmos; e a fortuna naõ ſe engana a ſi, ella ſabe para donde vai, e de donde vem; nós conjecturamos, e ella acerta; caminhe a noſſa embarcaçaõ para donde o vento a

a le-

a leva, naõ para donde o vento a encontra, deixemos a fortuna o governar o mundo, e para nós tomemos o governo de nós meſmos; porque ſó a fortuna ſabe navegar em alto mar, e nós a penas navegamos nas limitadas ondas de hum fundo limitado, a eſféra da fortuna he dilatada, e a noſſa he mui pequena, e mal ſe vê, e aſſim que podemos eſperar de nós; eſperemos tudo da fortuna, ainda que ſeja da fortuna alheia, porque della ſempre póde vir-nos algum bem, a fortuna he como a luz, que ſe eſpalha abundantemente, e aclara os eſpaços mais remotos, recebamos a luz ainda que ſeja alheia, e que o centro della eſteja de nós taõ afaſtado quanto vai do Sol á terra; devemos entender, que ha fortuna tal, que eſtando em hum ſogeito, he como ſe eſtiveſſe em todos, porque a todos ſe eſtende ſeu influxo; e aſſim, ſe a commodidade he noſſa, devemos eſtimar que o trabalho ſeja de outrem, que importa, que eſteja de nós taõ apartado eſſe aſſento ethereo, em que gi-

giraõ os orbes luminoſos, ſe a nós ſe communicaõ as delicias de hum aſtro favoravel, ſalutifero, e benigno?

Com o tempo perdi o amor, a vaidade, e eſperança, eſtou pois ſem eſperança, ſem vaidade, e ſem amor. Eſtes eraõ os fortes laços, que me prendiaõ; já ſe quebraraõ, agora naõ ſei verdadeiramente o que me prende; hum reſto de vida da belliſſima prizaõ, e de pouca duraçaõ, por iſſo vivendo retirado naõ ſigo as bandeiras da fortuna, e já lhe diſſe a Deos: milito nos campos do deſengano, campos ſolitarios, ou menos frequentados; porém mais ſeguros, nelles conſidero a fabrica innocente de huma roſa inculta, de hum lirio triſte, de huma aſſucena virginal; eſtes ſaõ os meus objectos, os meus cuidados, e os meus empenhos, ſaõ os meſtres, que me enſinaõ fielmente, meſtres mudos, mas ſeveros, a bem-conſiderallos, a roſa me inſinua, que a formoſura he como ſombra leve e paſſageira, o lirio na ſua cor me diz, que toda a alegria ſe converte em luto, a aſſu-

ce-

cena indica, que ſó a virtude he permanente; que liçoens pódem haver mais verdadeiras, faceis de aprender, dificeis de obſervar; a mocidade louca ſó goſta de loucas inſtrucçoens, e zomba galantemente das que ſaõ menos galantes; mas que pouco dura o enredo que diverte, e quaõ depreſſa chega a tragedia, em que o meſmo enredo acaba!

Aſſim nada eſpero da fortuna nem a fortuna de mim póde eſperar nada; porque o meo talento foi diſcurſivo ſempre, operativo nunca, e a fortuna quer obras, e naõ palavras, quer quem pratique mais, e eſpecule menos, porque toda a eſpeculaçaõ por ſi meſma he vã; a theorica toda he ſubſtancial; eſta compoem-ſe de huma ſolida materia, aquella de accidentes inviſiveis; he como a voz ſonora, que o ar a forma, e a decipa, e que tem o ſeu fim, na meſma cauſa de que naſce o ſeu principio; alguns ha, que o que diſcorrem obraõ, eu ſó debuxo, e naõ ſei pintar o que eu meſmo debuxei; ſei delinear, executar naõ, e ſempre na execuçaõ

me perco, ſimilhante ao Nautico imperito, que ſabendo a Carta, e ſabendo os rumos, em largando as vélas logo ſe perde; de que ſerve pois a Arte, que ſó na imaginaçaõ ſe moſtra, e fóra della ſe deſvanece? Muitos ſabem idear, praticar, poucos. De que ſerve tambem huma idéa concertada a quem ignora o como ſe deve uſar della? He o meſmo que inſtrumento delicado na maõ, que ignora o meio de o tocar, o eſgrimir de pouco vale, a quem naõ ſabe peleijar deveras, o meſtre foge muitas vezes, e naõ ſe fia na deſtreza, que inſinua: eu ſou o fugitivo eſgrimidor, o Muſico ignorante, o Nautico imperito, tudo ſei para dizer, mas para fazer ſó ſei, que naõ ſei nada, as minhas artes todas ſaõ em penſamento, e por iſſo ſaõ juſtamente deſgraçadas, porque a fortuna naõ póde fazer milagres, e que póde fazer de huma materia, que naõ ſe move, e que ſendo intilligente, he ſem acçaõ, inutil intelligencia. Similhante á arvore frondoſa, que produzindo flores, naõ ſabe produzir frutos.

E neſ-

E neſta fórma naõ poſſo queixar-me da fortuna, antes reconheço com legitima razaõ, que o favor, que a mim me nega he porque o deu juſtamente a outros, o ſeu officio he laurear o merecimento, naõ fazello, ſerve para ornar o merecimento feito, naõ para o fazer de novo; naõ ha pois iniquidade na fortuna; ao menos eu, e para mim ſó juſtiça lhe conheço, já do berço trazemos com noſco a noſſa ſórte, e parece, que em nós meſmos a fabricamos, ſendo artifices da deſgraça, e da fortuna, deixemos pois a fortuna em paz; e eu ſou o primeiro, que ſó accuzo a minha incapacidade, ou a minha innercia, eſta foi unicamente o architeto de eſtado de ſonolencia, em que me acho, e naquella ſe fundou o ſer em que eſtou de naõ ſer alguma couſa, mas com tudo ſou o meſmo, que ſempre fui, naõ mudei para mal, nem para bem, e neſte artigo eſtou como vim ao mundo, ſó com a differença dos annos, que tem paſſado; delles o eſtrago ſempre foi univerſal, e ſe paſſaraõ por mim, taõ

bem por todos tem paſſado; todos ſomos companheiros naquelle genero viſivel da deſgraça, e deſgraça, que vai creſcendo, diminuindo nunca; caminhamos igualmente com o meſmo paſſo, e ſem poder por modo algum retroceder; ſomos comilitoens differentes na data, mas os meſmos no exercicio.

E aſſim chegou o tempo, em que o mais acertado he pendurar as armas, naõ como armas vencedoras, mas ſim como deſpojos infelices de huma já cançada guerra, eu qual invalido ſoldado larguei o apreſto militar, naõ voluntariamente, mas por naõ poder ſoportar-lhe o pezo, apenas poſſo ſoportar o vivo eſquelêto, em que conſiſto, deichei os vicios do amor, da vaidade, e da eſperança; porque elles primeiro me deicharaõ; amigos infieis eſquecidos do meu paſſado obſequio, e lembrados da minha inaptidaõ preſente, foraõ meus no tempo alegre, e já me deſampararaõ neſte tempo triſte, injuſta recompença de huma tyranna ſociedade, quem diſſera, que havia de

achar o amor ingrato, a vaidade ſem o vigor, e a eſperança deſanimada; ſe eſtes vicios me deicharaõ, ſendo meus, ou ſendo huma grande parte de mim meſmo, como póde a fortuna naõ deixar-me, naõ havendo ſido minha; aquelles naſceraõ commigo, e commigo ſe criaraõ, provindos da minha natureza, e comſubſtanciaes a mim; e ainda ſendo aſſim já ſe apartaraõ; a fortuna, porém, ſempre foi parte diverſa, nunca unida, mas ſempre ſeparada, ſem commercio meu, e ſem chegar a mim, nem ainda paſſageiramente, e neſta ſituaçaõ mal póde a fortuna ter lembrança, de quem nunca ſe lembrou, e de quem nunca vio; e ſe agora me chegaſſe a ver ſeria mais por cegueira ſua, que por fortuna minha, ſeria moſtrar, que foi injuſta, buſcando-me canſado, quem vigoroſo me naõ quiz.

E com effeito tem menos eſtimaçaõ a fortuna, que vem tarde, porque vem como apparato funeral, e na imagem de huma honra antecipada traz conſigo a de ſer a ultima; infeliz

liz fortuna, ou ventura desgraçada; pois que quando chega, acha sem alento os braços, que a recebem; acha os olhos já com pouca luz, e o coraçaõ palpitando, frio, e lentamente que gloria adquire a fortuna errante, em buscar hum corpo timido, em que a morte está fazendo os seus ensaios; melhor he deixallo na tranquillidade escura do silencio, do que assombrallo com a claridade inquieta de huma luz tumultuosa; porque a fortuna, que está cercada de resplandores affligе, e mortifica os olhos costumados a naõ verem; daqui vem, que a fortuna muitas vezes chega mais como castigo, do que como premio; algumas vezes ha de ser a fortuna aborrecida, e certamente o he, quando vem tarde, ou ao tempo, que já se naõ espera, entaõ já naõ he fortuna, he delirio da fortuna, e quem se accommoda a ella he por resignaçaõ, ou vontade de obediencia, naõ por vontade de inclinaçaõ, he mostrar constancia no desejo, mas no acerto desvario, porque a fortuna quando chega tarde, he

he fortuna de compaixaõ, naõ de eleiçaõ, indica, que foi ſollicitada, ou extorquida, e naõ merecida, concedida para contentar hum corpo meio morto, e naõ para illuſtrar hum vivo; ou vem como fortuna de remedio, que ſe applica ao enfermo, que o naõ tem, e que ſe dá por conſolaçaõ, naõ por obrigaçaõ, por diſpença, e naõ por recompença, e verdadeiramente de que vale huma fortuna, que quando chega he ſó para ſe deſpedir, e naõ para ficar, e que aſſiſte como teſtimunha authoriſada, que vem ver o fim da obra ſem ter viſto o ſeu principio; de que ſerve huma ventura ſonhada, pois naõ tem mais duraçaõ, que em quanto dura o ſonho, inutil felicidade, pois he como a faiſca, por inſtantes ſe eſtá reduzindo a cinza; he felicidade imaginada, lograda naõ, ou ao menos mal lograda.

Bem ſei, que tudo no mundo he tranzitorio; porém entre as meſmas couſas, que vaõ paſſando, algumas paſſaõ mais depreſſa do que outras, em humas ha tempo de ſe

ve-

verem, em outras naõ, e eſtas ao meſmo tempo, que apparecem, deſapparecem, a meſma vida he hum verdadeiro tranzito, mas com certa, e determinada duraçaõ, compoem-ſe de hum eſpaço incerto, e a meſma incerteza do ſeu eſpaço he o que a faz parecer duravel, porque o fim, que ſe naõ vê, nem ſe conhece, julgamos, que eſtá longe, nos primeiros periodos da vida a fortuna deve achar em nós ſenſibilidade para a deſejar, e para a receber, porém em o tempo da vida entrando a declinar, ou a inclinar para o ſeu fim, a noſſa ſenſibilidade tambem declina, e já naõ apetecemos com ardor, nem ſabemos deſejar exceſſivamente: todas as noſſas faculdades ainda mentaes entraõ em deſcanço, e vaõ perdendo a maior, e melhor parte da ſua primeira actividade, ſimilhante ao curvado arco, que inſenſivelmente perde a força, que continha a corda dilatada; neſte eſtado ſe a fortuna vem a nós, he o meſmo que hum eſpirito inſenſato, e vagabundo, que pretende animar o corpo de hum cadaver, por-

porque com effeito tambem ha deſejos cadaveroſos, e eſtes ſaõ os que intumecem de eſperar, e que ainda quando a fortuna os ſatisfaz, ficaõ como embaraçados, ſem ficarem ſatisfeitos á maneira daquelle, a quem o raio tocou ſem offender, mas que ſempre fica eſtupefacto, e temeroſo a qualquer ruido, ou eſtrondo leve.

Porém naõ ha regra certa nos gráos de deſejo, e de eſperança, porque alguns ha, que eſperaõ, e deſejaõ com taõ firme, e conſtante vehemencia, que ainda quando eſtaõ morrendo, eſtaõ eſperando, e deſejando, parece lhes, que morrem, ſe naõ eſperaõ, ſuſtentaõ o deſejo como prova de que vivem felices; naturezas, que por aquelle modo vaõ enganando o tempo, ſem que o tempo os deſengane; ao menos enchem de vida todo o tempo, que vaõ vivendo; porque naõ teraõ della parte alguma, pelo modo de viver, e quem conſerva as paixoens humanas em quanto vive, parece, que vive mais, do que quem as larga muito antes de morrer; outros ha, que naõ ſaõ

taõ

taõ deſejoſos, nem taõ eſpectativos, por iſſo naõ reſiſtem, e largaõ facilmente os affectos do deſejo, e da eſperança, a eſta porque os afflige, e áquella porque os perturba; os impaſſientes nem ſabem deſejar, nem eſperar pela fortuna; por iſſo raramente a achaõ; porque a fortuna ſempre exige paciencia, e eſta he muitas vezes o preço porque ſe vende, e o mais certo merecimento porque ſe dá, e com razaõ, porque a paciencia, naõ ſó he virtude humana, mas favor celeſte, ella vence mais ſem fazer nada, do que outros muitos meios, fazendo muito; a ſua inacçaõ tem mais poder, do que a acçaõ daquelles meios, que parecem ſer mais poderoſos, e he hum remedio univerſal, que aproveita para tudo ſem a nada fazer mal, ſó tem de menos boa a paciencia o ſer huma virtude humilde, e feita ſó para ſoffrer, á maneira da peſſa de hum engenho, de que todo o exercicio conſiſte em andar raſteira, e abattida: porém niſſo meſmo conſiſte tambem o artificio: porque a maquina do engenho naõ ſe mo-

move em quanto a peſſa humilde a naõ faz mover. A paciencia, ou o ſoffrimento ſuppoem deſprezo, e eſte ſempre he duro; ſendo que naõ ha deſprezo, que moleſte, quando a paciencia he grande, e o ſoffrimento humilde muralha impenetravel aos ataques do deſprezo. Além diſto naõ ha couſa, que cauſe nojo, a quem tem a fortuna por objecto; porque a fortuna ſempre foi conſiderada como a bella dama, de quem os mais aſperos rigores ſaõ favores declarados, e por elles deve paſſar o amante, que pretende ſer bem ſuccedido.

Com tudo eu nunca me enamorei taõ cegamente da fortuna, por iſſo nunca a tive, nem eſpero ter: ſempre olhei para a fortuna como para humas tantas couſas, que ſendo admiraveis por ſi meſmas, admiraõſe por coſtume, e tambem por coſtume já ſe naõ admiraõ; fazemos caſo dellas por opiniaõ, e mais pelo caſo, que vemos, que os outros fazem, que por aquelle, que nós meſmos quereriamos fazer; eſtimamollas pela eſtimaçaõ dos outros,

naõ

naõ pela noſſa ; e niſto ſeguimos o exemplo ſeguido, o reſpeito he hum dos attributos da fortuna , e talvez, que ſeja o principal , porque a fortuna ſe deſeja tanto ; mas quanto a mim achara eu , que aquelle attributo importuno , e vaõ mais mortifica , do que liſongea , porque as mais das vezes o reſpeito he como a moeda , que aceitando-ſe por boa , intrinſeca , e verdadeiramente he falſa , ou tambem como os rogos , que ſe fazem no perigo da tormenta , o retrato do milagre coſtuma ſer a primeira de todas as promeſſas ; porém paſſada a tormenta , e o perigo , já naõ lembra o milagre , nem o ſeu retrato : o reſpeito , que a fortuna tem he reſpeito de intereſſe , naõ de amor ; e he como obrigaçaõ violenta , naõ livre ; ou como vontade involuntaria , naõ arbitraria ; que pouco vale hum reſpeito ſimilhante , e que pouca eſtimaçaõ merece ! Hum tal reſpeito dirige-ſe ao lugar , naõ á peſſoa ; á fortuna , e naõ ao afortunado : he obzequio injurioſo , e caviloſo , pois que com fingido ſobſcri-

cripto caminha indirectamente, he hum ataque falſo, que ſe faz em huma parte, para em outra ſe fazer o verdadeiro; o incenſo, que naõ he puro, mais eſcandeliza, do que agrada, porque tendo ſó de incenſo o fumo, naõ tem a ſuavidade, falta-lhe a fragancia, que deleita, e ſobra-lhe a exalaçaõ, que offende.

De nada ſaõ os homens taõ avaros, que de hum reſpeito ſincero, e verdadeiro, e de nada ſaõ mais liberaes, que de hum reſpeito ſimulado, e dependente, o formulario de hum, e outro reſpeito he o meſmo, e tambem he a meſma ceremonia, ou ritual apparente, e manifeſto de cada hum delles; porém naõ he a meſma a intençaõ, ou dedicaçaõ, de quem ſe moſtra reſpeitoſo, porque a verdade ſó eſtá no interior, e o engano no fronteſpicio, a devocaçaõ naõ eſtá no joelho, que ſe dobra, mas no coraçaõ, que ſe naõ vê dobrar; a genuflexaõ ſó ſerve de ſignal, e todo o ſignal aſſenta em materia ſuppoſta, que póde ſer, ou naõ ſer, aſſim como ſe ſuppoem; mas que importa,

a for-

a fortuna coſtuma ſer taõ pouco melindroſa, que daquelles ſignaes ſe paga, e com elles ſe contenta por mais, que os reconheça ſuſpeitoſos; conhece a adulaçaõ ſofiſtica do reſpeito, mas nem por iſſo o deſpreza, porque he como mercadoria, que ſe aceita com todas as avarîas, ou como fazenda de contrabando, que naõ tem prohibiçaõ para uſar-ſe della; a fortuna tem aquella urbanidade, recebe ſem exame o que lhe daõ, e baſta-lhe, que o reſpeito tenha a figura diſſo; ainda que naõ tenha nada mais, baſta-lhe, que a eſtatua tenha a fórma racional, ainda que em ſi naõ ſeja mais do que hum marmore pulido, ſe bem, que ha muitas couſas, em que a ſubſtancia eſteja nos accidentes, e a exiſtencia na meſma falta de exiſtir.

Eu naõ quizera hum reſpeito ſimilhante, porque amo a verdade em tudo, naquillo em que a verdade ſe diſpenſa; nenhum fingimento póde agradar-me nunca, nem tive arte para fingir; moſtro-me como ſou, e que ainda os meus meſmos penſa-

men-

mentos ſe eſtaõ deixando ver pela interpoſta, e mal ſerrada cortina do meu ſemblante, por iſſo tudo quanto digo he o meſmo, que tudo quanto penſo; de ſorte, que para mim naõ reſervo nada, como ſe em mim naõ houveſſe parte que naõ foſſe parte exterior, viſivel, e conhecida, propendo para huma eſtupedez no exceſſo da verdade, e tudo o que naõ he exceſſivamente verdadeiro, fazme repugnancia natural, como alguma couſa, que fizeſſe arrepiar-me, cauſando-me cocega inſuportavel, e aſſim ſou vicioſo no exceſſo da verdade, aſſim como outros o ſaõ no exceſſo da mentira; iſto naõ he, nem nunca foi virtude, he temperamento porque a verdade opera em mim como por hum acto neceſſario, por compleiçaõ, e naõ por conſciencia, por genio, e naõ por eſcrupulo, e com effeito amo a verdade, porque o meu conceito me repreſenta mais bella, do que tudo quanto ha, e mais appetecivel do que tudo quanto ſe appetece; talvez que haja algum achaque, que faſſa hum ſugeito verda-

deiro

deiro, aſſim como póde haver tambem, para fazello mentiroſo, ſe o he, ficarei crendo, que ſou verdadeiro por achaque; alguma enfermidade havia de haver, que ſendo util em ſi meſma, o mal ſó eſtaria em ſarar della: naõ ſei ſe a verdade póde vir por deſordem da natureza, o que ſei ſem paradoxo he, que ha temperamentos verdadeiros, e outros mentiroſos; neſtes a mentira naõ he taõ culpavel, naquelles a verdade naõ he taõ louvavel, porque tudo o que ſe faz por indole nativa he menos eſtimavel do que aquillo, que ſe faz unicamente por virtude, e eſta parece, que recebe o ſeu luſtre mais pompoſo da oppoſiçaõ, que incontra, e que vence; porque donde naõ ha proprio vencimento, tambem naõ ha virtude propria, e a victoria ſem combate ſó moſtra a fraqueza do vencido, naõ a fortaleza do vencedor.

Daqui vem, que nenhum reſpeito dos que a fortuna commummente concilia, acharia em mim grande agaſalho, ſe o caſo em mim ſe achaſ-

ſe,

ſe, que tudo havia parecer-me hum laço ſubtil, e liſongeiro, fabricado para prender a minha ſimplicidade, e captar a minha benevolencia; e neſta deſconfiança tal vez menos bem fundada ſeria eu como a ave cauteloſa, e timida, que ſempre eſtá de ſentinella contra as incidiarias artes do caçador aſtuto, e vigilante; e aſſim naquelle meſmo caſo, e ſuppoſiçaõ o pretendente, que me reſpeitaſſe menos, ſeria a quem eu attendeſſe mais, o cortezaõ raſgado, e conſummado da ſciencia dos politicos agrados, e verſado na pratica de reſpeitos eſtudados, menos propicio me acharia, do que o ruſtico, groſſeiro, e imbecil; deſte a imbecilidade verdadeira havia de preoccupar-me mais do que o outro; o ar dobrado profundamente reverente, e cheio de feſtejo; de ſorte, que para mim ſeria neceſſario tomar diverſo expediente, e ſeguir methodo diverſo.

A minha attençaõ ſempre ſe volta para a verdade, como ſe eſta foſſe hum inſtrumento, que tiveſſe for-

ça neceſſaria para volt r-me; porque a verdade me move como ſe foſſe hum artificio natural, feito para mover-me, e quando a buſco he com amoroſa indagaçaõ, e ſe conſigo achalla, fico com o meſmo contentamento daquelle, que achou o amor perdido; e neſta forma todos os reſpeitos, que a fortuna dá naõ ſaõ capazes de attrahir o meu deſejo, porque ſe a mim ſe derigiſſem, eu os creria fabuloſos, aſſim como os creio verdadeiros, quando a outrem ſe derigem; e em qualquer eſtado, que a fortuna me puzeſſe, nunca poderia eu perſuadir-me, que com razaõ merecia algum reſpeito verdadeiro; e todo aquelle, que a mim ſe encaminhaſſe, eu o julgaria reſpeito mercenario, e por iſſo meſmo ſem valor; antes quero a verdade, que me magoa, do que aquella, que me lizongea, para eſta tenho incredulidade, e entendo ſer compoſta de lizonja; da outra faſſo mais conceito, porque tudo, o que eſcandaliza cura.

Na ſituaçaõ particular, em que me

me acho, ſe alguem me buſca, entendo firmemente, que naõ he por amor de mim, mas por cauſa de alguma couſa minha; logo conſidero, e digo, que me quererá, ou que intereſſe lhe enſinou a minha porta, e o meu nome; neſta conſideraçaõ remeto a viſita para a dependencia, que he a quem ſe fez; e eu ou naõ eſtou em caſa, ou eſtou doente: por eſte modo faſſo-me inviſivel, de ſorte, que quem me puzer a viſta ha de ter habilidade; e ſe alguem tem commigo algum negocio, deve ter o trabalho de ſe explicar por letra; porque de cara a cara naõ he facil, ſalvo ſe topar commigo de improvizo; e neſſe caſo, quem o paga, he quem deixou a porta aberta, ou a vidraça por fechar; por eſte modo me livro de comprimentos aborreciveis, de amizades perigoſas, de noveliſtas mentiroſos, e de importunos maldizentes. Bem vejo, que ſeguindo eſte modo de viver, eſtou no mundo ſem ſaber do mundo nada; porém iſſo meſmo he o que eu quero, e taõ regularmente, que

nem quero ſaber o que tenho para jantar, ſe naõ depois da meza poſta; a minha curioſidade ſó tem por objecto a natureza, o mundo naõ, eſſe cuidado toca a quem o fez, ou o governa, a mim ſó me compete o ver o meu termometro para ſaber ſe faz mais, ou menos frio, que no dia antecedente; coſtumava eu ter as Gazetas de Londres, e Amſterdaõ, porém já me desfiz diſſo, porque achei ſer fatuidade o querer ſaber noticias daquelles, que as naõ querem ſaber de mim; e aſſim já me naõ importaõ as façanhas de El-Rei de Pruſſia; eſſas devem importar ao ſeu Panegyriſta, naõ a mim, que lhe naõ hei-de eſcrever a vida. O ſaber ſucceſſos militares, pertence privativamente á gente deſſe officio, porque a elles toca a arte de desbaſtar os homens, como a mim póde tocar-me a arte de desbaſtar as couves no canteiro da minha orta. Agora paſmo de mim meſmo quando conſidero, que ſem neceſſidade alguma, aſſentei praça de Engenheiro voluntario no ultimo ſitio de

Gi-

Gibaltar, de donde tirei as indeleveis certidoens, que ainda conſervo authenticadas em fórma ſicatrizante; durou pouco o ſitio, por iſſo fiquei eu durando, ha humas ſciencias, em que a melhor ſciencia he naõ ſaber nada dellas, deſte genero ſaõ as ſciencias militares, para quem naõ he militar; actualmente devo á laudoſiſſima memoria do Senhor Rei Dom Joaõ o V. o querer ſervir-ſe da minha pouca intelligencia, mandando-me paſſar Patente de Tenente Coronel do Regimento do Cais, cuja graça naõ teve effeito porque a paz ſobreveio felizmente, antes que começaſſe a guerra; hoje já naõ poſſo ſuſtentar na maõ a eſpada, e o mais, que poſſo fazer, he o ſuſtentar-me a mim, lembra-me o que diſſe Ouvidio:

Turpe miles ſenex, turpe ſenilis amor.

E neſta fórma naõ ha para mim mais mundo, do que a caſa, em que habito, e as minhas quatro paredes ſaõ para mim as quatro partes do mundo conhecido, vivo como no er-

ermo, porque vivo só, os meus livros me acompanhaõ fielmente, só delles me naõ aparto; elles foraõ os meus meſtres, e o eſtaõ ſendo ainda, porém para que aprendo eu, ſe o tempo me eſtá dizendo que tenho pouco tempo para aprender, e menos para gozar! Bem ſei que a minha idade naõ he muito adiantada, porém eu quero adiantar o deſengano, para que naõ ſeja a idade o que por força me deſengane; ſempre goſtei muito da cantiga quando diſſe, *quero deichar o mundo antes que o mundo me deixe*, quero anticipar-me já, para naõ eſtranhar depois que coſtumar-me, porque a licçaõ naõ ſe eſtuda na meſma hora, em que ſe dá, quem começa a ſentir com antecedencia, ſente menos quando chega a ocaſiaõ do ſentimento; eſte quando eſtá canſado fica a modo de dormente, e ſem actividade para atormentar, ou ao menos atormenta menos, porque naõ ſó na paciencia ſe faz callo, mas tambem na dôr; o mal, que ſe padeſce por vontade naõ afflige tanto, e fica

ſen-

ſendo mal, que naõ aſſuſta, porque o mal habituado, paſſa em natureza, e perde muita parte do ſeu rigor, e aſpereza, daqui vem, que o famaliarizar com qualquer fatalidade, he ſegredo certo, para a fazer menos fatal, he como a féra domeſticada, em que ſe encontra já menos fereza: o inſtrumento uſado he mais facil, e mais leve de mover; aquelle, que ainda he novo naõ trabalha ſem reſiſtencia; e aſſim as incomodidades, que a velhice traz conſigo, eu as vou applicando em mim, e deſta ſórte quando vierem, já achaõ feita a obra, que vem fazer; encontraõ-ſe comſigo meſmas, e o mais que haõ de fazer, he deixar-me no eſtado, em que me acharaõ; poderaõ accreſcentar alguma couza mais; porém tudo naõ, e ainda para o meſmo accreſcentamento já me vou armando, e preparando; eſtou-me exercitando em peleja fingida, para entrar mais deſtro na peleja verdadeira; iſto vem a ſer repercutir o damno pelo meſmo damno premeditado; enfraquecer o aſſalto pelo meſmo aſ-

ſal-

ſalto prevenido; e adormecer o mal, pelo meſmo mal deſpertado antes.

Sendo aquella a minha filoſofia, bem ſe deixa ver, que a fortuna para mim já naõ he materia de importancia; ſó cuido em ir vivendo manſamente, e ſem ruido, como quem vai eſcorregando lentamente, e naõ como quem vai andando atrevidamente; os meus paſſos naõ vaõ para diante, o mais, que eſpero delles he, que ſe ſuſtenhaõ no lugar, em que ſe achaõ; naõ tenho mais objecto, que a mim meſmo; e a mim meſmo como ſou, e naõ como poderia ſer; porque naõ ſendo nada, ainda poderia ſer menos do que ſou: em tudo a deminuiçaõ he mais facil, do que o augmento, porque tudo diminue naturalmente, e creſce com mais difficuldade, e com effeito naõ vejo couſa alguma, em que haja de creſcer; e ainda vejo alguma couſa, em que diminue. Pela bondade de Deos, tenho ſaude, e tenho hum decente patrimonio, para viver decentemente em cada hum deſtes pontos principaes, póde

ſuc-

ſucceder notavel decadencia, creſcimento naõ, e aſſim contento-me com a minha ſituaçaõ vulgar, e julgo-me feliz, em conſervar-me nella, como aquelle, que ſe crê ditoſo quando o aſſalto da podegra naõ he forte, porque o padeſcer menos he fortuna reſpectivamente a quem padeſce mais, nem podemos negar abſolutamente, que tambem ha fortuna nos gráos de padeſcer.

Naõ duvido, que ſe huma fortuna mais brilhante me buſcaſſe, eu a recebeſſe alegremente, mas naõ ſem ſobreſalto pelo deſcoſtume, e tal vez, que entendeſſe ſer como viſita da ſaude quando buſca o enfermo, que eſtá para eſpirar; ſe bem, que naõ receio, que a fortuna poſſa achar-me, porque vivo taõ eſcondido, que até me eſcondo de mim meſmo, e ſe furtuitamente alguem me vê, he na figura de quem fóje, e naõ de quem apparece; ſimilhante á corça temeroſa, que até da ſua ſombra vai fugindo; iſto vem, de que já me naõ agrada o commercio commum dos homens;

naõ

naõ acho na ſociedade aquelle goſto, que os poucos annos me inſpiravaõ; e ainda, que naõ eſtou no meio da velhice, com tudo já tenho entrado em ſeus limites, paſſei a fronteira da mocidade, e de tudo a perdi de viſta; neſte eſtado a fortuna naõ tem graça, porque já nos acha ſem verdura, a folha ceca, ſempre he triſte, e por ſi meſma ſe desfaz. A fortuna, que vem cedo, parece, que vem unir-ſe a nós, e fazer comnoſco hum meſmo corpo; a que vem mais tarde, fica ſendo couſa eſtranha, ſeparavel, e diſtincta; he adorno ſuperficial, empreſtado por pouco tempo.

Muitos animos ha que tem valor, para eſperarem muito, a mim qualquer couſa me deſmaia, e cuſta-me mais o eſperar pela fortuna, do que, o naõ eſperar por ella; eſperem aquelles a quem o merecimento alenta; porém eu, em que hei de fundar as minhas eſperanças, que razaõ tenho eu para animar-me; e ſe tenho algũma, he ſó porque conheço, que nenhuma tenho; e por iſſo qual-

qualquer fortuna, que eu tiveſſe, ſeria fortuna de piedade, naõ de juſtiça, ſeria fortuna de eſmola; para tudo ſou inutil, ainda para a meſma inutilidade, ſombrio, ſem melancolia, e taciturno por natureza: eſte he o meu retrato, he parecido, e verdadeiro, porque he feito pelo meſmo original; e aſſim, que fortuna ha de ſer eſta, que em mim póde aſſentar bem, ſalvo ſe for alguma fortuna ſem tino, ou deſvariada, porém fortuna bem ajuizada naõ. A fortuna naõ quer quem deſconfia, e eu ſempre fui deſconfiado, mas ſempre aſſim fui por humildade, por orgulho nunca: prezumido nunca fui, porque nunca achei em mim fundamento juſto para a minha preſumpçaõ, para o meu abatimento ſim, ſó tenho de bom, ſe heh, que iſſo he bom, o ſer facilmente coſtumavel, como ſe fôſſe materia diſpoſta para o bem, e para o mal; eſte naõ me deſeſpera, aquelle acha em mim conformidade, naõ me entropeça a pena grande, nem o grande bem me tranſporta, os meus ſentidos ſempre

guar-

guardaõ o uniforme, e eſtaõ indifferentes, aſſim para o diſgoſto, como para a felicidade; conſidero, que eſtes dous extremos foraõ feitos igualmente para o homem; daqui rezulta, que amo a vida ſem amor, e ſem odio aborreço a morte: porque ſei, que huma, e outra couſa foraõ feitas para mim, e para todos, huma naõ he mais natural, do que a outra he, ambas ſe haõ de verificar infallivelmente, a duvida naõ eſtá no ſucceſſo, mas na hora, em que ha de ſucceder.

De que ſerve pois a fortuna humana de fazer a vida exceſſivamente amavel! Oh que infauſto amor, e que infauſta felicidade! Pois toda me leva, e arrebata para hum bem, que ha de deixar me; e a quem eu tambem hei de deixar; naõ he melhor ſer diſgraçado, do que feliz, com aquella condiçaõ; de que ſerve huma ventura taõ veloz, em que nem hum inſtante ſó, tenho certeza de a ter ſegura; e em que quando a abro, apertadamente, e com mais fineza, ella entaõ me deſampara,

ra, deixando illudidos os meus braços, e enganados os meus olhos: Quem ha, que naõ conheça, que he delirio ſem deſculpa o fazer eſtimaçaõ de huma ſombra errante, e fugitiva, de hum alito, que no ar ſe fórma, e no ar deſapparece, de huma luz ſempre tremula, e ſempre vacilante, de huma exhalaçaõ inconſtante, e vaga? E ſe vim ao mundo, para ſer preciſamente louco, ſeja de huma loucura minha, e naõ de todos; direi para moſtrar-me delirante, que as ondas do mar nunca ſe movem, que poſſo eſconder no ſeio hum fogo ardente, e que ſei ſuſpender do amor o ardor violento.

Naõ quero pois buſcar a fortuna humana, e fiz bem de a naõ haver buſcado, quero eſtar livre para acabar com liberdade; naõ quero que as delicias da vida me ſirvaõ de augmentar as amarguras da morte; eſta quando chegar ha de achar-me prompto ſem ter fortuna de que deſpedirme; naõ hei de olhar para a ventura com os olhos de ſaudade, porque naõ tenho ventura, de que me aparte,

te, nem felicidade de que o apartar-me me enterneça; as lagrimas naõ haõ de ſer pelo que deixo, antes hei de rir-me do pouco, que tenho para deixar. Naõ hei de ter pena, de que a minha fortuna acabe, baſta, que a tenha de acabar eu, hei de imaginar, e ver, que já tem fim a minha vida, mas naõ hei de ſentir, que tenhaõ fim as fortunas minhas; eſtas naõ haõ de eſtimular a minha dôr, nem aggravar o meu ſentimento. A morte naõ ha de tirar de mim ſe naõ a vida, a pompa, o fauſto, e a grandeza naõ ha de tirar-me, porque nada diſſo tenho, ſaõ alfaias uſadas para outros, para mim nem novas ſaõ, e aſſim naõ hei de ter a magoa, de que a morte as deſpedace, nem faſſa com ellas o lugubre apparato do ſeu triunfo; a parda roupa, que me cobre, a barraca humilde, que me alberga, o campo verde, que me alimenta, o boſque ſolitario, que me diverte; eſtes haõ de ſer os unicos deſpojos, de que a morte ha de privar-me; deſpojos pobres, e que ſó ſervem para injuria da victoria;

ou-

outros, que mereceraõ os obzequios da fortuna haõ de ver as exequias deſſa meſma fortuna merecida; e ainda cercados daquelles reſplandores, de que a fortuna ſe reveſte; e ainda rodeados do luzido enleio, de que a ventura ſe acompanha, haõ de ver, que por inſtantes a luz ſe apaga, ſe extingue, ſe deſvaneça, e em hum labirinto de conceitos differentes haõ de ſentir menos o golpe, que ha de acabar a vida, do que aquelle, que ha de ferir deſcarregado na fortuna; entaõ corrido o véo do deſengano, eſte ha de moſtrar em hum momento, que a fortuna naõ he mais, do que hum encanto enganador, hum ſonho mentiroſo, huma apparencia vaidoſa. Eu, porém, a quem a morte ha de achar ſem aquellas circunſtancias, naõ tenho nada, que deixar, nem tenho couſa alguma, em que me ſeja cuſtoſo o deſapego, antes na morte hei de ganhar, o que na vida eſtou perdendo, porque das raſoens, que tenho para ſentir a morte ha de vir a reſgatar-me, por iſſo hei de largar ſem ſuſto a ſcena, e o theatro. Por-

Por eſta forma tenho reſpondido, ao que v. m. me enſinua da fortuna; já vê o caſo que faſſo della, e a razaõ, que tenho para o naõ fazer. Fico a obediencia de v. m. que Deos guarde muitos annos.

Amigo e menor criado de v. m.

Mathias Aires Ramos da Silva de Eça.

Todas as palavras que ſe acharem neſta Carta em que venhaõ os nomes de *fortuna, ventura, e outras algumas*, que pareçaõ contrarias ao uſo, ceremonias, e coſtumes da noſſa Santa Religiaõ, naõ ſaõ poſtas aqui com outro fim, mais do que por ornato de eloquencia, e para fazer huma fraze mais levantada; e em nada quer o Author que ſe tomem como verdadeiras Divindades no errado ſentido em que as tomaõ, e coſtumaõ uſar dellas os *Fataliſtas*, mas ſim conforme ao uſo de huma ſaõ Theologia; que tudo ſubmete como verdadeiro catholico ás determinaçoens da Santa Madre Igreja.

CATALOGO.

Dos Livros impreſſos á cuſta de Franciſco Rolland, Impreſſor Livreiro em Liſboa, na eſquina da rua do Norte.

ARTE Poetica de Horacio, traduzida, e illuſtrada por Candido Luſitano. Segunda ediçaõ correcta, emendada, e augmentada das Regras da Verſificaçaõ Portugueza, in 8. 1 vol. Lisboa, 1778.

Arte de Prégar, ſegundo o Eſpirito do Evangelho, com hum diſcurſo prélimiar ſobre a Eloquencia, in 8. 1 vol. Ibid. 1777.

Imitaçaõ de Chriſto, eſcrita pelo Veneravel Thomás de Kempis, nova ediçaõ correcta, e emendada por hum Religioſo Arrabido, e adornada com belliſſimas figuras abertas ao buril, in 12. 1 vol. Ibid. 1777.

Regras da Verſificaçaõ Portugueza. in. 8. Liſboa, 1777.

Secretario Portuguez, ou modo de eſcrever cartas de todas as eſpecies &c., por Franciſco Jozé Freire. Nova ediçaõ correcta, emendada, e augmentada de cartas ſobre o commercio &c., in 8. 1 vol. Ibid. 1777.

Fabulas de Eſopo, traduzidas da lingoa Grega, com applicaçoens Moraes a cada Fabula, por Manoel Mendes da Vidigueira, nova ediçaõ correcta, e emendada, in 8. Lisboa, 1778.

Eſpirito do Chriſtianiſmo, traduzido do Francez, in 8. 1 vol. Ibid. 1773.

Diccionnario da Biblia, traduzido do Francez,

obra utiliſſima para a intelligencia do velho, e novo Teſtamento, e para a hiſtoria da Igreja, in 8. Ibid. 1766.

Theſouro de Prégadores, dividido em varios Sermoens univerſaes, onde ſe tiraõ Sermoens particulares &c., por Frei Antonio de Pauda e Bellas, in 8. 2 vol. Ibid. 1776.

— O tomo ſegundo ſe vende ſeparadamente.

Livros de ſortimento, e que ſe achaõ em grande numero na loja do meſmo.

APontamentos para a educaçaõ de hum Menino Nobre, por Martinho de Mendoça de Pina, in 8. Porto, 1768.

Arte Rethorica para o uſo da Mocidade Portugueza, por Joaõ Rozado de Villalobos, in 8. Evora, 1773.

Aviſo ao Povo ſobre a ſua ſaude, por Tiſſot, ſegunda edição correcta, e emendada, in 8. 2 vol. Liſboa, 1778.

Curſo de Cirurgia de M. de Col de Vilars, traduzido do Francez, in 4. 3 vol. Ibid. 1774. *He a melhor obra que tem apparecido ſobre eſta materia.*

Cateciſmo de Montpellier, in 4. 5 vol. Porto, 1765.

Compendio do meſmo, para o uſo dos Meninos, in 8. Ibid. 1766.

Compendio da hiſtoria do antigo e novo Teſtamento com as razoens com que ſe prova a verdade da noſſa Religiaõ, traduzido do Francez para inſtrucçaõ da mocidade Portugueza, in 8. Liſboa, 1772.

Col-

Collectaneo Farmaceutico, por Antonio Martins Sodré, in 8. Porto, 1768.

Compendio Doutrinal, traduzido em Portuguez, por mandado do Senhor D. Jozé, Arcebispo de Braga, in 12. Porto, 1766.

Discurso sobre a historia universal, para explicar a continuaçaõ da Religiaõ, e as mudanças dos Imperios, por Bossuet, in 8. 4 vol. Lisboa, 1772.

Diccionnario Francez, e Portuguez, nova ediçaõ augmentada, in 4. Ibid. 1777.

Discurso sobre a inutilidade dos Esponsaes dos filhos celebrados sem consentimento dos Pais, por Bart. Coelho Nevez Rebello, in 8. Ibid. 1773.

Ensaio sobre o homem, Poema filosofico de Pope, traduzido do Inglez, por Antonio Teixeira, in 12. Ibid. 1769.

Farmacopea Dogmatica, Medico-Chymica, e Theorectico-Practica, obra composta sobre as melhores Farmacopeas pelo Boticario de Santo Thyrso, in fol. 2 vol. Porto, 1772.

Farmacopea Bateana, augmentada com os segredos Goddardianos, in 4. Pomplona, 1763.

Farmacopea Portuense, in 8. 1 vol.

Historia Sagrada do velho e novo Testamento com exemplos e doutrinas dos Santos Padres para reformaçaõ dos costumes em todos os estados e pessoas, nova ediçaõ, in 8. 2 vol. 1776.

Historia das Oraçoens de Ciceró, com notas e huma noticia das leis Romanas, traduzida do Francez, in 8. Lisboa, 1773.

Historia de Carlos XII. Rei de Suecia, escrita em Francez por Voltaire, e traduzida em Portuguez, in 8. 2 vol. Ibid. 1772.

Inſtrucçaõ ſobre a Logica, ou Dialogos ſobre a Filoſofia racional, por Manoel Alvares Queirós, Profeſſor Regio de Filoſofia, in 8. Porto, 1768.

Manual Chriſtaõ, eſcrito em Francez, por Boſſuet, e traduzido em Portuguez, in 12. Lisboa, 1776.

Manual da Miſſa, boa ediçaõ adornada com figuras abertas ao buril, in 8. 1774.

Megara, Tragedia por Pedegache e Quita, in 8. Ibid. 1767.

Particulæ Latinæ Orationis ex criticis obſervationibus Variorum Auctorum de integro collectæ a Joaquimo Joſepho Coſtio Sadio, Profeſſ. Reg. cum indice locutionum tum latinarum tum luſitanarum, ad uſum ſtudentium, in 8. Oliſipone, 1776.

Obſervaçoens (novas) ſobre os differentes methodos de Prégar, traduzidas em Portuguez, in 8. Lisboa, 1765. *Obra indiſpenſavel para os que ſe empregaõ no miniſterio do Pulpito.*

Rimas de Joaõ Xavier de Mattos, in 8, 2 vol. 1777.

Sermoens do Padre Frei Joaõ Franco, in 4. 12 vol. Ibid. 1760. *Eſta obra contem 360. ſermoens, e Panegyricos ſobre todas as feſtividades do anno &c.*

Taboadas de Reducçaõ com amplas explicaçoens na lingua Portugueza, por Joaquim Hypolito de Mattos, in 8. Londres, 1764.

Tratado do principaes fundamentos da Dança, ou regras para bem andar, ſaudar, e fazer todas as cortezias que convem em as aſſembleas, onde o uſo do mundo a todos chama, in 8. Coimbra, 1767.

Vi-

Vida de D. Bartholomeu dos Martyres, por Frei Luiz de Souza, in 8. 2 vol. Lisboa, 1760. *Eſta ediçaõ he preferida a de Paris, por ſer impreſſa conforme o original de Frei Luiz de Souſa, &c.*

As obras ſeguintes eſtaõ-ſe imprimindo.

COſtumes dos Iſraelitas por Fleury, traduzidos em Portuguez, in 8.

Livro dos Meninos em que ſe daõ as ideas geraes e definiçoens das couſas que os Meninos devem ſaber, in 8

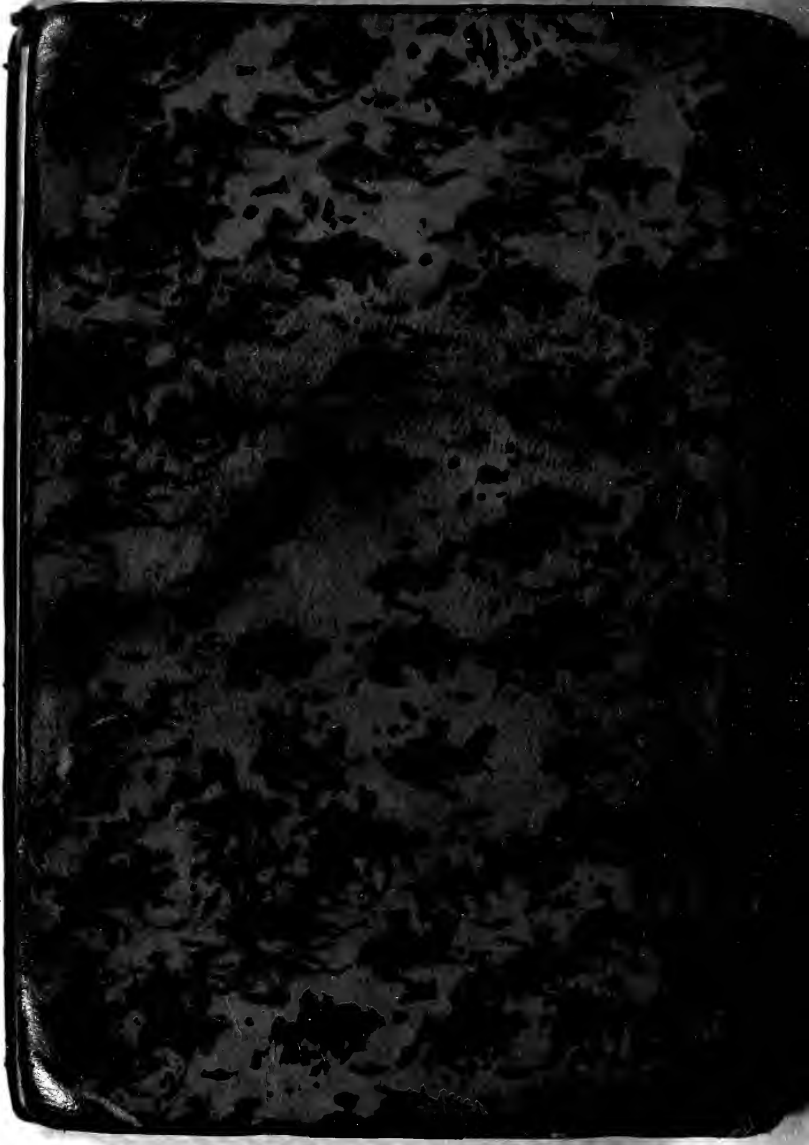
Oraçoens eſcolhidas de Cicero, traduzidas em Portuguez, in 8.

Aviſos e Reflexoens ſobre o que deve obrar hum Religioſo para ſatisfazer ao ſeu eſtado, in 8. 3 vol.

Elementos da hiſtoria geral antiga e moderna pelo Abbade Millot, traduzida do Francez, in 8. 9 vol.

Obras de Quita, ſegunda ediçaõ augmentada, in 8. 2 vol.

Hiſtoria de Theodoſio o Grande por Flechier, traduzida em Portuguez, in 8.

69-819
R.B. Rosenthal
5/14/69

CA 778
A298r